



MARIANA MORAES DE OLIVEIRA SOMBRIO

**EM BUSCA PELO CAMPO: CIÊNCIAS, COLEÇÕES, GÊNERO E OUTRAS
HISTÓRIAS SOBRE MULHERES VIAJANTES NO BRASIL EM MEADOS DO
SÉCULO XX**

CAMPINAS

2014



NUMÉRO: 231/2014
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MARIANA MORAES DE OLIVEIRA SOMBRIO

**“EM BUSCA PELO CAMPO: CIÊNCIAS, COLEÇÕES, GÊNERO E OUTRAS
HISTÓRIAS SOBRE MULHERES VIAJANTES NO BRASIL EM MEADOS DO
SÉCULO XX”**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA MARGARET LOPES

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA
UNICAMP PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM POLÍTICA
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA MARIANA MORAES DE OLIVEIRA
SOMBRIO E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. MARIA MARGARET
LOPES**

CAMPINAS

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Cássia Raquel da Silva - CRB 8/5752

So52e Sombrio, Mariana Moraes de Oliveira, 1982-
Em busca pelo campo : Ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX / Mariana Moraes de Oliveira Sombrio. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Margaret Lopes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Expedições científicas. 2. Mulheres cientistas. 3. Gênero e ciências. I. Lopes, Maria Margaret, 1954-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Searching in the field : Science, collections, gender and other stories about women travelers in Brazil in the mid-twentieth century

Palavras-chave em inglês:

Scientific expeditions

Women scientists

Gender and sciences

Área de concentração: Política Científica e Tecnológica

Titulação: Doutora em Política Científica e Tecnológica

Banca examinadora:

Maria Margaret Lopes [Orientador]

Léa Maria Leme Strini Velho

Maria Conceição da Costa

Alda Lúcia Heizer

Heloisa Maria Silveira Barbuy

Data de defesa: 06-08-2014

Programa de Pós-Graduação: Política Científica e Tecnológica



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM
POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

AUTORA: Mariana Moraes de Oliveira Sombrio

"Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX".

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Margaret Lopes

Aprovada em: 06/08/2014

EXAMINADORES:

Profa. Dra. Maria Margaret Lopes

Maria Margaret Lopes Presidente

Profa. Dra. Léa Maria Leme Strini Velho

Léa Maria Leme Strini Velho

Profa. Dra. Maria Conceição da Costa

M. C. Costa

Profa. Dra. Alda Lúcia Heizer

Alda Lúcia Heizer

Profa. Dra. Heloisa Maria Silveira Barbuy

Heloisa Maria Silveira Barbuy

Campinas, 06 de agosto de 2014.

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio de muitas pessoas fundamentais à trajetória de pesquisa.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Maria Margaret Lopes, minha orientadora e interlocutora, que indicou caminhos e sempre me incentivou.

À Profa. Dra. Léa Velho e à Profa. Dra. Magali Romero de Sá, que participaram da banca de qualificação e fizeram observações importantes sobre a pesquisa. Agradeço à Profa. Magali também por ter gentilmente cedido um conjunto de documentos fundamentais para a concretização deste trabalho.

Ao apoio fundamental de Valdirene Pinotti, secretária de pós-graduação do Instituto de Geociências, por sua ajuda e suporte em todos os momentos, e também à Capes pelas bolsas concedidas.

Tive muito apoio e fui recebida de braços abertos nos EUA durante o estágio de doutorado que realizei no Smithsonian, especialmente pela Profa. Dra. Pamela Henson, pela colega de trabalho Jenna Tonn e por Sherrill Berger. Também agradeço à Dra. Bárbara Watanabe por ter me ajudado a encontrar informações sobre Betty Meggers, o que contribuiu muito com a consolidação deste estudo. À Lilian Magalhães, por sua amizade e apoio incondicional e por ler meus textos em inglês todas as vezes que precisei.

Aos funcionários do Arquivo do MAST-RJ, do Museu Paranaense, em Curitiba, especialmente à Diretora da seção de Antropologia Fernanda Maranhão, que me ajudou com o levantamento de documentos naquela instituição, e também do Smithsonian, em Washington-DC, que me auxiliaram muito durante a pesquisa documental.

Às professoras que aceitaram participar da banca de defesa, Profa. Dra. Alda Heizer, Profa. Dra. Heloísa Barbuy, Profa. Dra. Maria Conceição da Costa, Profa. Dra. Sílvia Figueirôa, Profa. Dra. Dominichi Miranda de Sá e novamente Profa. Dra. Léa Velho e Profa. Dra. Magali Romero de Sá.

Às amigas Bruna Vasconcellos, Rebeca Feltrin e Luciana Palharini, que em nosso grupo de estudos leram e discutiram meu tema de pesquisa inúmeras vezes, corrigindo, opinando, dando ideias e apoiando sempre.

Aos amigos e familiares, que torcem muito por mim, especialmente aos meus pais e ao Daniel, que passou por todo o processo do doutorado e escrita da tese sempre ao meu lado.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**EM BUSCA PELO CAMPO: CIÊNCIAS, COLEÇÕES, GÊNERO E OUTRAS
HISTÓRIAS SOBRE MULHERES VIAJANTES NO BRASIL EM MEADOS DO
SÉCULO XX**

RESUMO

Tese de Doutorado

Mariana Moraes de Oliveira Sombrio

Esta tese aborda trajetórias de mulheres, principalmente estrangeiras, que realizaram expedições científicas no Brasil, em meados do século XX. A partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil - CFE (1933-1968) – MAST, RJ, foi realizado um levantamento sobre a participação de mulheres em expedições científicas buscando entender como elas se inseriam nessas práticas de campo.

Apresentamos um panorama geral sobre o levantamento feito na documentação do CFE, quem eram as mulheres que ficaram registradas nestes documentos, a que áreas científicas pertenciam, quantas eram brasileiras e quantas estrangeiras e como articularam suas experiências no Brasil, ao mesmo tempo que retomamos referências bibliográficas importantes e fontes inéditas sobre o assunto. Tratamos das trajetórias de três cientistas que fizeram do Brasil seus campos privilegiados de pesquisa estabelecendo redes de relações sólidas no país, cada uma a sua maneira, e grande parte de suas produções científicas (teorias, classificações, livros e artigos) provém das pesquisas realizadas aqui. Elas são Doris Cochran, Betty Meggers e Wanda Hanke.

As análises particularizadas (e até certo ponto de detalhes) que privilegiamos têm o objetivo de contribuir com o quadro de escassez de testemunhos sobre o comportamento e as atitudes de mulheres cientistas trabalhando no Brasil, no período abordado. Fosse um empreendimento coletivo ou solitário, uma ambição profissional, uma fuga ou aventura, a história dessas mulheres está repleta de vontades diversas. Consideramos cada uma dessas experiências como fragmentos da realidade muitas vezes negligenciados pela história das ciências que foi descrita como um empreendimento quase que exclusivamente masculino. A cultura das ciências fez-se separadamente da cultura das mulheres.

As expedições científicas, na forma mais romantizada em que conseguimos imaginá-las - grandes aventureiros e aventureiras se embrenhando em matas fechadas, enfrentando perigos - ainda influenciam a categorização das ciências, suas características e o imaginário popular sobre o que é fazer ciências, contribuindo inclusive para reforçar um caráter masculinizante dessas práticas. A realidade, tanto agora quanto no passado, é bastante diferente. Existem grandes lacunas nesses discursos quando excluem parcelas inteiras da população da história da construção do saber científico. Onde está e como foi a participação das mulheres e de outros grupos excluídos por raça, classe ou etnia? Como essas hierarquizações sociais foram reproduzidas nos ambientes científicos? Nas narrativas sobre a ciência ocidental encontramos apenas pequenas pistas e passagens dessas pessoas por essa história. Essa tese é, portanto, uma contribuição para a ampliação desse registro histórico.

Palavras-chaves: Expedições científicas, mulheres cientistas, gênero e ciências



**UNIVERSITY OF CAMPINAS
INSTITUTE OF GEOSCIENCE**

**SEARCHING IN THE FIELD: SCIENCE, COLLECTIONS, GENDER AND OTHER
STORIES ABOUT WOMEN TRAVELERS IN BRAZIL IN THE MID-TWENTIETH
CENTURY**

ABSTRACT

PhD Thesis

Mariana Moraes de Oliveira Sombrio

This thesis presents stories of women, mainly foreign, who conducted field research in Brazil in mid-twentieth century. Based on documents of the Brazilian Inspection Council on Artistic and Scientific Expedition - CFE (1933-1968) – MAST (Museum), Rio de Janeiro – an inventory on women's participation in scientific expeditions was conducted aiming to understand their experiences on these field practices.

We present an overview of the inventory in the CFE documentation, addressing who were the women recorded in these documents. We collected data about their scientific areas, their nationalities, the strategies used to articulate their experiences in Brazil and also gathered important references about the topic. Three scientists were emphasized because their experiences revealed that Brazil was their privileged field of research where they also established strong networks with the local scientific community, each in their own way, because much of their scientific productions (theories, scientific classifications, articles and books) originated from these field activities. They are Doris Cochran, Betty Meggers, and Wanda Hanke.

Individualized accounts were privileged, as well as details about these experiences, in order to address the shortage of testimonials about stories, practices and attitudes of women scientists working in Brazil, in the period covered. Sometimes they went to the field alone, other times as part of a scientific team. They also worked in couples as assistants or collaborators and there were cases of travelers who were just looking for a getaway or an adventure. The stories of these women are interesting and bring up a lot of uniqueness. Each of these experiences can be thought as fragments of a reality often overlooked by the History of Science that has been described as an almost exclusively male enterprise. The culture of science was established separately from the women's culture.

The popular image of scientific expeditions associated with heroism and riskness still influence the categorization of science and build up an idea of science as an almost exclusively male dominated endeavor, contributing to reinforce the masculine characterization of these practices. Reality, both now and in the past, is quite different. There are large gaps in the Western history of science narratives. Whole social groups were excluded of the construction of scientific knowledge, not only in the institutions but also in the history books. Where is and how was the participation of women and other groups excluded by race, class or ethnicity? How these social hierarchies were reproduced in scientific circles? In the narratives of Western science we found only small hints and passages of this group. This thesis is, therefore, a contribution to increase the field of historical studies about women scientists, gender and sciences.

Keyword: Scientific expeditions, women scientists, gender and sciences

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Participação de mulheres em expedições científicas no Brasil, em meados do século XX.....	13
1.1 - O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil – CFE (1933-1968).....	15
1.2 - Mulheres expedicionárias e a pesquisa de campo - importância do recorte de gênero	17
1.3 - As expedicionárias do CFE	28
1.4 - Expedições etnológicas e arqueológicas no interior do país.....	40
1.4.1 - Maria Alice Moura Pessoa e as pesquisadoras brasileiras	41
1.4.2 - Relatos da Dra. Etta Becker-Donner na Amazônia	47
1.4.3 - As expedições arqueológicas da Dra. Hanna Rydh	52
1.4.4 - Dina Lévi-Strauss e a questão das assistentes esposas: ‘notoriedade retrospectiva’, <i>versus</i> ‘esquecimento progressivo’.....	55
1.5 – A Expedição astronômica e a comitiva feminina: O protagonismo feminino na astronomia	61
1.6 – A geóloga Alice Sumner Greene	68
Capítulo 2 – <i>Frog Ladies</i>	79
2.1 - <i>Why frogs?</i>.....	92
2.2 – Doris Cochran, Bertha Lutz e a circulação de conhecimentos (1956-1963)	108
Capítulo 3 – Cacos de cerâmica	117
3.1 - A viagem de Betty Meggers e as relações institucionais no Brasil	126
3.2 – As primeiras descobertas: Ilhas de Marajó, Caviana e Mexiana	130
3.2.1 - Em Marajó	136
3.2.2 – Em Mexiana	142
3.2.3 – Em Caviana	146
3.3 – Influência e renome.....	152
Capítulo 4 – As viagens de Wanda Hanke	155
4.1 – Da vida na Áustria às viagens na América do Sul.....	158
4.2 – As relações com instituições na América do Sul e os problemas com o CFE.....	160
4.3 – Paraguai e cartas de 1947-48.....	180
4.4 – Coletora de Campo - Contribuição para os estudos etnológicos	195
Considerações Finais.....	201
Referências bibliográficas.....	205
Fontes documentais	215

Lista de Tabelas

Tabela 1.1 - Levantamento de mulheres na documentação do CFE	30
Tabela 1.2 - Nacionalidade das mulheres registradas pelo CFE (1933-1968)	33
Tabela 1.3 - Referente às áreas de trabalho das mulheres registradas pelo CFE.	36

Lista de Fotografias

Figura 1 - Hanna Rydh	52
Figura 2 - Mary Quirk com o telescópio, Charles H. Smiley e Margaret Smiley	66
Figura 3 - Charles S. Greene, Lelia M. Greene, Alice G. Greene e Alice Sumner Greene, no jardim do estúdio de Charles (da esquerda para direita), 1934	73
Figura 4 - Alice Sumner e suas filhas Grace e Bettie, Carmel, 1930	77
Figura 5 - Doris Cochran	83
Figura 6 - Frog Lady	85
Figura 7 - Betty Meggers e Clifford Evans em expedição na Amazônia	145
Figura 8 - Wanda Hanke	155
Figura 9 - Wanda Hanke	158
Figura 10 - Wanda Hanke acompanhada de dois homens não identificados	161

Introdução

Esta tese aborda trajetórias de mulheres, principalmente estrangeiras, que realizaram expedições científicas no Brasil, em meados do século XX. A pesquisa tornou-se possível a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (1933-1968), arquivada no Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, onde estão guardados dossiês sobre expedições científicas estrangeiras, assim como de pesquisadores brasileiros autônomos, que precisavam da autorização do órgão tanto para adentrar o território quanto para coletar objetos científicos ou levá-los para fora do país. A partir de levantamentos iniciais realizados nesta documentação para minha dissertação de Mestrado (Sombrio, 2007), encontramos exemplos de várias mulheres expedicionárias, algumas já mais conhecidas por suas práticas científicas e outras praticamente anônimas, esquecidas, mas que deixaram algumas pistas sobre sua presença no Brasil e sobre as expedições que realizaram.

No entanto, para recuperar as histórias dessas cientistas e viajantes e entender o que faziam no Brasil, somente a documentação do CFE não seria suficiente. Foi preciso buscar informações sobre cada uma delas em lugares diversos, procurando pistas nos locais por onde haviam passado no país, o que acabou nos levando a uma grande diversidade de fontes e abordagens metodológicas utilizadas para tornar este trabalho possível. Trabalhando em um universo ainda não completamente institucionalizado, se aproveitaram de diferentes estratégias para concretizar seus objetivos profissionais, com veremos no decorrer do texto. Cartas, ofícios, diários e cadernos de campo, relatórios e publicações diversas foram algumas das fontes utilizadas para recuperar informações e entender as formas como essas mulheres organizaram suas viagens, estabeleceram práticas, seus objetivos e os resultados que obtiveram a partir das pesquisas de campo no Brasil.

Além do arquivo do CFE, no MAST – Rio de Janeiro, foram pesquisados os acervos documentais do Museu Paranaense, em Curitiba, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE), São Paulo, os arquivos institucionais do *Smithsonian*, assim como o Museu de História Natural e Arquivo Nacional de Antropologia do mesmo instituto, em Washington-DC¹ e o Museu

¹ Em estágio de doutorado realizado no *Smithsonian*, EUA, com apoio do programa PDSE-CAPES.

Nacional do Rio de Janeiro. Algumas informações foram obtidas com apoio de familiares das expedicionárias, nos Estados Unidos.

Nas últimas décadas, muito tem se discutido em torno da participação das mulheres em instituições científicas e das formas como as ciências se constroem socialmente sob a influência de seus contextos históricos. Com o recorte proposto nesta tese, temos a intenção de entender como as cientistas envolviam-se nestas práticas de campo e as diferenças a que foram submetidas devido às implicações de gênero. As exclusões, proibições e limites através dos quais nossa cultura se constituiu historicamente devem ser levadas em consideração na análise desses processos.

No decorrer do século XX, no Brasil, a ciência passou por um forte período de institucionalização, assim como ocorria em um âmbito mais global e muitas instituições, disciplinas e práticas científicas surgiram ou foram re-significadas. A história social das ciências é composta por inúmeras trajetórias de pessoas que dedicaram sua vida profissional à pesquisa e produção de conhecimento, mas as mulheres ainda ocupam uma posição marginal neste quadro. Pesquisas recentes têm demonstrado como o número de mulheres ainda é menor em diversas áreas de produção científica, principalmente entre as mais bem remuneradas e nos cargos de hierarquia superior dentro das instituições. Também se discute muito sobre as características dos gêneros e das ciências, buscando entender como as tradições e aspectos associados ao feminino interferiram na trajetória de mulheres cientistas (Schiebinger, 2001; Velho e León, 1998).

Sobre as mulheres estudadas nesta tese, expedicionárias no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, podemos dizer que muitas conviveram em ambientes ainda majoritariamente masculinos, mas produzindo pesquisas e participando de comunidades científicas, estabelecendo relações de trabalho, integrando instituições e produzindo ciências. Eram minoria nos registros do CFE, mas ainda assim encontramos mais exemplos do que imaginávamos e o aprofundamento no estudo de suas trajetórias mostra que iam muito além do papel de assistentes que muitas vezes era o que se esperava delas (Corrêa, 2003). Como prolongamento de funções supostamente “naturais”, maternais e domésticas, “o modelo de mulher que auxilia [...] cuida e consola, realiza-se nas profissões de enfermeira, assistente social ou professora primária” (Perrot, 2005: 252), por exemplo. Em nossa pesquisa, tínhamos o objetivo de encontrar aquelas que não se enquadravam nesse perfil predominante e, com êxito, encontramos um grupo formado por etnólogas, em sua

maioria, e também botânicas, zoólogas, geólogas, astrônomas, linguistas, arqueólogas, todas atuando em pesquisas de campo no Brasil, na primeira metade do século XX.

Escrever sobre a história de mulheres nas ciências tornou-se uma estratégia importante para discutirmos os problemas da participação feminina em instituições científicas até os dias de hoje. O não pertencimento do feminino à história das ciências é também fruto de um discurso que promove a ausência das mulheres nesses espaços ao não abordar as formas de participação a que elas tiveram acesso. A problemática de gênero nas ciências vai além do ambiente das instituições ou do campo e inclui questões de família, casamento, profissionalização e condições econômicas, porque tudo isso permeia a trajetória dos cientistas e é principalmente aí que se difere a presença de homens e mulheres nas ciências. O papel social historicamente atribuído a cada gênero e a divisão sexual do trabalho influenciaram toda a forma como essas instituições se desenvolveram.

A ideia desta pesquisa surgiu em meio à leitura das atas do CFE, enquanto buscava informações sobre o trabalho de Bertha Lutz (1894-1976) neste órgão.² Bertha Lutz foi uma cientista do Museu Nacional do Rio de Janeiro que realizava trabalhos nas áreas de Botânica e Zoologia e é conhecida na história do Brasil principalmente por sua atuação no movimento feminista.³ O CFE foi a instituição federal responsável por fiscalizar e licenciar expedições científicas no território brasileiro entre 1933 e 1968 e, pesquisando a experiência de Bertha Lutz como conselheira junto àquele grupo, começamos a encontrar inúmeras outras mulheres, cientistas e viajantes que, em algum momento, tiveram seus nomes registrados nas páginas dos livros de atas do órgão.⁴ Ao fazer essa busca foi possível perceber que as diversas anônimas que de alguma forma ficaram registradas nessa documentação podiam significar muito e, mais do que a atuação de uma única e ilustre personagem da história brasileira, esse arquivo guardava uma parte da história de muitas mulheres que encontraram oportunidades de viajar pelo Brasil para alcançar objetivos profissionais ou pessoais, fazendo dessas viagens uma parte importante de suas vidas.

² Para o trabalho de Mestrado: Sombrio, Mariana M. O. “*Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*”, 1939-1951, Dissertação de Mestrado, DPCT (IG), Unicamp, Campinas, 2007.

³ Lopes, Maria Margaret; Souza, Lia; Sombrio, Mariana; “*A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*”, Revista Gênero, Vol. 5, n. 1, Niterói, 2º sem., pp. 97-109, 2004. Lopes, Maria Margaret. “*Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro*”. Em: Hist., Ciências, Saúde – Manguinhos, vol.15, suppl.0, Rio de Janeiro, 2008b.

⁴ CFE.T.1.11, MAST-RJ – Livros de atas das reuniões do Conselho.

Bertha Lutz foi quem permitiu encontrá-las através das redes profissionais que formou. Para consolidar sua extraordinária carreira, Bertha se apoiou em grupos feministas e de cientistas e, mesmo não tendo estabelecido vínculos com todas essas viajantes, foi investigando os espaços que ela integrava que as encontramos, uma após a outra, expedicionárias circulando pelo Brasil, por diferentes motivos. Foi assim que surgiu o grupo que será tratado nesta pesquisa. A diversidade de nomes, nacionalidades, especialidades e objetivos das mulheres que encontramos no CFE, a princípio sem imaginar a quantidade de informações que poderiam surgir a partir daqueles primeiros dados do acervo, mostravam-se como uma oportunidade de realizar mais uma pesquisa em continuidade e ampliando os estudos sobre gênero, mulheres e ciências iniciados no mestrado. Uma pesquisa que relacionasse as mulheres e as ciências ao Brasil em meados do século XX, buscando conhecer melhor suas histórias e problematizar a invisibilidade dessas experiências.

A primeira característica importante sobre o grupo de mulheres que será abordado nesta tese é que de forma alguma elas são iguais ou poderiam ser enquadradas em um grande e único padrão. A documentação do CFE e as outras fontes pesquisadas para escrever este trabalho nos forçaram também a lidar com uma diversidade de concepções sobre ciência e práticas próprias ao período que precisam ser levadas em consideração e aparecerão no decorrer do texto.

Muitas vezes questionamos se alguém teria interesse em saber alguma coisa sobre essas mulheres. Mais do que grande análises sobre a sociedade, o trabalho que se segue vai reproduzir histórias de algumas poucas que, em algum momento entre os anos 1933 e 1968, quiseram visitar o interior do território brasileiro e conhecer algum aspecto do país, fosse social, cultural ou natural. Essas viagens eram parte de planos algumas vezes maiores de se tornarem pesquisadoras nos seus países de origem, construir teorias, contribuir com o trabalho de suas equipes ou de darem sentido às suas vidas.

Consideramos importante investigar a presença dessas expedicionárias, pois ainda sabemos pouco sobre a história de atuação das mulheres cientistas no Brasil e, muitas vezes, a historiografia reproduz uma ideia de que não existiam mulheres praticando ciências no passado. As ciências, de fato, se institucionalizaram sendo um local de maior presença masculina, porém, ao olharmos os acervos documentais de diversas instituições científicas do início do século XX é possível encontrar a presença feminina. Isso nos leva a argumentar que a própria historiografia contribuiu com essa invisibilidade das mulheres na história das ciências ao não relatar a forma

como essas personagens se inseriram em diversos campos e práticas científicas, como a pesquisa documental tem nos revelado.

Na época em que essas expedicionárias realizavam suas viagens poucas mulheres estavam no centro do palco das pesquisas científicas, mas muitas começavam a ingressar em carreiras de diversas áreas em ciências. A importância de narrarmos histórias que incluam a participação de mulheres nos mais diversos âmbitos, assim como de outros grupos excluídos das narrativas historiográficas por desigualdades de classe, raça ou etnia, já foi abordada em vários estudos. Segundo Kofes (2001), alguns pressupostos justificam essa necessidade e abrem caminho para que sejamos capazes de produzir histórias mais inclusivas, com diferentes pontos de vista e que deem conta de reproduzir as diversidades sociais nos discursos, sem excluir a participação de determinadas parcelas da população. São os seguintes:

O primeiro é que não narrar alguém ou algo é um mecanismo eficaz de instituí-los, metaforicamente, como ‘mortos’. O segundo é que a memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inenarrável (...) o terceiro pressuposto, decorrente dos dois primeiros, considera a presença de embates políticos, permeando a constituição das narrativas e permeando a lembrança e o esquecimento (Kofes, 2001: 12).

Buscamos entender aqui como foi a experiência dessas mulheres durante as pesquisas de campo que realizaram no Brasil e de que forma isso influenciou o desenvolvimento de suas carreiras. O foco está em aspectos determinados da história de cada uma delas e não na reconstrução de suas vidas. Temos a intenção de situar partes da trajetória do “sujeito esquecido”, alguns “elementos marcantes em sua experiência e um contexto que lhes dá sentido”. Ao falar dessas viajantes procuramos encontrar um nexo entre as histórias singulares e a experiência social analisando como foi a inserção delas nos círculos científicos, pois é importante que esta relação seja compreendida, traçada na própria narração e permita que as análises possam ir além da experiência pessoal (Kofes, 2001: 14).

As análises particularizadas (e até certo ponto de detalhes) que privilegiamos têm o objetivo de contribuir com o quadro de escassez de testemunhos sobre o comportamento e as atitudes de mulheres cientistas trabalhando no Brasil, no período abordado. O estudo acerca das trajetórias dessas expedicionárias procura usar o particular, o específico para nos auxiliar a ver e compreender modelos mais amplos sobre as práticas, o desenvolvimento de ideias, os papéis

culturais e políticos das mulheres e das ciências. Só desse modo será possível, posteriormente, generalizar as conclusões a que esse tipo de estudo pode nos levar (Figuerôa, 2007).⁵

Procuramos saber o quanto as experiências com a pesquisa de campo foram importantes para essas mulheres e constatamos que para algumas foi sim fundamental. E para além da ciência, os objetivos das viagens eram também muito pessoais, algo esperado de acordo com o pressuposto de que a ciência não se dissocia de seus objetivos políticos, econômicos, e particularmente no campo das expedições, pessoais.

Algo que podemos encarar como uma vantagem às mulheres cientistas que trabalharam no campo é o fato desses espaços serem essencialmente públicos, onde é mais difícil estipular limites rigorosos como os que as cientistas enfrentavam dentro das instituições e as regras de sociabilidade em um ambiente desconhecido requerem considerável grau de improvisação no tratamento das exigências locais (Kuklick and Kohler, 1996).

Fosse um empreendimento coletivo ou solitário, uma ambição profissional, uma fuga ou aventura, a história dessas mulheres está repleta de vontades diversas. Consideramos cada uma dessas experiências como fragmentos da realidade muitas vezes negligenciados pela história das ciências que foi descrita como um empreendimento quase que exclusivamente masculino. A cultura das ciências fez-se separadamente da cultura das mulheres.

Gostaríamos, é claro, de saber muito mais sobre estas mulheres, mas o que conseguimos já torna possível reconstruir diversos aspectos do grupo de viajantes que excursionaram pelo Brasil, buscando cumprir objetivos profissionais ou satisfazer anseios pessoais. Mesmo uma documentação exígua ou dispersa pode ser aproveitada para nos dar uma imagem mais ou menos deformada sobre o que queremos discutir. Fugindo da definição única e geral da mulher no passado - subalternas e domésticas - propomos que pensemos as mulheres considerando suas particularidades e relativizando a generalização de suas definições.

A quantidade de exemplos provavelmente custou um maior aprofundamento no debate sobre cada área de pesquisa ou na experiência de cada uma delas. A quantidade de dados sobre cada personagem foi delimitada também pela documentação disponível. Não existe uma unidade de profissões que estas mulheres seguiram, é um grupo variado e é interessante acompanhar as

⁵ Ginzburg (1987:24) também trabalhou com análises particularizadas e afirmou que: “[...] se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas”. O estudo das trajetórias individuais nas ciências pode ser útil para a compreensão de contextos sociais mais amplos.

histórias diferentes porque se torna possível conhecer uma pequena fração do que era a prática de cada uma dessas ciências. A partir delas também queremos resgatar informações capazes de elucidar características sobre as práticas científicas feitas no Brasil naquela época e as possíveis conexões com outras mulheres que participavam das comunidades científicas no país.

A tese está dividida em introdução, capítulos 1, 2, 3 e 4, e considerações finais. No primeiro capítulo, apresentamos um panorama geral sobre o levantamento feito na documentação do Conselho de Fiscalização, quem eram as mulheres que ficaram registradas nestes documentos, a que áreas científicas pertenciam, quantas eram brasileiras e quantas estrangeiras, ao mesmo tempo que retomamos referências bibliográficas importantes sobre o assunto. No levantamento inicial 38 nomes apareceram. Desses, alguns foram pouco considerados por não se referirem a trabalhos no âmbito das ciências.

No capítulo 1, retomamos também aspectos da atuação do CFE, órgão que fiscalizava e licenciava expedições artísticas e científicas, bem como autorizava a saída de materiais dessa natureza do país. Dos 38 nomes levantados, 11 estavam relacionados somente a pedidos de exportação de material artístico ou a dossiês inconclusivos no que diz respeito a efetiva realização da expedição, não apontando dados exatos sobre as profissões das mulheres que fizeram os pedidos de licenças. Sobre algumas delas não conseguimos encontrar nenhuma informação, talvez por não terem continuado suas carreiras científicas ou pela menor visibilidade de seu trabalhos. Analisamos ainda os casos de esposas de cientistas que os acompanhavam nas expedições trabalhando como assistentes e as experiências de outras mulheres que vieram ao Brasil sozinhas ou acompanhadas por equipes profissionais e realizaram suas pesquisas em passagens breves pelo país.⁶

Os capítulos 2, 3 e 4 irão tratar das trajetórias de três cientistas que fizeram do Brasil seus campos privilegiados de pesquisa, estabeleceram redes de relações sólidas no país, cada uma a sua maneira, e grande parte de suas produções (teorias, classificações, livros e artigos) provém das pesquisas realizadas aqui. Elas são Doris Cochran, Betty Meggers e Wanda Hanke, respectivamente. Sobre cada uma delas existe uma imensa documentação que coletamos, além de outras espalhadas em diversos arquivos e museus internacionais e muitas análises ainda poderiam ser feitas sobre suas carreiras científicas. Nos propusemos a pensar sobre suas experiências no Brasil, sobre a forma como articularam as viagens e a importância que essas expedições tiveram

⁶ Todos os nomes aparecem na tabela 1, no primeiro capítulo.

em suas carreiras. É importante ressaltar aqui que Betty Meggers, de quem trataremos no terceiro capítulo, realizou a expedição no Brasil acompanhada pelo marido que também era cientista, Clifford Evans, mas ela é um exemplo à parte onde a situação é contrária aos padrões mais comuns da assistente esposa. Meggers era a principal interlocutora da expedição e seu trabalho teve um impacto maior que o de seu marido. Outro aspecto particular dessa trajetória é que ela não adotou o sobrenome de Evans em sua produção científica e toda sua obra é sempre referenciada por seu nome próprio. Algumas mulheres que ingressaram em profissões na área científica no início do século XX vinham de famílias de cientistas e isso abriu caminhos para a participação feminina, como é o caso de Bertha Lutz.

Entre as trajetórias analisadas encontramos muitos trabalhos de coleta. O colecionismo nas ciências varia em cada disciplina, mas a obrigatoriedade de refazer os percursos traçados e conseguir referenciar os lugares de onde cada objeto foi retirado é uma constante. Não por acaso, a prática de manter diários ou cadernos de campo acompanha a história das expedições científicas. Nos capítulos 2 e 3, retomaremos as experiências de Doris Cochran e Betty Meggers, respectivamente, principalmente a partir deste tipo de documento. As empíricas ciências modernas são fundamentalmente dependentes de testemunhos registrados em cadernos, diários, cartas e outros tipos de documentos que oferecem uma possibilidade enorme de contribuir com a história das ciências, não só no que diz respeito às biografias, mas também em relação às práticas científicas (Daston, 2012: 163). No capítulo 4, trataremos da trajetória de Wanda Hanke principalmente a partir das cartas que enviava aos seus correspondentes no Brasil.

Naquela época não era tão comum encontrar grandes grupos de mulheres dentro das instituições científicas. Na década de 1930, algumas disciplinas já contavam com grande participação feminina, mas muitos grupos ainda eram majoritariamente formados por homens, embora nos Estados Unidos, de onde vieram muitas expedicionárias, as mulheres já ocupassem mais amplamente espaços profissionais que no Brasil, por exemplo.⁷

As grandes expedições científicas romantizadas pela História e tão fundamentais ao desenvolvimento das práticas científicas já não existem mais da mesma forma que aconteciam até meados do século XX, no Brasil. Hoje em dia, cientistas ainda realizam viagens para fazer pesquisa de campo, mas no âmbito das relações internacionais, em grande parte, essas viagens

⁷ Ver, por exemplo: Mott, Maria Lúcia. “Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920)”, em *Cadernos Pagu* (13), PAGU/UNICAMP, Campinas, SP, 1999; e Rago, Elizabeth. “A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX”, em *Cadernos Pagu* (15), PAGU/UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

tomaram o caráter de acordos de cooperação científica, onde os países envolvidos na atividade de pesquisa participam conjuntamente dessas empreitadas, pelo menos teoricamente.

No caso brasileiro essa mudança pode ser situada na segunda metade do século XX, já que foi principalmente a partir da década de 1970, após a extinção do Conselho de Fiscalização (CFE) ocorrida em 1968, que se começou a discutir casos em que algumas expedições estrangeiras poderiam ser melhor enquadradas como práticas de cooperação científica (Gama, 2004). As expedições da primeira metade do século XX ainda mantinham similaridades com as do século XIX, e nos anos posteriores à extinção do CFE, com a transferência desse trabalho de regulamentação para o CNPq, as regras para classificar o que seria uma expedição científica e como lidar com elas passaram a ser amplamente discutidas e modificadas. Isso nos leva a caracterizar o século XX como um período de mudanças importantes em relação às expedições e do fim de um modelo de práticas científicas longamente cultivadas nos séculos anteriores.

A romantização desse processo de desbravamento científico comum nas narrativas historiográficas especialmente no século XIX foi relativizada e aí têm papel fundamental os estudos de ciências sociais e humanas acerca da ciência e da tecnologia, que expuseram e desmistificaram os inúmeros objetivos envolvidos nessas empreitadas. Já sabemos por certo que grande parte da forma como essas histórias foram narradas serviram muito bem para enaltecer a ciência e suas capacidades consideradas revolucionárias, o que implicou a essas narrativas uma parcela de surrealidade que precisa ser entendida também como expressão da vontade de se construir uma prática capaz de normatizar e impor regras ao convívio social. As histórias de viajantes são notórias pelo seu auto exagero e confusões entre viagens reais e imaginárias são comuns (Beer, 1996; Bourguet, 1997).

A ciência é também a expressão da forma de pensamento de um grupo dominante que busca impor sua visão. Os méritos e benefícios trazidos por esse grande empreendimento humano dos últimos séculos, a ‘ciência moderna’, foram exaltados junto a histórias, por vezes até fantásticas, de pessoas que dedicaram suas vidas a esses trabalhos. A escrita dessa história contribuiu com a valorização de certas coisas, enquanto menosprezava outras, no decorrer da narrativa sobre o desenvolvimento científico. Sutilmente, a influência dessa tradição historiográfica, para os ocidentais, criou estereótipos e modelos muito bem definidos do que é e de como deve ser feita a ciência.

Atualmente, poderíamos definir a ciência como um conjunto de práticas e métodos que buscam comprovar a veracidade de argumentos e teorias através da verificação experimental, provas, e argumentos lógicos. Os grupos sociais que participam das instituições científicas é que decidem o que é isso, o que é interessante de ser estudado, as linhas de pesquisa e certamente influenciam na construção dessas verdades consensuadas. E é por isso também que, de tempos em tempos, essas verdades mudam, assim como a sociedade e as pessoas.

As expedições científicas, na forma mais romantizada em que conseguimos imaginá-las - grandes aventureiros e aventureiras se embrenhando em matas fechadas, enfrentando perigos - ainda influenciam a categorização das ciências, suas características e o imaginário popular sobre o que é fazer ciências, contribuindo inclusive para reforçar um caráter masculinizante dessas práticas. A realidade, tanto agora quanto no passado, é bastante diferente.

Existem grandes lacunas nesses discursos quando excluem parcelas inteiras da população da história da construção do saber científico. Onde está e como foi a participação das mulheres e de outros grupos excluídos por raça, classe ou etnia? Como essas hierarquizações sociais foram reproduzidas nos ambientes científicos? Nas narrativas sobre a ciência ocidental encontramos apenas pequenas pistas e passagens dessas pessoas por essa história.

Mais recentemente, as viagens científicas foram retomadas pela historiografia nas temáticas de circulação do conhecimento e no âmbito do comércio de espécimes e objetos, que caracterizam um novo período na literatura de viagens (Heizer e Lopes, 2011). E também passaram a incluir mais personagens que, vindos desses novos espaços onde novos olhares passaram a encontrar participações nunca antes consideradas no desenvolvimento das ciências, ampliaram o conhecimento estabelecido e a própria definição do que é fazer ciências.

Já na primeira metade do século XX, começam a aparecer textos historiográficos que contrariam o ideal desenvolvimentista da ciência, assunto abordado pela maioria até então, e se preocupam em ressaltar outras coisas, como categorias filosóficas de naturalistas do passado, relatos de sistemas de classificação de coletas específicas, horticultura e atividades curatoriais dos naturalistas, se distanciando das linhas de progresso geralmente presentes naquele momento (Jardine and Spary, 1996). A partir de meados dos anos 1960, começam a aparecer estudos da história das ciências que procuram entender a produção de conhecimento em sua integridade, ao invés de tentar entender como aquilo tudo contribuiu para a “grande vantagem da ciência

contemporânea” e enfatizam a prioridade dos conhecimentos locais e tácitos na formação dos paradigmas da ciência (Kunh, 1978).

Ao mencionar nossa pesquisa, a reação mais comum até hoje foi escutar a pergunta: mas existiam mulheres viajando em expedições científicas nessa época? E a resposta é sim, elas existiram, e infelizmente não é possível reencontrar as trajetórias de todas, mas sabemos que essas experiências ocorreram e que muito pouco ou nada se conhece sobre elas. Essa tese é uma contribuição para a ampliação dessa busca.

Capítulo 1 – Participação de mulheres em expedições científicas no Brasil, em meados do século XX

Boa parte das expedições estrangeiras do século XIX no Brasil contribuíram para o enriquecimento dos museus e jardins botânicos de países europeus ao mesmo tempo em que a prática museológica e colecionista também se intensificava no país. Para Gillian (1996), as viagens empreendidas a partir do século XIX carregavam a expressão da vontade de controlar, categorizar, ocupar e levar pra casa os prêmios em forma de espécimes e informação estratégica. História natural e futuro nacional estavam profundamente interligados. Mesmo que o objetivo da viagem não fosse explicitamente científico, as pesquisas dessa natureza eram comumente uma subatividade no programa da viagem incluindo o registro acurado das observações e encontros. Além disso, as práticas dos naturalistas viajantes não se limitaram a incluir novos elementos narrativos à literatura ou reunir coleções, mas também contribuíram com o êxito de ideias filosóficas acerca da diversidade e da relatividade dos modos de pensamento (Drouin, 1991: 369-370).

O movimento social dos museus passou por uma ampliação nos séculos XIX e XX, disseminando práticas classificatórias demandadas por pesquisas evolucionistas e transformando cada vez mais a prática colecionista que cresceu em âmbito institucional. No caso brasileiro, passou-se a aceitar uma maior presença de expedições estrangeiras oficiais e foram construídas localidades capazes de incentivar a produção de conhecimento científico no país, como, por exemplo, o Jardim Botânico e o Museu Nacional, ambos do Rio de Janeiro, ainda no XIX. Com a tradição de viagens, os intercâmbios científicos ao redor do globo foram se intensificando e pesquisadores, coleções e catálogos consolidaram uma relação profunda com o mundo dos museus (Lopes, 2009).

Sabemos que em finais do século XIX e início do XX, durante os primeiros anos da República, importantes expedições ocorreram ao interior do Brasil por incentivo do próprio governo. Entre as expedições de origem brasileira desse período podemos citar como exemplo as de Cândido Rondon, as da Comissão Geológica em São Paulo e as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz. O interior do país foi se tornando cada vez mais conhecido por conta dessas incursões. O Marechal Rondon assumiu a liderança da comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas com o intuito de ligar a capital federal aos territórios

do Amazonas, Acre, Alto Purus e Alto Juruá, por intermédio da capital do Mato Grosso que já tinha comunicação com o Rio de Janeiro. A construção dessas linhas telegráficas era acompanhada por trabalhos de reconhecimento da flora, fauna, dos rios, das condições epidemiológicas e do contato com as diversas tribos indígenas (Lima, 1998; Sá e Lima, 2008).

Lopes (1998) chama a atenção para o fato de que, já no século XIX, a questão sobre o cerceamento da coleta indiscriminada de artefatos por parte dos estrangeiros era debatida pela direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, principalmente por Ladislau Netto que ocupou esse cargo entre 1868 e 1892, e defendeu eloquentemente a permanência de coleções brasileiras no país, vislumbrando a manutenção destas em seu museu.

No século XX, a partir da década de 1930, o governo buscou reforçar o controle e a coleta de informações sobre incursões estrangeiras no território brasileiro através da criação do CFE, que tinha também a função de fiscalizar e autorizar a exportação de materiais artísticos e científicos coletados pelos expedicionários. O contexto político do período era marcado por um forte nacionalismo e, com o governo de Getúlio Vargas, várias políticas públicas foram elaboradas objetivando atender demandas sociais, algumas amplamente defendidas por grupos de cientistas no que diz respeito ao patrimônio nacional, fosse ele natural, artístico, educacional ou industrial (Franco e Drummond, 2009: 25).⁸

Em relação às mulheres, transformações sociais e em práticas científicas ocorridas no século XX possibilitaram uma maior participação que pode ser notada, por exemplo, nesse número considerável de expedicionárias viajando sozinhas pelo Brasil e no aparecimento de várias esposas acompanhando seus maridos como assistentes. A profissionalização e institucionalização das ciências, que fizeram com que a demanda por pessoas trabalhando nessas

⁸ Durante as décadas de 1930 e 1940 o Estado brasileiro criou inúmeros Institutos e Conselhos com o intuito de reorganizar e modernizar sua estrutura administrativa. Grupioni (1998: 23) cita como exemplo as seguintes instituições: (1931) – Comissão de Defesa da Produção do Açúcar – Decreto 20.761; (1932) – Comissão de Estudos sobre o Alcool-Motor – Portaria do Ministério da Agricultura; (1934) – Conselho de Defesa Nacional – Decreto 23.873; Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Decreto-lei 25, de 30 de novembro; (1937) – Instituto Nacional do Livro – Decreto 93, de 21 de dezembro; (1938) - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – Lei 378; Conselho de Imigração e Colonização – Decreto-lei 406 e extinto em 1954 com a criação do Instituto Nacional de Imigração e Colonização; Conselho Nacional do Petróleo – Decreto 395; Instituto Nacional do Mate – Decreto 375; (1939) – Comissão de Abastecimento – Decret-lei 1607; Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica; Comissão de Defesa da Economia Nacional – Decreto-lei 1641; (1940) – Instituto Nacional do Sal – Decreto 2300; (1942) – Comissão de Defesa Econômica – Decret-lei 4807; (1946) – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – Decreto 21.355.

áreas aumentasse, e a influência dos movimentos feministas são fenômenos que permitiram essas mudanças (Rossiter, 1984).

Estudos como o de Leite (2000) sobre mulheres viajantes do século XIX e o de Schiebinger (2004) que aborda algumas expedicionárias do XVII e XVIII referem-se especialmente a mulheres de classes sociais mais altas, pertencentes à nobreza e até casos em que elas assumiram uma identidade masculina para juntarem-se a grupos de exploradores (Schiebinger, 2004). As exploradoras do século XX que abordamos nesta tese podem ser caracterizadas como, principalmente, mulheres de classe média em busca de profissionalização. As dificuldades relativas ao gênero existiam e o fato de muitas delas desaparecerem dos registros históricos em períodos posteriores aos de suas expedições pode ser encarado como um indício de que não continuaram suas carreiras, mas buscamos enfatizar aqui os casos em que as expedições proporcionaram oportunidades e contribuíram com a consolidação de trajetórias promissoras nas ciências.

1.1 - O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil – CFE (1933-1968)

Além do incentivo às expedições científicas organizadas pelo governo brasileiro que ocorriam em associação com instituições nacionais e buscavam promover também a integração nacional na primeira metade do século XX (Lima, 1998), classes dirigentes e governantes do país se preocuparam também com formas de regularizar a presença de expedições estrangeiras e de indivíduos autônomos no imenso território brasileiro, buscando assim controlar a retirada de espécimes valiosos em termos financeiros e para o conhecimento científico. Ao historiador torna-se necessário um novo entendimento dessas explorações visto que o contexto da produção científica vinha se modificando no mundo todo, em grande parte por conta da maior integração entre os países e do impulso no desenvolvimento científico e tecnológico.

Ao analisar a criação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE), ocorrida em 1933, Grupioni (1998: 50) situa a questão sobre a proteção das coleções nacionais nas primeiras décadas do século XX e ressalta que, nesse período, uma das questões discutidas pela elite intelectualizada do país era o problema de como garantir “ao Estado o monopólio da decisão sobre a circulação de estrangeiros e sobre a proteção dos bens do país e

regular o comércio de artefatos indígenas”. O início do século XX ainda possui a especificidade de ter sido o momento onde as expedições científicas estrangeiras deixam de ser de maioria europeia, dividindo esse posto com os Estados Unidos, potência científica emergente que passou a enviar cada vez mais cientistas à América Latina.

Este autor assinala que em 27 de setembro de 1907, um membro da Congregação do Museu Nacional, Domingos Sérgio de Carvalho, propôs que o Museu pedisse ao Congresso Nacional a regulamentação da saída de coleções científicas do país. Ressalta também que no 1º congresso brasileiro de Geografia, realizado no Rio de Janeiro em 1909, Antônio Carlos Simões da Silva, da Associação de Proteção e Auxílio aos silvícolas do Brasil, reclamou o controle das coleções etnográficas: “para garantia dos museus brasileiros” e propunha também a proibição da coleta e saída para o exterior dos artefatos e restos dos índios existentes em terras públicas. Coube, todavia, ao General Cândido Mariano da Silva Rondon, nos anos trinta do século XX, a divulgação da tese de que o Estado deveria regular as relações de missões estrangeiras com populações indígenas e defendia a necessidade de uma lei que regulasse as missões científicas estrangeiras no Brasil (Grupioni, 1998:50).

O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil foi criado pelo decreto 22.698, de 11 de maio de 1933, que dava poderes a este órgão para julgar sobre a idoneidade dos expedicionários, entre outras coisas (Gama, 2004:30). Foi a primeira organização federal responsável exclusivamente por fiscalizar e licenciar expedições científicas estrangeiras no território brasileiro e também as expedições nacionais que não possuíam vínculo institucional.

Os militares brasileiros extinguiram o CFE pelo decreto 62.203 de 31 de janeiro de 1968 e criaram uma nova legislação designando ao CNPq, que havia sido criado em 1951, a responsabilidade pela autorização e fiscalização das expedições científicas estrangeiras. Desentendimentos em relação a o que deveria ser considerado expedição científica levaram a outras reformulações na legislação e nas décadas finais do século XX parte dessas expedições passaram a ser interpretadas pelo CNPq como acordos de cooperação científica internacional (Gama, 2004). Em 1985, com a criação do Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT), o CNPq deixou de assumir essas funções que passaram a ser atribuídas ao Ministério (Nogueira, 1999).

O CFE exigia dos expedicionários que, para cada material coletado, uma duplicata fosse doada a alguma instituição científica brasileira e, caso o exemplar coletado fosse único, ele não

poderia sair do Brasil. Dessa forma, o governo federal fazia com que os exploradores estrangeiros colaborassem com o desenvolvimento de coleções e das ciências no Brasil. Também eram exigidos relatórios das expedições, regra pouco cumprida pela maioria dos expedicionários (Grupioni, 1998; Lisboa, 2004; Sombrio, 2007).

O grupo de conselheiros era formado por especialistas de diferentes disciplinas científicas. O representante de cada área ficava responsável por analisar e redigir pareceres sobre os pedidos de licença dos cientistas de campos homólogos ao seu. Casos mais polêmicos eram decididos pelo grupo todo nas reuniões do órgão. Bertha Lutz, por exemplo, no período em que foi a representante do Museu Nacional do Rio de Janeiro no CFE (1939-1951), analisava os pedidos relativos a expedições botânicas e zoológicas, que eram as áreas em que era especialista (Sombrio, 2007).

O fato de um mesmo órgão analisar expedições artísticas e científicas está relacionado a uma tradição científica característica do século XVIII que cultivou uma aliança estreita entre as ciências e as artes (Lopes, 2002). Como dissemos anteriormente, na primeira metade do século XX, o trato com as expedições científicas ainda se dava de forma muito vinculada a tradições do século XIX, algumas com raízes anteriores a isso.

A documentação do CFE possibilita conhecer atividades de expedicionários e expedicionárias e acompanhar intercâmbios de fontes científicas entre o Brasil e outros países. É uma documentação rica que pode servir como ponto de partida para muitos estudos sobre práticas científicas de campo, colecionismo, trajetórias, negociações em torno da produção de conhecimento e papéis culturais e políticos da ciência. A decisão de conceder ou não os certificados de licença e exportação baseava-se na análise de cada caso pelos especialistas que integravam o CFE com o intuito de cercear coletas irregulares e expedições ilegais, mas a decisão também estava relacionada ao status profissional dos requerentes e a influência de contatos importantes nos círculos científicos brasileiros podia ser determinante na concessão ou negação da licença, como abordaremos no decorrer do texto (Sombrio, Lopes e Velho, 2008).

1.2 - Mulheres expedicionárias e a pesquisa de campo - importância do recorte de gênero

Desde os anos 1970, com a consolidação dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, incluídos aí os estudos de gênero e ciências, e com a influência da chamada Nova História

Cultural, que priorizou o estudo de temáticas e grupos antes excluídos das narrativas historiográficas, pesquisas vêm sendo desenvolvidas no intuito de compreender com se deu a incorporação de mulheres nas mais diversas práticas científicas e como os significados sociais atribuídos aos gêneros masculino e feminino e suas relações foram assimilados por essas instituições (Rossiter, 1984; Keller, 1989; Burke, 2005).

A pesquisa de campo foi uma das práticas que acompanhou a consolidação da ciência moderna, tendo sido aliada ao imperialismo dos países europeus e, mais tarde, dos Estados Unidos. No decorrer dos séculos XVIII e XIX, travava-se um debate sobre qual seria o espaço privilegiado da construção do saber científico. De um lado, os pesquisadores de instituições e gabinetes se apoiavam na possibilidade de poder analisar extensivamente os espécimes que chegavam às suas mãos, utilizando-se de catálogos e bibliotecas que reuniam informações capazes de fornecer base para comparações e classificações de acordo com o conhecimento já produzido anteriormente por outros(as) cientistas. Do outro, estavam os cientistas viajantes, que tinham a vantagem de observar sujeitos, objetos e espécimes de pesquisa em seus habitats naturais fazendo observações contextualizadas, mas sem a infraestrutura de uma instituição que poderia fornecer as ferramentas de comparação para a realização de uma análise mais profunda, sendo as observações desses pesquisadores mais imediatas e sujeitas à influência do olhar momentâneo e das consequências advindas disso (Outram, 1996).

A discussão que se vê representada nessas duas figuras é a da objetividade científica e o questionamento sobre qual posição seria capaz de garanti-la de maneira mais acurada. No decorrer do século XIX até a passagem para o XX, a ciência caminhou cada vez mais para dentro do laboratório e de instituições fechadas que dificultaram a participação das mulheres. Os limites menos rígidos das práticas das ciências de campo, ou aquelas realizadas nos ambientes domésticos em períodos anteriores (onde a divisão entre espaços públicos e privados para a produção de ciências não era tão rígida) podiam, de certa forma, facilitar a incorporação delas nessas atividades. A forte institucionalização das ciências ocorrida no século XIX contribuiu com uma exclusão oficial das mulheres das práticas científicas (Oreskes, 1996; Schiebinger, 2001).

De acordo com Outram (1996: 253-254) o estudo da relação entre disposição espacial e autoridade intelectual se tornou um novo foco de estudos entre historiadores da ciência, no final do século XX.⁹ Metáforas espaciais nos estudos de distribuição de influência científica, na

⁹ Sobre isso, ver também: Livingstone, D. *Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge*.

transmissão da instrumentação científica, e a disposição de espaço na vida de laboratório foram investigadas em trabalhos bem conhecidos. Por outro lado, pouca atenção havia sido dada aos espaços da ciência fora do ambiente construído, dos prédios de instituições propriamente ditos, espaços como jardins botânicos e zoológicos públicos, ou o espaço da natureza selvagem no qual os naturalistas de campo se aventuraram para achar espécimes que foram examinados por especialistas de instituições. Pouca atenção também foi dada ao uso do espaço doméstico nas ciências. Quais as interações entre esses diferentes espaços? Para reconstruir a experiência espacial dos cientistas viajantes nós temos que pensar não somente no que eles viram, mas também sobre que tipo de estruturas psicológicas mediaram suas respostas ao espaço.

Algumas particularidades da pesquisa de campo tornam este um espaço ambíguo e, de certa forma, carregam a possibilidade de torná-la uma modalidade um pouco mais permissiva à inserção feminina. É mais difícil estipular regras num local de trabalho essencialmente público como o campo, com convenções de trabalho muito mais flexíveis do que dentro de um laboratório, por exemplo. Nesse ambiente, as regras de gênero poderiam ser mais maleáveis e por séculos as mulheres viajaram para lugares distantes registrando suas observações em cartas, diários e pinturas, o que permite a construção de uma historiografia sobre mulheres viajantes e atuando como pesquisadoras de campo (Kuklick e Kohler, 1996; Lopes, 1997).

Importante ressaltar que a ampla variedade de pessoas envolvidas nesse tipo de empreendimento científico poderia causar grandes dificuldades, daí a ambiguidade, já que, diferente de no interior de uma instituição, no campo o cientista teria que se relacionar com habitantes nativos, vendedores, mateiros, sertanistas, pescadores, enfim, uma rede muito mais variada de atores, que poderia facilitar ou dificultar a participação das mulheres. De qualquer forma, com a forte institucionalização que excluiu as mulheres no século XIX (Schiebinger, 2001), aparentemente o campo permanecia sendo um lugar mais permissivo, diferente da ciência produzida entre quatro paredes e com regras estritamente rígidas quanto à separação dos corpos masculinos e femininos dos locais de trabalho.

Contudo, a associação da pesquisa de campo com imagens de heroísmo e masculinidade, que se tornou especialmente convencional durante o século XIX, dificultou a aceitação das mulheres em várias práticas de campo. As narrativas heroicas que foram importantes na construção de identidades masculinas tornaram difícil para as mulheres qualquer tipo de inserção

nesses papéis. “Destinadas” ao ambiente doméstico, as condições adversas e os perigos que faziam parte dessas viagens não eram facilmente enquadrados na imagem de uma mulher ou nas especificidades do corpo feminino. E essa dicotomização do gênero adequado ao praticante de ciências não foi peculiar ao campo, era imanente a todos os locais de produção científica (Kuklick e Kohler, 1996; Oreskes, 1996).

Lopes (2001: 895) sugere que a imagem heroica dos exploradores se deve a essa maior falta de controle do investigador no campo, especialmente os estrangeiros que encontravam-se em um ambiente que não lhes era familiar (científica, social e culturalmente) e que, quanto maior o “descontrole”, mais heroica era considerada a missão. Contudo, essa imagem estaria muito mais associada aos ideais de masculinidade da cultura moderna europeia do que a qualquer virtude particular atribuída à ciência, que preza fortemente pela objetividade, conceito contraditório ao da paixão empregada na concepção do cientista herói aventureiro, do qual até o preparo físico é exigido (Oreskes, 1996). No século XX, cada vez mais mulheres começam a aparecer praticando ciências no campo, e como fica esse ideal de masculinidade reforçado ao longo do século XIX quando elas aparecem?

No passado mais recente, final do XIX e início do XX, algumas das ciências que se baseiam fortemente na pesquisa de campo, como a botânica e a antropologia, se mostraram particularmente receptivas às mulheres que alcançaram paridade com os homens no campo mais facilmente do que o fizeram dentro das instituições científicas (Kuklick e Kohler, 1996:12).

Para sustentar esse debate e arriscar proposições acerca da inserção das mulheres em disciplinas constituídas em grande parte por pesquisas de campo no Brasil, precisamos conhecer melhor as experiências das diferentes personagens que se envolveram nesse tipo de atividade. À medida que pesquisadoras e pesquisadores brasileiros começaram a se voltar para arquivos e fontes documentais informados pelas perspectivas de gênero, mais personagens e interpretações começam a vir à tona (Lopes, 2008b). As análises de gênero têm demonstrado seu potencial, podendo contribuir para nossos modos de conhecer o mundo justamente por abrirem novas perspectivas, novos questionamentos e novas visões sobre o mundo (Schiebinger, 2008: 4).

Em um estudo que abordou mulheres expedicionárias dos séculos XVIII e XIX, Schiebinger (2004: 1) escreveu:

A celebrated artist, the German-born Merian was one of the very few European women to travel on her own in this period in pursuit of Science. Women naturalists rarely figured in the rush to know exotic lands (...) In the nineteenth century, women like Lady Charlotte Canning did sometimes collect botanical specimens, but almost always as colonial wives, traveling where their husbands happened to take them and not in pursuit of their own scientific programs.

Em 1705, Maria Sibylla Merian, uma naturalista e pintora alemã, publicou seu estudo intitulado *Metamorphosis Insectorum Surinamensium*, fruto de suas expedições científicas no território do Suriname. Iniciou sua viagem em 1699 e permaneceu lá por vinte e um meses. Nessa obra ela publicou grandes ilustrações botânicas e registrou como as escravas africanas e populações indígenas daquele país, na época colônia holandesa, usavam as sementes de uma planta conhecida como *peacock flower* para realizar abortos (Schiebinger, 2004).

Os naturalistas viajantes europeus daquele período costumavam publicar descrições detalhadas de suas observações e aventuras, registros que hoje são uma importante fonte de informações para os historiadores que buscam resgatar as experiências e atividades de campo realizadas por esses expedicionários.¹⁰ Utilizamos a mesma estratégia para falar sobre as expedicionárias que identificamos no século XX. O estereótipo construído acerca desses indivíduos os caracteriza sempre como heroicos viajantes que retornaram aos seus países com os frutos de suas aventuras e, na maioria das vezes, eram homens, como citado anteriormente. Regras morais e corporais mantinham a maior parte das mulheres europeias perto de casa naquela época.

Merian foi a única mulher do continente europeu identificada por Schiebinger (2004: 30) que viajou exclusivamente por motivos científicos nos séculos XVIII e XIX. Ela foi acompanhada de sua filha, Dorothea Maria, que era sua assistente. Sua outra filha, Johanna Helena, também coletou plantas no Suriname em 1711, enquanto viajava com seu marido que administrava um orfanato naquele país.

Tornou-se mais comum para as mulheres viajarem no século XIX: Sarah Bowdich acompanhou seu marido Edward à África, em 1823, para fazer as ilustrações do trabalho científico dele. Ele acabou adoecendo durante a viagem e morreu de Malária enquanto estavam no Gâmbia. Mãe de três filhos pequenos e sem ter como retornar rapidamente a Europa, ela deu continuidade ao trabalho de seu marido, coletando plantas e arrumando seus trabalhos para

¹⁰ Sobre explorações científicas e trabalhos de campo ver o dossiê: *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, . vol.15, n.3, 2008,

publicação. Hoje ela é tida como a primeira mulher a coletar plantas em um trabalho sistemático na África, tendo publicado um trabalho sobre a flora das ilhas de Cabo Verde e da área em torno da cidade de Banjul, Gâmbia (Schiebinger, 2004: 31).

Apesar dos perigos reais e imaginários, Schiebinger (2004: 32) aponta que uma razão importante pela qual as mulheres não viajavam naquela época é que elas não eram contratadas pelas companhias de comércio, por academias científicas e governos, principais financiadores dessas viagens, e nem por naturalistas viajantes que iam por conta própria auxiliados por assistentes. Além disso, vigoravam na época discursos médicos que versavam sobre os efeitos negativos das viagens aos trópicos nos corpos das mulheres, dizendo que essas empreitadas poderiam afetar a fertilidade ou infertilidade delas, que enfrentariam também problemas com a umidade, com o parto, poderiam ter crianças que nasceriam escuras (um problema na visão dos brancos europeus), entre outras questões.

Como outros viajantes da época Merian financiou sua própria expedição, mesmo não possuindo herança ou grandes reservas de dinheiro, pagou os custos de sua viagem vendendo pinturas que fazia e espécimes que coletava. Ela não se encaixava no perfil dos naturalistas homens da época que, na maioria das vezes, eram jovens e solteiros. Divorciada de seu marido artista, Johann Andreas Graff, ela partiu com 52 anos, mais velha do que a maioria dos viajantes. Também não foi treinada em medicina, como grande parte dos botânicos da época (Schiebinger, 2004: 33).

Dependeu de ameríndios e escravos africanos para ajudá-la a achar os espécimes que procurava e para ter segurança em suas viagens. Por dois anos, Merian e sua filha coletaram, estudaram e desenharam insetos e plantas da região. Em suas anotações muitas vezes aparece a frase comumente usada na época - “*information from the Indians*” - o que incluía conhecimentos sobre o uso de plantas na medicina, na alimentação, construções de prédios, fabricação de roupas e joias. Interessante observar que esta documentação analisada por Schiebinger (2004) poderia também servir como fonte de informação sobre conhecimentos medicinais indígenas, outro campo pouco estudado no âmbito da história das ciências, em relação ao conhecimento que produziram.

Em 1701, Merian contraiu malária e foi obrigada a deixar o Suriname antes do que pretendia. No caminho de volta, como os outros viajantes da época, começou a compilar os resultados de sua viagem em um livro que ela chamou de *Metamorphosis Insectorum*

Surinamensium (1705), onde retratou a reprodução e o desenvolvimento de inúmeros insetos e plantas, “nunca antes descritos ou desenhados” (Merian apud Schiebinger, 2004: 35).

No Brasil, Miriam Moreira Leite (2000) também reuniu informações sobre mulheres viajantes no século XIX e em seu trabalho é possível encontrar mais referências sobre o assunto. Segundo esta autora, uma das características comuns entre essas exploradoras é que seus livros foram escritos a partir de correspondências que enviaram às famílias e aos amigos, ou diários e narrativas não muito longas sobre suas viagens. Elas não publicavam obras extensas como os viajantes homens e a maioria nem tinha a intenção de ter seu trabalho divulgado, entretanto, muitas tiveram suas obras publicadas por seus familiares após morrerem.

Com exceção da mudança de perfil entre exploradores homens e mulheres apontada por Schiebinger (2004), referente à idade e ao estado civil dos viajantes (homens - jovens e solteiros; mulheres - mais velhas, viúvas ou divorciadas), e à falta de vínculos profissionais mais sólidos na maioria dos casos femininos, a forma das expedições não difere muito das que eram levadas a cabo pelos homens. Leite (2000:134) afirma que as mulheres expedicionárias: “Conscientes de estar penetrando em um terreno masculino” reproduziram em suas obras “as regras do jogo estabelecidas na literatura de viagem e as formas já consagradas”.

Entre as viajantes citadas por Leite (2000), apenas uma - Teresa da Baviera – demonstrou alguma discordância em relação aos métodos estabelecidos de pesquisa ao discutir as desvantagens do modelo de diário estabelecido pelos exploradores homens, e é importante ressaltar que ela era uma naturalista profissional, condição rara entre as mulheres do período.

Teresa, princesa da Baviera, dedicou-se a estudos de História Natural em diversos pontos do globo. Em 1888, veio conhecer os trópicos com o intuito de visitar tribos de índios e colecionar plantas, animais e objetos etnográficos. Viajou acompanhada por uma dama de companhia, um mordomo e um criado taxidermista (Leite, 2000: 134). Uma semelhança dessa informação retomada por Leite e alguns dos registros que encontramos no CFE é a descrição dos objetivos da viagem que, na primeira metade do século XX, ainda apareciam muitas vezes dessa forma abrangente, incluindo coleta de plantas, animais, rochas, observações de grupos sociais diversos, entre outras coisas. Da segunda metade do século XX em diante, a ciência caminhou treinando profissionais cada vez mais especializados e as pesquisas que incluíam objetivos tão diversos passaram a ser menos comuns.¹¹

¹¹ No livro *A Esperança de Pandora* (Cap. 1), Latour (2001) acompanhou uma expedição de três cientistas à região

As mudanças econômicas e sociais do começo do século XX proporcionaram novas oportunidades para as mulheres nas ciências em muitos lugares do mundo, e nisso inclui-se o Brasil. Desde o começo desse século, encontramos registros da participação de pesquisadoras estrangeiras e brasileiras no país. Foi nesse período que as primeiras cientistas ingressaram em instituições públicas de pesquisa, locais em que anteriormente não eram aceitas, e adquiriram direitos como o acesso ao ensino superior e ingresso em escolas antes exclusivamente masculinas. (Azevedo e Ferreira, 2006).

Entre as pesquisadoras que se destacaram ao ingressar em instituições públicas brasileiras podemos citar dois casos ilustres, Bertha Lutz e Heloísa Alberto Torres, ambas funcionárias do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que serão retomadas muitas vezes no decorrer do texto, principalmente por causa das relações que estabeleceram com algumas das expedicionárias que passaram pelo CFE. Bertha Lutz, com já citamos, trabalhava com botânica e zoologia (Sombrio, 2007; Lopes, 2008b). Heloísa Alberto Torres era etnóloga e foi diretora do Museu Nacional entre os anos de 1938 a 1955.

Corrêa (1997) ressaltou a importância do incentivo dado por Heloísa Alberto Torres ao desenvolvimento das práticas de campo na pesquisa antropológica brasileira, no início do século XX. Dona Heloísa, como era chamada por seus contemporâneos, se empenhou em orientar jovens pesquisadores a guiarem suas pesquisas focados no trabalho de campo e, investindo no estabelecimento de laços com pesquisadores estrangeiros, passou a exigir a colaboração desses visitantes na formação dos etnólogos brasileiros. Em troca, garantia apoio ao trabalho deles nos períodos em que permaneciam no Brasil.

O próprio trabalho antropológico de Heloísa Alberto Torres foi realizado essencialmente no campo, já que ela não costumava publicar artigos sobre suas expedições. Nos relatos de Betty Meggers, que serão abordados no capítulo 3, encontramos referências às pesquisas realizadas por Heloísa na Ilha do Marajó. Sobre essa característica do trabalho de Dona Heloísa, Corrêa diz que:

[...] era como se [...] o trabalho de campo se esgotasse em si mesmo, nunca chegou a publicar um relato de sua viagem à ilha do Marajó, primeira pesquisa de campo que fez e, apesar de seu entusiasmo sobre a última, no Arraial do Cabo, também dela não deixou nenhum trabalho publicado. Sua extensíssima produção não publicada revela, no entanto, um investimento enorme de energia nos bastidores da pesquisa de campo (Corrêa, 1997:15).

amazônica e em seu relato ficam claras as especialidades e divisões de áreas de conhecimento entre eles, muito características nas práticas científicas contemporâneas.

Grande parte de sua atuação no desenvolvimento da antropologia brasileira ocorreu nos corredores do Museu Nacional, trabalhando na articulação de viagens e contatos entre pesquisadores e no treinamento de diversos antropólogos, tendo cumprido um papel fundamental na construção dessa disciplina. Diferente de Bertha Lutz, Heloísa não teve uma atuação pública tão marcante dentro do movimento feminista, mas alguns registros documentais apontam que se envolveu em alguns debates (Lopes, 2008d). Corrêa (1997) menciona um desentendimento entre a diretora do museu e militantes da União Universitária Feminina,¹² que questionaram os motivos do menor envolvimento das mulheres que trabalhavam no Museu Nacional nas atividades de pesquisa de campo. Em resposta, Heloísa escreveu:

[...] das três naturalistas auxiliares que o Museu tem, duas não se recusavam a fazer excursões (parte integrante das funções do naturalista), quanto à outra, recusara porque o marido não lhe permitiria e dos 365 dias de trabalho, compareceu 265, por ter tido filhos e doenças (carta de Heloísa Alberto Torres apud Corrêa, 1997:15).¹³

Nessa fala, estão exemplificados alguns dos empecilhos que as mulheres enfrentavam para manterem profissões nas áreas científicas. Muitas acabavam tendo que abrir mão de partes fundamentais do trabalho em ciências por assumirem sozinhas as responsabilidades de âmbito doméstico. Os cuidados com os filhos e com a casa e os códigos sociais do matrimônio colocavam as mulheres em uma posição de desvantagem para a realização do trabalho de campo.

Esta carta foi escrita no contexto de uma divergência entre Heloísa e as feministas da União Universitária Feminina, que contestavam o cancelamento da inscrição de mulheres para um cargo de naturalista auxiliar no Museu. Além do trecho citado, Heloísa ainda explicou em sua resposta que três mulheres haviam se inscrito no concurso, mas duas não compareceram à defesa de tese e a terceira, que concorria à vaga para Antropologia Física, apresentou um trabalho sobre música indígena.¹⁴ Além disso, Heloísa afirmou que sempre havia apoiado o ingresso de mulheres na instituição, visto que na época em que assumiu a direção o Museu contava com seis mulheres como funcionárias e naquele momento já possuía trinta e oito, o que havia ocorrido por sua iniciativa direta (Corrêa, 1997:15).

¹² A União Universitária Feminina foi fundada em 1929 por um grupo de feministas, entre elas Bertha Lutz, com o objetivo de incentivar e ajudar as mulheres que se formavam (Sombrio, 2007:61).

¹³ O arquivo pessoal de Heloísa está guardado na Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres-RJ (CCHAT).

¹⁴ Sobre os trabalhos de antropologia física no Museu Nacional, ver a tese: Keuller, Adriana. *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, ideias e Instrumentos (1876-1939)*, Tese de doutorado, FFLCH - USP, São Paulo, 2008.

Apesar desse conflito, sua longa relação com Bertha Lutz, sua atuação no Museu e, destacadamente, as críticas que suportou no momento em que assumiu a direção da instituição, provenientes em grande parte de preconceitos de gênero, contrariam a ideia de que Heloísa tivesse qualquer problema com o ingresso de mulheres no Museu.¹⁵

A documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE) abriga histórias de diversos(as) viajantes que se engajaram em excursões com fins científicos ou artísticos pelo interior do Brasil no período de 1933 a 1968 e, entre os diversos dossiês que guardam os documentos das viagens registrada pelo órgão, encontramos muitas mulheres.

Cada vez mais, ao olharmos fontes e documentos com uma visão atenta às questões de gênero, temos encontrado mulheres. Até hoje, estas experiências foram pouco exploradas, contudo, é possível encontrá-las nas mais diversas documentações e a análise dessas trajetórias pode trazer novas reflexões acerca da influência mútua entre o gênero e as ciências (Lopes *et al.*, 2004).

O interesse em realizar pesquisas sobre trajetórias de mulheres cientistas atuando em meados do século XX, inclui compreender como elas desenvolveram seus trabalhos e almeja dar reconhecimento a essas figuras que também praticaram ciências, inserindo-se em um ambiente pouco favorável a sua participação, abrindo assim caminho para a crescente inserção de mulheres que ocorreu no mundo acadêmico e científico nas décadas seguintes. O resgate dessas figuras femininas pode contribuir com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina no passado. Com essa pesquisa, pretendemos valorizar as atividades realizadas pelas mulheres, conhecer sua participação na produção de conhecimentos e contribuir com a incorporação do elemento feminino à história das ciências.

Essas trajetórias ainda não foram muito investigadas e podem ampliar nosso conhecimento sobre a atuação de cientistas no Brasil. Michelle Perrot (2005:35) argumenta que, em geral, nos estudos historiográficos, “interessa-se pouco pelas mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais à “mulher”, entidade coletiva e abstrata a qual se atribuem caracteres de convenção”. Essa falta de singularidade prejudica o entendimento das trajetórias

¹⁵ Sobre o momento em que Heloísa assumiu a direção do Museu Nacional ver: Corrêa, Mariza. *Dona Heloísa e a pesquisa de campo*, em: Revista de Antropologia, v. 40, n.1, São Paulo, 1997.

diversas, características e especificidades, passando a falsa noção de que as mulheres eram um grupo homogêneo e que todas possuíam histórias similares.

As condições desiguais em relação aos homens, o predomínio da presença no ambiente privado, a relação com a maternidade e o casamento são constantes na vida das mulheres, mas elas estão longe de serem um grupo homogêneo e o conhecimento sobre suas particularidades pode ser muito útil à história social e à própria inserção das mulheres nesses ambientes profissionais tão desconexos à sua própria identidade recorrentemente pensada a partir do ambiente doméstico.

Os estudos de gênero da década de 1970, deram impulso a um novo tipo de crítica às ciências, argumentando que um empreendimento que se constituiu excluindo metade da humanidade não deveria requerer o título de neutro ou universal. As dificuldades de participação das mulheres nas ciências e sua invisibilidade nessa história contribuíram para que a instituição científica adquirisse características masculinas, que acabaram influenciando tendências como a definição de espaços de trabalhos diferentes entre homens e mulheres, as escolhas sobre quais seriam os objetos de pesquisa, o direcionamento dos recursos, o tempo de trabalho, a relação do cientista com o ambiente doméstico e ainda poderíamos enumerar muitas outras coisas.

O objetivo desses estudos que começaram a unir as críticas de gênero às ciências não era negar a existência de uma situação desigual no decorrer da história, pois é fato que ela existia, mas sim abrir as portas da fechada instituição científica às críticas. Esses questionamentos permitiram reconhecer que algumas características e, principalmente, desigualdades históricas próprias da sociedade haviam sido incorporadas na estrutura da ciência consolidando obstáculos constantes à participação das mulheres que, nas décadas finais do século XX, anos e anos após ondas subsequentes de intensificação do movimento feminista, ainda reivindicavam igualdade de direitos em todos os âmbitos da sociedade (Lopes e Costa, 2005).

O conhecimento acerca das mulheres precisaria se multiplicar para acabar com ideias pré-concebidas de que elas não eram aptas ao trabalho intelectual ou não tinham capacidade de fazê-lo, seria preciso ressaltar suas particularidades e não uma suposta universalidade (Haraway, 1995); assim como vinha sendo feito em relação às ciências pelos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia que, constantemente, repensavam o conceito de ciência e trabalhavam fortemente para desvinculá-la de seus antigos pilares mertonianos, (universalidade, objetividade e neutralidade), que já não possuíam mais o crédito de décadas atrás.

As profundas mudanças nos estudos de ciências sociais e humanas ocorridas na década de 1970, deram origem a um novo tipo de história sobre o mundo que buscava entender o micro, as diferenças, os âmbitos e pessoas relegadas ao esquecimento. Nesse quadro, as especificidades das mulheres que seguiram trajetórias diferentes da maioria e a valorização das atividades femininas, comumente menosprezadas, começaram a aparecer e receber atenção, reconstruindo passos importantes da história da humanidade em busca de um conhecimento mais inclusivo e mais justo em relação à experiência humana. Essa nova fase passou a ser conhecida entre os historiadores como ‘nova história cultural’ e seu desenvolvimento abriu caminhos para diversos trabalhos sobre a história das mulheres e de outros grupos tradicionalmente excluídos da grande narrativa da história ocidental, fosse por classe, raça, gênero ou qualquer outra marca de distinção, facilitados por seus novos métodos e enfoques (Burke, 2005; Thébaud, 2004; Sohiet, 1997; Pestre, 1996; Perrot, 1988).

E com a inclusão das mulheres na história das ciências, ambos os lados ganharam, pois novas práticas e atividades começaram a ser examinadas e encaradas como ciência e novos olhares foram lançados sobre objetos já estudados. Essa instituição, que é uma das principais atividades a qual os homens se dedicam, foi renovada e ampliada, além de ter aumentado enormemente seu número de participantes, criando novas possibilidades e teorias.

1.3 - As expedicionárias do CFE

Voltando ao levantamento realizado na documentação do CFE é importante esclarecer nesse momento como está organizada esta documentação, dividida em duas séries principais. A primeira é referente aos documentos da administração e do funcionamento do órgão: são as atas de reuniões, regulamentos internos, informações sobre os conselheiros, ofícios, correspondências entre os delegados do CFE, etc. A segunda série é formada por dossiês referentes a cada pedido de licença. Cada dossiê recebe o nome de quem pediu a autorização e assinava como responsável pela expedição (Grupioni, 1998, Mast, 2000, Lisboa, 2004, Sombrio, 2007).

Pela titularidade dos dossiês elencados no Inventário de Expedições do CFE (Mast, 2000), foram levantados aqueles que tinham nomes de mulheres aparecendo explicitamente no inventário, o que significava que elas eram as principais responsáveis pelo pedido, e os que sabíamos contarem com a presença de mulheres, mesmo que seus nomes não estivessem no

Inventário, como o caso de Dina Lévi-Strauss, por exemplo: O dossiê está no nome de seu marido, Claude Lévi-Strauss, mas por outras referências bibliográficas (Grupioni, 1998; Corrêa, 2003) sabemos que ela participou dessas expedições. Além disso, através da leitura das atas, encontramos outros nomes femininos e buscamos os dossiês que se referiam a elas.¹⁶

Com essa amostra, buscamos traçar o perfil das mulheres que tiveram suas atividades registradas pelo Conselho e nos aprofundar na análise da trajetória de algumas delas que deixaram mais pistas sobre suas atividades em outras fontes e conjuntos documentais, institucionais ou pessoais, e que permaneceram mais tempo trabalhando no Brasil.

A documentação do CFE é de caráter burocrático e administrativo, portanto limitada, mas mesmo assim “ela permite vislumbrar, de modo particular, a estreita ligação entre a realização de expedições e a formação de coleções científicas no Brasil” (Grupioni, 1998: 22). A circulação e o comércio de objetos cada vez mais tem sido reconhecida como uma parte importante do desenvolvimento das ciências e das redes internacionais de pesquisadores. Desde a época da colonização as coleções de espécimes e artefatos do novo mundo foram valorizadas pelos viajantes europeus que buscavam desenvolver, conhecer e se apropriar de recursos naturais, além de objetos de valor artístico e de conhecimento acerca das sociedades humanas.

A tabela que se segue reúne esse levantamento e algumas das informações que conseguimos organizar sobre essas mulheres. Abaixo aparecem 38 nomes, dos quais 11 estavam relacionados somente a pedidos de exportação de material artístico ou a dossiês inconclusivos no que diz respeito a efetiva realização da expedição. Como já mencionado, alguns nomes que aparecem eram de cientistas de renome em seus países e outras praticamente anônimas. Muitas vinham acompanhando seus maridos e trabalhavam como suas assistentes, enquanto outras vieram coordenando suas próprias expedições. A amostra reflete a variedade de profissões e os diferentes campos de inserção: Eram cientistas de museus e outras instituições, pesquisadoras e coletoras autônomas, artistas, viajantes e exploradoras.

¹⁶ Importante ressaltar que não é possível afirmar que conseguimos reunir todos os nomes de mulheres registrados pela imensa documentação do CFE. Trabalhamos com a amostra que conseguimos levantar, pois outros dossiês não consultados podem conter referências sobre mais mulheres que participaram de expedições no Brasil, sem que seus nomes aparecessem como titulares nos registros e atas.

Tabela 1.1 - Levantamento de mulheres na documentação do CFE

Mulheres registradas pelo CFE (1933-1968)	Ano do registro	Tipo de pedido	Autorização do CFE
1 - Wanda Hanke	1933/1940	Expedição científica	Não
		Etnologia	
2 - Doris Cochran	1937/1962	Exportação/Expedição científica	Sim
		Biologia	
3 - Hanna Rydh	1935	Exportação de material científico	Sim
		Arqueologia	
4 - Dina Lévi-Strauss	1936	Expedição científica	Sim
		Etnologia	
5 - Carmem Armino	s/d	Exportação de material artístico	Sim
		Quadros	
6 - Annemarie Scharlank	s/d	Exportação de material artístico	Sim
		Quadros	
7 - Sra. Steen	1936	Expedição científica	Não
		Etnologia/Geologia	
8 - Sra. Ecner	1937	Expedição científica	Não
		Biologia	
9 - Doralice Avelar	1938	Expedição artística	Sim
		Fazer um filme	
10 - Ruth Landes	1938	Expedição científica	Sim
		Etnologia	
11 - Mary E. Anderson	s/d	Exportação de material artístico	Sim
		Curiosidade brasileiras	
12 - Alice Hall Farnsworth	1940	Expedição científica	Sim
		Astronomia	
13 - Racine Foster	1939/1940	Expedição científica	Sim
	1948	Biologia	
14 - Sra. Herskovits	1941	Expedição científica	Sim
		Etnologia	
15 - Sra. Charles H. Smiley (Margaret Kendall Holbrook)	1940/1947	Expedição científica	Sim
		Astronomia	
16 - Srta. Mary Quirk	1947	Expedição científica	Sim

		Astronomia	
17 - Srta. Wilhemina Null	1947	Expedição científica	Sim
		Astronomia	
18 - Srta. Maribelle Cormack	1947	Expedição científica	Sim
		Astronomia	
19 - Srta. Jolley	1947	Expedição científica	Sim
		Astronomia	
20 - Marian Cornel Cutler	1941	Expedição científica	Sim
		Biologia	
21 - Alice Sumner Penha	1942	Expedição científica	Sim
		Geologia	
22 - Maria Alice Moura Pessoa	1942	Expedição científica	Sim
		Etnologia	
23 - Elizabeth Ebergenyi	s/d	Exportação de material artístico	Sim
		Curiosidade brasileiras	
24 - Bertha Lutz	1944	Exportação de material científico	Sim
		Biologia	
25 - Wanda de Roycewicz	1944	Expedição artística	Sim
		Pintar e escrever	
26 - Maria Reznik	1946	Expedição científica	Não
		Fotografia	
27 - Sra. Fawcet	1946	Expedição*	Não
		Procurar o marido desaparecido	
28 - Betty Evans	1950	Expedição científica	Sim
		Arqueologia	
29 - Ani Patin	1950	Expedição científica	Encaminhado ao SPI
		Etnologia	
30 - Sra. Kathe Schmidt	1952	Expedição artística	Sim
		Fazer um filme	
31 - Editha Holes	1951	Expedição artística	Não
		Fotografia	
32 - Hebe Rangel P. Campos Sales	1952	Exportação de material científico	Sim
		Biologia	
33 - Etta Becker Donner	1954	Expedição científica	Sim
		Etnologia	

34 - Mary Brewer Hemons	1960	Expedição científica	Encaminhado ao SPI
		Linguística/Etnologia	
35 - Alice Greismuehl	1964	Expedição artística	Sim
		Escrever e desenhar	
36 - Majken Mattson	1964	Expedição artística **	Encaminhado ao SPI
		Fotografia	
37 - Birgita Malmvall	1964	Expedição artística **	Encaminhado ao SPI
		Fotografia	
38 - Amanda Flora Hilda Bleher	1960	Expedição científica	Não
		Biologia	

Os dossiês referentes apenas à exportação de material artístico ou científico trazem menos informações sobre as requerentes, sendo compostos na maioria das vezes pelos certificados de licença, que garantiam autorização para que os materiais saíssem do país, e pelas listas dos objetos exportados. Os dossiês referentes às expedições contém documentos diversos que incluem desde formulários, relatórios, cartas, telegramas e ofícios, até fotos, recortes de jornal sobre as expedições, materiais publicados sobre as pesquisas, entre outras coisas. Nessas pastas estão também os pareceres redigidos pelos conselheiros sobre a concessão ou negação da licença para realizar a expedição.

A menor ocorrência de expedições na década de 1960 pode estar relacionada a diversificação de procedimentos estabelecidos pelo governo para lidar com a participação de cientistas estrangeiros em trabalho de campo no Brasil. Com a criação do CNPq em 1951 que, como citado anteriormente, foi quem assumiu a responsabilidade pelas expedições estrangeiras após a extinção do CFE em 1968, houve um incentivo ao financiamento de pesquisas nacionais e novas formas de pensar a cooperação internacional passaram a surgir. Como podemos observar na tabela acima, a maior parte das expedicionárias encontradas vieram ao Brasil na década de 1940, mas já apareciam na documentação desde a década de 1930.

Os pedidos para realizar incursões e pesquisas em territórios indígenas eram julgados em colaboração com o SPI – Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967) e algumas vezes decididos somente por este órgão, responsável pela proteção e integração dos índios. O SPI atuou de diversas formas até 1967, quando foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Voltaremos a falar do SPI no capítulo 4, que trata da trajetória da etnóloga Wanda Hanke, várias vezes auxiliada por funcionários do órgão durante suas expedições no Brasil.¹⁷

As nacionalidades das expedicionárias se distribuem como disposto na tabela abaixo. A maioria das mulheres registradas pelo CFE veio dos EUA e, em segundo lugar, aparecem as brasileiras, que precisavam pedir licença ao CFE somente quando não eram vinculadas a nenhuma instituição ou para exportar materiais científicos e artísticos. É por isso que o nome de Bertha Lutz aparece na tabela 1 (acima). Bertha registrou no CFE a exportação de espécimes zoológicos,¹⁸ mas não necessitaria da autorização do órgão para realizar suas próprias expedições já que pertencia ao quadro de funcionários do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Tabela 1.2 - Nacionalidade das mulheres registradas pelo CFE (1933-1968)

Nacionalidade	Nº de mulheres
EUA	15
Brasil	7
Áustria	3
Suécia	3
Inglaterra	2
Alemanha	1
Argentina	1
França	1
Polônia	1
Suíça	1
Não informada	3

Os EUA enviaram um grande contingente de cientistas para realizar expedições no Brasil na primeira metade do século XX, como confirmam os dados obtidos relativos à participação de mulheres: 15 dos 38 nomes levantados eram de mulheres norte-americanas. Sobre esse contexto,

¹⁷ A atuação do SPI já foi abordada em diferentes estudos. Ver, por exemplo: Brito, C. e Lima, N. T. *Antropologia e medicina: assistência à saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942-1956)*, em Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.8 no.1 Belém Jan./Apr. 2013.

¹⁸ CFE.T.2.207, MAST-RJ

Henson (2000:167) aponta que nas primeiras décadas do século XX, período pós-guerra hispano-americana e por ocasião do início da construção do Canal do Panamá, os países da América Latina tornaram-se um dos campos principais para a política e a história natural norte-americanas, com financiamento constante do governo e apoio logístico dos militares às expedições científicas. No mundo pós-darwiniano, uma pesquisa de campo nos trópicos, com sua rica fauna, tornou-se um rito de passagem e uma estrada para a fama entre os jovens naturalistas não só norte-americanos (Nogueira, 1999). Em relação às questões de gênero, as tensões entre homens e mulheres permaneciam acirradas, em casa, nas urnas, no trabalho e também nas estações de pesquisa de campo financiadas pelo governo norte-americano.

As primeiras mulheres que vieram realizar trabalho de campo na América Latina encontraram muitas das conhecidas barreiras às mulheres profissionais, além dos desafios de lidar com ambientes e culturas desconhecidas. Elas tinham que enfrentar o senso comum que caracterizava os trópicos como um lugar inapropriado para as mulheres. Essas regiões adquiriram uma aura romântica, como um lugar ainda selvagem, não domesticado pela sociedade industrial moderna (Henson, 2000:167).

Entre os anos de 1911 a 1912, o Instituto Smithsonian (EUA) financiou um levantamento biológico em larga escala na Zona do Canal do Panamá e uma importante estação de pesquisa foi construída naquela região. O trajetória da botânica Agnes Chase (1869-1963), analisada por Henson (2000), é um exemplo de como as mulheres foram formalmente excluídas do trabalho de campo realizado naquela estação.

Chase esperava uma oportunidade de participar dos trabalhos científicos realizados no Panamá e contava com o apoio de Albert Spear Hitchcock, Curador Honorário do Herbário Nacional do Smithsonian na época, de quem era assistente e que tentou enviá-la para fazer pesquisa em seu lugar após ter permanecido um ano realizando coletas no local. Em ofícios escritos por Hitchcock apoiando a ida de Chase ao campo ele escreveu que pensava “não existir motivo pelo qual uma mulher não seria capaz de realizar trabalhos botânicos dentro dos limites da Zona do Canal tão bem quanto um homem. No que se refere à saúde ou segurança pessoal, as condições são plenamente satisfatórias [...]” (Henson, 2000:170).

Porém, o pedido de Hitchcock não teve apoio dos outros funcionários e dirigentes (homens) do Smithsonian responsáveis por autorizar as expedições à região do Panamá e recebeu somente respostas negativas: “Duvido muito que seja aconselhável contratar mulheres para esse

fim” escreveu o funcionário encarregado da distribuição de verbas; “Sinto dizer que sou incapaz de recomendar o envio da Senhora Chase à Zona do Canal [...] duvido que seja recomendável contratar os serviços de uma mulher para tal fim”, disse Frederick True, secretário assistente do Smithsonian que rejeitou oficialmente o pedido e teve sua decisão endossada pelo secretário Charles Walcott, que escreveu: “[...] lamento informar que penso não ser possível concordar com seus desejos nesse assunto. Eu ficaria um tanto relutante em enviar uma mulher em uma missão desse tipo” (Henson, 2000:171-172). Com a negação do pedido de Chase e Hitchcock, a expedição do Panamá continuou sendo um empreendimento totalmente masculino.

Agnes Chase foi admitida no Departamento de Agricultura dos EUA inicialmente como ilustradora botânica, um papel aceitável para as mulheres daquela época. A herpetóloga Doris Cochran, de quem trataremos no capítulo 2, também começou sua carreira fazendo esse tipo de trabalho. Como mostrou Kohlstedt (1996), a arte, prática considerada feminina, era um meio das mulheres trabalharem nas periferias da ciência sem provocarem mudanças muito radicais. A ilustração científica serviu como porta de ingresso na ciência profissional para muitas mulheres.

Chase não pôde realizar as pesquisas que desejou fazer no Panamá, entretanto, anos mais tarde, veio ao Brasil por conta própria para coletar gramíneas e acabou se tornando a mais conhecida especialista em gramíneas no mundo na época. Juntos, Hitchcock e Chase desenvolveram uma rede de correspondência e permuta de espécimes por toda a América Latina e essas relações desempenharam um papel muito importante na carreira dela. Sem apoio institucional para realizar pesquisas de campo, foi através desses contatos que ela conseguiu concretizar suas expedições no Brasil. Seus correspondentes ajudaram hospedando-a, dando informações e orientações para que ela conseguisse desenvolver seu trabalho. Veio ao Rio de Janeiro em 1924 e coletou por 8 meses no leste do Brasil. Foi acolhida por vários botânicos brasileiros com quem se correspondia, incluindo Dona Maria Bandeira, que pesquisava musgos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e chegou até a acompanhá-la em suas viagens. Em 1929, ela retornou ao país para mais oito meses de coleta, pagos com seus próprios recursos. Durante certo tempo viajou acompanhada de outra botânica, Inez Mexia, da Universidade da Califórnia (Henson, 2000:190-192). Como suas viagens ocorreram antes da criação do CFE, seu nome não aparece nos registros do órgão. A experiência de contar com o apoio de uma pesquisadora brasileira que inclusive a acompanhava nas excursões foi compartilhada também por Doris

Cochran, que viajou pelo Brasil em companhia de Bertha Lutz, apoio fundamental na realização de suas expedições.

Sobre as disciplinas científicas praticadas pelas expedicionárias do CFE, incluíam-se as especialidades dispostas na tabela seguinte:

Tabela 1.3 - Referente às áreas de trabalho das mulheres registradas pelo CFE.

Área de especialidade	Número de Expedicionárias
Etnologia	9
Botânica e Zoologia	7
Astronomia	6
Geologia	2
Arqueologia	2
Expedições artísticas	7
Exportações artísticas	4
Expedições de outra natureza	1

A maior parte das expedições eram da área de etnologia, ciência que estava em ascensão na primeira metade do século XX. Isso demonstra que as cientistas mulheres encontravam espaços para se inserir nesse campo disciplinar, aspecto já abordado em outros estudos sobre antropólogas e a formação deste campo de estudos no Brasil (Corrêa, 2003; Ribeiro, 2000).

Entre as ciências naturais, a botânica é recorrentemente citada como um campo de estudos que admitia a presença de mulheres desde os séculos XVIII e XIX (Shteir, 1996). Como mencionado anteriormente, existia a possibilidade de ingressarem na profissão como ilustradoras e, eventualmente, consolidarem carreiras científicas na área (Henson, 2000).

Racine Foster e Marian Cornell Cutler vieram ao Brasil realizar expedições botânicas acompanhadas por seus maridos, Mulford Foster e Hugh Cutler, respectivamente, ambos cientistas de renome nos EUA. Racine também era especialista na área e acompanhava o trabalho de seu marido atuando como assistente em suas expedições. Os dois trabalhavam na

Universidade de Harvard e seus nomes aparecem também no índice de botânicos da instituição.¹⁹ Já sobre Marian Cutler não foi possível encontrar referências posteriores à expedição no Brasil que a vinculassem ao trabalho científico. Nos documentos do CFE, Marian foi apontada como a fotógrafa da expedição chefiada por Hugh Cutler, que tinha como objetivo realizar estudos e reunir coleções botânicas, sementes e espécimes para estudos herbários e citológicos destinados ao Museu Botânico da Universidade de Harvard.²⁰

Racine Foster publicou junto com Mulford Foster um livro sobre as expedições que realizaram no Brasil. Além de relatar aspectos da pesquisa botânica, o livro conta histórias sobre o cotidiano que viveram no período da viagem e comenta aspectos culturais e naturais do país.²¹ Nos agradecimentos escritos nas primeiras páginas da obra eles agradeceram o auxílio de Bertha Lutz, entre outras pessoas, que os apoiou desde o primeiro dia em que chegaram no país e fez também a revisão do manuscrito do livro.

Amanda Flora Hilda Bleher, cidadã alemã radicada no Brasil, pediu autorização para colher plantas aquáticas justificando que seriam usadas em trabalho de divulgação científica em jornais e revistas. Após verificar-se a idoneidade do pedido, a licença foi negada. No parecer do CFE que negava a concessão, informava-se que Amanda era na verdade uma amadora especializada na coleta de plantas para fins comerciais em São Paulo.²²

Na área de zoologia, além de Bertha Lutz, foi possível encontrar referências sobre as trajetórias profissionais de duas expedicionárias, Doris Cochran, citada anteriormente, e Hebe Rangel de Campos Sales, que trabalhava no Instituto Oceanográfico da USP e, assim como Bertha, teve seu nome registrado pelo CFE em 1952 apenas por um pedido de exportação de materiais científicos. Hebe queria exportar amostras de ostras e outros elementos malacológicos e recebeu a permissão do órgão para isso.²³ Na edição do jornal *Correio da Manhã* de 29 de julho de 1960, encontramos menção ao nome de Hebe Rangel de Campos Sales novamente, em notícia que divulgava a ocorrência de um ciclo de debates promovido pela Federação Internacional de Documentação sobre problemas de publicação de trabalhos científicos na América Latina, no

¹⁹ Index of Botanists, Harvard University – Lista autores de nomes de plantas, coletores botânicos e micológicos, e autores de publicações de importância para a botânica e micologia sistemática.

²⁰ CFE.T.2.145, CFE.T.2.182, MAST-RJ

²¹ Foster, Mulford B. and Foster, Racine Sarasy, *Brazil*, The Jaques Cattell Press: Lancaster, Pensilvânia, 1945

²² CFE.T.2.447, MAST-RJ

²³ CFE.T.2.289, MAST-RJ

qual ela tomaria parte.²⁴ Sendo funcionária de instituição brasileira, não precisaria pedir autorização ao CFE para realizar expedições.

Outro nome que apareceu associado a uma expedição zoológica foi o da Sra. Ecner. Chegou ao CFE a informação de que um casal, Sr. e Sra. Ecner, estaria fazendo coletas zoológicas no Estado do Ceará sem a autorização do órgão. Após discutirem o assunto em reunião, os conselheiros alertaram a polícia e o delegado do Estado para que não permitissem a atuação do casal caso fossem encontrados, no entanto, não receberam mais nenhuma notícia sobre a suposta expedição.²⁵

A expedição mais incomum que envolvia a participação de mulheres encontrada na documentação do CFE, descrita na tabela 3 como “de outra natureza”, foi a da Sra. Fawcet. A Sra. Fawcett era esposa de um famoso explorador britânico, Coronel Fawcett, que desapareceu durante uma expedição na região amazônica em 1925, e nunca foi encontrado (Key, 1940). Em 1946, o presidente do CFE, Pimentel Gomes, enviou um ofício ao Ministro da Agricultura, Daniel de Carvalho, informando que constava nos jornais do Rio de Janeiro ter embarcado na Inglaterra uma expedição científica chefiada pela Sra. Fawcet a fim de se internar no sertão do Brasil em busca do marido desaparecido. Foram enviados telegramas aos delegados do órgão nos Estados do Amazonas e Pará pedindo providências no sentido de embargar tal expedição, pois não estava licenciada pelo CFE. Os delegados responderam ao presidente informando que ficariam vigilantes. A inexistência de outros documentos no dossiê, assim como a falta de outras evidências sobre este caso, não permitiram uma análise mais profunda sobre esta suposta expedição.²⁶

Outro caso peculiar é o das viajantes Majken Mattson e Birgita Malmvall, ambas suecas, sendo a primeira aeromoça das linhas escandinavas e a segunda funcionária da embaixada da Suécia no Brasil. No requerimento que enviaram juntas ao CFE, pediram licença para realizar uma expedição artística e conhecer territórios indígenas a fim de estudar seus costumes, tirar fotos e fazer turismo. Não há nenhuma referência que indique que elas trabalhassem como pesquisadoras de nenhuma forma, aparentemente só queriam se aventurar entre os índios

²⁴ Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional, Correio da Manhã de 29 de julho de 1960, p.2.

²⁵ CFE.T.2.093, MAST-RJ

²⁶ CFE.T.2.230, MAST-RJ

brasileiros. O CFE enviou o pedido delas ao Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI) e não sabemos se fizeram ou não a viagem.²⁷

Não será possível retomar nesta tese as trajetórias de todas as expedicionárias mencionadas na tabela 1. Para resgatar as experiências de cada uma delas seria necessário procurar informações em outros inúmeros acervos documentais, inclusive nos países de onde elas vieram no caso das estrangeiras, para que se fizesse possível reconstruir seus passos, expedições, pesquisas e produções científicas.

Aprofundamos a análise nos casos de três mulheres que destacamos nos capítulos 2, 3 e 4, por fazerem do Brasil seu principal campo de pesquisa, característica que se reflete em suas produções bibliográficas. A disponibilidade de documentos, no caso de Doris Cochran, Betty Meggers e Wanda Hanke (cap. 2, 3 e 4), também possibilitou um maior aprofundamento em suas trajetórias. Sobre cada uma delas, seria possível escrever inúmeras teses a partir da imensa quantidade de registros que deixaram para trás. Sobre Doris Cochran e Betty Meggers, a maior parte das referências foram encontradas nos arquivos do Instituto *Smithsonian*, em Washington-DC, e sobre Wanda Hanke, no Museu Paranaense, em Curitiba-PR.

Privilegiamos também analisar mais a fundo casos em que os pedidos referiam-se de fato a expedições científicas, deixando de fora um aprofundamento maior nas trajetórias das artistas, fotógrafas e viajantes que pretendiam excursionar pelo país por motivações que não incluíam a produção de conhecimento científico e também os pedidos referentes somente a exportação de materiais artísticos.

Na continuação deste primeiro capítulo, nos baseamos principalmente nas referências encontradas no arquivo do CFE para traçar um panorama geral sobre estas expedicionárias, tentando situá-las em contextos maiores, destacando alguns casos que saltaram aos olhos nesta documentação, como o episódio da expedição astronômica formada majoritariamente por mulheres, por exemplo, o grande número de expedições etnológicas e caso da geóloga norte-americana Alice Sumner Penha que ganhou destaque nos jornais brasileiros da época por vir ao Brasil sozinha chefiando sua própria expedição.

Alguns nomes mais proeminentes que surgiram no levantamento, como as antropólogas Ruth Landes e Dina Lévi Strauss, foram abordadas no estudo de Corrêa (2003) e por isso não nos aprofundamos na análise de suas atuações. Retomaremos alguns aspectos da trajetória de Dina

²⁷ CFE.T.2.408, MAST-RJ

Lévi Strauss utilizando principalmente a documentação do CFE para refletir sobre a situação das cientistas esposas, como era também o seu caso. Preferimos dar visibilidade às experiências menos tratadas na bibliografia sobre trajetórias de mulheres, com o intuito também de trazer essas histórias a tona.

1.4 - Expedições etnológicas e arqueológicas no interior do país

O início do século XX foi um momento de grandes transformações na história da antropologia. As mudanças de objetos de estudo e orientação teórica nas pesquisas antropológicas são muito nítidas, porque transforma-se a característica fundamental da disciplina de estar atrelada ao aspecto biológico e ao desenvolvimento de teorias raciais para uma ciência mais voltada às humanidades e mais próxima das teorias sociais, que valoriza a cultura popular e encara a diversidade de grupos como algo não a ser hierarquizado, mas sim compreendido.

Segundo Lopes (1998), no Brasil, o início do processo de institucionalização da antropologia se deu na segunda metade do século XIX. Em 1876, o então diretor do Museu, Ladislau Neto, criou a primeira seção de antropologia dentro do museu, alocada junto às seções de zoologia, anatomia e paleontologia animal. Este assunto foi abordado também por Keuller (2008) ao escrever sobre o início da prática antropológica no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Acompanhando as concepções promovidas pela Antropologia no continente europeu, esta prática científica foi colocada junto à zoologia, anatomia e paleontologia, tal como fundamentava a Sociedade de Antropologia de Paris, que entendia esta atividade como a história natural do homem com uma ou mais espécies no mundo animal. (Keuller, 2008: 66)

Foi também neste ano, no Museu Nacional, que foi criado o primeiro curso de antropologia no Brasil. O curso abordava estudos de anatomia e fisiologia humanas, além de algumas questões sociais da época como a fome e a seca no Nordeste (Keuller, 2008: 66).²⁸ As expedições do século XIX organizadas pelo Museu eram integradas majoritariamente por funcionários da instituição, mas também existiam colaboradores de outras regiões.²⁹

²⁸ Keuller (2008) cita também o texto de Luís Castro Faria, “Antropologia escritos exumados I”, Niterói: EdUFF, 1999, p.20; para se referir à constituição deste curso.

²⁹ A introdução de novos estudos nos museus brasileiros no final do século XIX, como etnologia, antropologia e arqueologia, foi analisada por Lopes (1998).

O Museu Nacional mantinha importantes relações com naturalistas viajantes nacionais e estrangeiros ao redor do Brasil de forma a destacar seu papel no meio científico (Lopes, 2008d), assunto que será retomado nos capítulos 2 e 3, já que tanto Doris Cohran quanto Betty Meggers, realizaram suas expedições no país com apoio de funcionárias desta instituição.

Das expedições registradas pelo CFE, as expedições etnológicas que mais destacamos foram as de Betty Meggers e Wanda Hanke, tratadas respectivamente nos capítulos 2 e 4. Meggers era na verdade arqueóloga, mas seu trabalho se desdobrou também para o campo da antropologia e hoje seus estudos são referenciados em ambas as disciplinas.

A experiência de Maria Alice Moura Pessoa é também interessante por se tratar de uma pesquisadora brasileira, autônoma, que pediu licença ao CFE para realizar uma pesquisa de campo na região do Mato Grosso que seria utilizada na redação de sua tese de doutorado. Aluna do curso de Antropologia Física da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro (FNFfi), ela viajou para aquela região em 1943 a fim de estudar costumes indígenas.³⁰

No Brasil, a escolarização feminina se intensificou durante a década de 1930 provocando uma mudança no sistema de gênero daquele período. Com um forte processo de modernização em curso - que incluía industrialização, reformas urbanas, ampliação da educação pública, entre outras coisas - ocorreram alterações em hábitos e costumes familiares. Esses novos hábitos, associados à urbanização e à emergência de um novo estilo de vida burguesa, promoveram resultados amplos e inesperados (Ferreira *et al.*, 2008:44).

1.4.1 - Maria Alice Moura Pessoa e as pesquisadoras brasileiras

Maria Alice Moura Pessoa era bacharel e licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFfi), possuindo ainda o curso de formação de professores da Escola Normal Oficial de Campinas.³¹ Para escrever sua tese de doutorado sobre Antropologia Física pretendia realizar sua pesquisa de campo na região de Dourados, no Mato Grosso. Em seu pedido de licença descreveu seu itinerário como sendo o seguinte: 1. Rio de Janeiro – São Paulo, 2. São Paulo – Araçatuba; Araçatuba – Campo Grande,

³⁰ CFE.T.2.196, MAST – RJ

³¹ Idem.

3. Campo Grande – Dourados (106 km de caminhão), 4. Dourados – Missão Evangélica Caiuás (76 km à cavalo).³² Ela era a responsável pela própria expedição e iria acompanhada de apenas um assistente, Sr. Arnaldo Salazar Pessoa.

Na época em que enviou seu primeiro pedido de licença ao Conselho, ela assinava seu nome como “Maria Alice Fonseca de Moura”. A maioria dos documentos que compõe o dossiê referente a sua expedição foram assinados dessa forma - certificados de licença, formulários, relatórios da expedição, listagem de objetos coletados, etc. Foi somente no último documento encontrado nesta pasta, uma carta enviada por ela aos conselheiros, que aparece outro nome na assinatura: “Maria Alice Moura Pessoa”. A mudança provavelmente deve-se ao casamento, prática comum entre as mulheres, e notamos também que o novo sobrenome adotado coincidia com o do assistente de pesquisa que a acompanhou na expedição.³³

Essa mudança foi um dos fatores que dificultou, a princípio, a busca por outros dados sobre essa expedicionária. Ao procurar seus trabalhos pelo nome de solteira, que é o que consta na maior parte do dossiê, não encontrávamos nenhuma informação complementar sobre suas pesquisas, o que parecia indicar que sua carreira havia acabado após a expedição. Ao perceber que o nome que aparecia em apenas um documento no final do dossiê era assinado de forma diferente começamos a busca e a partir daí conseguimos encontrar mais referências sobre sua atuação profissional posterior à expedição.

A mudança de sobrenomes devido ao casamento é uma prática que afeta o reconhecimento das mulheres cientistas. Corrêa (2003: 25), ao refletir sobre a categoria das pesquisadoras que trabalhavam como colaboradoras de seus maridos na primeira metade do século XX, argumentou que, ao adotarem seus sobrenomes, essas mulheres acabavam se sujeitando à desapareição, já que seus nomes próprios acabavam sendo “o nome de outrem” e, muitas vezes, acabavam não sendo associadas às pesquisas que ajudaram a concretizar.

Corrêa (1995: 129) ainda aponta a década de 1930 como um momento onde se intensificou o número de pesquisadores que chegavam ao Brasil acompanhados de suas esposas, já que até então o mais comum era que os viajantes, principalmente os naturalistas, viessem sós. Contraditoriamente, a existência desse novo grupo pode ter até dificultado a aceitação das

³² Foi mantida a grafia encontrada nos documentos para se referir aos grupos indígenas citados pela expedicionária.

³³ CFE.T.2.196, MAST – RJ, doc. 133.

mulheres que viajavam desacompanhadas, porque nas décadas de 1930 e 1940 o trabalho de pesquisa estava mais claramente definido como uma função masculina.

A partir da documentação do CFE não foi possível perceber que influência teve a presença do assistente na expedição de Maria Alice. A mudança de sobrenome e as dificuldades que tivemos em resgatar seus trabalhos por causa disso nos dão uma tímida possibilidade de reflexão acerca da influência do gênero em sua trajetória e uma indicação metodológica importante para pesquisar trajetórias de mulheres cientistas que podem desaparecer da história pela troca de sobrenomes.

Nos documentos que observamos sobre outros casais de expedicionários, a assistência ou a presença das assistentes-esposas pareciam ter um caráter diferente. Apesar de muitas vezes não terem nem o primeiro nome mencionado nos documentos, sendo referenciadas na maior parte do tempo pelo sobrenome do marido (Sra. Cutler, Sra. Lévi Strauss, Sra. Smiley, Sra. Herkovitz, Sra. Schmidt, Sra. Ecner, por exemplo), elas geralmente tinham suas atividades de assistência incluídas nos relatórios de pesquisa entregues ao CFE e eram apontadas como as responsáveis pela expedição no caso de algo acontecer com eles. Este não é o caso dos relatórios enviados por Maria Alice Moura Pessoa. Nenhuma atividade feita pelo Sr. Salazar Pessoa foi descrita em seus relatórios e cartas, e não é possível saber que tipo de assistência ele prestava, se era um “marido-assistente”, como acontecia com muitas mulheres (seria o primeiro encontrado no âmbito dessa pesquisa), se apenas a acompanhava na viagem ou se também era um cientista. A função de assistente estava tão fortemente vinculada ao feminino que não parecia possível a situação se inverter.

No relatório que enviou ao Conselho, ela descreveu grande parte de sua expedição. Disse que em 12 de janeiro de 1943, partiu de avião acompanhada do Sr. Arnaldo Salazar Pessoa rumo a Campo Grande e dali seguiria para Dourados. Fez em poucas horas uma viagem que duraria de 6 a 8 dias se feita por via férrea. Ficou por um mês na Missão Evangélica Caiuá, na Aldeia Indígena de Dourados. Os membros do SPI foram importantes aliados para que ela se aproximasse dos índios e estabelecesse comunicação com eles.³⁴

A princípio, seu plano era fazer apenas mensurações antropométricas nos índios. No entanto, ela relatou que o contato com os membros do CFE a fizeram aumentar seu plano de trabalho. Escreveu que o professor Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos

³⁴ CFE.T.2.196, doc. 125, MAST – RJ

Pedagógicos, lhe passou a incumbência de tentar com as crianças indígenas os chamados “testes A, B, C”,³⁵ ainda sem experimentação nessas populações. O professor Renato Almeida, também membro do CFE, pediu que fizesse observações sobre a vida social e artística do índio, incluindo o presente e o passado, e o professor Angione Costa pediu-lhe que considerasse fazer pesquisas de antropologia cultural.³⁶ Maria Alice ainda registrou as seguintes informações em seu relatório:

Carecia eu de aparelhos para mensurações antropométricas, assim também de material cinematográfico. Ora, sendo aluna do curso de doutorado em antropologia física, do Sr. Reitor da Universidade do Brasil, Prof. Leitão da Cunha, recebi todo apoio, e de D. Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, e do Prof. Roquete Pinto, diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo, os quais me forneceram, respectivamente, os aparelhos para as mensurações antropométricas e o material para cinematografia. – e, solicitado, o Sr. Diretor do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, Cel. Vicente de Paula Vasconcelos, ocorreu ao meu encontro, assegurando-me toda simpatia e cooperação que pudesse auxiliar-me em minha missão.³⁷

Tudo isso mostra que Maria Alice contou com um apoio especial do CFE e de seus professores da FNFi. Realizou sua pesquisa de campo apoiada em uma ampla rede de colaboradores, entre eles, Heloísa Alberto Torres e Roquete Pinto, nomes importantes para a antropologia brasileira (Lima e Sá, 2008). Bertha Lutz a levou à reunião do CFE após retornar da expedição para que expusesse aos outros conselheiros o trabalho realizado.

Descreveu em seu relatório de pesquisa os trabalhos que realizou entre os índios da região de Dourados, característicos da antropologia física desenvolvida no período. Mencionou atividades como a tiragem de máscaras de gesso dos índios, pesquisa de crista palatina (referente à dentição), determinação de grupo sanguíneo que, segundo ela, era uma pesquisa inédita para a ciência brasileira e, para efetuar este trabalho, havia recebido material e instruções do Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina de São Paulo, moldes de gesso de mãos e pés, documentação fotográfica e cinematográfica e pesquisas sobre os músculos gêmeos das pernas (disse que pesquisou em 200 indivíduos a altura dos músculos gêmeos das pernas). As coleções que formou seriam destinadas principalmente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e serviriam de base para classificações e outros estudos.

³⁵ Teste para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.

³⁶ CFE.T.2.196, doc. 125, MAST – RJ

³⁷ Idem.

Sobre as máscaras em gesso, representativas da fisionomia dos índios, Maria Alice contou que enfrentou dificuldades para fazê-las, pois não era fácil convencê-los a participar da prática. Relatou também que toda sua pesquisa foi levada a cabo com recursos próprios:

[...] Cada uma delas (as máscaras em gesso) exigiu-me penoso e persistente esforço de catequese, exigiu-me longa argumentação com o índio, poderoso senso de bom humor, afim de que pudesse conquistar a confiança do índio que serviria de paciente.

Afadigada e penosa foi-me a tarefa. E venci – Posso afirmar que a Antropologia Nacional tem, conservados em gesso, os traços fisionômicos de cinco tribos de índios puros. É uma preciosidade que se perpetua no gesso, uma vez que o nosso legítimo índio está desaparecendo, combalido pelas moléstias ou absorvido pelos civilizados. Há, no Brasil, ainda muitas tribos puras. É necessário se dê apoio aos cientistas, aos antropólogos que desejam tirar as máscaras deste índios. Urge, antes que seja tarde e que se perca essa preciosa documentação de uma raça: a máscara.

Outras nações têm providenciado a tiragem de máscaras de seus povos autóctones. Agora, pela primeira vez no Brasil, com a pobreza dos recursos pessoais, consigo estas máscaras. Faço, porém, um apelo: desejo apoio, desejo recursos, para prosseguir em meus estudos do índio brasileiro; desejo que se me possibilite a tiragem de máscaras de outras tribos.³⁸

Maria Alice enviou ao CFE também as listas dos objetos que coletou. Com a exigência de que fossem entregues duplicatas das coleções formadas pelos expedicionários ao órgão vários museus brasileiros foram beneficiados com o aumento de suas coleções, principalmente o Museu Nacional do Rio de Janeiro, principal receptor dos artefactos reunidos e apreendidos pelo órgão.

Praticada inicialmente como um braço da História Natural, muitas vezes dentro dos departamentos dedicados aos estudos de medicina ou por pessoas com formação nessa área, a disciplina antropológica do final do XIX e início do XX buscava entender a ‘história natural da humanidade’ utilizando-se de práticas classificatórias para comparar e avaliar, assim como se fazia com plantas e outras espécies animais. As pesquisas realizadas a partir dessas técnicas constituíram a disciplina que foi denominada como Antropologia Física e começou a ser praticada no Brasil na segunda metade do XIX. Voltada ao estudo da biologia dos grupos humanos, buscava conhecer os fatores determinantes das raças, seus caracteres biofísicos e as causas de seu desenvolvimento (Castro Faria, 2003).

A preocupação em desvendar as origens dos homens americanos, a procura por fósseis, as medidas craniométricas e osteométricas e as técnicas de mensuração, em conjunto com observações de naturalistas-viajantes, formavam as fontes de informação para os estudos de antropologia da segunda metade do XIX (Keuller, 2008; Podgorny, 2009). Era nesse contexto

³⁸ Idem.

que estava inserido o trabalho de Maria Alice.

Apesar da expedição ter sido bem-sucedida, Maria Alice Moura Pessoa não se destacou tanto profissionalmente após essa experiência.³⁹ Encontramos somente outras três referências sobre sua atuação profissional como pesquisadora. A primeira está em Corrêa (1997:14,15) e informa que, quando Arthur Ramos aceitou o convite para dirigir o Departamento de Ciências Sociais da Unesco, em 1949, a disputa por sua cátedra na FNFi se tornou pública, principalmente entre Heloísa Alberto Torres e a assistente de Ramos, Marina Vasconcelos (Ribeiro, 2000). O caso virou assunto de jornal. Além delas, Edison Carneiro, “um grande campeão dos interesses dos negros” e Maria Alice Moura Pessoa, tentaram se inscrever no concurso aberto após a morte de Ramos. Os quatro concorrentes pediram ao Conselho Universitário a concessão de notório saber para suprir a ausência de títulos, pedido negado em todos os casos. O concurso acabou não se realizando e Marina Vasconcelos assumiu a “interinidade da vaga”, dando continuidade aos trabalhos de Ramos.

A segunda, é um resumo de uma apresentação proferida por Maria Alice e publicada no Boletim Geográfico de 1943, encontrada na biblioteca da FUNAI. A exposição referia-se ao estudo realizado entre os Caiuás de Dourados e os Terenos da região de Taunay. Falou sobre as máscaras de gesso que havia feito e sobre as medições realizadas em um grupo de cerca de 240 índios, entre outras informações sobre costumes locais, vestuário, cânticos, arte indígena e saúde, mencionando as doenças que mais os atingiam e a falta de assistência médica a que estavam submetidos.⁴⁰ O debate proposto por Maria Alice nessa exposição era de caráter bastante superficial e ela mesma informou que o estudo ainda estava em fase de construção e análise. Seu nome também apareceu entre os membros efetivos do Congresso Internacional de Americanistas nos anais do XXXI evento do grupo, realizado no ano de 1954, em São Paulo.

A escassez de mais informações e publicações científicas pode estar relacionada ao extravio de documentos e pode ser também um indício de que ela não deu continuidade às

³⁹ Não conseguimos encontrar a tese de doutorado que ela menciona ter sido feita a partir dessa pesquisa de campo, porque os arquivos da FNFi (Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro), foram espalhados por diversas instituições da cidade após um incêndio ocorrido no prédio que o abrigava, na UFRJ. Tentamos encontrar a tese e outras informações no arquivo que permanece no campus da UFRJ e também no Museu Nacional do Rio de Janeiro, mas não obtivemos sucesso. Sem acesso a outros trabalhos ou documentos, não foi possível conhecer melhor os estudos que ela realizou.

⁴⁰ Boletim Geográfico, Trigésima Oitava Tertúlia Semanal, Realizada a 12 de outubro de 1943 – Estudo da Profa. Maria Alice de Moura Pessoa, sobre alguma tribos indígenas de Mato Grosso. Os Caiuás de Dourados. Índios Terenos das vizinhanças de Taunay – Apresentação de objetos indígenas – debates em torno do assunto tratado, pp. 134-138.

pesquisas antropológicas. Mesmo que não tenha avançado em seus estudos, Maria Alice Moura Pessoa é um exemplo de uma mulher que, no início da década de 1940, buscou se profissionalizar e se inserir na comunidade científica. Como apontado por Ferreira *et al.* (2008:44), políticas educacionais implementadas a partir dos anos 1920 e institucionalizadas durante a Era Vargas determinaram novas oportunidades profissionais para as mulheres (principalmente as de classes médias e altas) que se direcionaram para o mundo do trabalho não doméstico. As oportunidades e os investimentos em educação influenciaram mudanças nos papéis sociais femininos, direcionando o ingresso de mulheres ao mundo acadêmico e científico.

1.4.2 - Relatos da Dra. Etta Becker-Donner na Amazônia

Vem ao Brasil uma cientista e exploradora austríaca

Uma exploradora vienense embarcou rumo ao Brasil, com o propósito de internar-se nas selvas do Sudoeste brasileiro, em busca de uma civilização índia que, segundo acredita, ainda será possível assinalar na região. É ela a Sra. Etta Becker Donner, diretora adjunta do Museu Purus, próximo da fronteira com a Bolívia, para estudar os costumes e os dialetos dos índios Huaris, Huayanyames e Tepis – (UP).⁴¹

Outra antropóloga que realizou expedições no Brasil foi a Dra. Violetta (Etta) Becker-Donner, pesquisadora austríaca que visitou o país em pelo menos dois momentos diferentes a fim de realizar expedições científicas para realizar estudos etnológicos. Junto ao primeiro pedido de licença que enviou inicialmente ao SPI, estava uma carta de apresentação onde encontramos informações sobre sua trajetória.⁴²

Nascida em 5 de dezembro de 1911, em Viena, estudou antropologia, línguas africanas e história da arte. Permaneceu um ano e meio sozinha na África, entre 1934 e 1935, estudando a vida de diferentes populações, seus costumes, tradições, línguas e reunindo coleções etnográficas. Entre 1936 e 1937, realizou uma segunda viagem ao mesmo território, dessa vez por oito meses. Desde que regressou da África, trabalhava no Museu Etnológico de Viena.⁴³

Foi em 1940 que formou-se em filosofia na Universidade de Viena (o que incluía estudos de antropologia, línguas africanas e história da arte) e, em 1941, casou-se com o Dr. Hans Becker. Em 1947, viajou a América do Sul acompanhando seu marido que fazia parte do corpo

⁴¹ CFE.T.2.303, MAST – RJ, doc. 996 (Não há identificação do jornal que publicou esta nota anexada ao dossiê da expedição da Dra. Etta Becker-Donner)

⁴² CFE.T.2.303, MAST – RJ, doc. 1002

⁴³ Idem.

diplomático e passou seis meses no Rio de Janeiro. Logo em seguida, ficou também alguns meses na Argentina.

Em abril de 1948, seu marido foi nomeado encarregado de negócios da Áustria em Santiago do Chile, onde foi assassinado oito meses depois. Quase um ano após esse ocorrido, em setembro de 1949, Etta Becker retornou a Áustria com suas duas filhas pequenas, de 8 e 11 anos, e reassumiu seu cargo de Curadora no Museu Etnológico de Viena, onde ficou encarregada da seção Americana e eventualmente substituíu o diretor durante sua ausência. O trágico episódio da perda do marido acabou levando-a a retomar sua carreira.

Durante os dois anos que passou na América do Sul afastada do museu, aproveitou para aperfeiçoar seus estudos de arqueologia e etnologia Americana e também aprendeu a falar um pouco de português e castelhano. Em 1947, ela fundou o Anuário intitulado *Archiv für Völkerkunde* (Arquivo Etnológico) que era publicado pelo Museu Etnológico de Viena sob sua coordenação.

Seu primeiro pedido de licença para realizar expedição no território brasileiro foi feito em março de 1954. Encaminhado por engano ao SPI, foi reencaminhado ao CFE junto com uma carta de recomendação de um dos administradores do Museu de Viena, o Prof. Dr. Leopold Schmidt. Nesta carta, informava-se que a Dra. Etta vinha sob os auspícios daquele museu e financiada pela *Wenner-Gren Foundation (NY)*, com o objetivo de realizar pesquisa de campo, fazer investigações linguísticas e etnológicas entre algumas tribos indígenas brasileiras. Gostaria de visitar grupos não muito aculturados e tinha grande interesse no aspecto arqueológico, esperando encontrar urnas ou outras peças desse tipo. O Dr. Schmidt encerrou a carta pedindo que a ajudassem a entrar em contato com os grupos que desejava pesquisar.

O parecer do CFE sobre o pedido informava que, levando em conta os títulos da pesquisadora, seu renome internacional e a recomendação do secretário da Embaixada do Brasil em Viena, a licença seria concedida, mas pediam mais informações sobre o plano de pesquisa da viajante a fim de examinar que tipo de colaboração poderia ser levada a cabo pelo órgão.

No certificado da licença concedida a Etta Becker está registrado o roteiro proposto para sua viagem. Informava que faria estudos etnográficos, linguísticos e arqueológicos na região do Mato Grosso e Amazonas, seguindo o roteiro de Guaporé e Alto Purus a Mato Grosso e Amazonas, Guajará Mirim, Rio Pacas Novos e Sotério, Rio São Domingos e Rio Acre, para pesquisar as etnias Canamari, Cashiriri e Capechene. O material coletado seria destinado ao

Museu de Viena e sairia pelo porto do Rio de Janeiro. Em dezembro de 1954, foi expedido um certificado de licença autorizando a Dra. Etta a exportar 43 peças indígenas que havia coletado para aquele Museu.

Mais ou menos dois anos depois, em junho de 1956, uma nova licença foi concedida, dessa vez pelo SPI, autorizando outra expedição da exploradora austríaca. Etta Becker queria dar continuidade à pesquisa iniciada na região dos Pacaas Novas do Rio Guaporé e tentar novamente entrar em contato com aquele grupo.⁴⁴ O SPI fez questão de registrar as ressalvas que fizeram quanto a todos os riscos que ela iria correr, entretanto, frente a sua determinação, o projeto foi autorizado.

O que mudou em relação ao seu primeiro projeto foi o plano de fazer estudos fonéticos e de vocabulário de várias línguas, além de continuar os estudos iniciados em 1954. Essa segunda expedição duraria de três a quatro meses. O CFE concedeu a licença levando em conta que Etta Becker já havia recebido autorização para realizar expedição anteriormente e tinha permissão do SPI para entrar em contato com os índios.

As informações mais interessantes em seu dossiê do CFE estão nos relatórios das expedições que entregou ao órgão. O primeiro, da expedição de 1954, tem duas páginas e demorou mais de dois anos para ser entregue, motivo de discussão entre os conselheiros que insistiam para que os expedicionários entregassem os relatórios. No entanto, o próprio fato dela entregá-los já era um diferencial, levando em conta que muitos não cumpriam essa exigência. O segundo, da expedição de 1956, é maior e mais detalhado. As informações registradas nestes documentos narram aspectos de suas viagens e permitem conhecer o trabalho que ela realizou no Brasil.

No primeiro relatório, Etta Becker relatou as pesquisas que realizou entre os índios Pacaas Novas. Contou que seguiu de avião até Guajará Mirim (RO), subiu pelos rios Pacaas Novas e Ouro Preto durante três dias na canoa de um seringueiro e, na altura da cidade de Santo Antônio, adentrou na mata em companhia de dois mateiros e mais um guia. Andaram por nove dias até encontrarem algumas malocas desertas onde identificaram restos de cultivo de milho e algodão. Ali, avistaram dois índios e tentaram fazer contato, mas sem sucesso. Etta aproveitou a oportunidade para fazer anotações sobre as habitações e outros objetos que encontrava pelo

⁴⁴ Pakaánova, Paca Nova, Pakaa Nova ou Pakaas Novos, são grafias que também aparecem nas diferentes fontes bibliográficas sobre este grupo. Optamos por usar aqui a mesma grafia empregada pela expedicionária.

caminho (cestas, esteiras, cuias), dedicando-se também a comparar estes artefatos com outros da região do Rio Guaporé.

Em mais um dia de exploração achou outras malocas, só que dessa vez sem indícios de roças. Disse que os índios costumavam viver nessas malocas apenas por algumas semanas ou meses do ano, mudando-se depois para outro lugar. Nas malocas com plantações situadas mais distantes dos rios passavam o tempo das chuvas. As construções mais sólidas eram usadas por 2 a 4 anos e depois abandonadas. Observações sobre as formas de habitação dos índios também foram feitas por Betty Meggers durante suas pesquisas de campo na Amazônia, assunto que trataremos no capítulo 3.

Alojada para passar algumas noites em um posto indígena onde moravam duas famílias indígenas, Etta vivenciou uma tentativa de ataque por outro grupo de 10 índios que, ao perceberem a presença de mais pessoas no local, fugiram. Enquanto permaneceu nesse posto, Etta trabalhou em notas linguísticas e no vocabulário de diferentes idiomas indígenas, mesmo trabalho realizado pela expedicionária austríaca Wanda Hanke, com quem ela se correspondia.

Continuou a expedição em companhia de um homem chamado Alfredo da Silva. Juntos encontraram restos de sepulturas em urnas, pedaços de vasos de barro cozido, entre outras coisas. Esses objetos renderam-lhe uma exposição, que seria fotografada e impressa pelo Museu de Viena.

Terminou o relatório dizendo que planejava uma nova viagem para continuar a investigação sobre o território do Guaporé com o objetivo de estudar a extensão do estilo de cerâmica da região e investigar suas origens nas culturas mais antigas. Queria decifrar também quais eram as conexões das tribos que viviam nos afluentes do Rio Guaporé e, especialmente, no Rio Mequens e Rio Corumbiara. Manteve correspondência com o Sr. Alfredo da Silva, que a deixou a par das atividades dos Pacaas Novas. Planejavam visitar juntos mais malocas daquelas tribos, o que lhe daria possibilidade de continuar seus estudos.

Realizou a segunda viagem dois anos depois, dando continuidade ao seu trabalho e foi auxiliada pelo inspetor do SPI, Francisco Meireles, que a acompanhou em parte do trajeto. Resumiu as atividades realizadas da seguinte forma: 1 - estudos arqueológicos da zona do Rio Guaporé de Forte Príncipe até o Rio Corumbiara onde classificou várias “zonas de estilos”, 2 - estudos etnográficos e linguísticos entre os últimos Uomo (Huanyam) e Puruborás, 3 - identificação de tribos ainda desconhecidas nas cabeceiras do Rio Cantario e Rio São Miguel, 4 -

estudos etnográficos e psicológicos dos primeiros grupos de índios Pacaas Novos, 5 – Produção de fotos e um vídeo de 16 mm sobre toda a viagem, 6 – Coleta de material etnográfico das etnias Uomo, Puruborá, Moré, Pacaas Novos e Canoê (os últimos no Posto do SPI Ricardo Franco) e arqueológico (várias urnas e pedaços de cerâmica das diferentes partes do Rio Guaporé).⁴⁵

A partir dos relatórios das expedições, é possível perceber que a Dra. Etta organizava suas viagens sozinha, sendo assistida por guias que contratava no local e por funcionários do SPI que mantinham contato com os grupos indígenas e costumavam ajudar os exploradores. Nas narrativas de Betty Meggers e Wanda Hanke também encontramos menções aos auxílios prestados pelos servidores do órgão.

No relatório de trabalho de Escobar e Coimbra (1998), que versa sobre a situação mais recente das condições de saúde dos Pacaas Novas, o trabalho da Dra. Etta Becker-Donner foi referenciado, entre outros, como fonte de informações sobre as migrações históricas desse grupo:

As migrações históricas dos Pakaánova foram analisadas por Meireles (1986). Os trabalhos de **Becker-Donner (1955)**, Meireles (1989) e Métraux (1948) provêm informações históricas acerca das populações indígenas das regiões dos vales do Rio Guaporé, Mamoré e Alto Madeira.⁴⁶

De acordo com os estudos citados no parágrafo acima, o contato permanente dos Pacaas Novas com a sociedade não-indígena data de meados dos anos 1950 e foi intermediado por sertanistas do SPI. Este período corresponde ao que a Dra. Etta Becker realizou suas viagens no Brasil, situando-a como uma das primeiras pessoas a estabelecer contato com aquela etnia.

A migração dos povos Pacaas Novas foi o assunto abordado pela Dra. Etta no artigo que enviou ao XXXI Congresso Internacional de Americanistas realizado no ano de 1954, em São Paulo.⁴⁷ Nos anais desse evento, além de Etta Becker-Donner, aparecem os nomes de Wanda Hanke, Maria Alice Moura Pessoa e Heloísa Alberto Torres entre os membros efetivos do grupo dos americanistas.

Além de ter sido diretora do Museu de Etnologia de Viena, Etta Becker-Donner também foi co-fundadora e presidente (entre 1965 e 1975) do Instituto Austríaco de Estudos Latino-

⁴⁵ CFE.T.2.303, MAST – RJ, doc. 1019, 1029

⁴⁶ Escobar, Ana Lúcia; Coimbra Jr., Carlos. *Considerações sobre as Condições de Saúde das Populações das Áreas Indígenas Pakaánova (Wari') e do Posto Indígena Guaporé, Rondônia*, Documento de Trabalho n.1, Porto Velho e Rio de Janeiro, agosto de 1998.

⁴⁷ Becker-Donner, Etta. “*First Report on a Field Trip to the Guaporé Region (Pacaas Novos)*”, Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, 1954.

Americanos (*Lateinamerika-Institut*). Nos últimos anos de sua carreira, ela se dedicou principalmente a estudos na Américas do Sul e Central. As pesquisas de campo que realizou no Brasil foram parte fundamental de sua trajetória profissional e contribuíram com o sucesso de sua carreira científica.

1.4.3 - As expedições arqueológicas da Dra. Hanna Rydh



HANNA RYDH

Figura 1 - Hanna Rydh

Fonte: <http://sok.riksarkivet.se>

Em 1935, a arqueóloga sueca Hanna Rydh (1891-1964) pediu licença para realizar uma expedição científica no Brasil. Segundo as informações fornecidas ao CFE, ela já havia iniciado essas pesquisas dois anos antes e, nesta segunda expedição, iria ao campo acompanhada dos senhores Capitão Fritjof Gison Detthow, cidadão sueco residente em São Paulo, e Fred Lan, brasileiro, professor do Colégio Mackenzie na mesma cidade.

A Dra. Rydh havia visitado o Brasil também em 1934, quando veio realizar conferências científicas. O jornal *Correio da Manhã* divulgou as apresentações que a Dra. Hanna Rydh fez em abril daquele ano, no Rio de Janeiro. As palestras ocorreriam sob os auspícios do Museu Nacional e do Ministério da Suécia no salão da Escola Nacional de Belas Artes, onde o tema seria uma viagem arqueológica ao Egito, e no salão nobre do palácio do Itamaraty, sobre “a Suécia de outrora e de hoje”. As conferências eram públicas, não sendo necessário convites especiais. A reportagem situava a Dra. Rydh como parte do “mundo científico sueco em lugar de destaque” e enfatizava o reconhecimento internacional de seus trabalhos.⁴⁸

O pedido de licença foi intermediado pela Missão Diplomática da Suécia e encaminhado em nome do Capitão Detthow. No pedido, Hanna Rydh foi apresentada como uma “notável escritora e cientista sueca”, esposa de Munch Rosenschöld, governador de um dos Estados daquele país. Rosenschöld, era, na verdade, o seu segundo marido. O primeiro, Bror Schnittger, também era arqueólogo e trabalharam juntos em escavações na Suécia até seu falecimento, em 1924.⁴⁹

Paulo Campos Porto, presidente no CFE na época, pediu esclarecimentos a Fritjof Detthow sobre as pesquisas iniciadas dois anos antes pela doutora no Brasil, que não haviam sido registradas pelo órgão. O Capitão respondeu em carta a Campos Porto que tratava-se do estudo de um pequeno sambaqui de uns 3 metros de altura, 30 de comprimento por 15 de largura, situado pouco acima da bacia do Rio da Una, no município de Iguape-SP. A Dra. Rydh queria retornar ao local para realizar escavações. Seria uma expedição pequena e não deveria levar mais do que 8 ou 10 dias. Receberiam subsídios da repartição etnográfica do Museu Nacional Sueco, e tinha o objetivo de comprovar estudos anteriores da doutora. O Sr. Fred Lane, que dirigiria a pesquisa, era brasileiro nato e professor de geologia do Mackenzie em São Paulo, o que cumpria com a exigência do CFE de ter um representante brasileiro em cada expedição licenciada.

⁴⁸ Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional, Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1934, p. 3 e 8; e 6 de abril de 1934, p.6.

⁴⁹ Dossiê CFE. T. 2. 040, MAST – RJ.

Conseguiram a autorização para a expedição em julho de 1935, e também para exportação do material coletado em setembro de 1937. O delegado do CFE em São Paulo na época era Afrânio do Amaral, do Instituto Butantan, e foi ele quem assinou o certificado de exportação, cuja relação foi feita sob as vistas do Diretor do Museu Paulista, Dr. Affonso de Taunay.

O trabalho da Dra. Rydh repercutiu em jornais brasileiros e suecos. Em 1938, a expedição foi noticiada por vários jornais brasileiros quando o Ministério das Relações Exteriores recebeu cópia da reportagem publicada no jornal sueco “*Svenska Dagbladet*” que noticiava a coleta de vasto material arqueológico e etnográfico, doado ao liceu de etnografia da Suécia, recolhido em expedição científica chefiada pela Dra. Hanna Rydh. A partir das informações publicadas pelo jornal sueco, detalhes sobre a expedição foram divulgados ao conhecimento do público brasileiro.⁵⁰

Reportagens muito parecidas foram publicadas nos jornais brasileiros *Correio da Manhã*, 11/02/1938; *Diário Portuêz*, 13/02/1938; e *Vanguarda*, 14/02/1938, informando que “sábios suecos” haviam estudado a arqueologia brasileira em expedição do Museu de Etnografia da Suécia:

[...] Depois de longa viagem, os exploradores encontraram a cabana de folhas de palmeira que a Dra. Rydh construíra 3 anos antes. Iniciaram-se aí os trabalhos de escavação e puderam os cientistas recolher, nos sambaquis, material antropológico, artefatos e moluscos, ossos, animais e pedras com inscrições.

Os ossos animais são principalmente de peixes e pássaros; muitos dos ossos de pássaros são furados, e provavelmente serviram como brincos para orelhas, e as pedras afiadas eram certamente empregadas para abrir moluscos bivalvos.

O primeiro esqueleto humano foi encontrado dois metros abaixo da superfície; dois metros e meio mais abaixo foram encontrados duas caveiras e vários ossos, podendo todas essas ossadas contribuir para pesquisas quanto à raça humana dos sambaquis [...] ⁵¹

Outro aspecto interessante da história da Dra. Rydh é seu envolvimento com o movimento feminista da época, característica que também marcou a trajetória de Bertha Lutz. Segundo o Dicionário de Biografias Nacionais Suecas, Hanna Rydh integrava a Aliança Internacional de Mulheres e foi a terceira mulher a assumir a presidência da organização entre os anos de 1946 e 1952. Fundada em 1904, por Carrie Chapman Catt e Millicent Fawcett, entre outras feministas, este grupo foi o movimento que inspirou Bertha Lutz a fundar a Federação Brasileira pelo

⁵⁰ Dossiê CFE. T. 2. 040, MAST – RJ.

⁵¹ Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional, Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1938, p. 9.

Progresso Feminino no Brasil (FBPF) e com o qual ela mantinha relações (Lopes, Souza e Sombrio, 2004). Foi em 1946, ano em que Rydh assumiu a presidência, que o grupo teve seu nome mudado de “Aliança Internacional para o Sufrágio Feminino” para “Aliança Internacional de Mulheres”. A organização existe até os dias de hoje, trabalhando ainda para promover os direitos das mulheres e igualdade de gênero.⁵²

1.4.4 - Dina Lévi-Strauss e a questão das assistentes esposas: ‘notoriedade retrospectiva’, *versus* ‘esquecimento progressivo’

Entre as expedicionárias do CFE, Dina Lévi-Strauss, Margaret Smiley, Racine Foster, Marian Cornell Cuttler, Kathe Schmidt e a Sra. Herskovits se enquadram na situação, já abordada por outros estudos sobre trajetórias de cientistas, de mulheres que consolidavam carreiras científicas trabalhando junto com seus maridos como assistentes ou pesquisadoras colaboradoras (Pycior, Slack e Abir-AM, 1995; Corrêa, 2003). As que também eram cientistas, como os casos de Dina Lévi-Strauss, Margaret Smiley e Racine Foster, tiveram seu renome científico fortemente associado ao trabalho de seus maridos.

Há também o caso de Betty Meggers, abordado no capítulo 3, que veio realizar sua expedição no Brasil acompanhada pelo esposo, mas nunca assumiu essa função de assistente, não adotou o sobrenome do marido e colaborava com outras pessoas além dele.

Até onde sabemos, a Sra. Herskovits participou das expedições etnológicas organizadas por seu marido Melville J. Herskovits, que se firmou como um importante antropólogo nos EUA, no entanto, assim como o caso da já citada Marian Cornell Cuttler e da suíça Kathe Schmidt, que acompanhou apenas a última das três expedições que Oswald Schmidt realizou no país, assumiram os papéis de assistentes de campo sem terem firmado carreiras mais independentes.

Segundo Pycior, Slack e Abir-AM (1995), com exceção das universidades femininas, nos locais onde elas existiam, o casamento pode ser considerado o principal caminho de recrutamento de mulheres nas ciências em finais do XIX e início do XX, e uma possibilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado por elas enquanto solteiras.

Importante considerar que essa parceria trazia um risco possível, mas nem sempre articulado, de que o trabalho individual de uma das partes não fosse reconhecido. Na prática, isso

⁵² Dictionary of Swedish National Biography - <http://sok.riksarkivet.se/SBL/Start.aspx?lang=en>

sempre se referia às mulheres: legalmente, economicamente e socialmente o casamento as fez dependentes de seus maridos. O fato de serem colaboradoras deles influenciava em todos os aspectos seus trabalhos como cientistas. (Pycior, Slack, Abir-AM, 1995).

O Brasil não possuía universidade femininas nos mesmos modelos das americanas, mas com a ampliação da educação feminina no século XX, ocorrida principalmente a partir da década de 1920, algumas faculdades e cursos reproduziram algo parecido ao abrigarem um contingente cada vez maior de mulheres, principalmente nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, principais redutos de educação e profissionalização feminina na época (Azevedo e Ferreira, 2006: 246).⁵³

A problematização em torno da invisibilidade a que Dina Lévi Strauss foi submetida já foi abordada por Corrêa (1995, 2003), e a expedição do casal Lévi Strauss, bem como seus registros no CFE, foram tratados por Grupioni (1998). No entanto, gostaríamos de ressaltar algo que fica evidenciado na documentação do CFE, que é a participação conjunta de Claude Lévi Strauss e Dina Lévi Strauss nas expedições realizadas no Brasil.

Corrêa (1995:113) chama a atenção para o que chamou de “notoriedade retrospectiva” no caso de Claude Lévi-Strauss e ao esquecimento de Dina. Nas primeiras décadas do século XX, muitas antropólogas eram personagens secundárias e, salvo exceções, apareciam principalmente como esposas – “a esposa de Donald Pierson, a esposa de Charles Wagley, a esposa de David Maybury-Lewis, a esposa de Darcy Ribeiro, a esposa de Eduardo Galvão, a esposa de Robert Murphy, a esposa de Charles Watson [...] a lista certamente poderia continuar”. Ao adotarem o nome de seus maridos tornou-se difícil redescobri-las com seus próprios nomes, mesmo quando separavam-se, como no caso de Dina. Todas estiveram no campo e parecem ter sido trabalhadoras assíduas, condição reconhecida por seus próprios maridos, no entanto, poucas conseguiram modificar esse papel de auxiliares. O renome adquirido em um certo momento pode iluminar a vida toda de um personagem e a situação reversa leva a um esquecimento progressivo, a não ser que, em algum outro momento, a busca por entender grupos e personagens secundários

⁵³ “A presença das normalistas nas universidade se fará notar de foram crescente no decorrer das décadas de 1940 e seguintes, sobretudo nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Estas constituíram um locus privilegiado de educação e profissionalização feminina, inclusive em cursos de ciências, que representavam uma inovação institucional em relação às tradicionais faculdade de medicina, engenharia, agronomia e veterinária, nas quais predominavam os homens” (Azevedo e Ferreira, 2006: 246). Sobre este assunto, ver também o dossiê: História, Ciências, Saúde: Manguinhos, Gênero e Ciências, vol. 15 -Suplemento, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

na dinâmica do conhecimento traga de volta essas experiências. Para Corrêa (1995:112), tornou-se claro que:

[...] o que é chamado de personagem secundário na literatura teve tanta, ou mais, importância na construção institucional das ciências sociais no período examinado do que os personagens principais - aqueles que por seu destaque posterior pareciam os únicos a ocupar a cena (Corrêa, 1995:112).

Em documentos históricos da época e livros publicados sobre a antropologia no período, a participação de Dina Lévi-Strauss geralmente fica subsumida na expressão “o casal Lévi-Strauss” ou “Lévi-Strauss e sua senhora”, incluindo a documentação do CFE e, mesmo quando tentou-se entrevistá-la para que falasse sobre sua participação, o que predominava em sua memória era o esquecimento. Foi Anne Marie Pessis que fez a entrevista, cinquenta anos depois, quando ela já havia mudado o nome para Dina Dreyfus e relutava em concordar com as memórias sobre seu passado (Corrêa, 1995:111):

Ela não lembra ter filmado ou escrito sobre os Bororo (no mesmo ano em que se comemoravam os 80 anos de Lévi-Strauss quando várias homenagens foram prestadas ao etnólogo na França, entre as quais uma exibição de seus filmes, feitos com Dina, no Brasil) e é só depois de muita insistência da entrevistadora que relembra trechos de sua vida aqui, o nome de alguns amigos, Mariô [...] ⁵⁴

Vimos indícios da participação de Dina Lévi-Strauss em toda a documentação guardada no arquivo do CFE, onde referências à pesquisa de campo são sempre relacionadas ao casal de pesquisadores, como na reportagem publicada pelo periódico *O Jornal* citada logo abaixo:

A Cerâmica no vale do Amazonas

Excursão de dois cientistas pelo interior do Brasil

Quando o Sr. e a Sra. Levi Strauss, aquele prof. de sociologia da Universidade de São Paulo e esta ex-assistente do Prof. Numa, no Museu de Etnografia do Trocadero de Paris, resolveram se aventurar em busca de contato pessoal com nossos índios do Mato Grosso [...] mal sabiam que sua viagem resultaria em uma série de contribuições para o estudo de nossos aborígenes [...]

Procuramos nos avistar com o distinto casal de cientistas, buscando recolher as impressões que tiveram dessa viagem.

[...] os dois lamentaram o pouco tempo de visita [...] o material recebido para estudos de antropologia foi pequeno [...] sem real intimidade os índios se recusavam às investigações necessárias. ⁵⁵

⁵⁴ Referia-se Mario de Andrade.

⁵⁵ CFE.T.2.054, MAST-RJ, *O Jornal*, RJ, 14/03/1936, doc. 679.

Entre as investigações que não conseguiram concluir estava a classificação pelo sangue que os índios se recusaram a fazer. A reportagem ainda informava que a Sra. Lévi-Strauss, assim referida, sob o patrocínio do Departamento de Cultura da Municipalidade, iniciaria um curso no qual abordaria, entre outras coisas, as observações colhidas na viagem que acabara de realizar aos sertões mato-grossenses.

Da Universidade de São Paulo

Foram expostas em Paris as coleções etnológicas reunidas pelo Prof. Claude Levi Strauss e pela Sra. Levi Strauss, encarregada da cadeira municipal de etnografia e folclore de São Paulo, durante a viagem que ambos realizaram por incumbência do governo Francês, do Governo do Estado de São Paulo e do Departamento de Cultura e Municipalidade de São Paulo. A exposição foi levada a efeito sob o patrocínio do Sr. Jean Zay, Ministro da Educação, e do Sr. Souza Dantas, embaixador do Brasil, e obteve grande êxito.

[...] cerca de mil objetos – cerâmicas, peles, máscaras, redes, flauta, arcos e flechas de caça e outros espécimes da arte indígena - trazidos pelo casal Strauss da visita aos índios Bororós e outros [...]

O casal Strauss organizou a exposição durante suas férias e pretende regressar em breve para São Paulo.⁵⁶

A expedição organizada pelo casal Lévi-Strauss contava ainda com a participação do naturalista J. Vellard, do linguista Curt Nimuendajú e do cartógrafo René Silz, este último já havia os acompanhado em missão ao interior do Mato Grosso anteriormente, em 1935. O CFE submeteu a concessão da licença à aprovação do SPI, que não aprovou o pedido. O parecer do SPI manifestava receios quanto à presença de estrangeiros em territórios não policiados no Brasil, argumentando que as inúmeras agressões sofridas pelos índios fizeram com que todas as tribos considerassem os “civilizados” inimigos e vissem sua aproximação como uma ameaça. O SPI não desejava que mais pessoas fossem sacrificadas como aconteceu com a expedição Fawcet e outras.⁵⁷

Um novo pedido de licença foi feito, dessa vez intermediado pelo Departamento de Cultura de São Paulo do qual era diretor o professor Mario de Andrade - o Mariô das memórias de Dina - e com apoio de Heloísa Alberto Torres. O SPI novamente deu parecer contrário à concessão da licença para garantir o “sossego” dos índios e sua proteção, dizendo que os postos da comissão Rondon e do SPI estavam desativados e isso atrapalharia a manutenção de canais pacíficos de contato.

⁵⁶ CFE.T.2.054, MAST-RJ, *Jornal do Commercio*, RJ, 22/01/1937, doc. 683.

⁵⁷ CFE.T.2.054, MAST-RJ, docs. 684/685/694/698

Heloísa Alberto Torres foi quem entrou em contato com o diretor do SPI para chegar a um acordo e ficou decidido que o CFE concederia a permissão para a expedição, mesmo com as preocupações manifestadas pelo Serviço de Proteção aos Índios. Heloísa deixou registrado em ofício os motivos que apresentou ao SPI e a posição do CFE, órgão do qual ela ainda fazia parte.⁵⁸

[...] Fica, assim, ressalvada a responsabilidade do SPI. Fica tranquilizado o CFE quanto à compreensão de sua atitude, por parte do diretor do Serviço, no caso de conceder a licença. Verificando que o SPI não está, no momento, habilitado a prestar assistência aos índios, nem mesmo a impedir a aproximação de indivíduos que lhes são francamente hostis, não me parece razoável que o CFE impeça uma comissão de estudiosos de cumprir um programa de trabalhos que ainda poderá repercutir, de modo muito limitado, é verdade, em algum amparo material e talvez moral aos selvícolas habitando a Serra do Norte. Essa pesquisa se recomenda tanto mais quanto aqueles indígenas correm grande perigo de desaparecer, em face da carência de assistência social em que se encontram. (Ofício escrito por Heloísa A. Torres ao CFE) ⁵⁹

O certificado de concessão da licença foi então emitido pelo CFE em nome de Claude e Dina Lévi-Strauss. O professor Luiz de Castro Faria, na época assistente de antropologia e etnografia do Museu Nacional, acompanharia a expedição como representante brasileiro. O jornal *Diário da Noite* de São Paulo, de 19 de abril de 1938, noticiou a expedição dizendo que os preparativos já se encontravam em fase final muito embora até então reinasse o maior sigilo a respeito, e que professor Lévi-Strauss iria acompanhado de sua senhora. Os objetivos eram registrar aspectos culturais, línguas e cânticos de tribos que estavam desaparecendo e os expedicionários iriam com boas intenções, limitando-se a levar o básico para a defesa pessoal:

[...] nota-se assim, o predomínio da mentalidade nacionalista, protetora dos selvícola [...] Outras expedições projetadas ou realizadas sob influências estrangeiras provocaram justificados protestos da imprensa em geral pelo excesso de provisões de armas que, para atingirem o auge da audácia e do ridículo, careciam apenas de canhões e “tanks”. Justifica-se o interesse em torno da expedição Levi Strauss [...] e confiança [...] pelo fato de participarem da mesma alguns vultos brasileiros, como por exemplo, o professor Luiz de Castro Faria [...]⁶⁰

Segundo reportagem publicada no *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1939, a expedição percorreu cerca de 10 mil quilômetros do sertão brasileiro, inclusive todo o território do Estado

⁵⁸ Heloísa deixou o CFE em 1939, quando assumiu a direção do Museu Nacional. Sua posição no CFE foi ocupada por Bertha Lutz.

⁵⁹ CFE.T.2.054, MAST-RJ, doc. 719

⁶⁰ CFE.T.2.054, MAST-RJ, *Diário da Noite*, SP, 19/04/1938, doc. 713.

do Mato Grosso, concluindo suas investigações no Amazonas. A metade do material recolhido ficaria em São Paulo e o restante seria enviado à França. Dina Lévi-Strauss ficou quase cega quando estudava os costumes dos índios Nhambiquaras por conta de uma conjuntivite purulenta e retornou antes dos outros expedicionários para tratar-se.⁶¹

Dina pode não ter assumido um papel de destaque na história da antropologia, mas também não era uma desconhecida. Publicou um livro sobre “Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural (1936)”, além do trabalho de campo que realizou, mencionado nos parágrafos acima. Foi professora da Universidade de Paris e trabalhou no Museu do Homem (Corrêa, 1995: 110). No entanto, sua trajetória na disciplina antropológica foi condicionada pela notoriedade que recebeu o trabalho de Claude Lévi-Strauss.

No período entre os anos finais do século XIX e os anos 1940 do século XX, a associação do feminino à história das ciências esteve intimamente relacionada a essas duas categorias - as mulheres esposas e as não esposas - o que, na verdade, só marcava mais ainda a excepcionalidade da situação de mais mulheres estarem presentes nos ambientes científicos (Corrêa, 1995). Segundo Corrêa (2003: 24), as mulheres estrangeiras que vinham ao Brasil estavam majoritariamente enquadradas em duas situações principais: “ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem malvistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens”.

Resgatamos esta discussão para enfatizar que, apesar das mudanças que já haviam ocorrido em relação ao século XIX, nas primeiras décadas do século XX as mulheres ainda precisavam quebrar muitas barreiras socialmente estabelecidas para conseguirem concretizar seus trabalhos em ciências. Além disso, enfrentavam e enfrentam até hoje problemas com notoriedade e autoria científica. No caso das esposas de cientistas, assistentes, colaboradoras ou pesquisadoras, se mudam seus nomes ao se casarem acabam correndo o risco de terem suas trajetórias científicas incorporadas apenas como um papel secundário no trabalho de seus maridos.

⁶¹ CFE.T.2.054, MAST-RJ, *Jornal do Commercio*, RJ, 15/01/1939, doc. 760.

1.5 – A Expedição astronômica e a comitiva feminina: O protagonismo feminino na astronomia

Como Margaret Rossiter (1982) apontou, a astronomia era uma ciência bastante feminina no início do século XX. A grande necessidade de cálculos minuciosos abriram este campo de trabalho para as mulheres que geralmente eram contratadas para fazer trabalhos mais repetitivos e cotidianos, mas que demandavam muita atenção, como essa parte braçal dos cálculos matemáticos, tanto na astronomia como nas ciências da computação.

Entre os casos que levantamos no CFE, dois são de expedições que vieram ao Brasil fazer observações astronômicas e em ambos os casos temos um exemplo do que Margaret Rossiter apontou: uma grande presença feminina nessa prática. As duas expedições eram provenientes dos Estados Unidos. A primeira, em 1940, era composta por um grupo grande entre o qual estavam duas mulheres, Dr. Alice Farnsworth e a Sra. Margaret Smiley, cujo nome de solteira era Margaret Kendall Holbrook. Ambas haviam estudado astronomia e possuíam pós-graduação na área. A segunda expedição, de 1947, era formada por oito pessoas dentre as quais seis eram mulheres. Isso chamou nossa atenção, pois uma expedição majoritariamente feminina era um acontecimento incomum naquela época e também a única que encontramos nos documentos pesquisados no CFE.

Margaret Smiley era esposa do também astrônomo Charles Hugh Smiley e, apesar de ser uma das cientistas da expedição responsável por parte das funções de pesquisa, seu nome nunca é citado nos documentos do dossiê. Sempre que referem-se a sua presença ela é mencionada como a ‘Sra. Charles Hugh Smiley’, o que acaba ocultando de certa forma a sua participação, já que nem seu nome próprio aparece nos registros da expedição. Margaret foi transformada em uma espécie de extensão de seu marido, um time que trabalhava em conjunto e que ficaria com todo o renome e história associados somente ao protagonista masculino. As mulheres solteiras que fizeram parte dessas expedições pelo menos tiveram seus nomes citados e, até encontrarmos referências sobre o trabalho que Margaret Smiley havia feito antes de se casar, não tínhamos certeza nem mesmo se ela era cientista da expedição ou se somente acompanhava o marido nas viagens.⁶²

⁶² A referência encontrada foi o trabalho: Holbrook, Margaret K. “Elimination of Parallax as a Factor in the Determinateness of the Orbit of Minor Planet 1900 G.A.”, University of California, 1927.

Em um recorte de jornal guardado junto ao dossiê da primeira dessas expedições, a de 1940, conseguimos informações sobre as instituições as quais os cientistas eram vinculados. Era um grupo de nove pessoas, dos quais seis representavam a *National Geographic Society*, dois eram da Universidade de Brown (o casal Smiley) e a nona, Dr. Alice Farnsworth, era professora do *Mount Holyoke College*, tradicional Universidade de educação exclusivamente feminina nos Estados Unidos (Rossiter, 1982). A Dr. Alice Farnsworth era a cientista mais renomada da expedição e sua reputação no campo dos estudos astronômicos já era amplamente conhecida.

The Embassy of the USA presents its compliments to the Ministry of Foreign Affairs and with reference to its note n. 576 of August 24, 1940, requesting a permit for a scientific expedition headed by Dr. Charles Hugh Smiley, Associate Professor of Astronomy at Brown University, to observe the solar eclipse of October 1, 1940, has the honor to inform the Ministry that in addition to Dr. Smiley, Mrs. Smiley and Mr. Arthur A. Hoag, mentioned in the note under reference, Dr. Alice Hall Farnsworth, Professor of Astronomy at Mount Holyoke College, will also be a member of the expedition.

The expedition expects to reach Pernambuco early this month and will proceed from there to observation sites in the States of Pernambuco and Parahyba [sic]. It would be appreciated, therefore, if the Ministry would authorize the expedition to operate in both of the states mentioned. In view of the short time before the arrival of the expedition in Pernambuco, it would be greatly appreciated if the Ministry would be good enough to expedite the issuance of the necessary permit.

*The Embassy of the United States of America, RJ, September 5, 1940.*⁶³

O pedido era para observar um eclipse solar previsto para primeiro de outubro daquele ano, nos Estados de Pernambuco e Paraíba. Bertha Lutz, na época vice-presidente do CFE, foi quem assinou o ofício enviado ao Ministério das Relações Exteriores concedendo permissão para a licença ser dada ao Dr. Charles Hugh Smiley. A permissão para a participação da Dra. Alice Hall Farnsworth foi dada logo em seguida, já que foi solicitada separadamente do resto da expedição algum tempo depois.

Na segunda expedição, em 1947, alguns integrantes desse grupo retornaram ao Brasil. A Dra. Alice Hall Farnsworth não fazia mais parte do grupo, mas o casal Charles Hugh Smiley e Margaret Smiley requisitava a licença novamente e, desta vez, a expedição era formada majoritariamente por mulheres. No requerimento de licença, os nomes foram escritos da seguinte forma:

⁶³ CFE. T. 2. 167, Acervo do CFE, MAST-RJ, doc. 139.

A expedição científica é composta dos seguintes membros:

Dr. Charles Hugh Smiley
Senhora Charles Hugh Smiley
Professor Walter L. Moore
Senhorinha Mary Quirk
Senhorinha Wilhemina Null
Senhorinha Maribelle Cormack
E dois observadores técnicos.

A forma como são referenciadas as mulheres da expedição, todas chamadas de “Senhorinha”, indicava o estado civil delas e Margaret Smiley novamente teve seu nome ocultado pelo nome do marido no requerimento. Isto poderia ser um detalhe insignificante, mas quando buscamos entender de forma mais ampla como as carreiras dessas mulheres se constituíam, isso acaba sendo uma particularidade bastante importante, porque sua condição de esposa do cientista que assumia a liderança da expedição acabou fazendo com que seu nome desaparecesse, assim como a autoria científica que poderia lhe ser creditada em algum momento. Com seus traços mais pessoais apagados, no caso o próprio nome, torna-se mais difícil reconstruir os passos de sua carreira.

A ocultação de seu nome é reproduzida tanto pela documentação brasileira, do CFE, quanto pelo ofício enviado pela Embaixada dos Estados Unidos:

The embassy of the United States of America presents its compliments to the Ministry of Foreign Affairs and has the honor to inform the letter that the Department of State in Washington, D.C. has notified the Embassy that Dr. Charles Hugh Smiley, Professor of astronomy of Brown University, Providence, Rhode Island, plans to visit Brazil for the purpose of observing the eclipse of the sun on May 20, 1947.

It is expected that the Brown University Expedition to be led by Dr. Smiley, will consist of eight persons, to include Dr. Smiley, Professor Walter L. Moore of the university of Louisville, Kentucky, Mrs. Smiley, formerly an instructor in Astronomy at Wellesley College, Miss Mary Quirk, a mathematics teacher in East High School, Pawtucket, Rhode Island, Miss Wilhemina Null, a science teacher at Candace Street School, Providence, Rhode Island, Miss Maribelle Cormack, in charge of educational work at the Park Museum, Providence, Rhode Island, and two other persons, expert observers for whom places are being held open but whose names are not in the possession of the embassy. The expedition wishes to carry out its observations at Araxa where reservations have been made at the Araxa Hotel (Grifo nosso).⁶⁴

Esse dossiê ainda tem a particularidade de guardar informações mais precisas sobre cada uma das mulheres da expedição, já que no ofício enviado pela embaixada americana a profissão de cada uma delas é informada e mais alguns detalhes são expostos, como pode-se observar no

⁶⁴ CFE. T. 2. 167 (segunda pasta), MAST-RJ, doc 156.

trecho transcrito acima. A importância da expedição também pode ser mensurada pelo respaldo da embaixada e pelo tipo de documentação produzida. Em todos os dossiês analisados são raros os documentos que trazem tantos detalhes dos integrantes da expedição e do tipo de trabalho que seria realizado.

Os documentos oficiais produzidos por esse evento e as autoridades envolvidas demonstram todo o apoio institucional que o grupo possuía, o que pode ser associado à importância das universidades e pessoas envolvidas, ao grau de mérito científico que era dado a esse trabalho e à expedição.

Na descrição das atividades das mulheres vemos que todas eram da área de ciências exatas. Margaret Smiley é citada como “antiga instrutora em Astronomia na Universidade *Wellesley*”, uma instituição exclusiva para mulheres e que fazia parte das “sete irmãs” americanas, um grupo de sete universidades de alto nível nos Estados Unidos, todas exclusivamente femininas, assim como o *Mount Holyoke College*, instituição onde trabalhava a Dra. Alice Hall Farnsworth (Rossiter, 1982).

As outras eram professoras de escolas de ensino médio e fundamental, uma de matemática, Miss Mary Quirk, uma de ciências, Miss Wilhemina Null, e uma educadora que trabalhava em um museu, Miss Maribelle Cormack, (Park Museum, Providence, Rhode Island - Museu de História Natural).

Apesar do grupo ter integrantes de diversas instituições, a expedição ocorreria sob os auspícios da Universidade de Brown e o trabalho pretendido era observar um eclipse solar que aconteceria em 20 de maio de 1947. Essas observações seriam feitas na cidade de Araxá, em Minas Gerais. Junto com o pedido de licença, o grupo enviou um plano da expedição que explicava qual era a função de cada integrante do grupo na viagem. Os dois homens da equipe eram os líderes, o que não é nenhuma surpresa, e as mulheres vieram para cumprir as funções mais minuciosas do trabalho. No plano da expedição, reproduzido logo abaixo, aparecem as descrições da especialidade de cada membro que ajudam a entender como esse grupo funcionava:

*The Brown University-Skyscrapers
Eclipse expedition of 1947*

For the sixth time in sixteen years, the Skyscrapers of Rhode Island are cooperating with Ladd Observatory of Brown University in sending an expedition to observe a solar eclipse. It is planned to send a party to Araxa, Brazil, to observe the total solar eclipse of May 20, 1947. The purpose of this letter is to inform you of the plans.

The personnel of the expedition

The professor of the expedition will be Professor Charles H. Smiley, Chairman of the Department of Astronomy of Brown University. Dr. Smiley is a well-know authority on eclipses, is in fact, a member of the Commission on Eclipses of the international Astronomical Union. He is now President of the American Association of Variable Star Observers and a Member of the Council of the Institute of Navigation.

The assistant director will be professor Walter L. Moore of the university of Louisville, Kentucky. He will be in charge of the cameras, photometers and other instruments. Dr. Moore is an enthusiastic observer of sun-spots, owns a twelve-inch reflecting telescope. He is a member of the American Association of Variable Star Observers and in recent years has taken an active interest in the amateur astronomers of Kentucky.

Mrs. Charles Hugh Smiley, formerly an Instructor in Astronomy at Wellesley College, will be in charge of the observing program. She holds an M.A. degree in Astronomy from the University of California, and has made several reflecting telescopes.

Miss Mary Quirk, a mathematics teacher in East High School, Pawtucket, R. I., will take charge of the mathematical reductions, in particular, the determination of the precise longitude and latitude of the observing site. She receive the M.A. degree in mathematics at Brown University in 1939. She has specialized in mathematical astronomy and has computed the paths of several comets.

Miss Wilhemina Null, a science teacher at Candace Street School, Providence, R. I., and a graduate of R.I. College of Education, will be responsible for the arrangements for communications in Brazil. She has made a reflecting telescope and has taught astronomy for a number of years.

Miss Maribelle Cormack, in charge of educational work at Park Museum, Providence, R.I, and the author of several successful books for young people, will keep the records of the expedition. She received the M.A. degree from Brown University in 1928.

Except for dr. Moore, all member of the party were with the Brown University-Skyscrapers Expedition to Roblin, Manitoba, Canada, to observe the solar total eclipse of July 9, 1945. Altogether, the six members have travelled to observe a total of fourteen cebral solar eclipses. Two places in the party are being held open for other expert observers it is hoped will be able to join the group. The feminine members of the party have been studying Portuguese during the past year, and for 3 months all of the group have been practicing in the use of the visual photometers and cameras.⁶⁵

A primeira coisa que nos chamou a atenção neste documento foi a descoberta de que o mesmo grupo já havia viajado junto em outras expedições científicas. Era um grupo de pesquisa consistente e produtivo, formado em maioria por mulheres, que viajava por várias regiões buscando os melhores lugares para realizar suas observações astronômicas. No âmbito dessa pesquisa, não foi possível encontrar outros casos de expedições que incluíssem majoritariamente mulheres na primeira metade do século XX.

O grupo era conhecido com “*The Skyscrapers of Rhode Island*” e pela sexta vez viajavam em parceria com a Universidade de Brown para observar um eclipse solar. O documento ainda informa que o líder da expedição, Professor Charles H. Smiley, era também o presidente do

⁶⁵ CFE. T. 2. 167 (segunda pasta), MAST-RJ, doc. 159.

Departamento de Astronomia dessa universidade e sua esposa, Margaret, possuía mestrado em astronomia pela Universidade da Califórnia e sabia como construir telescópios refletores.⁶⁶

A professora de matemática, Senhorita Mary Quirk, era a encarregada pelo trabalho das reduções matemáticas, especialmente a determinação precisa da latitude e longitude do local de observação. Mary Quirk também possuía um mestrado pela Universidade de Brown, título obtido em 1939. Era especialista em matemática astronômica e já havia trabalhado no rastreamento de outros cometas.



Figura 2 - Mary Quirk com o telescópio, Charles H. Smiley e Margaret Smiley.

Fonte: Livro comemorativo dos 75 anos dos Skycrapers (<http://www.theskyscrapers.org>)

As outras duas mulheres também tinham experiência na área de astronomia. Wilhemina Null, professora de ciências, seria a responsável pelos arranjos de comunicação no Brasil, já havia construído um telescópio refletor e trabalhou como professora de astronomia por muitos anos. Maribelle Cormack, que cuidava do setor educacional no museu “*Park Museum*”, era

⁶⁶ São telescópios ópticos que usam uma combinação de espelhos curvos e planos para refletir a luz e formar uma imagem.

autora de vários livros bem sucedidos para jovens e iria produzir os registros sobre a expedição. Tinha também um mestrado pela Universidade de Brown, obtido em 1928.

Das quatro mulheres que participavam da expedição três tinham mestrado e todas tinham experiência em astronomia. Os integrantes do grupo já haviam viajado juntos outras 14 vezes para observar eclipse solares. As mulheres do grupo estudaram português por um ano antes de virem ao Brasil e todos realizaram treinamentos com fotômetros e câmeras para poder utilizar esses instrumentos durante a expedição.

A expedição era promovida pelo “*Ladd Observatory*”, observatório astronômico da Universidade de Brown fundado em 1891. O Dr. Charles Smiley foi um dos mais importantes diretores da instituição, posição que assumiu em 1938. Foi também quem fundou, em 1932, o grupo “*The Skyscrapers*” (*Amateur Astronomical Society of Rhode Island*), que passou a acompanhá-lo em suas expedições para estudar eclipses solares pelo mundo todo.⁶⁷

Estudos mais recentes sobre práticas científicas tem se esforçado em recuperar trajetórias de pessoas que normalmente posicionavam-se nos bastidores das ciências (Pang, 1996). A história das mulheres nas ciências passa pelos espaços da assistência, do trabalho repetitivo e técnico, indiscutivelmente. Habilidades consideradas tradicionalmente femininas como minúcia, cuidado e organização da sociabilidade, foram incorporadas às necessidades da pesquisa científica. A astronomia exigia projetos de longo prazo, com necessidade de inúmeros cálculos, análises de fotografias e desenhos astronômicos, e pessoas para catalogar todas essas informações (Schiebinger, 2001). Nos Estados Unidos, essas atividades foram comumente preenchida por mulheres:

In astronomy, as Margaret Rossiter has shown, the creation of big instruments and long-term research projects generating massive amounts of data created a demand for computers, plate-measures, and cataloguers. In America, this became defined as ‘women’s work’, and observatory departments were dominated by women, most famously at the Harvard College Observatory. Since nineteenth-century observatories were highly stratified institutions, it should come as no surprise that gender divisions should emerge in this way. Social control within the observatory was seen as a way of assuring the precision of work done by astronomers and staff (Pang, 1996: 20).

Pang (1996) ainda diz que a tradição de observatórios serem construídos em locais isolados provocava a formação de pequenas comunidades de astrônomos e suas famílias nesses locais. Isso fez com que as mulheres se envolvessem na disciplina, se não como cientistas

⁶⁷ <http://www.theskyscrapers.org/75>

propriamente, como organizadoras do ambiente que proporcionava a criação e o trabalho necessário. Casais de astrônomos, como no caso que encontramos na documentação do CFE, eram comuns. A autora cita o exemplo de Elizabeth Campbell, esposa de William Campbell, que administrava junto com ele o observatório “*Lick*”, na Califórnia, no final do século XIX e início do XX. Além da vida no observatório, Elizabeth também administrou muitas viagens de campo e deixou suas memórias registradas em um diário. Essa cultura da astronomia proporcionou oportunidades para as mulheres se inserirem no meio. Também o treinamento científico e experiência de trabalho anterior ao casamento, características das esposas de muitos astrônomos, facilitava a integração delas nas pesquisas, nas viagens de campo e sua contribuição com o trabalho, como no caso de Margaret Smiley.

Após a licença do CFE ser concedida para a expedição dos *Skyscrapers*, um novo ofício da Embaixada dos EUA foi enviado informando a presença de mais três pessoas na expedição, entre elas mais duas mulheres. Senhor e senhora Donald S. Reed, e uma ex-professora do observatório *Ladd*, Senhorita Miriam Jolley. A presença dessa expedição no Brasil é mais um indício da grande presença de mulheres trabalhando na área de astronomia na primeira metade do século XX.

1.6 – A geóloga Alice Sumner Greene

Levando em conta os registros que encontramos no CFE, a geografia e a geologia não eram as áreas que mais atraíam mulheres às expedições científicas. Foram levantados somente dois nomes nesta documentação. Muitas mulheres estiveram presentes na área de geografia nos EUA, no início do século XX. No artigo escrito por Monk (2004), argumenta-se que apesar de várias mulheres terem se formado nessa área, poucas conseguiam empregos em universidades, sendo mais comum trabalharem em departamentos do governo, colégios para formação de professores, escolas ou faculdades exclusivamente femininas. Outra questão que aparece neste trabalho e que já foi levantada também por Schiebinger (2001) é o de que na década de 1930, de modo geral, houve um avanço do conservadorismo em relação à situação profissional das mulheres nos EUA, que haviam conquistado direitos e espaço profissional nas duas décadas anteriores. As conquistas estavam relacionadas a inúmeros fatores, como o avanço industrial, os

movimentos feministas, a ampliação da educação para as mulheres e, na década de 1930, com o avanço de doutrinas conservadoras nacionalistas esse processo enfrentou uma estagnação.

Monk (2004) ainda diz que, nas primeiras décadas do século XX, as universidades americanas almejavam contratar homens jovens e bem treinados ao invés de qualquer mulher que se candidatasse, e só no caso de não existir um candidato com esse perfil é que elas teriam alguma chance de conseguirem uma vaga.

A geóloga norte-americana Alice Sumner Penha foi a única de quem obtivemos dados concretos, já que a outra expedicionária que dizia-se geóloga, Sra. Steen, deixou pouquíssimos registros e uma impressão pouco compreensível quanto aos objetivos de sua expedição. Em 1936, chegou no CFE a informação de que esta Sra. estava excursionando pelo interior de Goiás. Uma notícia sobre o assunto foi publicada por um jornal brasileiro e guardada junto ao seu dossiê no CFE. Dizia o seguinte:

A caçadora

Depois do Barão de Sampierri, Miss Steen.

Os leitores lembram-se daquele fidalgo francês que no ano passado andou por aqui e foi até Goiás, a pretexto de fazer turismo e obter filmes cinematográficos. Verificou-se porém que ele só ia tão longe a fim de apanhar animais bravos e de espécies raras, que conduziria para a Europa afim de vendê-los para os Jardins Zoológicos e para os circos internacionais. Mais ainda: o barão riscou vários mapas geográficos e conseguiu diversos levantamentos topográficos, visando as comunicações entre São Paulo, Minas e Goiás. Para que? Não se soube ao certo. Havendo, porém, leis e regulamentos que ele desrespeitara, a Diretoria de Caça e Pesca o deteve e aprendeu o que lhe não era lícito carregar. O fidalgo, indignado, tocou-se para Paris, onde falou mal do Brasil e dos brasileiros.

Agora é uma certa Miss Steen que acaba de chegar a capital goiana. Não é a primeira vez que por lá aparece. É a segunda. Ela diz que é caçadora e ama estudar o hinterland. E que também é turista.

A verdade, entretanto, é que na sua bagagem conduz vários aparelhos para observações geográficas. Também dedica-se ao esporte de levantamentos topográficos. Tem comitiva, no meio da qual se destacam técnicos misteriosos.

Pode não ser nada, mas não era de todo absurdo que o governo indagasse de Miss Steen quais são os seus intuitos na excursão dispendiosa que realiza pelos sertões de Goiás.⁶⁸

Chamada a prestar esclarecimentos a Sra. Steen compareceu à delegacia de polícia em Goiás e alegou que não estava realizando uma expedição científica e que sua viagem devia-se apenas a motivos particulares. Disse não saber da necessidade de licença para realizar tal incursão e que queria desfazer qualquer mal-entendido. Seguiria para o Rio de Janeiro, de onde voltaria para os EUA. Não existem outras informações sobre o caso no dossiê do CFE.⁶⁹

⁶⁸ Correio da Manhã, 27/10/1936. CFE.T.2.077, MAST –RJ

⁶⁹ CFE.T.2.077, MAST –RJ

Alice Sumner Penha, como assinava seu nome na época, veio sozinha ao Brasil. Era a única responsável pela expedição que tinha como objetivo estudar, filmar e fotografar as principais minas de pedras preciosas nos Estados de Minas Gerais e da Bahia. Segundo o pedido de licença enviado ao CFE, a expedicionária também pretendia reunir material para estudo microscópico e para a realização de conferências em universidades nos Estados Unidos.

A licença lhe foi concedida e o parecer dos conselheiros justificava a permissão levando em conta que o objetivo apresentado de realizar uma série de conferências “convenientemente documentadas, proferidas em um ambiente cultural amplo, versando tema de importância, ao mesmo tempo científica e econômica”, proporcionaria sem dúvidas, “vantagens, não só a ciência, como particularmente ao renome de nosso País.” Diziam ainda que, tratando-se de cidadã norte-americana, existiam imposições de ordem científica e razões diplomáticas para que a licença fosse aprovada.⁷⁰

Em 1941, os jornais brasileiros Diário da Noite, O Jornal e o Diário de Pernambuco anunciaram a visita de Alice Sumner Penha ao país. O título da notícia publicada no jornal carioca Diário da Noite era: “Vem ao Brasil uma expedição chefiada por uma mulher”. O texto informava que o CFE havia recebido, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, um pedido da embaixada dos Estados Unidos para permitir que entrasse no Brasil a expedição realizada pela Senhora Alice Penha, que desejava estudar “nossa riqueza mineral”.⁷¹

Michael Penha foi um de seus maridos, músico holandês de quem adotou o sobrenome que usava no momento em que teve sua expedição registrada pelo CFE. Seu nome de solteira era Alice Sumner Greene.⁷² Particularidade exclusivamente feminina, a troca de sobrenomes pelo casamento sempre dificulta seguir as pistas dessas mulheres que viajaram pelo mundo trabalhando como cientistas.

Alice teve uma vida bastante agitada e não foi possível encontrar outras pistas sobre a continuidade de seus trabalhos em geologia após a expedição que fez no Brasil. Segundo os registros de sua família, ela veio pelo menos duas vezes ao país, também passou um tempo na

⁷⁰ CFE.T.2.186. MAST-RJ, doc. 974

⁷¹ CFE.T.2.186, MAST –RJ

⁷² Agradeço imensamente à Virginia Hayles, prima de Alice Sumner Penha, todas as informações pessoais obtidas sobre esta expedicionária. Em meio a sua pesquisa para escrever um livro sobre a própria família, a Sra. Hayles reuniu várias informações sobre Alice que, distante na idade e sempre envolvida em viagens a lugares longínquos, não teve uma relação direta com ela, mas deixou várias impressões e histórias que sobreviveram nas conversas e relatos da família, na tradição oral, até serem escritas por Virginia Hayles que gentilmente cedeu esse material ainda não publicado - "Unpublished manuscript, copyrighted May, 2014, Virginia Hayles, Carmel, CA, USA".

Argentina, além de outras viagens que fez acompanhando seu marido pianista, Michael Penha. Casou-se quatro vezes, teve duas filhas do primeiro casamento com Calvin Winch Bates e quando faleceu residia na Inglaterra, país do qual se tornou cidadã.

Filha de Charles Sumner Greene e Alice Gordon White Greene, Alice nasceu no ano de 1905 em Pasadena, Califórnia. Filha do meio, era a terceira entre cinco irmãos, dois homens e duas mulheres. Seu pai era arquiteto e trabalhando junto com o irmão, Henry Mather Greene, se tornaram famosos na Califórnia desenhando casas e prédios comerciais, mais ou menos entre 1893 e 1930, quando fecharam o negócio devido à grande depressão de 1929 que acometeu os Estados Unidos.⁷³

Em companhia de seus irmãos mais velhos Alice Sumner frequentou a Escola Politécnica de Pasadena. Aos 12 anos se mudou com a família para Carmel, onde foi estudar na pequena escola pública do local. Quanto a sua formação em geologia não foi possível descobrir aonde ocorreu, mas nas cartas que enviava para a família várias menções foram feitas sobre suas tentativas de trabalhar como pesquisadora nessa área.

Em 1925, Alice casou-se com seu primeiro marido, Calvin Winch Bates, em uma pequena cerimônia realizada no estúdio da família Greene, em Carmel. Calvin era nove anos mais velho do que ela e trabalhava vendendo materiais de construção. Juntos, após o casamento, compraram uma fazenda em Lakeport, na Califórnia, e tiveram duas filhas, Grace Bates e Bettie Bates.⁷⁴

Alguns anos depois, em 1932, o músico holandês Michael Penha apareceu na cidade de Carmel junto com seu quarteto para realizar apresentações. Penha era considerado um violoncelista de muito talento e já havia visitado a América do Sul em uma turnê no ano de 1914, quando tocou nas principais cidades do continente. Em 1933, Alice separou-se de Calvin Bates e casou-se com Michael, adotando o nome “Penha”.

As informações que pudemos encontrar sobre sua vida se tornam um pouco confusas nos anos seguintes a sua separação e segundo casamento. Sabemos que algum tempo depois da nova união, ela abriu mão da guarda das filhas e passou a realizar algumas viagens em companhia de seu novo marido. As filhas passaram um tempo com a família dela, na cidade de Carmel. A irmã mais velha de Alice, Bettie, que nunca teve filhos, levou as sobrinhas para lá. Em uma carta de

⁷³ Informações sobre a família Greene podem ser encontradas no arquivo virtual “Greene and Greene Virtual Archives” (<http://www.usc.edu/dept/architecture/greeneandgreene/>).

⁷⁴ Lewis, Betsy Bates. *Sowing Seed – A Bates and Belknap Blend... with a sprinkling of Munroe and Morse*, Copyright by Betsy Bakes Lewis, 2005.

julho de 1937 escrita pelo tio de Alice, Henry Greene, ao pai dela, Charles Greene, ele conta que havia a encontrado em Pasadena pouco antes de embarcar em uma viagem a Londres:

*[...] I can imagine your interest in having Lala's [Alice Sumner] girls there with you for a time. It is nice for you and for them too. The freshness of these Young lives is exhilarating (sic) to us elders, even if it tires us. It is good if at least one of them is musical. It was good of Bettie to bring them down and give them the thrill of sight seeing. Did she enjoy them, too? [...] I enjoyed seeing Lala the day she came here and she took me to lunch with her. We found much to talk about. I have not heard how her London venture came out, have you heard?*⁷⁵

No ano seguinte, Charles escreveu para o irmão, Henry, contando que Alice e a filha mais velha, Grace, estavam passando um tempo com eles e que logo em seguida Alice seguiria para Wyoming, Estado mais ao Norte dos Estados Unidos, para realizar trabalho de campo em geologia em um curso de seis semanas:

*[...] Just now Lala and Bam [Grace Winch Bates Penha] are with us. Lala is on the way to Wyoming for field work in geology, a six-week course. Bam will stay in Cloverdale for a visit. They leave tomorrow [...]*⁷⁶

Foi em algum momento nessa época que Alice colocou sua filha mais nova, Bettie, para adoção. Bettie foi adotada por uma família de nome “Caldwell” que morava na cidade de Cloverdale, Califórnia. A filha mais velha, Grace, morou com Alice e o novo marido por um tempo, mas foi colocada sob a guarda de um primo de Alice, Henry Dart Greene, até que completasse vinte e um anos de idade.

Em 1941, mais duas cartas da família de Alice referem-se a ela, primeiro quando seu tio diz estar feliz por saber que ela vinha trabalhando bastante e que, com suas habilidades naturais, ela certamente atingiria seus objetivos. Na outra carta escrita também pelo tio, ele se dizia contente por saber que Alice havia voltado sã e salva da última viagem, mesmo que cansada, e por ter conseguido encontrar um lugar para fazer o mestrado, sobre o qual não conseguimos obter mais informações.⁷⁷

⁷⁵ *Family letters, July 13, 1937, from Henry Greene to Charles and Alice Greene, Carmel. "Unpublished manuscript, copyrighted May, 2014, Virginia Hayles, Carmel, CA, USA".*

⁷⁶ *Family letters, June 17, 1940, from Charles Greene to Henry Greene. Idem.*

⁷⁷ "Unpublished manuscript copyrighted May, 2014, Virginia Hayles, Carmel, CA, USA".



Figura 3 - Charles S. Greene, Lelia M. Greene, Alice G. Greene e Alice Sumner Greene, no jardim do estúdio de Charles (da esquerda para direita), 1934

Fonte: The Greene & Greene Archives, University of Southern California Huntington Library, Art Collections and Botanical Gardens

Em 1941, Alice se separou de Michael Penha, informação que aparece em uma das cartas escritas por seu tio, que também menciona as palestras que ela queria fazer, citadas no pedido de licença que enviou ao CFE:

We are also surprised to hear Lala's getting a divorce from Penha. I had thought they were getting on so well together. I hope it is for the best anyway. I hope Lala will be able to make a success of her lectures; as she has a pleasant voice, and good personality, I believe she will. The proposed trip to Brazil does not look to me so good, in such troubled times (WWII); but on the other hand, if it's an exciting adventure, and she gets the information and experience she wants, it will give intense interest for lecture material. I have not seen her two girls since they were small.⁷⁸

Em mais duas cartas, de 1943 e 1944, o tio de Alice menciona novamente suas viagens ao Brasil:

*[...] Have your heard from Lala as to her safe arrival? [...]⁷⁹
[...] It was nice you heard from Lala, too. The experience with the huge snake was surely terrifying. I'd feel better if she was back in the good old U.S. [...]⁸⁰*

As referências as suas viagens continuam a aparecer por mais alguns anos na correspondência da família. Em 1946, o tio diz que a encontrou brevemente e ficou sabendo que Alice estava a caminho do Brasil novamente.⁸¹ E em maio do ano seguinte, registros de entrada e saída dos EUA indicam sua chegada em Nova York, voltando do aeroporto de Buenos Aires, na Argentina. Em 1948, novamente seu nome aparece saindo de Nova York para a ilha de Curacao, no Caribe.⁸²

Segundo informações de sua família, mais tarde, Alice se casou novamente com um homem britânico chamado Victor Tate e juntos eles foram para a Rodésia, atual Zimbábue, na África. E depois ela teria se casado com Rolf Bjorndalen, sobre quem nada se sabe. De acordo com seu irmão mais novo, Thomas Gordon “Did” Greene, Alice morreu na Inglaterra, em 1991, na cidade de Milton Keynes. Havia se tornado cidadã inglesa.

Faltam-nos documentos para reconstruir de maneira mais completa a experiência de Alice Sumner no Brasil e os impactos de suas pesquisas geológicas. No dossiê do CFE referente a sua expedição, existem algumas informações. Um aspecto que chama a atenção é o fato da licença ter sido aprovada levando em conta as relações diplomáticas com os EUA, mesmo que a reputação científica dela não fosse tão conhecida. Isso demonstra a grande influência daquele país na política científica do Brasil na época. Alice também não informou em seu pedido ao CFE

⁷⁸ Letter 9/9/1941 from HMG to CSG, Carmel

⁷⁹ Letter March 4, 1943, from HMG to CSG and Alice Greene

⁸⁰ Letter November 26, 1944, from HMG to CSG and Alice Greene.

⁸¹ Letter, January 4, 1946, from HMG to CSG, Carmel

⁸² Ancestry.com - "Unpublished manuscript, copyrighted May, 2014, Virginia Hayles, Carmel, CA, USA".

nenhum tipo de relação com instituições científicas nacionais, aspecto que geralmente era cobrado dos expedicionários. Alguns nomes de colaboradores apareceram em seu relatório, citado adiante. Também não há referências sobre para onde seriam encaminhadas as duplicatas das coleções reunidas por ela, outra exigência feita a todos os expedicionários.

Um ano após o primeiro pedido, Alice pediu a renovação da licença, mesmo sem ainda ter entregue o relatório sobre a primeira parte de seus estudos. Informou que não havia conseguido terminar a pesquisa sobre pedras preciosas porque durante a expedição foi convocada pelo governo americano a trabalhar para a *Metals Reserve Corporation*, companhia vinculada ao governo dos EUA que se tornou a principal compradora de minérios da América Latina durante a Segunda Guerra Mundial.⁸³ Sem dar maiores explicações sobre essa mudança do trabalho realizado no Brasil, apenas disse que devido a isso precisaria de mais tempo para concluir seu estudos.

Os conselheiros fizeram a ressalva de que ela deveria entregar o relatório e lhe concederam a segunda licença. Depois de conseguir a renovação, Alice enviou o relatório e informou que o material reunido consistia principalmente em filmes sobre as minas que havia visitado. Não mencionou a coleta de amostras.

Continuou o relatório dizendo que esperava conseguir completar sua dissertação sobre pedras preciosas do Brasil antes de voltar aos EUA e citou também os lugares por onde havia passado. Visitou os arredores de Belo Horizonte e filmou minas de ferro em Itabira, de manganês em Lafaiete e de ouro em Morro Velho. Mencionou ter recebido ajuda de dois cientistas, Dr. Lisboa e Dr. Emílio Teixeira, que a levaram até a Escola de Minas de Ouro Preto e a um laboratório em Belo Horizonte, onde analisou rochas de todo o Estado de Minas Gerais.

Foi a Diamantina acompanhada pelo Dr. Newton Andrade e fotografou o trabalho de extração de diamantes na mina Serrinha. Visitou também minas de quartzo na região de Sete Lagoas, onde pôde filmar o trabalho dos mineradores. Disse que as técnicas de extração utilizadas eram parecidas com as que tinha observado anteriormente nos EUA. Estava a caminho de visitar minas de carbono e diamantes nos distritos de Andaraí e Lençóis, quando foi chamada a retornar para o Rio de Janeiro pela *Metals Reserve Corporation*.⁸⁴

⁸³ Eckes Jr., Alfred and Zeiler, Thomas. *Globalization and The American Century*. Cambridge University Press, NY, 2003:112.

⁸⁴ CFE.T.2.186. MAST-RJ, doc. 993/994/995.

Não encontramos outras fontes documentais ou referências bibliográficas sobre o trabalho de Alice Sumner e isso limitou nossa análise sobre sua trajetória científica. A relação com a *Metals Reserve Corporation* é também bastante dúbia, já que ela não explicou ao CFE que trabalho realizava para essa companhia. Através dos dados obtidos com sua família, sabemos que ela veio ao Brasil mais de uma vez realizar expedições e esteve também na Argentina. Sobre sua relação com os trópicos, Alice escreveu aos seus pais em carta datada de 24 de agosto de 1946, dizendo que se sentia melhor aqui e não pretendia voltar a viver nos EUA. Não indicou exatamente aonde estava, mas alguns trechos dessa carta podem ajudar a entender um pouco seus objetivos:

*[...] I am still working for Claudia in her school, but shall stop [...] and then if all else fails shall pack my bag and come home. Though I shall be sorry, for I think I am happier here in foreign land than any other place. If I could only get work that would support me and keep me from worrying. The man in NY finally turned up after a vacation and told me the job was off because of the terrible slump in the stone Market. That plus the failure of Planet to do anything about my film, plus all the other things that happened this year gave me a rough time [...] I am not going to kill myself worrying about become destitute. If I do I do [...] If I am forced to come home I am going to try something that will probably horrify everyone. I am going to try and cross the Bolivian jungle by means of native transport. It will mean weeks of hard work and I may get an arrow in my back, but it will be exciting to do [...] The only trouble is being short of film and low in cash [...] I then will have some good lecturing material and go back to humdrum living until I get enough Money together to go forth and get more material [...]*⁸⁵

Várias informações interessantes aparecem no trecho citado acima e instigam a curiosidade sobre as expedições de Alice Sumner na América do Sul. Referiu-se a um emprego que deixou de conseguir pela queda no mercado de pedras, aos filmes que fez e tentou divulgar, à vontade de viajar pela floresta boliviana. Não temos documentos suficientes para afirmar se Alice estava envolvida no comércio de pedras preciosas, que serviços realizou para o governo americano, se seus filmes ainda permanecem guardados em algum arquivo, se de fato eles foram expostos em conferências geológicas nos EUA ou se concretizou sua viagem pela floresta amazônica como queria fazer. Mesmo com a escassez de fontes institucionais, não resta dúvida de que Alice Sumner realizou expedições pelo Brasil. No entanto, permanecem inúmeras questões sobre a natureza de seus trabalhos e de sua possível contribuição ao conhecimento científico.

⁸⁵ Letter Alice Sumner to Charles Sumner Grenne and Alice Greene, August 24, 1946.

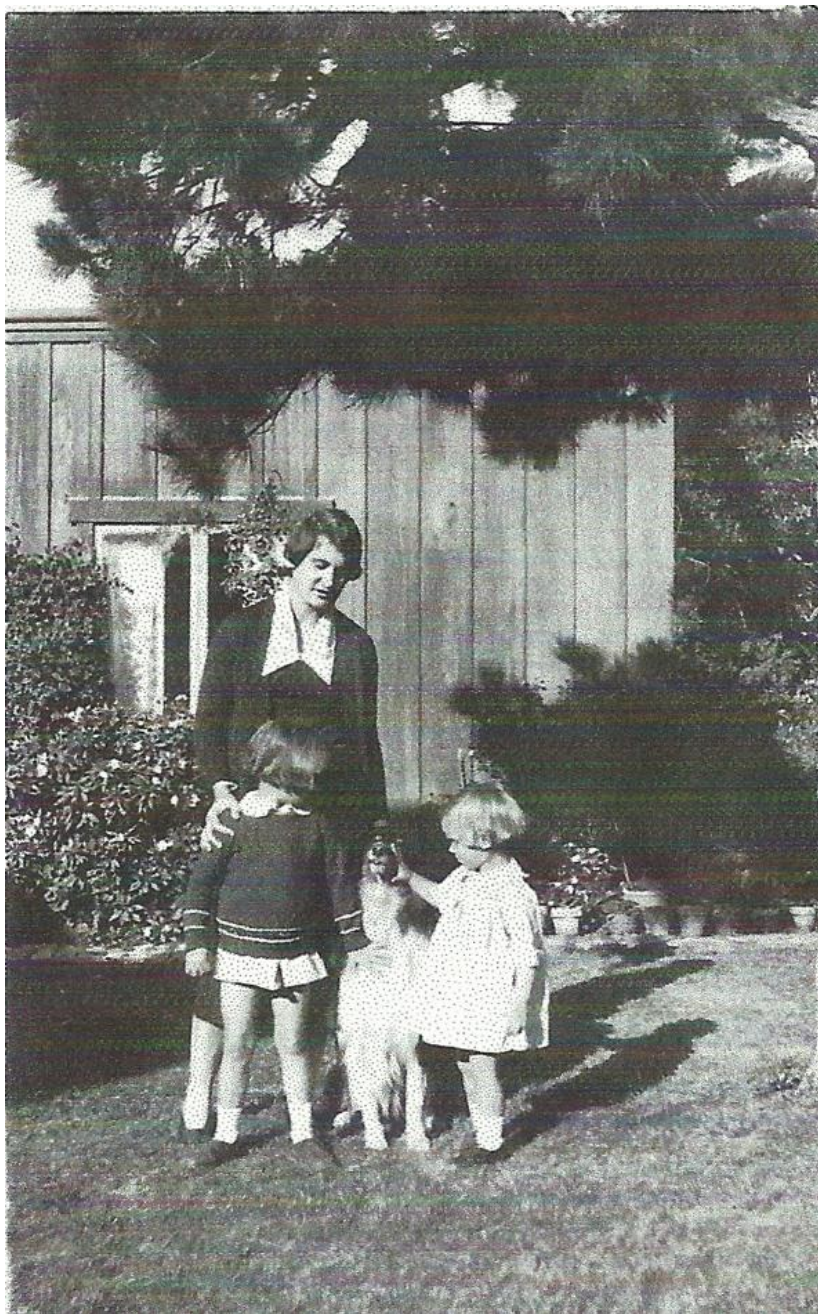


Figura 4 - Alice Sumner e suas filhas Grace e Bettie, Carmel, 1930
Fonte: Virginia Hayles

Capítulo 2 – *Frog Ladies* ⁸⁶

Nos diversos registros deixados pelas expedicionárias encontramos um conjunto variado de informações que incluem desde interesses profissionais, relatos pessoais, arranjos para realizarem as viagens, objetivos políticos, entre outras. O arquivo pessoal de Doris Cochran (1898-1968), guardado no Arquivo do Instituto Smithsonian, em Washington-DC, reúne uma série de correspondências, artigos, manuscritos, desenhos, fotos e inúmeros outros documentos que ajudam a reconstruir sua história, além de um livro não publicado, datilografado, escrito a partir do diário de campo onde registrou as atividades e impressões de sua primeira expedição ao Brasil, em 1935.⁸⁷

No caso de Doris, é possível perceber que a viagem ao Brasil era um desejo longamente cultivado e permeado pelo imaginário do encontro do/a pesquisador/a com uma natureza exótica e cheia de mistérios a serem revelados. Palavras de admiração sobre as paisagens naturais e espécimes, tão diferentes dos que ela conhecia na América do Norte, são comuns em seu diário. Para tornar essa expedição realidade, a amizade com Bertha Lutz e a relação previamente estabelecida com Adolpho Lutz e seu trabalho no Instituto Manguinhos foram fundamentais, assim como o apoio do Instituto Smithsonian que viabilizou a expedição. Foi essa rede de contatos no Brasil, alimentada por anos de trocas de correspondências, que facilitou seu caminho até aqui.

A tradição de manter diários de expedições científicas é antiga e usual entre cientistas. Nesses cadernos eles/elas frequentemente registravam, além de suas anotações de pesquisa, relatos pessoais sobre situações que viveram, descrições de paisagens, pessoas que os ajudavam e com quem se relacionavam e impressões gerais sobre os lugares visitados.⁸⁸ Doris Cochran, por exemplo, incluiu em seu diário detalhes sobre a viagem de navio até o Brasil, assim como descrições minuciosas sobre as coletas que realizou, escreveu muitas páginas com notas sobre o

⁸⁶ Agradecemos à Profa. Dra. Magali Romero de Sá por ter nos cedido cópias da correspondência que possuía entre Doris Cochran e Bertha Lutz. A utilização destes documentos foi fundamental para o desenvolvimento desse capítulo.

⁸⁷ Doris Mable Cochran Papers (1919-1968), RU 7151, Box 2, Folder 1, *Smithsonian Institution Archives*. Enfatizamos neste estudo, principalmente, a análise de seu diário de campo relativo à expedição que realizou em 1935, no Brasil.

⁸⁸ A literatura de viagens já foi amplamente trabalhada no país. Ver, por exemplo: Leitão, 1941; Grupioni, 1998; Lima, 1998; Leite, 2000; Dickenson, 2000; Lopes, 2001; Henson, 2000; Corrêa, 2003; Heizer, 2008; Kury, 2008; Sá, D. e Lima, 2008; Sá, M., 2010; Lopes e Heizer, 2011; Sombrio e Lopes, 2012.

carnaval, as ruas, casas, pessoas e instituições científicas que conheceu no Rio de Janeiro, sobre as outras cidades que visitou, as pessoas que conheceu, etc.

Nas expedições ocorridas nas primeiras décadas do século XX, as instruções de viagem utilizadas por pesquisadores e coletores continuavam seguindo protocolos já estabelecidos para a coleta de objetos naturais desde o século XVIII, quando a orientação às coletas se tornou imprescindível na tentativa de vencer o fator subjetivo do olhar do naturalista, buscando tornar o material o mais homogêneo possível (Sá, 2010:235). Os diários, assim como as publicações, deveriam ser redigidos de forma legível e compreensível para que, no caso de morte do autor, o trabalho pudesse ser continuado por outros cientistas (Kury, 2008:322).

O início da participação de naturalistas viajantes na construção do conhecimento sobre a natureza do Brasil costuma ser situado a partir do final do período colonial e particularmente no século XIX, quando o país se abre mais amplamente aos estrangeiros.⁸⁹ No decorrer dos séculos seguintes, essas expedições ocorreram de diversas formas e as práticas adotadas seguiam as tendências de cada época. Nos séculos XVIII e XIX, muitos protocolos para viagens científicas foram criados, incluindo a padronização internacional de informações sobre história natural, como no sistema classificatório proposto por Lineu, por exemplo (Kury, 2008:322).

No Brasil, o começo do século XX foi um período de forte institucionalização das práticas científicas e as viagens de exploração ocorriam com a participação cada vez maior de cientistas brasileiros. Nesse período, as expedições ainda mantinham características muito próximas daquelas ocorridas no século XIX, mas a partir dos anos 1950, com as mudanças e reformulações nos campos disciplinares ocorridas no decorrer do século XX, aceleração da produção científica e de sua associação com o desenvolvimento tecnológico (em consequência também das guerras mundiais) e práticas de internacionalização cada vez mais abrangentes, o conceito de expedições científicas transformou-se significativamente.

Como ressaltado por Bastos e Sá (2011:1024), as expedições coordenadas por naturalistas europeus ajudaram a preparar o caminho para o crescimento endógeno da ciência brasileira no início do século XX.⁹⁰ Mas não só. Em âmbito nacional, tanto o Museu Nacional quanto o Instituto Manguinhos participaram, entre 1900 e 1920, de várias expedições de mapeamento dos

⁸⁹ Cf. Leitão, C. De Melo. *História das Expedições Científicas no Brasil*, SP, 1941.

⁹⁰ E também por OLIVEIRA PINTO, Olivério Mário de. A zoologia no Brasil. In: Azevedo, Fernando (Ed.). *As ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFRJ. p.109-174. 1.ed., 1955. 1994.

recursos naturais e de levantamento das condições epidemiológicas, antropológicas e socioeconômicas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Ao mesmo tempo, o país assistia também a mudanças na nacionalidade dos grupos que vinham até o Brasil. Cada vez mais expedições enviadas pelos Estados Unidos desembarcavam por aqui, em contraste com a predominância europeia nos séculos anteriores

As atividades de pesquisa no Brasil se mantiveram interligadas com comunidades científicas estrangeiras e, com o passar dos anos, contribuições importantes dos cientistas brasileiros e estrangeiros que realizavam pesquisas no país passaram a ser reconhecidas no campo das ciências naturais e sociais. A contribuição de cientistas viajantes já foi abordada por diversos historiadores brasileiros (Grupioni, 1998; Lima, 1998; Leite, 2000; Heizer, 2008; entre outros) e a recuperação destas trajetórias amplia cada vez mais o nosso conhecimento acerca da história social das ciências no Brasil.

A documentação do CFE mantém registros da passagem de muitos cientistas viajantes que realizaram pesquisas de diversos tipos no Brasil. Entre esses registros, nos deparamos com pedidos de exportação de material zoológico feitos pela cientista norte-americana Doris Cochran (1898-1968).⁹¹ Estes são os únicos documentos sobre Doris no arquivo do CFE, porém, cartas trocadas entre ela e Bertha Lutz, algumas guardadas no arquivo pessoal de Bertha e outras no Smithsonian,⁹² nos levaram a investigar a relação profissional que existia entre elas e permitiram conhecer melhor as pesquisas que Doris Cochran realizou com grande empenho no Brasil. Nestas cartas estão descritas práticas compartilhadas pelas duas, como as pesquisas de campo, o hábito de colecionar plantas e o interesse pelo estudo de anfíbios, especialmente anuros – rãs, sapos e pererecas - e suas respectivas classificações. Documentos guardados no arquivo pessoal de Doris revelaram a importância dessas expedições para o desenvolvimento de sua carreira, produção científica e os inúmeros resultados que obteve a partir dessas viagens de campo.⁹³

De todo o material que coletou deixou duplicatas em instituições brasileiras, entre elas o Instituto Oswaldo Cruz e o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Não existe exemplar de sua licença do CFE no arquivo, provavelmente pelo fato de ter feito a expedição por intermédio de Bertha Lutz que a acompanhou nas excursões e, juntas, coletaram sementes, plantas, bulbos,

⁹¹ CFE.T.2.037, CFE.T.2.393, MAST-RJ

⁹² As correspondências que nos foram gentilmente cedidas pela Profa. Magali Romero de Sá eram também do Arquivo do Smithsonian. Além daquelas, em estágio de doutorado realizado neste Instituto durante o ano de 2013, com apoio do programa PDSE-Capes, foram encontradas outras cartas.

⁹³ Doris Mable Cochran Papers (1919-1968), RU 7151, *Smithsonian Institution Archives*.

mudas e espécimes animais que, mais tarde, foram enviadas a Washington com a autorização do órgão.

Doris Cochran era especialista em herpetologia e veio ao Brasil pela primeira vez em 1935. Além do convite que recebeu de Bertha Lutz para fazer essa viagem, vinha também a serviço do Instituto Smithsonian, onde trabalhava. Dez anos antes, Adolpho Lutz, pai de Bertha, havia visitado o Museu Nacional dos Estados Unidos em Washington-DC e conhecido Doris, que iniciara sua carreira naquele Museu em 1919, quando fora indicada para trabalhar na Divisão de Répteis e Anfíbios junto ao Dr. Leonhard Stejneger, após um período trabalhando no Departamento de Guerra. Trabalhou no Museu até sua aposentadoria, em abril de 1968.⁹⁴

Enquanto trabalhava no Departamento de Guerra e, mais tarde, no Museu Nacional dos EUA (*National Museum*), Doris frequentava a Universidade George Washington no período da noite. Lá recebeu seus títulos de bacharel e mestre em Zoologia, em 1920 e 1921, respectivamente. Também estudou artes e se tornou uma ilustradora científica, não só para si mesma, mas também desenhava para alguns de seus colegas, especialidade que desde os séculos anteriores se abrira para as mulheres (Shteir, 1996). Em 1933, concluiu seu PhD em Zoologia pela Universidade de Maryland. A dissertação que defendeu foi sobre a musculatura do caranguejo azul.

No Smithsonian, Doris avançou em sua divisão tornando-se Curadora assistente em 1927, Curadora associada em 1942 e Curadora em 1956. Conforme Stejneger envelhecia, cada vez mais o trabalho ficava sob a responsabilidade de Cochran e, após a morte dele, em 1943, ela se tornou a Chefe Interina da Divisão e supervisionou os trabalhos até 1964, quando James A. Peters foi apontado como Curador Assistente.

Suas principais áreas de interesse eram répteis e anfíbios da América Central e do Sul. Ela fez duas viagens de campo ao Brasil, em 1935 e 1962, onde trabalhou com Adolpho Lutz e sua filha Bertha Lutz, e visitou também outros países da América Latina, como Haiti e Colômbia. Essas expedições renderam trabalhos importantes para a área, incluindo as publicações: “*The Frogs of Southeastern Brazil*” (1955) e “*The Herpetology of Hispaniola*” (1941). Cochran também viajou para a Europa duas vezes, em 1938 e em 1951, para estudar coleções

⁹⁴ Doris Mable Cochran Papers (1919-1968), RU 7151, Apresentação, p.1, Feb. 20, 1975, *Smithsonian Institution Archives*.

herpetológicas em museus de lá. No decorrer de suas pesquisas, ela nomeou aproximadamente 100 novas espécies e 6 novos gêneros.⁹⁵

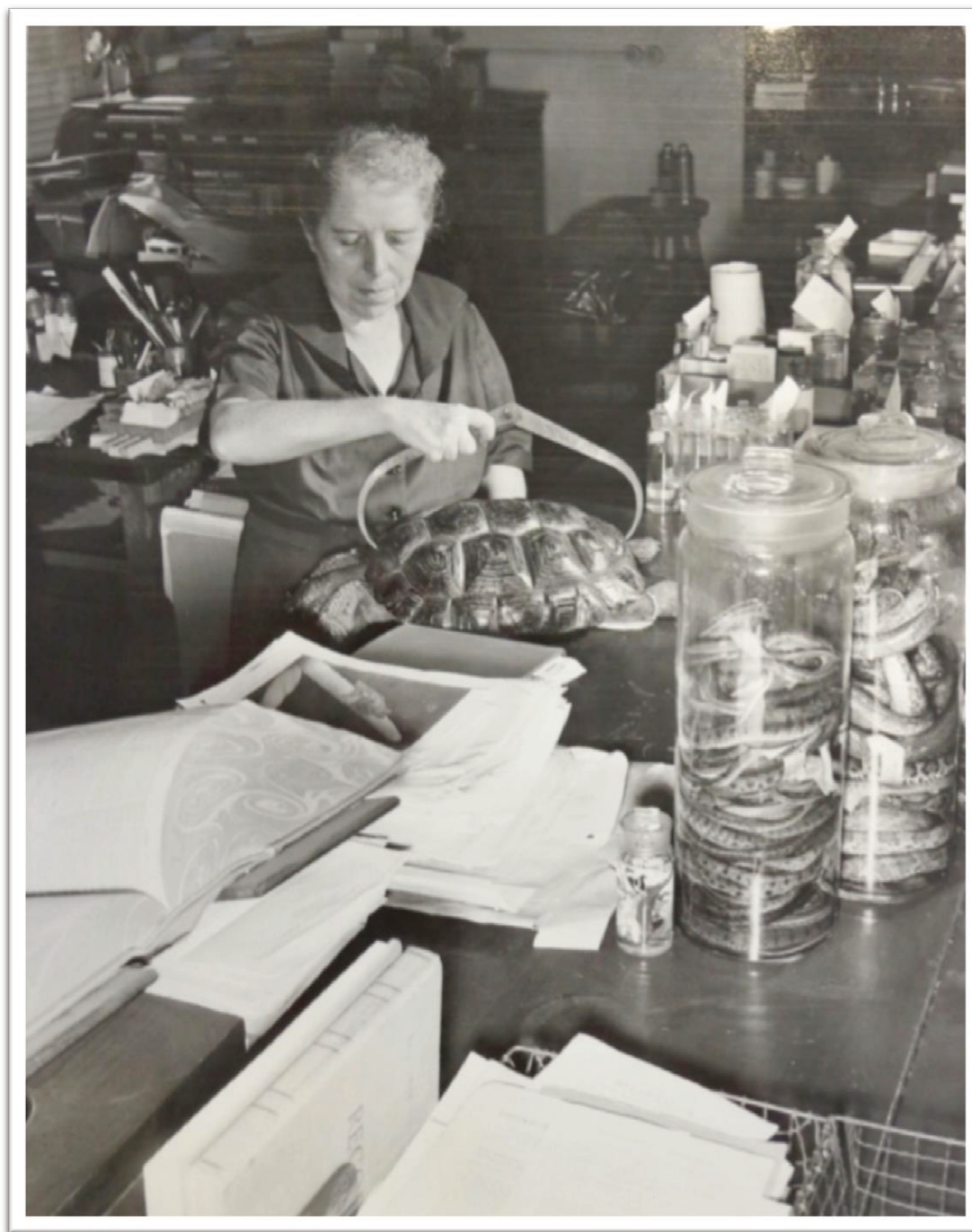


Figura 5 - Doris Cochran

Fonte: RU 7151, Box 1, *Smithsonian Institution Archives*

⁹⁵ Doris Mable Cochran Papers (1919-1968), RU 7151, Apresentação, p.1, Feb. 20, 1975, *Smithsonian Institution Archives*.

Além dos textos científicos, Doris publicou também um grande número de artigos populares e livros sobre herpetologia, o mais importante sendo “*Living Amphibians of the World*” (1961), que foi traduzido para 6 línguas. Ela também concedia frequentemente entrevistas a rádios e falava publicamente sobre répteis e anfíbios em clubes nos EUA.⁹⁶

As muitas reportagens publicadas sobre Doris Cochran em jornais americanos apontam sua fama e o reconhecimento que recebia da comunidade científica dos Estados Unidos. A quantidade de artigos de divulgação publicados sobre ela e guardados em seu arquivo pessoal no Instituto Smithsonian é impressionante. Entre os títulos das notícias, encontramos representações significativas de sua imagem pública e de seu trabalho: “*Frog Lady*” (The American Magazine, August, 1956) “*Snakes Alive! Here’s Woman Who Prefers em That Way*” (Minneapolis Morning Tribune, Nov-2-1953), “*Women Scientist Back With Ton of Specimens*” (Washington Post, Aug-15-1935).⁹⁷

Algumas delas falavam sobre a peculiaridade de sua situação, uma cientista mulher que preferia viajar aos trópicos para fazer pesquisa de campo a aprender as ciências domésticas, como a publicada pelo jornal *Washington Post* em 1953. O texto informava que Doris Cochran era uma das poucas mulheres cientistas no Instituto Smithsonian, assim como uma das únicas que havia sido enviada em uma expedição. Ainda ironizavam dizendo que ela era também uma das poucas que não se importava em brincar com cobras e sapos. A notícia se empenhava em dar um caráter fantástico à expedição, dizendo que ela trabalhara com a coleção do Dr. Adolpho Lutz, mas, apesar disso, saiu a coletar mais exemplares “enfrentando pântanos montados de malária e as infestações de víboras no país das Cascavéis em busca de coletar estranhos batráquios”. Também mencionaram a companhia de Bertha Lutz – “*Brazil’s leading woman scientist and feminist*” – que a acompanhava nas “coletas noturnas”.⁹⁸

É interessante observar nessas reportagens que grande parte de sua fama vinha das pesquisas no Brasil. A expedição ao país causava curiosidade, assim como a escolha pela carreira científica e por estudar répteis e anfíbios. A publicação do livro “*Frogs of Southeastern Brazil*” (1955) foi o resultado dos 6 meses de trabalho de campo e de 20 de anos de classificação e catalogação da informação que reuniu.

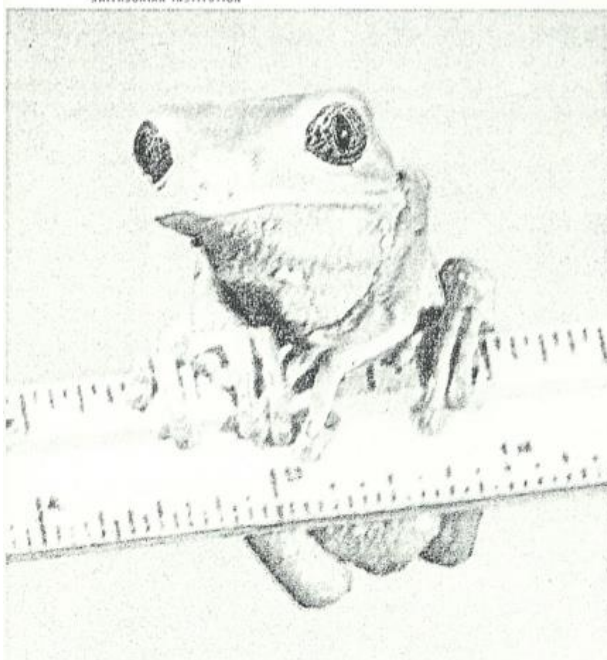
⁹⁶ Idem.

⁹⁷ RU 7151, Box 7, Folders 14-15, *Smithsonian Institution Archives*.

⁹⁸ “*Women Scientist Back With Ton of Specimens*”, *Washington Post*, Aug-15-1935. RU 7151, Box 7, Folder 14, *Smithsonian Institution Archives*. Tradução própria.



A Bolivian toad undergoes expert examination by Dr. Cochran. Below, a Trinidad tree frog from the museum collection



FROG LADY

Ever keep a frog for a pet? If not, you're missing a lot of fun, says Dr. Doris M. Cochran, Hyattsville, Md., who usually keeps a few of the critters jumping around her house. In the United States and Canada, she says, you have 107 different kinds of frogs to choose from. These range from tiny tikes the size of a thumbnail, with cricketlike chirps, to hulking honkers from Southern swamps which can send you running for earplugs. Dr. Cochran should know. As Curator of Reptiles and Amphibians at the U. S. National Museum, Washington, D. C., she watches over 150,000 specimens from all over the world, and probably knows as much about frogs as anybody anywhere. "As house pets, their antics are always amusing," she says. "All they need is a tank, some soil and rocks sticking above the water to climb up on, and plenty of insects and earthworms for food."

From the time she was a small girl Dr. Cochran has had an overwhelming interest in natural history. She attributes much of this to childhood walks with her parents, observing plant and animal life near their home. As soon as she could read she delved into natural history. By the time she went to college she had selected natural science as a career. Her interest in frogs crystallized in 1935, when she was invited to Brazil to continue the studies begun by a Brazilian scientist. The gorgeous rainbow colors of tropical frogs especially appealed to her. Here she saw what she calls the most beautiful frog in the world—a 4-inch-long native of Brazil, pure gold in color.

Frogs are valuable to humans, Dr. Cochran points out. They catch enormous quantities of insects, serve as food for primitive races, and their legs are prized by gourmets. Certain species of toads are one source of adrenalin. The biggest frog in the world, she says, is *Rana goliath* of western Africa, the size of a small dog. One South American kind is dangerous, a vicious fellow, always mad at everybody, which can inflict a painful bite. Frog Lady Cochran has been with the museum since 1919. She never eats frogs' legs. "After all," she says, "I'm really sentimental about these curious creatures."

Figura 6 - Frog Lady

Fonte: The American Magazine, August, 1956

A expedição teve início em 5 de janeiro de 1935, quando Doris Cochran zarpou para o Brasil em um navio saído de Nova Iorque rumo ao Rio de Janeiro. Foi convidada por Bertha e Adolpho Lutz para ir ao Brasil trabalhar com eles por alguns meses. O objetivo principal da viagem seria estudar sapos e rãs do Sudeste brasileiro, pesquisa que ela considerava muito necessária devido à falta de informações sobre estas espécies e escassez de material para estudá-los melhor no Museu Nacional de Washington. Com o intuito de publicar o diário quando retornasse aos EUA Doris o organizou em forma de livro, com capítulos, introdução e apêndices, e deu-lhe o título de “Just a Minute Miss” (ou “Paciencia Senhora”).⁹⁹

Uma apresentação para a obra foi escrita por Alexander Wetmore (1886-1978), ornitólogo e paleontólogo do Museu Nacional do Smithsonian, que foi o responsável por encaminhá-la ao trabalho de coleta no Brasil. Sobre o trabalho de Doris, Wetmore escreveu que o “verdadeiro naturalista interessado em coisas vivas acha sempre inspiração na experiência pessoal em terras estrangeiras e não há campo mais rico do que aquele das localidades tropicais do novo mundo”¹⁰⁰. Duas coisas chamam a atenção na frase: A expressão “verdadeiro naturalista” usada para caracterizar Doris Cochran, que remete às convenções necessárias para que uma pessoa fosse aceita pela comunidade científica e conseguisse replicar suas pesquisas, em um campo integrado por diversos tipos de profissionais, como era o das viagens de exploração, marcando também a excepcionalidade de Doris ao receber tal designação em uma época em que não eram tantas mulheres que conseguiam tamanho reconhecimento; e “acha sempre inspiração na experiência pessoal”, que é basicamente o que foi descrito por ela no diário de campo, essa mistura das experiências pessoais com trabalho, marcante também na trajetória das outras viajantes e que ressalta a indissociabilidade da produção científica e dos contextos sociais vividos por quem produz aquele conhecimento.

No entanto, por motivos desconhecidos, nenhuma das editoras para onde Doris enviou o Diário aceitou publicar o trabalho. Seus inúmeros artigos científicos estiveram presentes em periódicos científicos, jornais e revistas dos Estados Unidos, mas o livro sobre suas experiências no Brasil, feito a partir do diário de campo, não foi bem recebido pelas editoras. As descrições extremamente detalhadas de locais e paisagens e a mistura de nomes científicos e atividades específicas de coleta com uma linguagem as vezes poética de ode à natureza tornam a leitura do

⁹⁹ *Just a Minute, Miss*, by Doris Cochran, s/d, RU 7151, Box 2, Folder 5, *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁰⁰ *Just a Minute, Miss*, op. cit., apresentação. Tradução própria.

diário um pouco maçante. Também a falta de paciência com a rotina que ela desconhecia - que inclusive inspiraram o título de seu texto: “*Just a Minute Miss*” - e a aspereza no modo de falar sobre pessoas locais, músicas, comidas e costumes que ela desaprovava podem tornar seu relato, de certa forma, antipático ao leitor brasileiro. Ela não tinha essa percepção e escreveu na introdução de seu texto que a “energia do temperamento pontual anglo-saxão contrastando com a calma indiferença latino-americana à passagem do tempo poderia finalmente se provar divertida ao leitor”, aliviando o efeito pesado das extensas descrições.¹⁰¹ Algumas passagens são definitivamente mais ofensivas (senão mesmo racistas) do que divertidas.

Para abrir o diário de forma a demonstrar o quão especial era para ela aquela missão, Doris citou a carta oficial que recebeu do Instituto Smithsonian designando-a ao trabalho de coleta no Brasil: “*On or about January 4, 1935, you are instructed to proceed from Washington, D.C. to Rio de Janeiro, Brazil, for the purpose of collecting specimens for the United States National Museum*” - e caracterizou a viagem que se seguiria como uma “aventura real”: “*Such was the official dictum that opened for me the way to a royal adventure!*”¹⁰² O entusiasmo com a viagem é notável em todo o relato. Para Doris Cochran, vir ao Brasil era a aventura de uma vida.

Assim que recebeu o aviso oficial para realizar a viagem, Doris teve um mês para preparar suas coisas e embarcar. Nesse meio tempo, preparou seus equipamentos para coletar espécimes, tomou vacinas contra febre tifoide e varíola, e se preparou para deixar seu laboratório no Museu de História Natural de Washington-DC por vários meses. Na lista dos materiais que levaria na viagem, Doris incluiu coisas como: o equipamento que usaria para coletar sapos, peixes, insetos e plantas, máquinas fotográficas, roupas para coleta, kit de primeiros socorros, materiais para os estudos de laboratório e preservação das coleções.

No primeiro capítulo, falou sobre o percurso transcorrido de navio até o Brasil. Descreveu extensivamente o cotidiano que viveu embarcada e as observações que fez dos “peixes voadores” (*flying-fish*) encontrados durante parte do trajeto para ajudar um colega do aquário de Nova Iorque interessado no assunto - Mr. Breeder - e também para passar o tempo na viagem que durou 13 dias. Suas palavras transparecem a monotonia da longa jornada.¹⁰³

Da chegada ao Rio de Janeiro descreveu com detalhes a paisagem que via e que a deixou bastante encantada. Após ser aprovada pelos serviços de imigração e inspeção sanitária, Doris

¹⁰¹ “*Just a Minute, Miss*”, op. cit, p.1a

¹⁰² “*Just a Minute, Miss*”, op. cit, p.1

¹⁰³ *Just a Minute, Miss*, op. cit, p.4

encontrou Bertha Lutz e um funcionário enviado pela embaixada americana esperando-a no desembarque. O funcionário ajudou-a a ter sua extensa bagagem com os diversos equipamentos necessários à expedição aprovada pela alfândega e lhe deu as boas vindas oficiais em nome da embaixada. Doris escreveu ter ficado muito feliz em encontrar Bertha Lutz, companheira de trabalho e amiga que havia organizado sua estadia no Rio: “*As soon as the gangplank was laid, my friend came on board, and I was awfully glad to see her. She knew the man from the Embassy, and we all three soon disembarked together [...]*”.¹⁰⁴

Bertha havia conseguido para Doris um apartamento no mesmo prédio em que morava, primeiro local para onde foram após a chegada no porto do Rio de Janeiro e lá tomaram café da manhã em companhia de Adolpho Lutz:

*She has engaged Apartment 68 in the same building for me. But before I saw that, she took me into hers and called her father... now 79 years of age; but who hasn't visibly changed since he visited my museum in the United States ten years ago. He seemed equally glad to see me, and was very talkative and cordial. They had not breakfasted yet, so she ordered some for us all, and I began my first meal in Brazil... I could hardly eat for looking at the view from their window, which is on the sixth floor and shows an incredibly superb stretch of Rio harbor [...]*¹⁰⁵

Logo depois, Doris acompanhou Bertha e Adolpho Lutz até o Instituto Oswaldo Cruz para conhecer o local. Surpreendeu-se com a beleza do Instituto e escreveu sobre ilustrações coloridas de sapos, parte do material de trabalho de Dr. Lutz, que considerou os melhores que já havia visto: “[...] *is absolutely the best frog-painting I have ever seen. Then he showed me his collection of preserved frogs, mostly obtained since 1920 when his active interest in them began.*”¹⁰⁶ Descreveu com entusiasmo o verde intenso das árvores que viu pelo caminho, diferente das folhagens do Norte. Foi nesse primeiro dia que Doris conheceu também o homem que ajudava pai e filha a coletarem os anfíbios utilizados em suas pesquisas: O assistente Joaquim Venâncio, muito mencionado nos documentos e correspondências da família Lutz.¹⁰⁷

Joaquim é com certeza uma das pessoas que mais se destaca no diário de Doris. Esteve com ela em praticamente todas as coletas e fazia esse serviço com habilidade magistral.

¹⁰⁴ *Just a Minute, Miss*, op. cit, p.16

¹⁰⁵ *Idem*.

¹⁰⁶ *Just a Minute, Miss*, op. cit, p. 18

¹⁰⁷ Sobre Joaquim Venâncio, ver também: Sá, Magali R. e Domingues, Heloísa M.B. *Entrevista de Esmeraldino de Souza: Bertha Lutz na visão de um técnico aprendiz*. Hist., Ciên. Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 10, n.1, pp. 413-419, 2003.

Apesar de conhecermos seu nome por ter importância reconhecida nas pesquisas de Adolpho Lutz, no Instituto Manguinhos e na obra de Bertha Lutz¹⁰⁸ (Sá e Domingues, 2003; Lopes, 2008b), o diário da viagem de Doris contribui muito para informar mais sobre o trabalho cotidiano de Joaquim Venâncio, mencionando sua participação em vários momentos, deixando nítidas as suas contribuições à pesquisa científica. Pessoas que ocuparam posições coadjuvantes na produção de pesquisas científicas - os técnicos invisíveis no dizeres de Shapin (1989) - por não terem formação ou renome, com também é o caso de muitas mulheres, são por vezes menosprezadas, no entanto, configuram peças fundamentais na compreensão da coletividade e das redes de relações que tornam essas pesquisas possíveis. No dia em que o conheceu, Doris Cochran escreveu: “*Dr. Lutz took me into his laboratory, and there I met the famous black Joaquim, Dr. Lutz’s servant, and ‘the champion frog-catcher of Brazil’, as the doctor himself proudly informed me [...]*”¹⁰⁹

Ao utilizar a expressão “*the famous black Joaquim*”, Doris o identifica como um homem negro e isso marca a diferença da presença dele na narrativa, já que nenhuma das pessoas brancas com quem ela teve contato foram identificadas ou descritas por sua cor, somente as pessoas negras eram sempre descritas como tal.¹¹⁰ Assim como o gênero, implicações de raça também foram transpostas para a instituição científica e responsáveis por excluir pessoas, fazendo com que a participação destes grupos fosse mais limitada. Especialmente neste período, primeiras décadas do século XX, não era comum encontrar um cientista negro, no entanto, é possível encontrar vínculos entre estes diferentes grupos sociais em figuras como a de Joaquim Venâncio, “*the champion frog-catcher of Brazil*”, assistente indispensável nos trabalhos de campo de Bertha e Adolpho Lutz, homem negro que teve participação fundamental na realização daquelas pesquisas, como podemos perceber ao ler o diário de Doris.

Enquanto não poupou elogios aos espécimes naturais que encontrou no Instituto Oswaldo Cruz e no caminho até lá, em alguns momentos as palavras de Doris sobre a população brasileira carregam uma conotação racista e negativa. Essa reação não foge à regra da comunidade científica da época, tanto nos EUA como em outros lugares, já que historicamente os grupos de

¹⁰⁸ Lutz, Bertha. *Brazilian species of hyla*. 1973 - Como já citado por Lopes (2008b), no prefácio desse livro Bertha Lutz agradeceu a colaboração de Joaquim Venâncio e elogiou a perspicácia adquirida por ele no trabalho de campo.

¹⁰⁹ *Just a Minute, Miss*, op. cit, p. 17

¹¹⁰ Bertha Lutz (1973) também fez essa distinção quando escreveu sobre ele no prefácio de seu livro: [...] Joaquim Venâncio [...] Analfabeto, adquiriu uma perspicácia científica e um conhecimento prático de sistemática aliado a um tino pela ecologia animal, que embora individual poderia ter sido proveniente de suas origens africanas” (Citado por Lopes, 2008b).

cientistas foram e são majoritariamente brancos, masculinos e de classe média, inclusive no Brasil. Encontrar essas conotações em suas palavras não é algo surpreendente, muito pelo contrário, é uma característica desses grupos e demonstram quem eram as pessoas que integravam as comunidades científicas da época, suas conotações políticas e ideológicas, e o reflexo de padrões sociais que atualmente gostaríamos de esquecer ou fingir que não existiam. Importante lembrar que, em meados do século XX, os EUA enfrentavam um ápice do conflito racial em seu território, marcado por legislações segregatícias que distinguiram a história do país.

Enquanto voltava para casa em companhia de Bertha e Adolpho Lutz, após sua primeira visita ao Instituto Oswaldo Cruz, Doris observou as pessoas nas ruas e escreveu: *“The people on the streets are not handsome, in fact I have scarcely seen a pretty face since I came. Even those who do not have conspicuously negroid features have either deeply pitted skins, or coarse mouths and noses, or something to spoil them”*.¹¹¹

Comparando essas impressões com as de outras expedicionárias, notamos que esse discurso de caráter racista não era o posicionamento encontrado entre todas as viajantes. A arqueóloga Betty Meggers, de quem trataremos no próximo capítulo, parecia ser muito mais tolerante em relação à diversidade cultural que encontrou por aqui. No decorrer das anotações de seu diário, Betty Meggers começa a usar muitas palavras em português para descrever as coisas que via e com o passar do tempo seu vocabulário aumentava cada vez mais, demonstrando seu interesse em conhecer a língua e a cultura brasileira. Doris Cochran passou seis meses no país e não aprendeu a falar praticamente nada. No final de sua viagem relata que teve uma aula de português com uma amiga do Rio, mas com quem realmente aprendeu mais coisas foi Joaquim Venâncio. Parecia mais fechada a incorporar aspectos culturais da população e mais interessada na taxonomia herpetológica em que trabalhava, deixando registradas suas impressões nada agradáveis das manifestações populares que encontrou, como por exemplo quando falou sobre o carnaval que viu no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que descrevia com emoção e poesia a natureza exuberante, as plantas e paisagens naturais.

Aspectos como esses registrados em seu diário também levaram a pensar sobre os motivos pelos quais nenhuma editora aceitou publicar seu já crítico texto desde o título, *Just a minute, miss*. Cartas de recusa de cinco editoras diferentes estão guardadas em seu arquivo pessoal: *D. Appleton – Century Company, NY; The Saturday Evening Post/The Curtis Publishing*

¹¹¹ *Just a minute miss*, op. cit, p. 20.

*Company/Weslwy Winans Stout Edition, Philadelphia; The Viking Press INC-Publishers, NY; Frederick A. Stores Company, NY e G.P. Putnam's sons, NY.*¹¹² Os motivos apresentados pelos editores eram vagos e enfatizavam apenas a recusa, como “apesar do interesse, nossa decisão não foi favorável”, “não está dentro de nossas necessidades atuais”, ou “não se presta à publicação em nossa pequena lista”.

Em um período de forte influência da discussão sobre eugenia e raças, essas passagens poderiam, mas não necessariamente, ser um fator que desagradasse os editores. Além disso, podemos questionar o interesse que uma expedição científica retratada como uma grande aventura exótica ainda exercia nos leitores, visto que o caráter dessas incursões vinha sofrendo alterações à medida que as cooperações científicas entre países se tornavam mais frequentes (Gama, 2004).

Como dissemos, na primeira metade do século XX as expedições ainda se assemelhavam as que ocorriam no século anterior, incluindo uma romantização das viagens científicas, mas essas características foram mudando e acompanhando o processo de profissionalização das ciências. No caso do Brasil, havia também um esforço renovado do governo em inserir instituições nacionais no desenvolvimento dessas pesquisas de campo. O processo de internacionalização, crescente em contexto global, e as facilidades de novos meios de transporte e comunicação (linhas telegráficas e aviões, por exemplo) contribuíram para a desmistificação dessas empreitadas, assim como para o maior acesso a esse conhecimento, o que faz com que o relato de Doris pudesse não mais ser recebido com tanto entusiasmo pelo público americano.

Outras passagens de seu texto nos remetem a diferenças de classe e raça e a forma como eram vistas por ela. Ao contar que o Dr. Lutz mandou buscar o carro para levá-los até em casa, ela descreve o motorista como “o homem de cor [que] trouxe o carro” (*the colored man brought the automobile*).¹¹³ Doris identifica todas as pessoas negras que encontrou pela cor e as que não têm essa identificação pressupõe-se serem brancas pela ênfase tão grande que ela coloca em nomear os negros como tal. Seu interesse não era etnológico, estava totalmente voltado para as ciências naturais, por isso essa característica chama a atenção e a situa em determinados grupos e divisões sociais que caracterizam a época. Ser mulher era de fato um aspecto um tanto diferente para um cientista no período, mas ser de classe média e branca era um recorte social ainda mais

¹¹² RU 7151, Box 8, Folder 13, *Smithsonian Institution Archives*.

¹¹³ *Just a minute miss*, op. cit. p.20

determinante do meio científico. Em sua primeira ida a Niterói, Doris descreveu parte do percurso da seguinte forma:

*We soon got off the tram, near the market where I went this morning, and waited in the crowd for the ferry. The crowd is very mixed [grifo da autora], and in most of the faces negroid influences show up clearly, and probably Indian, although I am less familiar with that racial type, and many of the faces have a hawk-like boldness about the eyes which is found in Southern Europeans. They are not at all a happy-looking race, in spite of the suffusion of negro-blood. They talk a great deal when there is anyone near to talk to, but seldom smile, and do not seem to be able to understand the art of “kidding” at all, as even the humblest citizens of the United States of America seem to do.*¹¹⁴

O americanismo exacerbado era mais uma característica que ela compartilhava com Bertha Lutz, além das pesquisas sobre anfíbios anuros, interesse por plantas, o gosto por animais domésticos e o fato de nunca ter se casado e nem tido filhos. O anti-comunismo também aparece em alguns momentos, marcando as posições políticas a que elas se afiliavam, como veremos mais à frente. Em uma excursão de coleta no Recreio dos Bandeirantes, Doris menciona ter conhecido um engenheiro russo chamado “Mr. Nelson” e ressalta que ele nunca falava sobre a Rússia – “*We met an elderly Russian engineer, “Mr. Nelson”, who may be a grand duke in disguise, and is certainly a nobleman, Mrs. F--- says, and who never [grifo da autora] speaks about Russia. I like him very much [...]*.”¹¹⁵

2.1 - Why frogs?

*If someone were to ask you this question offhand, - “What is the one of the most characteristics sounds of Brazil, one which would probably attract the notice of a foreigner visiting the tropics for the first time?” What would you say? Perhaps you would hasten to mention the ringing of the church bells all over Brazil of a Sunday Morning. Or perhaps the jingling of the donkey-harness, or the clatter of wooden shoes on hard cobblestones (paralelepípedos) might seem more expressive of the busy activities of urban existence. But if you go away from these things out into the country, whether to the mountainous uplands or to the coastal regions bordering the Ocean you will hear the true voice of Brazil – the chorus of singing frogs.*¹¹⁶

Quando recebeu o convite para passar um tempo pesquisando no Brasil, Doris ficou animada com a possibilidade de observar exemplares vivos de espécies desconhecidas e coletar

¹¹⁴ *Just a minute miss*, op. cit. p.23

¹¹⁵ *Just a minute miss*, op. cit. p.49

¹¹⁶ *Frog Collections in Brazil*, by Doris M. Cochran - (texto datilografado, com anotação sobre a publicação: “published in *The Brazilian-American*”, Rio de Janeiro, April 1, 1935) - RU 7151, Box 2, Folder 1, *Smithsonian Institution Archives*.

material de grupos variados providos de uma região “escassamente representada nos museus norte americanos” - o Sudeste brasileiro. O interesse pelo Brasil tinha também relação com o fato de que nos últimos quinze anos seus estudos se voltaram para a fauna das Antilhas, dita nos livros de Zoologia como tendo muito em comum com a da América do Sul.¹¹⁷

Há muito tempo o Museu do Smithsonian não recebia coleções gerais da costa brasileira, possuindo apenas algumas coleções pequenas feitas por cientistas independentes. Esta foi uma das justificativas que facilitaram o financiamento da viagem pelo Instituto Smithsonian. De lá, Doris trouxe para entregar como presente a Adolpho e Bertha Lutz dois monstros-de-gila, uma espécie de lagarto venenoso nativa dos EUA.

Foi sua primeira expedição a um país estrangeiro com o propósito de coletar anfíbios. As descrições demonstram o caráter de aventura com o qual encarava a viagem. Das incursões das pesquisadoras que trabalhamos nessa tese, observamos que a realizada por Doris Cochran foi com certeza uma das mais seguras e bem planejadas. Doris contou com a assistência de Bertha, Adolpho Lutz e Joaquim Venâncio o tempo todo, inclusive para lidar com os papéis e autorizações necessários para sair do país carregando tudo o que havia coletado. Diferente de Wanda Hanke e Betty Meggers, de quem falaremos mais detalhadamente nos próximos capítulos, Doris manteve-se em regiões mais seguras e não passou dias seguidos internada nas florestas tropicais, voltando sempre aos hotéis ou casas onde se hospedava para passar as noites. Não ficou doente ou passou dificuldades financeiras, Joaquim Venâncio coletou grande parte dos espécimes que ela reuniu e ainda teve acesso às instalações do Instituto Oswaldo Cruz para processar os materiais que recolhia. Somente mais de duas semanas após sua chegada ao Rio escreveu em seu diário que, pela primeira vez, havia andado desacompanhada pela Avenida Rio Branco e que gostara imensamente, até então não tinha nem saído de casa sem estar acompanhada por seus anfitriões.¹¹⁸

No primeiro dia no Instituto Oswaldo Cruz viu um lagarto da espécie Ameiva e queria logo pegá-lo para si. Para sorte do animal, ela não tinha seus equipamentos em mãos:

As the sun was not too hot, Dr. L--- took me for a little stroll around the garden, and I saw my first tropical lizard (an Ameiva) going under some bushes from our path. It had a beautiful green head and a fawn-colored tail, with stripes and bars of brown on peacock blue in between,

¹¹⁷ *Just a minute miss*, op. cit. p.1

¹¹⁸ *Just a minute miss*, op. cit. p. 29

*and I wanted it badly as my first zoological find, but as my collecting implements were not yet unpacked, I did not even try to get it.*¹¹⁹

No dia 21 de janeiro de 1935, alguns dias após sua chegada no país, foi coletar pela primeira vez na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, em companhia de Bertha, Adolpho Lutz e Joaquim Venâncio. Partiram do Instituto Oswaldo Cruz rumo à mata e Doris levou alguns frascos de vidro e três bolsas de coleta. Pararam primeiro em uma cachoeira onde ela não teria achado nada além de formigas, mas Joaquim seguiu rio abaixo e voltou com alguns pequenos sapos em uma sacola. Acharam também algumas espécies de girinos e Doris coletou alguns besouros pretos para seu museu. Parte do trajeto fizeram de carro e paravam em pontos estratégicos de onde seguiam a pé para procurar os sapos e rãs. Joaquim Venâncio precisou empurrar o carro várias vezes para conseguirem continuar a viagem e a cada parada obtinham exemplares diferentes de sapos. Depois de algumas horas seguiram até Bom Retiro, onde continuaram procurando seus sapos em meio às folhagens e plantas do local. Joaquim usou um machete pra abrir clareiras na mata e procurar os animais e Doris opinou que não se sentia pesarosa por cortar plantas tão bonitas com o propósito de fazer coleções, pois sabia que elas cresceriam de novo em pouco tempo. A formação das coleções traziam custos ao meio-ambiente e é interessante ver a opinião de uma coletora sobre isso.

Em sua estadia no Rio de Janeiro, nas caminhadas e coletas pela cidade Doris Cochran se sentia em constante estado de divertimento – “*Going walking in Rio puts me in a constant state of amusement [...]*”. Em companhia de Bertha Lutz e Joaquim Venâncio foi uma noite até a localidade de Santa Alexandrina para coletar – “*The night was rainy, and frog voices came thru the darkness from all around us*”.¹²⁰ Antes de começarem passaram na casa dos proprietários para cumprimentá-los e Doris se animou em descrever o primeiro interior de uma casa tipicamente brasileira que entrara. Na descrição ela ressaltou a existência de um ‘souvenir’ feito de asas de borboletas preso na parede acima do piano que ficava na sala.¹²¹ Mais um exemplo de quão comum eram e continuaram a ser esses acessórios.¹²²

¹¹⁹ *Just a minute miss*, op. cit. p. 19

¹²⁰ *Just a minute miss*, op. cit. p. 34

¹²¹ *Just a minute miss*, op. cit. p. 35

¹²² A fabricação de objetos feitos com asas de borboletas, atividade combatida por Bertha Lutz que não aprovava a caça necessária para este tipo de produção, foi mencionada por mim na dissertação de mestrado (Sombrio, 2007).

O dono da casa os levou até a estufa onde cultivava flores e depois os deixou sozinhos para explorar o jardim. Foi quando “o encanto começou”.¹²³ Joaquim seguiu em meio à mata com sua lanterna para procurar os sapos, enquanto ela e Bertha escutavam seu canto aproximando-se deles. O trecho abaixo é um exemplo do modo como Doris descrevia as coletas nas anotações de campo:

*The frog chorus ceased as we came nearer, and now the real collecting began. The botanist [Bertha Lutz] flashed the first frog, a green one (Hyla albomarginata) sitting on an orange tree beside the pond. Soon she showed me another much larger one (Hyla faber) also clinging to a shrub, and she let me catch him while she held the light on his face. Joaquim had caught some more at the edge of the pool, and now called me to see the nest of Hyla faber – a most surprising bit of architecture fully a foot across and three or four inches high, made of mud heaped up and hollowed out crater fashion so that the rim of the crater comes just above the top of the water, while the depression contains an inch or so of water, in which we saw a great mass of eggs with large, black centers. Joaquim took some of the eggs to be hatched in the lab., but we did not disturb any of the others [...] We saw six or seven nests in this little pool barely 50 feet across, and on one we saw the female (?) sitting, clutching the brim with long disked toes and fingers, so it is true that a parent really does guard the egg-masses. Hyla faber is relatively easy to catch – we got about a dozen in a short time here. [...] We now went out to the auto and sat there to listen for a real chorus of Hyla faber – they had been scared silent by our coming [...] I caught one firefly, and that ended the night's collecting. Certainly I shall never forget that beautiful tropical Garden scented by the rain.*¹²⁴

Joaquim levou todos os sapos ao laboratório, onde Doris fotografou os ovos que haviam coletado e que se transformaram em girinos na noite seguinte. Os nomes científicos aceitos à época dos exemplares coletados vão sendo mencionados em todo o relato, o que possibilita saber como se classificavam então.

Alguns dias depois, Doris e Bertha viajaram a Petrópolis e lá foram recebidas por uma amiga de Bertha Lutz. Dessa vez, o objetivo era só visitar a cidade, sem trabalho, e durante o trajeto de trem até lá Bertha foi lhe apontando pequenas colônias de plantas nas rochas que viam pelo caminho, “tornando a viagem ainda mais interessante”. Contou terem sido recebidas com um jantar suntuoso pela mulher em uma casa grande e mobiliada com peças antigas que poderiam até ser expostas em um museu. Na mesma noite pegaram o trem das 7h de volta ao Rio.¹²⁵

Nos passeios pelo Rio de Janeiro, Doris coletou muito material. Paravam em locais propícios ao aparecimento de sapos em todos os caminhos e, se achassem algum, coletavam. Ela

¹²³ Idem.

¹²⁴ *Just a minute miss*, op. cit. p. 36-37

¹²⁵ *Just a minute miss*, op. cit. p. 38

descreve terem achado girinos de *Bufo crucifer*¹²⁶ próximo a um túnel indo para Ipanema e em meio a rochas da Avenida Niemeyer, paralela ao mar, sapos jovens da espécie *Hylodes miliaris*.¹²⁷ Em Jacarepaguá, foram coletar em outro local que aparentemente era uma propriedade particular. Doris e Bertha tomaram refrigerantes e fumaram cigarros antes de começar. Doris não tinha o hábito de fumar, mas o fazia no Brasil porque acreditava que dessa forma espantaria os mosquitos transmissores de malária. Depois, pegaram seus equipamentos e seguiram por um caminho que Joaquim indicou, cheio de formigas, mas promissor para a coleta que queriam fazer. Ele arrancou algumas plantas para clarear o caminho e então acharam alguns pequenos sapos – *Eupamphix* e *Leptodactylus* - e no decorrer do dia acharam ainda muitos outros. Em um córrego encontraram inúmeras espécies de *Crossodactylus* de todas as idades, mas era quase impossível pegá-los, a não ser para Joaquim que sempre conseguia.

*The stream was swarming with Crossodactylus of all ages, but just try and catch one! They were the jumpiest things I ever saw, and I managed to get only a dozen in a hour, 'tho Joaquim and the D--- [outro cientista do Instituto que os acompanhou nesta excursão] did much better. I dipped my net in the quiet places of the stream, and got some nice little translucent shrimps, which ought to be appreciated at my museum.*¹²⁸

O relato de Doris dá a impressão de que o Rio de Janeiro era o paraíso dos sapos. Estiveram também no Recreio dos Bandeirantes, onde foram fazer uma coleta noturna. Doris quase nunca menciona o nome das pessoas, mas lá tiveram a ajuda de mais uma amiga de Bertha Lutz que as recebeu para jantar e emprestou-lhes cavalos para que percorressem parte do trajeto. Quando decidiram sair a campo estava chovendo e tiveram que se equipar com capas de chuva e botas, mas o esforço valeu a pena, porque logo começaram a ouvir coro dos sapos e a seguir o caminho de Joaquim mata adentro. Joaquim e Bertha coletaram muitos ‘sapos de árvores’ pequenos (*treefrogs*) e Doris também foi capaz de pegar alguns, mas estava tão distraída olhando tudo a sua volta que não conseguiu fazer muito mais.¹²⁹

Pretendia levar para os Estados Unidos coleções zoológicas gerais armazenadas em tanques de conservação, mas concentraria a coleta especialmente nos sapos. Nos últimos dois trecho citados, por exemplo, ela menciona ter coletado vagalumes e camarões e, em todo o relato, outras espécies por quais se interessou vão aparecendo. Os equipamentos que ela carregou até o

¹²⁶ Serão mantidos os nomes científicos indicados nos documentos consultados.

¹²⁷ *Just a minute miss*, op. cit. p. 41

¹²⁸ *Just a minute miss*, op. cit. p. 44

¹²⁹ *Just a minute miss*, op. cit. p. 46

Brasil dão uma dimensão da amplitude dos espécimes que ela pretendia coletar. Incluíam-se na lista prensas de plantas, redes de cerco para peixes, armadilhas para pequenos mamíferos, algodão para “preenchimento de pássaros”, recipientes grandes e pequenos para armazenar desde um “mosquito até um macaco”, e outros equipamentos gerais de coleta.¹³⁰

O fato de Doris não mencionar o nome dos cientistas e amigas de Bertha Lutz com quem teve contato também é interessante, porque nomes de pessoas que não eram da comunidade científica ou outros empregados com quem teve contato ela não tinha receio em citar, como Joaquim Venâncio, que é nomeado o tempo todo. Por exemplo, enquanto estavam no Recreio dos Bandeirantes, jantaram com a amiga de Bertha a quem ela chama no diário de “Mrs. F---” e lá ela teve ajuda também da cozinheira da casa, chamada Maria, que gostava de animais e se ofereceu para coletar espécimes para ela. O nome de Maria aparece, assim como outros:

*Maria, Mrs. F--- cook, is crazy about animals, and is willing to trap and collect for me, so I left her some traps. Mrs. F--- took us all to the inn for dinner and introduced me to her tenant, the proprietor, a German named Shafer, who is much better collector and Hunter than innkeeper and whom I promised a tank and some alcohol for preserving what he may catch. The botanist was feeling in good spirits, so after dinner we ran down to the beach and picked up a fine lot of sponges, algae and shells thrown up by the recent storm, and I caught a nice, lively, nippy crab, and later on we got a boy to dig us out several more [...]*¹³¹

Para se referir a Bertha Lutz, ela usava a expressão “*The botanist*” e Adolpho Lutz era referenciado com “*Dr. L---*”. Talvez sua intenção fosse não mencionar estes nomes aos editores para quem enviou o texto com objetivo de publicá-lo, mas não sabemos ao certo como Doris selecionava os nomes que precisavam ser ocultados ou não, porque outros aparecem escritos. Ainda nesse mesmo dia, depois do almoço, ela conta que foi com Bertha Lutz procurar por outros sapos em meio a algumas Bromélias, pois Joaquim e Maria, a cozinheira, haviam saído para coletar sem avisá-las.

Em companhia de Bertha Lutz, Doris Cochran conheceu Copacabana, Ipanema, o Corcovado, o zoológico do Rio, o Jardim Botânico, Teresópolis, Petrópolis, o Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, entre muitos outros lugares. Em uma das primeiras vezes que saíram juntas para realizar coletas no Rio de Janeiro, Doris escreveu que juntas coletaram girinos e sapos de espécies diferentes em terrenos próximos ao Corcovado e que achava que os sapos de lá eram muito ágeis e mais difíceis de coletar do que os que ela estava acostumada a ver nos EUA.

¹³⁰ *Just a minute miss*, op. cit. p.1a

¹³¹ *Just a minute miss*, op. cit. p.47

Apesar da dificuldade, conseguiram reunir a maioria dos espécimes que viram naquele dia graças à agilidade de Bertha Lutz e, em muitas outras ocasiões, com a ajuda de Joaquim Venâncio.

Quando voltaram da coleta no Recreio, Doris Cochran foi até o Instituto Manguinhos para, junto com Adolpho Lutz, fazer ilustrações coloridas de alguns dos exemplares enquanto ainda estavam vivos. Aproveitaram para desenhar também algumas espécies que Joaquim havia trazido de Manguinhos, entre elas, o que descreveu como uma espécie pequena e muito bonita de sapos de árvore com pernas laranjas. Outro cientista do Instituto, “Dr. D---”,¹³² que já havia acompanhado em excursão para Jacarepaguá, entregou-lhe nesse dia alguns besouros que havia encontrado. Doris também aproveitou para coletar uma aranha que encontrou no caminho para o almoço.

Niterói era também outro lugar que a zoóloga norte-americana gostaria de visitar para recolher espécimes. Para ajudá-la, Dr. Lutz enviou Joaquim antes, em companhia de outro ajudante, para começarem o “trabalho duro nas Bromélias”. Foram depois, juntos, e participaram da coleta e do armazenamento das amostras. Algumas horas depois, percebendo que Adolpho Lutz já estava cansado, Doris sugeriu que eles fossem embora e deixassem os dois rapazes continuarem o trabalho – “*At 5:15 Dr. L--- was getting tired, and I suggested that he and I go back and leave the two colored men to work after dark, and the Dr. quite eagerly fell in with my suggestion.*”¹³³ Como sempre, a ênfase em ressaltar a cor das pessoas negras com que teve contato assume um tom se não ofensivo, desnecessário, especialmente ao nosso olhar contemporâneo. A situação poderia ser interpretada apenas como a divisão de trabalho corrente obedecendo a hierarquia da pesquisa científica: trabalhos mais pesados e noturnos caberiam a pessoas subordinadas, no entanto, a explícita menção à cor da pele destaca a conotação racista presente no discurso.

Algumas passagens de seu diário fazem referência a Bertha Lutz de uma forma diferente do que costumamos saber sobre ela, por exemplo, na segunda vez que foram juntas ao Recreio dos Bandeirantes, Doris conta que Bertha vestiu sua roupa de banho e foi nadar no mar, enquanto ela caminhava na praia recolhendo mexilhões e cracas. Lá também recebeu da cozinheira Maria e do engenheiro russo, Mr. Nelson, sapos e insetos que ambos haviam coletado para ela. Após o

¹³² Todo o relato leva a crer que ela está se referindo ao Dr. Emmanuel Dias, assistente de Carlos Chagas, pesquisador da doença de Chagas do Instituto Oswaldo Cruz, protozoologista que também trabalhou intensivamente em diagnóstico, epidemiologia, clínica e controle da doença (Dias, Prata e Coura, 2008).

¹³³ *Just a minute miss*, op. cit., p. 51

passeio na praia, já de volta à casa da amiga onde se hospedavam, contou que Bertha deitou-se no chão de pedra com um travesseiro embaixo da cabeça e com o cachorro da casa – Bombeiro – em seus braços. A menção a comportamentos pessoais nos diários de campo da época reunindo anotações de pesquisa com histórias cotidianas é uma característica singular e que os transforma em fontes históricas fundamentais para uma maior aproximação das histórias corporificadas, a exemplo dos estudos muito interessantes de Shapin (1998).

Ainda no Recreio, saíram para pescar com o Sr. Nelson de carro e dirigiram até uma casa onde – novamente Doris destaca - crianças negras haviam ficado responsáveis por pegar iscas para ele – “[...] *went up the road to a mud house where some negro-Brazilian children were supposed to have dug some fishing-worms for Mr. Nelson. They had not done it, and he seemed dreadfully upset until I suggested that we might dig our own [...]*”.¹³⁴ A pesca acabou sendo malsucedida e não pegaram nem um peixe, mas no caminho de volta Doris encontrou uma pele de cobra, alguns insetos e girinos que compensaram a excursão.

Doris também se interessava por plantas e, enquanto pescava, Bertha Lutz coletou uma pequena coleção botânica típica da restinga que ela ajudou a prensar quando voltaram para a casa. Ainda naquela noite, em companhia de Joaquim, a norte-americana coletou pequenos cactos, outras plantas e bulbos para fazer um pequeno jardim.¹³⁵

De volta ao Instituto Manguinhos nos dias seguintes, Doris acompanhava o crescimento dos girinos que se desenvolviam em ‘bonitos’ padrões de cores vermelhas, amarelas e pretas. Subia as vezes no telhado do prédio para pintar esboços das paisagens. Além de parte do trabalho, a pintura era um de seus hobbies. Em Manguinhos conheceu também uma estenógrafa francesa, “Mlle. J---”, que a acompanhou em alguns passeios, incluindo uma ida de trem até a Rua Uruguaiana e uma viagem de ônibus até Ipanema.

Doris não gostava das músicas que ouvia por aqui, reclamava disso o tempo todo, e definitivamente não gostou do carnaval. Dedicou um capítulo de seu relato para descrever a festa que caracterizou com expressões como “*increasingly noisy*”, “*endless songs*” e “*Negroes and half-breeds were going at it with an almost fanatic religious intensity*”.¹³⁶ Para além do gosto pessoal e da preferência por ambientes mais calmos ou outro tipo de música, fica nítido o

¹³⁴ *Just a minute miss*, op. cit., p. 55

¹³⁵ *Just a minute miss*, op. cit., p. 56

¹³⁶ *Just a minute miss*, op. cit., p. 63

preconceito com algo que ela considerava “menos civilizado” e “tribal”, nos sentidos mais pejorativos possíveis:

*There is altogether too much of the wolf-pack spirit abroad on carnival nights. It is not civilized in any sense, - it goes straight back to jungle days, to the fanatic religious rites and to accompanying desire to torment and kill some victim. But the police are so closely on the job that there is never any real violence during carnival times, and besides, the shops are absolutely forbidden to sell any intoxicating drinks stronger than beer during this whole season. In fact, I saw only one apparently drunken man in this entire evening.*¹³⁷

Como já mencionamos, a zoóloga norte-americana não tinha interesse em pesquisar profissionalmente a cultura ou etnologia do país e nenhum tipo de formação nessa área, mas fez questão de deixar essas opiniões registradas também em seu relato, pois queria publicar algo maior do que apenas a descrição das coletas de campo, queria escrever sobre todas as experiências que viveu no Brasil.

Em março, Doris começou a preparar sua viagem a Minas Gerais, com ajuda do Dr. Lutz. O colega do Instituto Manguinhos a quem ela se referia como “Dr. D” iria acompanhá-la e também Joaquim Venâncio. Seguiram para Belo Horizonte de trem e quando chegaram foram até a filial do Instituto Oswaldo Cruz de lá onde conheceu o diretor da instituição que lhe prometeu entregar alguns exemplares de escorpiões.¹³⁸ De volta ao hotel onde se hospedou conheceu uma senhora inglesa, esposa do diretor de uma Mina em Ouro Preto, que lhe fez companhia.

No dia seguinte, estava planejada uma excursão ao campo em frente ao Instituto Veterinário. Combinaram de sair às nove e meia, mas Joaquim, que estava hospedado em outro local, atrasou-se meia hora, o que a deixou muito aborrecida –

*At 9:30 o'clock Dr. D came with Dr. M.L, but no Joaquim, and we were considerably worried and annoyed. At 10:00 we started out in Dr. M.L's car, and saw Joaquim coming towards the hotel. He had had a headache, which was why he didn't show up last night. 'Paciencia, Senhora!' One has to be patient here!*¹³⁹

Foram para o campo combinado e no entorno de um lago começaram a coletar pequenos sapos identificados como sendo da espécie *Paludicola falcipes*, muito difíceis de serem apanhados. Viram pequenos pontos cinzas em árvores e na lama que Joaquim disse serem os ovos daquela espécie. Ela queria coletar também alguns peixes, mas Joaquim havia esquecido de

¹³⁷ *Just a minute miss*, op. cit., p. 65

¹³⁸ *Just a minute miss*, op. cit., p. 76, 77

¹³⁹ *Just a minute miss*, op. cit., p. 78

trazer a rede própria para isso, para maior descontentamento de Doris. “*There were some little fish in the pond, but as Joaquim had left my dipnet back in Rio (after I had expressly told him three times to pack it for our trip!) I couldn’t get any with my 3-inch teastrainer [sic].*”¹⁴⁰ Longe de Bertha e Adolpho Lutz, ela parecia ter menos paciência com Joaquim Venâncio que, apesar dos eventuais atrasos e esquecimentos, parecia continuar fazendo seu trabalho.

Visitaram também Lagoa Seca, local de que ela gostou muito e onde coletou algumas plantas para uma pequena coleção botânica – “*I grabbed a few plants for a small botany collection, - I’m sure it will be a very poor one, but then I am not the Botanist [Bertha Lutz]*”.¹⁴¹ Depois foram à mina de ouro Morro Velho para coletar na região. Com ajuda de um guia da mineradora, Sr. Rocha, conseguiu cópias mimeografadas com descrições da mina que já tinha mais de um século na época. Ela pretendia pedir ao superintendente conjuntos completos de minerais para levar como amostras.

Voltaram para Belo Horizonte, onde Joaquim continuava assistindo-a na busca por seus sapos. Perto de um pequeno córrego conseguiram girinos e sapos adultos, e também larvas de moluscos e libélulas. Foram a Lapinha, na Serra do Cipó, em companhia do Dr. M. L, do Instituto Oswaldo Cruz, onde visitaram cavernas em busca de morcegos para a pesquisa que ele realizava. Não se interessou muito pela caça aos morcegos, mas enquanto o Dr. os capturava Doris e Joaquim procuraram por insetos e grilos, conseguindo muitos. Apesar de suas críticas, Doris teve que reconhecer que Joaquim Venâncio, além de todo o trabalho que desempenhava, lhe ensinou novas técnicas de coleta. Ele a ensinou a pegar insetos colocando algumas gotas de clorofórmio em um pote de vidro virado para baixo sobre o inseto, apoiado em uma pedra. Esperava então até o inseto cair entorpecido e o coletava inteiro. Depois disso, ela se mostrou agradecida pela assistência dele: “*I have taught Joaquim a few good things about collecting, but I am sure he has taught me a great more, and that was one of them*”.¹⁴²

Foi em uma excursão a Lagoa Santa que Doris viu pela primeira vez um grupo de maritacas voando soltas e que lhe causou muita empolgação – “*My first wild parrots! Now I knew I was in the tropics!*”¹⁴³ Logo em seguida encontrou no caminho que percorriam de carro um homem vendendo maritacas e comprou duas que pretendia levar para os EUA. É interessante

¹⁴⁰ *Just a minute miss*, op. cit., p. 79

¹⁴¹ *Just a minute miss*, op. cit., p. 82

¹⁴² *Just a minute miss*, op. cit., p.89

¹⁴³ *Just a minute miss*, op. cit., p. 91

observar que em sua prática científica a forma de estudo e admiração passava fundamentalmente pela posse do ‘objeto’. O que lhe causava interesse, Doris queria colocar em uma caixa e levar consigo para o Smithsonian, fosse vivo ou morto. No mesmo local onde compraram os pássaros permaneceram por mais algum tempo, porque o Dr. D, que a acompanhava, quis adentrar os casebres locais em busca de mosquitos barbeiros. Caçaram também aranhas e baratas que habitavam o local e depois seguiram viagem. No dia seguinte Doris etiquetou e embalou o material que havia conseguido e, em seguida, voltou a Lagoa Santa com Joaquim porque queria tirar fotos, o que ainda não havia feito, e com a aquisição de uma rede nova Joaquim Venâncio pode coletar mais girinos para as coleções da zoóloga norte-americana. Visitaram ainda Nova Lima antes de seguir viagem para a região de Ouro Preto e conseguiram reunir mais espécimes.

Doris partiu para Ouro Preto no dia 18 de março e chegando lá hospedou-se em um hotel. Achou a cidade muito ‘amável’. Como sempre, Joaquim achou um bom lugar para coletar sapos em uma área onde um lençol de água vazava sobre algumas rochas. Alguns sapos que encontraram eram de espécies que ela desconhecia e Joaquim era quem os identificava – “*At the entrance a frog was hopping, and Dr. D--- caught it. Joaquim later said it was Thoropa miliaris*”.¹⁴⁴ Por vontade de Dr. D passaram também por algumas trilhas em cavernas à procura de morcegos que ele utilizava em suas pesquisas sobre a doença de Chagas.

Na maior parte do tempo, Doris Cochran e Bertha Lutz não parecem ter tido muitos problemas em nenhuma das viagens de campo e o fato de Joaquim Venâncio coletar muito mais do que elas parece estar mais relacionado ao fato dele ser um empregado, um técnico subordinado, com muito mais prática e conhecimento de técnicas de coleta, do que pela diferença de gênero, levando em conta também as conotações raciais já mencionadas. No entanto, em Ouro Preto, houve um episódio em que Doris foi aconselhada a não continuar uma caminhada até o local de coleta por ser um local considerado muito perigoso e, enquanto os homens do grupo foram, Doris ficou apenas esperando. Um local onde o caminho era perigoso para um provavelmente seria perigoso para todos, mas apesar disso ela não se mostrou tão insatisfeita com a decisão, apenas escreveu que naquele momento ela se fez mais discreta do que útil e esperou os homens voltarem deitada com as costas na grama e a cabeça na própria bolsa que usou como travesseiro. Essa foi a única vez que ela deixou de participar da coleta por um motivo como esse:

¹⁴⁴ *Just a minute miss*, op. cit., p. 106

*Dr. D--- decided to have a look for tadpoles, but he would not let me come down, as he said it was very steep and dangerous. I was therefore more discrete than valorous, and let him and the negroes go down, while I stretched out on my back on the path with my purse for a pillow, and occasional ants taking promenades over my neck.*¹⁴⁵

Nessa viagem Doris esteve ainda em Mariana, onde se encantou com as obras de Aleijadinho, a quem dedicou um apêndice em seu diário. Na Escola de Minas de Ouro Preto observou a grande coleção de minerais, além de outras de mamíferos, anfíbios e insetos.¹⁴⁶ Conheceu um dos professores de mineralogia e combinou que pediria para o Museu de Washington enviar à Escola boletins americanos sobre mineração. Pararam em Passagem no caminho de volta, onde um mineralogista não identificado em seu diário lhe deu algumas amostras de rochas e minérios e prometeu enviar-lhe mais para o Rio de Janeiro se ela se interessasse.

Em Minas ainda visitou a cidade de Lassance, onde conheceu um hospital afiliado ao Instituto Oswald Cruz. Visitou a Lagoa do Curralinho com Joaquim Venâncio e Cabreru, assistente do Instituto em Lassance e outro bom coletor, que foi quem lhes mostrou os caminhos. Conseguiram muitos sapos, girinos, peixes e insetos, e conforme a noite se aproximava o “canto dos sapos se intensificava”.¹⁴⁷ Nessa cidade, assim como nas outras, Doris encontrou muita ajuda de pessoas que se interessavam por seu trabalho, como o farmacêutico local, por exemplo, um ex-microscopista da Fundação Rockefeller em Belo Horizonte que os convidou para irem procurar sapos em seu jardim.¹⁴⁸

De lá seguiram para Pirapora, onde fizeram coletas noturnas e encontraram diversos tipos de insetos e aranhas. Passaram perto do Rio São Francisco e Doris recolheu plantas para levar para Bertha Lutz. Também conseguiram muitos espécimes de sapos pagando para as crianças da região coletarem para eles e logo o quarto de Joaquim Venâncio ficou ‘cheio de meninos com latas cheias de bichos pulando’. Voltaram para os últimos dias em Lassance e Doris ainda conseguiu mais espécimes, incluindo peles de patos de espécies diferentes que levaria para o Smithsonian. Empacotou suas coisas, etiquetou e prensou as plantas, e ficou brava com Joaquim

¹⁴⁵ *Just a minute miss*, op. cit., p. 108

¹⁴⁶ São três apêndices no diário, o 1º é a lista de equipamentos que levou, o 2º é um texto sobre a obra de Aleijadinho e o 3º é a lista das espécies de sapos que ela coletou no Brasil.

¹⁴⁷ *Just a minute miss*, op. cit., p. 120

¹⁴⁸ *Just a minute miss*, op. cit., p. 122

por ter misturado alguns espécimes de locais diferentes na mesma caixa. Disse que não lidaria com dados incertos daquela expedição e que queria que tudo fosse devidamente registrado.¹⁴⁹

Passaram por Belo Horizonte antes de deixar de vez Minas Gerais. Doris ainda foi convidada para ir ao Jardim Botânico Horto Floresta e lá conseguiu com o diretor Mello Barreto duplicatas de plantas prensadas e peles de pássaros para o seu museu. Conheceu também o entomologista Dr. Fontes, nomes que ela mencionou em seu relato sem problemas.

De volta ao Rio, encontrou-se com Bertha e Adolpho Lutz que ficaram felizes em revê-la. Teve sua primeira aula de português com a estenógrafa francesa do Instituto Manguinhos de quem ficou amiga e já não era sem tempo. Passou uma semana fazendo as coletas rotineiras pela cidade e em Niterói, dessa vez recolheu algas, anêmonas e outros bichos do mar, passeou mais um pouco e então seguiu para São Paulo, onde também queria colher espécimes e conhecer o Instituto Butantan.

No caminho para São Paulo passou pela Serra do Mar e pela Serra da Bocaina. Hospedou-se em um hotel e no dia seguinte foi encontrar-se com o Dr. Afrânio do Amaral no Butantan. Ele mostrou-lhe sua coleção de cobras armazenadas em potes de vidro, que contava com mais ou menos cinco mil espécimes, e já havia reservado um tanque cheio de exemplares para que ela levasse. Doris elogiou a combinação de produtos que ele usou na conservação (40% de álcool, 2% de formalina e um pouco de glicerina injetada em cada um dos exemplares) porque achou que as cobras estavam com as cores e texturas muito bem preservadas. Admirou-se também com as ótimas condições em que vivem os animais de teste (porquinhos da índia, coelhos, macacos, cabras, pombos, ovelhas, vacas e cavalos) e com o jardim botânico do local.¹⁵⁰ Passou dois dias no Instituto Butantan observando o “ótimo trabalho científico que era realizado lá”.¹⁵¹

Por intermédio do Dr. Amaral, Doris conheceu vários cientistas renomados das instituições paulistas na época. Primeiro, ele a levou ao Museu Paulista onde encontrou-se com o ornitólogo da instituição, Dr. Oliveira Pinto, que havia coletado 1.400 peles de pássaros em Goiás e deixaria que ela levasse metade delas para o Museu de Zoologia Comparada do Smithsonian. Ela lhe mostrou a lista de pássaros que desejava encontrar e ele pôde lhe dar 4 deles. Conheceu

¹⁴⁹ *Just a minute miss*, op. cit., p. 135

¹⁵⁰ A partir dos últimos dias da viagem em Minas o padrão das citações dos nomes dos cientistas mudou e ela começou a escrever os nomes de alguns, como ‘Dr. Amaral’ do Butantan, por exemplo.

¹⁵¹ *An expedition to Brazil* - Doris M. Cochran (texto datilografado) - RU 7151, Box 2, Folder 1, *Smithsonian Institution Archives*.

também o diretor do museu, Dr. Taunay,¹⁵² apenas por formalidade, e seguiu com o Dr. Amaral para o Instituto Biológico onde encontrou o Dr. Hoene que lhe mostrou uma coleção botânica de 33 mil plantas prensadas e uma exibição de pinturas de plantas venenosas. O Dr. Hoene concedeu-lhe também a autorização para visitar a estação biológica do Alto da Serra.

No dia seguinte foi até a estação acompanhada por Joaquim que intermediou a conversa com os guardas do portão, mostrou a autorização assinada por Hoene e conseguiu liberar a entrada. Lá tiveram a ajuda de um funcionário chamado Celestino que os acompanhou pelo parque e ajudou na coleta. Doris se encantou com os orquidários e plantas do local e seguiu em busca de seus sapos e girinos. Joaquim mostrou-lhe como usar um graveto para remexer montes de folhas amarelas no chão em busca de pequenos sapos da espécie *Dendrophryniscus* e também descobriu que o melhor local para encontrar isópodes, vermes e pequenos insetos era entre as folhas das bromélias. Coletou três espécies da planta para levar para Bertha Lutz, porque considerou que eram as mais bonitas que já havia visto em qualquer outro lugar.

Joaquim colaborava muito, mas ela se irritava com ele quando as coisas não aconteciam como ela esperava. Em Alto da Serra, ele passou duas noites coletando enquanto ela dormia no hotel e durante o dia pegaram muitos girinos que nadavam em um lago com o auxílio de uma rede de pesca, mas não conseguiram conservá-los porque ele não tinha comprado quantidade suficiente de álcool, segundo ela:

*"In the afternoon I wanted to go in another direction to see some more of the park, but Joaquim hung around the lily pond with the dipnet and got a lot of tadpoles – which he subsequently allowed to spoil because he did not buy sufficient alcohol! [...] Later I went back to the hotel, leaving Joaquim to night-hunt once more at Alto da Serra, but taking some plants to press."*¹⁵³

Após as visitas a Alto da Serra, Doris voltou ao Museu Paulista e conseguiu com o Dr. Pinto amostras de um bicho-preguiça e um macaco aranha para o Smithsonian, levando as peles e os crânios de cada um. Ela também pediu para que ele lhe emprestasse alguns peixes e sapos da coleção do museu para estudar e escrever um relatório. Dr. Pinto consentiu e, em troca, ela arrumaria alguns containers para a instituição que estava com dificuldades em arrumar fundos para comprar mais.

¹⁵² O conhecido engenheiro, professor da Politécnica que se tornava historiador, dirigia à época o Museu Paulista (Brefe, 2005). Brefe, A.C.F. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo. Editora UNESP: Museu Paulista, 2005.

¹⁵³ *Just a minute miss*, op. cit., p.160

Antes de voltar ao Rio, Doris ainda foi com Joaquim a Santos, onde foram ao mercado de peixes. Espalharam a notícia de que queriam pequenos espécimes e começaram a receber doações de sardinhas, linguados e outras espécies:

*[...] soon the word spread that the Senhora wanted small specimens, and I began to receive donations of finger-long sardines, tiny flounders, a few beautiful silvery full-moon-shaped fishes and others, and there was a crowd of a dozen or so around the taxi when I got in after Joaquim had stored our purchases and donations. I felt quite queenly to be driven away waving my hand to a “populace” of hat-tipping Brazilian fishermen.*¹⁵⁴

Nas praias coletaram diferentes espécies de plantas, conchas, insetos, anfípodas e caramujos e tiveram ajuda de alguns garotos que brincavam no mar. Em seguida retornaram a São Paulo para tomar o trem de volta ao Rio na manhã seguinte.

De volta ao Rio, Doris Cochran foi até a embaixada americana procurar ajuda para conseguir sair do país carregando todas as caixas e tanques com os espécimes que havia coletado. Lá lhe informaram que precisaria de um certificado do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil.¹⁵⁵ Bertha Lutz a ajudou a conseguir o certificado, mas o processo todo durou algumas semanas.¹⁵⁶ Doris teve que providenciar muitos papéis para retirar a coleção do país e comentou isso em seu relato:

*Monday, May 20. This morning I went to the American Embassy to get my letter to the Fiscalização Banquaria [sic] to say that I am not exporting commercial gold, - only one of the dozens of tiresome details incident to getting my collection out of the country [...]*¹⁵⁷

Por fim, conseguiu a permissão para retornar aos EUA com a enorme coleção que havia reunido. Enquanto ajeitava caixas, tanques, etiquetas e papéis para voltar ao seu país, ela continuou coletando no Rio de Janeiro e ainda foi com Bertha Lutz e Joaquim Venâncio a Nova Friburgo e mais uma vez a Petrópolis. Pediu a Joaquim para lhe dar informações sobre os hábitos e “histórias de vida” dos sapos que vinham coletando e ele não hesitou um minuto em imitar os sons, descrever as cores e lembrar aonde os ovos de cada um deles tinha sido encontrado.

¹⁵⁴ *Just a minute miss*, op. cit., p. 163-164

¹⁵⁵ Os certificados de exportação de material estão em seus dossiês do Conselho: CFE.T.2.037, CFE.T.2.393, MAST-RJ.

¹⁵⁶ *Just a minute miss*, op. cit., p. 187

¹⁵⁷ *Idem*.

*This morning at the Institute I asked Joaquim to give me some more information on the life-histories and habits of the frogs we have been collecting. Before lunch we got thru 28 species. Joaquim doesn't hesitate in imitating the call, describing color and telling whether or not the eggs have been found. He made use of glass vials to whistle into, in making some of the more sibilant or metallic calls, and for others he scraped a piece of wood over an iron pipe for the harsh calls. After lunch we kept on, and it is surprising how much good information I gathered from listening to him jabber in Portuguese. He has taught me more of the language than anyone else here in Brazil [...]*¹⁵⁸

No final, Joaquim Venâncio foi quem recebeu mais elogios de Doris Cochran, admirada com seu talento especial para achar e coletar sapos. Na volta a Petrópolis fizeram outra excursão juntos acompanhados também por Bertha e Adolpho Lutz e, dessa vez, ela ressaltou a desenvoltura de Bertha no trabalho de campo:

*At a little stream we stopped and Joaquim and the Botanist (shoeless and stockingless) climbed up the rocks thru the little torrent and got some frogs, insects, plants and caddisfly larvae, while I stayed below with Dr. L--- and looked under rocks and caught a crayfish and few other things [sic].*¹⁵⁹

Bertha Lutz se empenhava mesmo nas coletas, acompanhou Doris Cochran todas as vezes que pôde ajudando-a a achar cada vez mais espécimes. Depois de Petrópolis foram a Nova Friburgo, na região da Serra dos Órgãos, e continuaram o trabalho. Lá acharam dois porcos-espinhos que Doris queria levar vivos para o seu Museu e também comprou alguns pássaros e gaiolas. Na volta ao Rio teve que fazer os acertos finais para levar as coleções e como tinha aumentado o número de animais vivos que queria transportar precisava de mais caixas adequadas para isso. Foi comprar o material que precisava em uma loja na Rua Uruguaiana.

Em seu último dia no Rio, após cinco meses de viagem, Doris Cochran tomou café da manhã com Bertha e Adolpho Lutz e esperaram o caminhão que transportaria suas coleções até o navio. Sairia do Brasil carregando literalmente um caminhão de espécimes botânicos e zoológicos que preencheriam as prateleiras do Museu de História Natural do Instituto Smithsonian. Com o material coletado, Doris produziria vários estudos e artigos que a tornaram famosa na comunidade científica dos EUA. As amigas de Bertha que também a auxiliaram durante sua estadia apareceram para dizer adeus e, feitas as despedidas, a zoóloga norte-americana embarcou no navio que a levaria de volta aos EUA.

¹⁵⁸ *Just a minute miss*, op. cit., p. 169

¹⁵⁹ *Just a minute miss*, op. cit., p. 172

*The expedition is over, and the frogs and fishes and other trophies are safely stowed away in museum jars, and the excitement of the adventure and the sheer beauty of Brazil are already only memories. But sometimes, while I am in the midst of the dry technical writings which are the aftermath of all scientific collecting, the laboratory walls for a moment fade away, and I see again the flash of a humming-bird's wing, the purple beauty of an orchid lighting the dark gloom of the ancient trees, the fallen fuchsia flowers lying like spilled heart's blood on green Brazilian mosses.*¹⁶⁰

No Instituto Oswaldo Cruz, Doris pôde estudar as coleções de sapos pertencentes a Adolpho Lutz que também compartilhou com ela seus conhecimentos sobre os hábitos e características daquelas espécies. Nessa sequência de muitas pequenas viagens de campo ela conseguiu coletar um conjunto importante de amostras. O material foi recebido pelo Museu Nacional do Smithsonian e provou ser de interesse para diversos departamentos da instituição, principalmente porque havia muitos anos que o museu não recebia coleções significativas das localidades visitadas e o enorme número de espécimes permitiria comparações, estudos de classificações e análises.¹⁶¹ A experiência de Doris Cochran no Brasil foi tão significativa para ela que, além do diário, escreveu também outro livro não publicado inspirado nessa viagem onde conta uma história fictícia sobre um garoto escoteiro, Albert, que seria mandado ao Brasil para realizar uma excursão realizando assim um de seus grandes sonhos. Chamou esta história de “*A Boy Scout in Brazil*” e o manuscrito está guardado em seu arquivo pessoal no Smithsonian.¹⁶²

Outros documentos preservados em seu arquivo indicam que ela voltou ao Brasil para mais uma excursão em 1962-1963, e em 1966 para participar de um simpósio internacional sobre animais venenosos no Butantan, em São Paulo - “*International Symposium on Animal Venoms*”, Instituto Butantan/São Paulo, July, 17th – 23rd, 1966”, onde ela apresentou um trabalho sobre “Taxonomia e distribuição de alguns sapos venenosos (veneno de flecha) na Colômbia”.¹⁶³

2.2 – Doris Cochran, Bertha Lutz e a circulação de conhecimentos (1956-1963)

Após essa experiência no Brasil, Doris Cochran e Bertha Lutz mantiveram contato e se corresponderam por muitos anos, encontrando-se novamente quando Doris veio realizar sua segunda expedição no Brasil, em 1962. Em algumas cartas das décadas de 1950 e 1960,

¹⁶⁰ *Just a minute miss*, op. cit., p. 190-191

¹⁶¹ *An expedition to Brazil* - Doris M. Cochran (texto datilografado) - RU 7151, Box 2, Folder 1, *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁶² *A Boy Scout in Brazil*, Doris M. Cochran, RU 7151, Box 4, Folder 18, s/d, *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁶³ RU 7151, Box 12, Folders 3, 10. *Smithsonian Institution Archives*.

guardadas junto ao acervo de Doris no Instituto Smithsonian, pudemos observar como a relação das duas se mantinha em torno de uma colaboração científica assídua e também de algumas afinidades pessoais. Muitas informações interessantes ficaram registradas nessa correspondência e possibilitam conhecer um pouco mais sobre seus trabalhos e interesses, de forma mais geral.

Em 2 de maio de 1956, Doris escreveu relatando a surpresa e alegria que sentiu ao receber junto à última carta enviada por Bertha alguns selos com o retrato de Adolpho Lutz, que viera a falecer em 1940. Ela escreveu: “*It is only a very famous person who gets his Picture on a stamp, and now I can say that one of my best scientific friends has been so honored*”. Doris colecionava selos há anos, como Bertha bem sabia, mas alegou que aquele era, sem dúvida, o que havia ficado mais contente em possuir. Os vínculos com a família Lutz eram para Doris tanto profissionais quanto afetivos e, referindo-se aos esforços que Bertha vinha empregando em organizar as celebrações em memória do pai, manifestou seu contentamento em saber que, de alguma forma, também havia feito parte daquela história. Relembrando os trabalhos de coleta que tanto compartilharam, lamentou também a morte de Joaquim Venâncio, o incansável assistente, e mencionou o nome da nova funcionária, agora uma mulher, que vinha ajudando Bertha Lutz no campo:

*Of course you must have been busy with all of the many celebrations in his honor. I am so glad that my book had even a little part in it all. I suppose you have scarcely had time to go out collecting this winter (summer for you). And the loss of poor Joachim will handicap you a lot, for you may never find another person with his exceptional ability in that direction. What about your assistant Miss Kloss? Is she good in the field? I should think she would have to be, in order to get the life history data, which are so important with each new find.*¹⁶⁴

O nome da nova assistente aparece ainda em outra carta, alguns anos depois, em que Doris pedia a Bertha alguns dados sobre um artigo que elas haviam escrito juntas:

*In your paper with Miss Kloss, you mentioned that [Dr.] Dunn had identified Dendrobates, Bhylobates (and perhaps Atelopus?) for you. I am working on the Colombia forms now, but Dunn did not leave any notes on them [...] If you have any notes on these three genera from him, could you please lend them to me for a short time?*¹⁶⁵

¹⁶⁴ Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 02/05/1956. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁶⁵ Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 25/02/1959. *Smithsonian Institution Archives*.

Estar no campo era uma atividade tão importante para elas como para outros botânicos e zoólogos da época e comparar as espécies encontradas era parte do trabalho de classificação, por isso as correspondências entre grupos de cientistas eram fundamentais. Por exemplo, em uma carta que Bertha enviou a Doris alguns meses depois da citada acima, quando Bertha já era uma especialista em *Hylas* (Lopes, Souza e Sombrio, 2004; Lopes, 2008b), contou que havia conseguido encontrar no Haiti amostras de espécies de sapos diferentes dos que Doris já possuía. Pediu então para que ela desse sua opinião sobre eles e solicitou também a ajuda de outro cientista, por intermédio de Doris, para que conseguisse identificar quais eram aquelas espécies:

*Since I wrote, I have been to Hispaniola. As I was on feminist work and found no one interested I could not do much. However, I got two kinds of Eleutherodactylus in the Dominican Republic, in a grotto, one Hyla presumably dominicensis. In Haiti I got three very much ornamente small Bufos but they do not look like your B. guentheri. I also got a good series of a large tree-frog, again presumably dominicensis, but they have no nuptial pads nor are the sacs visible, though they were quacking away very loudly in a harvested rice plantation. The iris is blue in this species; my specimens are smaller then indicated. Up in the mountain at Kenscoff I got a series of very variable small frogs sitting on leaves and thinking like little bells. I feel that they may be your intermedius. Would you like to see them and give your opinion? I was also in Jamaica and would like to show Gardner Lynn some Eleutherodactylus from there. In Jamaica there was more interest for zoology. In Trinidad, I got a fine set of P. trinitatis [...] and Hyla punctata. Would you ask Gardner Lynn if he would care to see the Jamaica thing [...]*¹⁶⁶

E em todas as cartas trocadas entre elas vemos colaborações nesse sentido, trocavam muitas informações sobre a classificação de seus sapos e rãs, pediam ajuda, opiniões, descrições, imagens e espécimes uma para outra, intermediavam a comunicação com outros cientistas e publicações em revistas, e por aí vai. A lista é imensa. Em carta de dezembro do mesmo ano, Doris Cochran respondeu assentindo ao pedido de Bertha para comparar as espécies que havia trazido do Haiti com as coleções que ela tinha acesso no Smithsonian.¹⁶⁷ Outro ponto interessante que aparece nesta carta de Bertha Lutz é a militância feminista, sempre presente em sua trajetória.

Um aspecto de seus interesses pessoais compartilhados, além dos sapos e rãs, foram os cães e gatos, sempre presentes em suas correspondências. As cartas sempre terminavam com as tradicionais saudações e muitas vezes faziam questão de mandar lembranças aos animais de estimação ao lado de seus conhecidos humanos— “*Please pat all your pets for me, and give my affectionate greetings to Dr. Gualter*” (Doris-Bertha, 18/12/1956); “*I send my best love and also*

¹⁶⁶ Carta Bertha Lutz - Doris Cochran, 29/08/1956. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁶⁷ Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 18/12/1956. *Smithsonian Institution Archives*.

kind regards from Gualter, five dogs, 2 cats and three kittens” (Bertha-Doris, 17/02/1957).¹⁶⁸ Gualter Lutz, irmão de Bertha, era fotógrafo e por vezes fotografava espécimes para elas. No livro publicado por Doris Cochran – *Living Amphibians*– algumas das imagens foram produzidas por ele.

Conforme os anos iam passando as atividades de coleta ficavam mais difíceis, pois a idade avançada dificultava as idas ao campo, mas mesmo assim elas persistiram. Quando Doris voltou ao Brasil, em 1962, já estava com 64 anos. Bertha, com 68 anos, escreveu em uma de suas cartas a Doris que ainda saía a campo, mas já não tinha mais a agilidade de 20 anos atrás:

*I received your very handsome Xmas card at the Museum just as I was leaving for an excursion to Itatiaia and to Serra da Bocaina [...] The excursion was very interesting, though of course at 62 I am not as limber as 20 years ago. First I went with a assistant from the National Park at Itatiaia to the Brejo da Lapa where we made a camp, staying under canvas and out from it, for four solid days and nights of rain, alternating with downpours.*¹⁶⁹

Bertha Lutz contava mais informações pessoais do que Doris Cochran, falava bastante sobre as pessoas do Museu e muito sobre o irmão, enquanto Doris quase nunca falava sobre sua família. Em maio de 1957, Doris mencionou suas intenções de publicar ainda um livro sobre a expedição ao Brasil dizendo que uma editora americana queria que ela publicasse um livro popular sobre sapos e ela gostaria de escrever sobre aquela viagem – “*E.P Dutton & Sons want me to do a popular book on frogs, but I should like to make it a story of my Brazilian trip, with a little bit of biography of your father and you during the time I knew him. Will you give me your opinion on it?*”¹⁷⁰ Bertha respondeu concordando com o pedido e se mostrando feliz com a iniciativa – “*It is very interesting about the book of Brazil you intend to write and I shall be glad to help you if I can*”.¹⁷¹

Em 1962, Doris Cochran escreveu a Bertha Lutz contando suas intenções de fazer uma nova excursão ao Brasil. Dessa vez, viria com um financiamento da *National Science Foundation* e pretendia visitar o Brasil, Argentina, Peru e Colômbia. Dizia que, possuindo naquele momento uma artrite bastante avançada, seria difícil coletar sozinha, mas poderia pagar alguém para ajudá-

¹⁶⁸ Sobre animais de estimação e relação homem-animal, ver: Haraway, Donna. *The companion species manifesto: dogs, people and significant otherness*, Chicago: Prickly, 2003.

¹⁶⁹ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 17/02/1957. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁰ Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 31/05/1957. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷¹ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 20/06/1957. *Smithsonian Institution Archives*.

la e se lembraria de Joaquim na hora de descrever ao novo ajudante os métodos que precisaria usar para fazer a coleta. E dessa vez viria acompanhada de uma colega entomologista:

*As for methods, I can tell him how to do it, as I learned Joachim's techniques, and I had a few of my own that brought good results [...] Mrs. Sidney F. Blake, an entomologist and widow of the botanist, will travel with me to Rio, São Paulo and B.A. at least, as she has to see beetle types.*¹⁷²

Bertha respondeu a carta fornecendo-lhe informações que havia pedido para programar a viagem e ajudando-a, como sempre. É interessante observar que nem as próprias cientistas mulheres tinham o costume de se referir às colegas de profissão que eram esposas de cientistas por seus nomes próprios, tal como ela se referiu a Sra. que a acompanharia usando o nome do marido já falecido, o botânico Sidney Blake. Esse costume é responsável por tornar invisíveis inúmeras cientistas que acabam desaparecendo frente ao renome de seus maridos (Corrêa, 2003).

Nas cartas de 1961 e 1962, Bertha Lutz falou várias vezes sobre o avanço dos comunistas no Brasil, de forma a demonstrar seu descontentamento com o que acontecia em relação à política do país. Um episódio em particular semeou a discórdia entre ela e o pesquisador Herman Lent, que dirigiu a sessão de zoologia do Instituto Oswaldo Cruz entre os anos 1961 e 1964, situação que ela relatou a Doris em muitas cartas.¹⁷³ Dizia respeito às coleções formadas por Joaquim Venâncio, Bertha e Adolpho Lutz, que ela queria levar para o Museu Nacional. Segundo as cartas de Bertha, Lent não queria permitir isso alegando que as coleções haviam sido majoritariamente formadas por Joaquim Venâncio. Ela não poupava palavras para apontar o clima político do país e o avanço dos comunistas como principais responsáveis por essas situações conflituosas nas instituições científicas da época. Em cartas de 1962, ela escreveu a Doris:

The situation regarding to the collections is this: Things have come to a pass where the only solution left was to divide the collections and take those posterior to my father's death to the Museum and leave the others temporarily at the Institute. A terrible spirit has got in there, the director is an almost senile man from outside, the old ones have reached compulsory retirement age and the dominant group are communists and hooligans. Behavior has been shocking. The zoology things are in the hands of Lent, a Jew whom I don't know if you remember, while I was away he open the lab and rifled my papers and drawers. On my objections and [...] of the vice-director the director only says: What can I do? [...] One man similar threatened said: if you can't do anything can at least go away? But that he won't do. I told Lent very plainly what I

¹⁷² Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 20/04/1962. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷³ No livro de Herman Lent (1978), *O Massacre de Manguinhos* (Ed. Avenir: Rio de Janeiro), ele fala sobre a perseguição, afastamento e prisão de pesquisadores e administradores do Instituto Oswaldo Cruz naquele período.

*have to say and after that he sent the helminthologist to do the partition [...] Lent make all the difficulties he can, but I hope they will have finished when you arrive.*¹⁷⁴

*[...] I would never believe that the Institute would be among the first to succumb to the red angle but it is so. The authorities are weak old men and the leftist group is ruling. I do hope none of them are getting help to the Zoological Congress.*¹⁷⁵

Em outra carta, Bertha escreveu que Lent dizia que todas as coleções feitas por Joaquim deveriam permanecer no Instituto – “*Lent now takes the stand that all that was collected up to Joaquim’s death should remain at the Institute because it was he not I that was the zoologist. He thus tries to run a wedge between me and a dead friend*”.¹⁷⁶ Em resposta, Doris lamentava a confusão com as coleções e se ofereceu para testemunhar em seu favor quanto à origem das coleções – “*I am sorry that the Institute does not want to give you the frogs that are rightfully yours. If they need proof as to you being the ‘collector’, I can affirm how many you got while I was there in 1935, - at least as many as Joaquim!*”¹⁷⁷

Bertha Lutz colocou todos seus esforços nessa disputa e se posicionou fortemente contra os integrantes do Instituto que dizia serem aliados a grupos comunistas. Contou a Doris que ameaçou Lent falando que iria ao tribunal se ele mexesse nos armários com as coleções,¹⁷⁸ e conseguiu pegá-las de volta. Em carta de 18 de julho de 1963, Doris escreveu: “*I am so happy that your father’s collection from the Institute is now safe in your hand. You will really get some good use from it after its many years of incarceration*”.¹⁷⁹

Bertha Lutz tinha conflitos nos círculos científicos em que trabalhava, o que não é nenhuma surpresa, pois relatos sobre ela apontam o gênio difícil como uma de suas principais características e o envolvimento com questões políticas fizeram parte de toda sua trajetória. A participação no movimento feminista é um dos aspectos mais marcantes e ressaltados em sua história, mas ela também participava de outras vertentes políticas. Era adepta do americanismo e do anticomunismo que marcavam sua personalidade e seu trabalho nas ciências. Indissociáveis, esses mundos se cruzavam e as divergências políticas acabavam sendo responsáveis por muitas decisões, linhas de pesquisa e jogos de poderes (Sombrio, 2007). Para onde as coleções iriam,

¹⁷⁴ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 12/11/1962. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁵ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 28/05/1962. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁶ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, s/d. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁷ Carta Doris Cochran- Bertha Lutz, 25/04/1963, *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁸ Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, s/d. *Smithsonian Institution Archives*.

¹⁷⁹ Carta Doris Cochran- Bertha Lutz, 18/07/1963, *Smithsonian Institution Archives*.

quem teria acesso a elas, quem tinha o direito sobre elas, com que grupos essas duas cientistas se associariam para colaborar em pesquisas, tudo isso era capaz de influenciar e determinar o rumo que aquelas ou novas pesquisas tomariam.

Doris Cochran viveu até 1968, voltou ao Brasil em 1966 para participar de um simpósio no Instituto Butantan, como já mencionamos, e Bertha Lutz viveu ainda mais, até 1976, trabalhando até quase o fim de sua vida, cuidando de seus cachorros e frequentando os congressos feministas (Lopes, Souza e Sombrio, 2004; Lopes, 2008b). A colaboração e a participação dessas duas personagens nesse amplo círculo científico caracteriza a presença de mulheres no desenvolvimento de importantes pesquisas e das ciências.

Um dos aspectos mais interessantes na leitura da documentação sobre Doris Cochran, além de acompanhar detalhadamente suas práticas científicas, é encontrar as pessoas que fizeram parte de sua trajetória no Brasil, cientistas, assistentes, amigos e habitantes dos locais por onde passou, o que permite ressaltar a importância da atuação de redes de atores na realização de pesquisas científicas, desmistificando estereótipos que associam o desenvolvimento das ciências somente a “mentes privilegiadas”, solitárias ou geniais. Identificá-las em maiores detalhes se merecido, nos distanciaria do foco desse trabalho, mas muitos eram cientistas até hoje amplamente reconhecidos, como os pesquisadores do Museu Paulista, por exemplo. Como outras atividades humanas, a ciência é uma prática social e acontece a partir de grupos que são maiores e mais abrangentes do que estamos acostumados a reconhecer.

O trabalho e a participação das pessoas com quem Doris contou no Brasil foram essenciais e sem os conhecimentos de Joaquim Venâncio, Berta Lutz e Adolpho Lutz, seu trabalho teria sido com certeza muito menor e mais difícil de realizar. As inúmeras pessoas com quem ela se relacionou durante a expedição de 1935 contribuíram enormemente, mesmo que sem saber, para a formação de coleções no Instituto Smithsonian.¹⁸⁰

Não é possível encontrar no trabalho de Doris Cochran um padrão de ciência heroica, engajada em expedições com o objetivo de desbravar áreas selvagens, como de fato grande parte dos cientistas naquele momento já não o fariam, porque não é assim que as práticas científicas são constituídas. A maior parte do trabalho era procurar espécimes, ser ágil o suficiente para coletar sapos e insetos, conservá-los, etiquetá-los, anotar com muita precisão informações sobre os locais de procedência de cada exemplar, suas formas, tamanhos, cores e sons. Depois de

¹⁸⁰ Doris Mable Cochran Papers (1919-1968), RU 7151, Box 5-6, *Smithsonian Institution Archives*.

muitos dias de coleta e de organização das coleções, a fase de trabalho que se seguiria seria analisar todo o material, comparar, buscar referências bibliográficas e escrever artigos científicos, a exemplo dos livros que Doris escreveu – *The Frogs of Southeastern Brazil* (1955), *The Herpetology of Hispaniola* (1941) e *Living Amphibians of the World* (1961).

Além disso, aspectos da personalidade de Doris mostram-na como uma cientista tão fruto de seu tempo como o eram outros cientistas da época, homens e mulheres, afiliados a certas linhas de pensamento sociais e políticas que faziam parte de seu contexto, algumas das quais facilmente discordaríamos. Ao buscar a experiência positiva de mulheres que trabalhavam nas ciências empenhando-se em pesquisas de campo com tanto afinho como qualquer cientista homem, torna-se também frustrante perceber os traços de racismo, conservadorismo, preconceitos culturais ou menosprezo por realidades discrepantes de seu mundo. O aspecto feminista que gostaríamos de encontrar em Doris Cochran está mais imiscuído em suas atividades e atitudes do que em um discurso propriamente dito, e a forte amizade com Bertha Lutz aponta para a existência de algum nível de interesse nesse sentido.

Doris e Bertha tinham muitas coisas em comum, mas certamente não se encaixavam no perfil mais aceito entre as mulheres de sua época. Não se casaram, não tiveram filhos nem se engajaram em atividades domésticas. Uma reportagem sobre Cochran, publicada no *Journal Minneapolis Morning Tribune*, em novembro de 1953, retratou sua carreira e sua primeira expedição ao Brasil. No depoimento pessoal, Doris disse - “*I hate the domestic sciences*” – e explicou que sua carreira nunca permitiu que ela tivesse um contato mais íntimo com esse tipo de atividade porque exigia que passasse longos períodos em viagens de campo nas áreas tropicais para coletar espécimes. Quando questionada o porquê de ter escolhido tal carreira, ela respondeu “*My reasons for going into this type of work are really very simple. I had to earn a living, and I always had liked animals*”. Outro dado interessante trazido pela reportagem é que, sendo a nomeação das espécies parte do trabalho, ela havia batizado alguns dos animais que encontrou no Brasil com os nomes de colegas do trabalho e, em retorno, eles também nomearam nove répteis e anfíbios em sua homenagem.¹⁸¹

O que buscamos aqui é encontrar a participação das mulheres nas ciências, que não acontece indissociavelmente de contextos sociais e políticos, e a instituição científica por si só já

¹⁸¹ *Snakes Alive! Here's woman who prefers 'em That way*, by Richard Helgersen, *Minneapolis Morning Tribune*, Mon. Nov. 2, 1953, p. 38. RU 7151, Box 7, Folder 14-15, *Smithsonian Institution Archives*.

carrega características que excluem não só por gênero, mas também por raça, etnia, classe ou orientação política, como diversos estudos clássicos da área de gênero e ciências já demonstraram, e pudemos observar também nessas trajetórias. Assim como Doris Cochran, Bertha Lutz, famosa por sua militância em prol das mulheres, não era a feminista libertária que gostaríamos de encontrar, lutando contra todas as formas de desigualdade, e sim uma feminista, e cientista, proveniente da classe média urbana, com conotações políticas majoritariamente alinhadas à direita reacionária brasileira. Destacam-se nos documentos abordados neste capítulo a tamanha dedicação de Doris Cochran e Bertha Lutz em buscar, classificar, nomear e compartilhar as inúmeras espécies de plantas, anfíbios, sapos e cobras que se empenharam em pesquisar, envolvendo-se em redes de produção de conhecimento científico, ocupando assim espaços ainda majoritariamente masculinos tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

Capítulo 3 – Cacos de cerâmica

Depois de começarmos a perceber que a referência é algo que circula, tudo mudará a nossa compreensão das conexões entre uma disciplina científica e o restante do mundo [...] Seguindo a trilha da reconstrução dos fatos, saberemos reconstruir, vaso após vaso, o sistema circulatório completo da ciência. A noção da ciência isolada do resto da sociedade se tornará tão absurda quanto a idéia de um sistema arterial desconectado do sistema venoso (Latour, 2001, p. 97).

Pioneira no campo da Arqueologia, as contribuições de Betty Meggers (1921-2012) abriram caminho para o desenvolvimento de muitas pesquisas sobre culturas pré-históricas na América do Sul. Começou a trabalhar no Instituto Smithsonian no início da década de 1950, onde permaneceu até 2012 quando veio a falecer e durante toda sua carreira produziu muitos estudos e artigos, se consolidando como uma grande escritora. Seu livro mais notável – *Amazônia: A Ilusão de um Paraíso* - provém de suas pesquisas no Brasil e se tornou referência para pesquisadores da área de Arqueologia e Antropologia, sendo também citado em alguns estudos sobre problemas ambientais da Amazônia. Betty Meggers apoiou e conseguiu recursos para inúmeros estudantes, especialmente brasileiros, visitarem o Smithsonian, onde realizava suas pesquisas. Muitos deles também contribuíram com o desenvolvimento de mais estudos (Dias, 1995, por exemplo). Poucos, entretanto, tiveram a oportunidade de vê-la em campo e são aspectos dessa sua atuação menos conhecida que privilegiamos resgatar nesse capítulo.¹⁸²

Betty Meggers veio ao Brasil pela primeira vez em 1948, acompanhada por seu marido Clifford Evans, também arqueólogo. Permaneceram no país até 1949, realizando expedições científicas. Àquela época Betty Meggers ainda não era funcionária do Instituto Smithsonian. O casal desenvolvia suas teses de doutorado na Universidade de Columbia e, a partir de 1950, após retornarem da expedição no Brasil, passaram a fazer parte do quadro de funcionários daquele instituto. A partir de então, deram início a um projeto voltado aos estudos das principais rotas de comunicação fluvial entre os Andes e as terras baixas sul-americanas.

Assim como Wanda Hanke e Etta Becker Donner, Betty Meggers circulou pela América Latina. Entre 1952 e 1957, Meggers e Evans também realizaram pesquisas na Guiana, no Equador e na Venezuela. Mais tarde, em 1967, retornariam ao Brasil com apoio de José Loureiro

¹⁸² Essas informações sobre Betty Meggers foram publicadas no texto introdutório da revista *Anthropolog – Newsletter of The Department of Anthropology National Museum of Natural History*, Summer 2012, Smithsonian National Museum of Natural History dedicada a ela. “Betty Meggers (1921-2012): A Latin American Perspective”, A. Jorge Arellano e S. Jeffrey Wilkerson.

Fernandes, à época coordenador do Centro de Ensino e Pesquisa em Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, para ajudarem a fundar o PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, implementado entre 1965 e 1970. Fernandes conseguiu financiamento para trazê-los de volta ao Brasil para que pudessem ministrar um curso sobre temas ligados a técnicas de campo, análise, classificação e interpretação cerâmica (Dias, 1995).

Assim como Doris Cochran, Betty Meggers também registrou diários sobre as expedições que realizou no Brasil. Seus registros estão em cadernos manuscritos que levava ao campo e são estes documentos que permanecem até hoje. No caso de Doris, como dissemos, o que analisamos foi a versão do diário que ela preparou para publicação, datilografado. Mais uma vez, foi este tipo de fonte que nos permitiu conhecer detalhes de sua viagem e resgatar informações sobre as mulheres que encontramos através dos registros do CFE.

Sobre a documentação consultada é importante esclarecer que, como Betty Meggers faleceu em 2012, todo o material pessoal de sua sala no Museu de História Natural do Instituto Smithsonian foi enviado ao Arquivo Nacional de Antropologia do mesmo Instituto e ainda encontra-se em processo de análise e catalogação para, posteriormente, ser disponibilizado à consulta pública. Com a colaboração de funcionários do Museu e ex-colegas de trabalho dela, durante estágio realizado no Smithsonian, foi possível acessar algumas caixas de documentos que ainda não haviam sido enviadas ao arquivo, onde localizei alguns cadernos de campo inéditos da primeira viagem de Betty Meggers ao Brasil, entre 1948 e 1949. Ainda não existe um catálogo completo de todos os documentos de Betty Meggers referentes as suas inúmeras viagens de campo, como cartas, fotos ou outros tipos de documentos.¹⁸³

As anotações dela sobre a viagem ao Brasil incluem os percursos da expedição, as práticas científicas, redes de relações firmadas, lugares que conheceram e histórias que viveram. O primeiro local visitado por Betty Meggers e Clifford Evans foi a capital, Rio de Janeiro, por onde passaram com o intuito de organizar a pesquisa de campo que pretendiam fazer na Amazônia, mais especificamente, na região do Baixo Amazonas. Em sua narrativa, conforme os dias passavam, Betty escrevia cada vez mais palavras em português demonstrando a familiaridade que foi adquirindo com a língua.

¹⁸³ Agradeço especialmente à Dra. Pamela Henson, historiadora do *Smithsonian Institution Archives*, e Dra. Barbara Watanabe, antropóloga do *National Museum of Natural History*, Washington DC, por toda a ajuda na pesquisa sobre Betty Meggers.

Da expedição que durou um ano, Betty Meggers registrou informações dia após dia escrevendo em seus diários.¹⁸⁴ Sobre a prática de produzir diários de expedições científicas, Bourguet (1997: 230), em estudo sobre exploradores dos séculos XVII e XVIII, argumenta que aqueles diários eram reveladores da normalidade dos dias que decorriam muito mais do que de aventuras heroicas e tumultuosas e que, para os viajantes, registrar as descobertas, mesmo que cotidianas, era uma das principais ocupações da viagem. A respeito dessas referências mais antigas sobre os diários de campo, a título de curiosidade, é interessante o trecho em que Bourguet explica como a prática se tornou uma obrigatoriedade entre os exploradores:

Precisamente o diário, que permite ir registrando a descoberta, é a primeira destas ocupações: “Fiz questão, durante toda a viagem, [...] de escrever diariamente, seja no barco, seja no acampamento, aquilo que me afigurava digno de nota”, recorda Humboldt, evocando sua viagem ao Orenoco. Há muito prática habitual dos navegadores, tornada obrigatória para os oficiais da marinha francesa pelos decretos de 1689 e de 1765, impõe-se, por maioria de razão, a conservação de um diário por parte dos oficiais e dos estudiosos, nas grandes expedições [...] (Bourguet, 1997: 230)

Na primeira metade do século XX, essa característica ainda se mantinha nos diários de Doris Cochran e Betty Meggers analisados aqui, revelando uma continuidade dessa prática de anotar impressões cotidianas sobre a expedição, responsável por produzir fontes que, ao mesmo tempo que revelam a monotonia do processo de descoberta científica e permitem recuperar os dados de campo, inspiraram também o imaginário popular ao suscitar a ideia de expedições como aventuras de heróis intrépidos e solitários, partindo para um destino desconhecido (Bourguet, 1997: 212). No texto de Doris Cochran, como comentamos no capítulo anterior, ficam claras as influências dessa literatura romantizada acerca das expedições científicas.

Betty Meggers partiu de Washington DC em 29 de junho de 1948, acompanhada por Clifford Evans, e só retornou aos EUA em 13 de julho de 1949. Além das informações sobre arqueologia amazônica que se mantêm preservadas, a leitura da narrativa de Betty Meggers é muito prazerosa. Algumas vezes, seus relatos diários eram complementados por pequenos comentários de seu marido, Clifford Evans, nas últimas linhas ou no pé das páginas, mas quem relatava a expedição era mesmo ela.

¹⁸⁴ Journal of Lower Amazon Expedition, 1948-1949, vol. I, II, III, IV. Betty Meggers. *National Museum of Natural History, Smithsonian*.

Na incursão que fizeram pelo interior do Brasil, passaram a maior parte do tempo recolhendo cacos de cerâmica, ossos e outros artefatos arqueológicos em busca de pesquisar e elucidar a história de habitação dos povos indígenas daquela região. Os objetos coletados foram destinados a museus brasileiros, a maior parte ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.¹⁸⁵ Como ressaltam diversos autores, os trabalhos de campo e as coleções foram e continuam sendo aspectos essenciais de disciplinas como a Arqueologia, que se conformaram transformando teórica e concretamente espaços, cacos e ossos em áreas e objetos científicos (Lopes, 2010; Lopes e Barbuy, 2013). Foi a partir da análise, descrição e catalogação dos artefatos adquiridos que Meggers construiu suas teorias sobre a adaptação do homem aos trópicos.

Suas descrições detalhadas incluem notas diárias sobre as incursões nas ilhas de Marajó, Caviana, Mexiana, território do Amapá, os períodos que permaneceram em Belém, trabalhando no Museu Emílio Goeldi, e o início da viagem no Rio de Janeiro.¹⁸⁶ Neste capítulo, privilegiaremos suas experiências em Marajó, Caviana e Mexiana, principalmente pelo interesse em conhecer as práticas de campo a que Betty Meggers se dedicava, mas também porque a imensa quantidade de dados nos levou a selecionar, para este texto, uma amostra de fontes a ser utilizada, em função de nossa opção de privilegiar mais o ‘detalhe’ do que amplos panoramas gerais, esperando assim contribuir para nos aproximarmos de um maior conhecimento sobre o que eram as atividades de campo que ela realizou no Brasil, naquela época.

Muito mais do que a tradicional assistente esposa, Betty Meggers era indiscutivelmente a cientista desta expedição, trabalhando o tempo todo em companhia de Clifford Evans. Diferente de outros casais de cientistas, ela não usava o nome do marido e tornou-se conhecida nos círculos científicos por seu nome próprio. Betty era participante ativa nas escavações e se empenhava para que as decisões tomadas fossem as mais acertadas possíveis durante toda a expedição, como seus diários nos mostram. Retomaremos alguns trechos no decorrer do texto.

A colaboração entre casais foi um fenômeno que se tornou mais frequente e publicizado na primeira metade do século XX. Juntos eles construíam um estilo de vida que facilitava e dava suporte um ao outro (Pycior; Slack; Abir-AM, 1996: 4, 8). Assim é possível observar no caso de Betty Meggers e Clifford Evan, alguns casais apoiavam-se nas condições extremas do trabalho de campo em países estrangeiros e também criavam uma ligação e apoio para se posicionarem no

¹⁸⁵ Journal of Lower Amazon Expedition, 1948-1949, vol. I, II, III, IV. Betty Meggers. *National Museum of Natural History, Smithsonian*.

¹⁸⁶ Idem.

mundo competitivo das ciências. O trabalho dos casais possuía uma complementaridade e resultados que nenhum dos dois alcançaria sozinhos, ou que a mulher teria mais dificuldades para perseguir sozinha.

De acordo com o livro editado por Pycior; Slack e Abir-AM (1996: 8-10), o “casal criativo nas ciências” é um importante fenômeno na história das ciências e das relações de gênero. As três primeiras ganhadoras do Nobel dividiram os prêmios com seus maridos colaboradores: Marie Curie - 1903/1911, Irene Curie - 1935, e Gerty Cori – 1947. Uma característica dessas mulheres é que elas mantinham individualidade em seus trabalhos e não somente colaboravam com seus maridos. Isso teria possibilitado que não fossem absorvidas pelos trabalhos e nomes de seus companheiros. Betty Meggers vivia uma situação similar, mantendo a individualidade em seus trabalhos e indo além ao não adotar o sobrenome do marido na autoria de seus trabalhos científicos.

Como afirma Margaret Lopes (2011b), citando Pina Cabral (2005):

“Também estruturando nossa pesquisa, consideramos fundamentais, em termos de políticas e micropolíticas das ciências, os equacionamentos entre nome, status e prestígio, a partir de suas historicidades e articulações com as convenções sobre autoria e autoridade. Partilhamos o pressuposto de que a nomeação pessoal é uma “porta de entrada privilegiada para o estudo da forma como os grandes fatores de diferenciação social, política, científica se operacionalizam através da ação pessoal” (Pina-Cabral 2005).”

Alguns aspectos saltam aos olhos na narrativa de Betty Meggers. Primeiro os inúmeros nomes de brasileiros que aparecem, desvelando toda a estrutura de trabalho coletivo, envolvida em torno dos pesquisadores para que a produção do conhecimento aconteça. São inúmeros os anônimos que contribuíram com as escavações, viagens, carregando os artefatos, indicando-lhes locais de trabalho e fornecendo condições para que a viagem acontecesse. Para historiadores sociais e antropólogos, conhecer o cotidiano desses processos e envolvimento dos pesquisadores com a sociedade é algo de muito valor. É a história da construção de teorias científicas em sua forma primeira com a participação social inclusa. Ficam ressaltadas também as inúmeras dificuldades que eles enfrentaram para realizar a expedição na Amazônia que, como mostram as notas diárias, não foi uma viagem fácil. Acordavam cedo para entrar na mata em busca de sítios arqueológicos, escavavam eles mesmos os sítios, as vezes com ajuda de mateiros locais,

carregavam as peças de volta às cidades, comiam e dormiam do mesmo modo que os habitantes da região. Foi uma experiência de campo muito diferente da de Doris Cohran.

As possibilidades de reflexão a partir dos diários de Betty Meggers são imensas e não seria possível abordar todas nesse capítulo. Os inúmeros participantes do trabalho de pesquisa que ela coordenou e que aparecem em seu relato são muito importantes para esta história. Buscávamos entender como as mulheres se inseriam nas comunidades científicas, no entanto, a história registrada por ela mostrou muito mais do que isso e revelou todo um processo de inserção necessário na sociedade do Baixo Amazonas para tornar aquela pesquisa possível. É muito interessante perceber que, além de coletar, classificar, analisar e disputar teorias, ela necessariamente contou com o apoio de mateiros, caboclos, mulheres das comunidades locais, proprietários de terras e pesquisadores brasileiros para construir sua pesquisa. Ao passar todo aquele ano vivendo na região, escavando, coletando, dormindo em suas casas, conhecendo suas crianças, Betty Meggers deixou registrado também um pequeno pedaço da vida daqueles grupos e, mais tarde, isto tudo iria de alguma forma influenciar os livros que ela escreveu sobre a Amazônia. Diferentemente de Doris Cochran, seu interesse científico estava nas pessoas e nas formas de adaptação humana ao território e isso certamente influenciou o fato da experiência de Betty Meggers ter sido tão diferente da história contada no capítulo anterior, como veremos no decorrer desse capítulo.

Acompanhar o cotidiano de uma pesquisa científica em busca de compreender mais sobre as relações que se estabelecem entre as ciências e a sociedade e sobre a construção dos discursos não é algo novo. Trabalhos no âmbito dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, como *Vida de Laboratório* (Latour e Woolgar, 1988), por exemplo, ressaltaram a importância de compreender os grupos sociais que praticam as ciências e como todos esses atores humanos e não humanos se relacionam ao produzir experiências, fatos e teorias.

Quando Latour (2001) acompanhou uma incursão na Amazônia para escrever suas impressões antropológicas sobre aquela expedição científica, ele ressaltou o desvelar de uma sociedade mista de humanos e natureza surgindo diante de seus olhos:

[...] Por intermédio desse relato fotofilosófico, porei diante de seus olhos, caro leitor, uma pequena faixa da floresta de Boa Vista; mostrar-lhe-ei alguns traços da inteligência de meus cientistas e tentarei conscientizá-lo do trabalho exigido por esse transporte e por essa referência. (Latour, 2001: p. 41)

Analisando uma expedição composta por uma cientista botânica, um pedólogo e uma geógrafa geomorfologista, Latour (2001) ressaltou que, como os cientistas envolvidos praticavam disciplinas diferentes, falavam do que observavam de modo diverso. Em determinado momento da pesquisa, o grupo tentava entender o avanço de árvores típicas da savana que passaram a ocupar um espaço de floresta. Enquanto a botânica se ocupava em desvelar o ponto de vista das árvores, por assim dizer, o pedólogo defendia o avanço do solo como predominante à agência das árvores. Ao reunir evidências para a produção de conhecimento, os pesquisadores estão envolvidos em ambientes e teorias pré-concebidas que influenciam sua visão de mundo e, consequentemente, os resultados que procuram e que produzem. Dessa forma, entendemos que as diferentes ciências praticadas por Doris Cochran e Betty Meggers, além de suas próprias culturas e concepções que seu diários deixam transparecer também fizeram com que elas tivessem trajetórias bastante distintas em suas pesquisas de campo no Brasil.

Para produzir seus conhecimentos arqueológicos Betty Meggers ainda passaria anos, aí sim da mesma forma que Doris, analisando os objetos e dados que coletou com ajuda de seu marido durante a expedição na Amazônia. Porém, o momento da coleta das fontes formou experiências únicas a partir da visão sistêmica do local estudado, o que certamente influenciou a imagem construída por Betty Meggers que, mais tarde, caracterizaria a floresta como um paraíso ilusório (Meggers, 1987).¹⁸⁷

Estes momentos relatados no diário ainda estão muito distantes das teorias que surgiriam a partir de todas as referências encontradas. Levar as peças para o Museu Goeldi, depois para os EUA, catalogá-las e compará-las ainda seria muito importante para que da expedição surgissem afirmações sobre o processo de habitação daquelas ilhas. Como as experiências do diário viraram as teorias escritas em seus livros? Estes dois discursos mantêm semelhanças? Resgatamos o que a partir do diário? Segundo Latour, “as ciências não falam do mundo, mas constroem representações que ora parecem empurrá-lo para longe, ora trazê-lo para perto” (Latour, 2001:46). O diário nos mostra uma parte constituinte da produção científica que ocorre antes de ser codificada em catálogos, mapas, símbolos e teorias limitadas às comunidades que se dedicam àquela disciplina. Acompanhar pequenos espaços de construção das ciências pode enfatizar o

¹⁸⁷ Meggers, Betty. *Amazônia – A Ilusão de um Paraíso*. Tradução de Maria Yedda Linhares (Título do original em inglês: *Amazônia - Man and Culture in a Counterfeit Paradise*); apresentação de Darcy Ribeiro – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

argumento de que as ciências podem ser ao mesmo tempo confiáveis e frágeis, realistas e construtivistas (Latour, 2001: 46).

Em nossa abordagem, estamos interessadas no modo como as expedições de campo foram realizadas no Brasil, com a participação de quem, e em seus aspectos relacionais, abordando como as mulheres se engajavam nelas. Na Amazônia, a pesquisa científica que Meggers e Evans desenvolviam ocorria em confronto com o mundo. O estágio seguinte, da produção de certezas sancionadas nas instituições científicas é outro momento desta construção que difere muito do relato aqui reproduzido. A parte de campo nos interessa porque é um estágio fundamental e que ocorre fora de uma ambiente isolado pelo protocolo científico, mesmo que saibamos que este protocolo não garante a neutralidade (Kuklick, H. e Kohler, 1996). É um estágio onde os cientistas ainda têm que dialogar com o mundo de não-cientistas. Até Betty e Clifford aparecerem, os moradores não atribuíam os significados que Betty e o marido atribuiriam aos cacos de cerâmica que coletavam. Os artefatos coletados seriam transformados em objetos fronteiros que ganhariam novos significados (Star and Griesemer, 1989) e “afiançariam” os textos que resultariam daquela expedição de campo (Latour, 2001: p. 48), algo não necessariamente imaginado antes pelos habitantes locais.

“O espaço se transforma numa mesa de mapas, a mesa de mapas num armário, o armário num conceito e o conceito numa instituição” (Latour, 2001: p. 52). Como também no caso das coleções de Wanda Hanke, dos anuros de Doris e de Bertha, os artefatos levados para serem catalogados e guardados numa instituição viajaram dos respectivos campos para as instituições e daí novamente empreenderam viagens para as publicações e catálogos. No caso de Betty, cacos transformados em coleções adquiriam nacionalidades e temporalidades, saíram da floresta nas viagens de barco feitas pelo casal e se transformariam num conjunto de afirmações sobre os povos da floresta tropical, construindo o que viriam a ser fundamentos dos conhecimentos arqueológicos sobre a região, evidenciando também nesse caso a forma como as ciências vão se construindo. Essa coleção viraria referência científica e aproximaria a floresta da instituição, de certa forma. Um pequeno número de traços característicos é carregado neste processo. Reunindo as peças coletadas ao longo de anos lhes foi possível encontrar padrões que não se encontrariam na floresta, pois não teriam uma vitrine ou uma reserva técnica lotada de peças para compará-los e anotações de anos à disposição.

O que foi vivido na floresta acaba sendo suplantado por uma visão ampla e comparativa, e aquele momento desaparece sobreposto pela instituição. No entanto, a nós, historiadores sociais, interessa compreender como se deu um momento tão ímpar, uma parte do trabalho científico que não pode se dar ao luxo de não se envolver com o mundo. O casal de arqueólogos aprende coisas novas nos dois momentos e se transforma com eles, mas aqueles cacos se transformariam também. Há de se ressaltar que a capacidade de se trabalhar com tantos dados não é nada fácil. Chegar de uma expedição com baús de amostras dos povos da floresta passa pelo risco de transformar a sala de um museu em uma nova parte da floresta repleta de cacos aparentemente sem novos significados. “O mundo pode regredir à confusão em qualquer ponto deste deslocamento [...]” (Latour, 2001: 55). A produção do conhecimento vai derivar do movimento dessas peças de cerâmica e não somente da sua coleta. São também suas trajetórias nos espaços de colecionismo que vão lhes agregar significados, como ressalta Alberti (2005). Mas Betty Meggers já deu início à classificação nos próprios sítios, separando pilhas, depois sacos, cores e estilos. Anos depois as teorias começariam a surgir, com toda aquela experiência entre os habitantes da floresta contemporâneos a ela e ainda vivos, embora um pouco mais distantes.

Existe um caminho intermediário entre os objetos e as palavras. Como são coletados os dados na floresta? “Para tornar-se reconhecível o mundo precisa transformar-se em um laboratório” (Latour, 2001: 59), museus, no nosso caso. Por isso os cientistas demarcam os locais de pesquisa, criam padrões para nomeá-los e distingui-los, etiquetam tudo, escrevem diários, desenham mapas, etc. Ao nomear com códigos e signos os materiais examinados e recolhidos na floresta estamos “cruzando a fronteira sagrada entre o mundo e o discurso? Claro que sim...” (Latour, 2001: 81).

É importante pensar também nas desigualdades da divisão de trabalho entre o casal americano e os brasileiros, caboclos e mulheres, dentro destas redes. Obviamente existe uma hierarquização de funções. Naquele local os arqueólogos representavam a “vanguarda de laboratórios/museus distantes”, para onde levariam aqueles objetos retirados da terra (Latour, 2001: 61). O diário da expedição é muito importante para que as referências não sejam perdidas, fazer essas anotações detalhadas é fundamental e é a forma como cada dado será retomado para que seja possível reconstruir sua história.

3.1 - A viagem de Betty Meggers e as relações institucionais no Brasil

“[...] conhecer não é apenas explorar, mas conseguir refazer os próprios passos, seguindo a trilha demarcada” (Latour, 2001: 91).

Voltando a nossa história sobre mulheres, Betty Meggers nos remete, mais uma vez, à ilustre Dona Heloísa Alberto Torres,¹⁸⁸ mencionada muitas vezes no relato e que teve participação fundamental em possibilitar esta expedição. Diferente do Diário de Doris Cochran, não existem listas de materiais trazidos, nem referências às vacinas e precauções tomadas antes de iniciar a viagem. Nas primeiras páginas de cada um dos cadernos de campo estão índices que descrevem os locais visitados e mapas das regiões que percorreram. O diário que ficou da viagem de Doris, aquela versão preparada para publicação e que fazia as vezes de um livro romantizado sobre uma viagem exótica, difere bastante das anotações de Betty Meggers que, apesar de também serem muito pessoais e cheias de histórias que vão além da pesquisa, têm uma organização que remete mais a um glossário de pesquisa sobre a própria expedição, para que ela conseguisse posteriormente recuperar as informações sobre os locais de coleta.

Betty Meggers e Clifford Evans saíram de Nova York de avião e chegaram ao Rio de Janeiro após uma longa viagem com paradas em Miami, Pará e Anapólis. Foram recepcionados por Dona Heloísa Alberto Torres, que abriu as portas do Museu Nacional para eles, e por Cecilia Wagley,¹⁸⁹ que havia reservado um quarto para o casal no “Hotel Paysandú”. Conversaram um pouco, receberam as boas vindas e se encaminharam ao hotel para descansar. Betty Meggers deixou registrado em seu diário que achou Dona Heloísa muito simpática e que ela falava inglês muito bem. Termina o relato do dia dizendo que esperava que ela gostasse deles e que achava o Rio uma cidade linda. Ao contrário de Doris, ela era sempre muito otimista.

*Dona Heloisa seems to be very nice. She speaks very good English. I hope that she will like us. She started off by loaning us 500 cruzeiros until we can get some dollars changed, which might be a good sign [...]*¹⁹⁰

¹⁸⁸ Sobre Heloísa Alberto Torres, ver Corrêa, 2003.

¹⁸⁹ Provavelmente se refere a esposa de Charles Wagley, antropólogo norte-americano da Universidade de Columbia, mesma do casal, que realizou pesquisas de campo do Brasil na década de 1940. Menções ao casal Wagley podem ser encontradas em Corrêa, 1997 e Corrêa, 2003.

¹⁹⁰ Journal of Lower Amazon Expedition, 1948-1949, Vol. 1, p.5, 03/07/1948, Betty Meggers. *National Museum of Natural History, Smithsonian*.

Na época, os arranjos necessários a uma viagem de pesquisa como esta eram muito mais demorados e difíceis de serem feitos. Um contato no país de destino, um amigo correspondente ou o apoio de uma instituição poderiam ser definidores da qualidade da pesquisa feita, da viabilização da excursão e da garantia de não passar necessidades no país estrangeiro. Dona Heloísa foi buscá-los no aeroporto, assim como Bertha Lutz fez com Doris Cochran, e lhes emprestou dinheiro para o começo da viagem. Essas redes de contatos estavam na base da internacionalização da ciência.

O dia seguinte passaram explorando a nova cidade. Admiraram-se com a arquitetura moderna do Rio de Janeiro, característica da época, e gostaram das calçadas decoradas com mosaicos em padrões geométricos e florais pretos, tradicionais da cidade.

Na segunda-feira, 5 de julho de 1948, deram mais uma volta pela cidade enquanto tentavam trocar seu dinheiro e regularizar seus documentos. À noite, se encontraram com Dona Heloísa, então diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro (cargo exercido entre 1937 e 1955), que proporcionou a eles que fizessem a excursão sob os auspícios do Museu, o que acharam muito bom já que facilitaria muito a realização da viagem.

A relação de Betty Meggers e Clifford Evans com o CFE e com o Museu Nacional foi toda intermediada por Heloísa Alberto Torres, que já havia sido a representante do Museu no CFE entre 1933 e 1939. No dossiê do CFE referente à expedição dos arqueólogos norte-americanos não constam os certificados de concessão da licença nem relatórios da expedição. O que está arquivado são dois ofícios de Heloísa, o primeiro comunicando que o casal de arqueólogos iniciaria as pesquisas na região amazônica em primeiro de julho daquele ano (1948) e que as atividades seriam feitas em colaboração com o Museu Nacional, onde ficariam as coleções realizadas.¹⁹¹ Alguns meses depois, o CFE recebeu um telegrama de seu delegado no Estado do Pará, Acilino Leão, informando que um casal de etnólogos estava escavando terrenos particulares na Ilha de Marajó e que havia entregado uma urna funerária ao diretor do Museu Emílio Goeldi, sem saber ao certo se tinham autorização para tais escavações.¹⁹² Em resposta a essa indagação, já em um momento adiantado da pesquisa, Heloísa escreveu um segundo ofício informando sobre as atividades realizadas pelo casal e explicando os pormenores. Dizia que a maior parte das peças encontradas destinavam-se ao Museu Nacional, exceto uma, a urna citada,

¹⁹¹ Dossiê CFE.T.2.251, MAST-RJ, doc. 1101.

¹⁹² Op. Cit., doc. 1103.

encontrada em terras pertencentes a pessoa que fez questão de oferecê-la ao Museu Goeldi. Informava ainda que havia acabado de receber um relatório sobre a expedição e que logo enviaria resumo dele ao CFE.¹⁹³

[...] desejo prestar ao Conselho [...] as informações:

- a- Os arqueólogos [...] estão, desde julho do ano passado, trabalhando em colaboração com o Museu Nacional, acabam de por termo as suas atividades.
- b- [...] fundamentam seus trabalhos em métodos estratigráficos, não procuram obter peças inteiras ou material de interesse artístico. Manusearam cerca de 60.000 cacos que foram, depois de examinados e em entendimento havido com delegado do CFE em Belém e com esta diretoria, organizados em 4 coleções [...] uma ficou em Museu incipiente do Território do Amapá, 1 no Museu Goeldi e dois outros se destinam ao Museu Nacional. Destes um será remetido aos EUA para estudo. O Dr. A. Leão, delegado do CFE em Belém acompanhou os trabalhos de distribuição dos cacos em coleções-tipo (Ofício de Heloísa Alberto Torres ao presidente do CFE, 08/08/1949).¹⁹⁴

A política institucional ocorria de forma mais tranquila para quem podia contar com apoio de algum cientista influente no Brasil. Assim como Doris Cochran, que teve sua relação com o CFE intermediada por Bertha Lutz, Betty Meggers, com ajuda de Heloísa, não enfrentou nenhum tipo de problema em conseguir as autorizações, apenas tiveram que apresentar os documentos necessários e ela cuidou de tudo para eles. Trabalhando sob os auspícios do Museu Nacional não tiveram nem a necessidade de ter o certificado de licença expedido e quem comunicava o CFE sobre suas atividades era a própria Heloísa Alberto Torres.

Ainda no Rio de Janeiro, Betty e Clifford passaram mais um dia resolvendo problemas com a documentação, como a tradução de seus passaportes e fotos que precisavam tirar para os documentos. Tiveram ajuda de uma senhora a quem ela se referiu como Dona Maria, que também os acompanhou ao Museu Nacional após resolverem as pendências nos papéis. Enquanto Dona Maria resolvia seus assuntos de trabalho, eles conheceram o Museu e suas exposições que disseram ser pequenas, mas muito boas. A perspectiva registrada marca as discrepâncias entre os países, já que este era o maior museu do Brasil desde o século XIX até a época (Lopes, 2009).¹⁹⁵

No dia 7 de julho de 1948, foram apresentados por Cecília Wagley a pessoas que poderiam os ajudar na excursão pretendida: Dulcídio Jurandir, de Cachoeira-Marajó, e Dr. Rui Pondé, de Belém. Betty Meggers escreveu que após este encontro se sentiram encorajados, pois

¹⁹³ Op. Cit., doc. 1104/1105.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Journal of Lower Amazon Expedition, 1948-1949, Vol. 1, Betty Meggers. *National Museum of Natural History, Smithsonian*.

havam entendido a maior parte da conversa entre Cecília e os dois homens em português. Cecília Weagley também os ajudou a comprar as passagens para Belém, viagem que marcaram para o dia 17 de julho.

Encontraram-se novamente com Heloísa e, impressionados com sua perspicácia, disseram que ela não recebia o crédito merecido nos EUA:

*Had a very pleasant chat with Dona Heloísa. She is a very intelligent and well-read person. She is not given as much credit in the US as she deserves for her judgment and knowledge. We are greatly indebted to her for her help and will be much more so by the time we leave Brasil.*¹⁹⁶

Uma característica que torna o diário de Betty Meggers simpático ao leitor brasileiro são as palavras em português que vão aparecendo em meio às narrativas redigidas por ela em inglês. Ao falar sobre o hotel em que estava hospedada, disse: “*We are much amused by the system of numbering floors here. We live on the segundo andar, which by our system is the 3th floor, but the room number is 18! Muito complicado!*”¹⁹⁷ Em outro momento diz que comprou doce de leite e era “muito bom!”, que foram a um restaurante e não tinha café no final (*black death*, era como eles se referiam ao café) e achavam que nunca veriam isso no Brasil.¹⁹⁸ Aqui temos uma semelhança, Doris Cochran também não gostava da forma que o café brasileiro era preparado, achava forte e reclamava disso o tempo todo.

Um atraso no processamento do registro de estrangeiros fez com que eles tivessem que adiar a partida ao campo marcada para o dia 17 de julho, pois seus papéis não ficariam prontos a tempo. Conforme os dias iam sendo narrados com a letra de mão da Dra. Meggers, alguns pequenos comentários em letra de forma aparecem constantemente no fim dos relatos. No dia 9 de setembro de 1948, um pedacinho escrito em letra de forma no fim do parágrafo tinha a assinatura de Clifford Evans. Ele deixava pequenas observações, repletas de sarcasmo, no diário de sua esposa. Sobre o último jantar que haviam tido no hotel eles escreveram: “[*Betty Meggers*] *The waiters continue to give me the largest portion. I must look underfed to them. [Clifford Evans] He complimented me on my Portuguese tonight!*”¹⁹⁹

¹⁹⁶ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p.11.

¹⁹⁷ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 11

¹⁹⁸ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 13.

¹⁹⁹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 14.

Em outro jantar com Heloísa Alberto Torres, Betty e Clifford ouviram suas histórias sobre a excursão que havia realizado à Ilha do Marajó (Corrêa, 2003) e se disseram novamente impressionados com ela:

*Had a very pleasant evening talking about Marajó. She was there in 1930 and dug [...] in the N. side of the island. Her experiences were fascinating and we become more and more impressed with her. She was amazed at the air maps and the profusion of streams. 'Que loco!' disse ela.*²⁰⁰

No Rio de Janeiro conheceram também o antropólogo Arthur Ramos que, assim como Heloísa Alberto Torres, figurava entre os principais representantes da antropologia brasileira naquele período. Foi ele que fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (1941-1949) “por onde circularam quase todos os antropólogos que visitaram o país e muitos pesquisadores nacionais” (Corrêa, 1997:6).

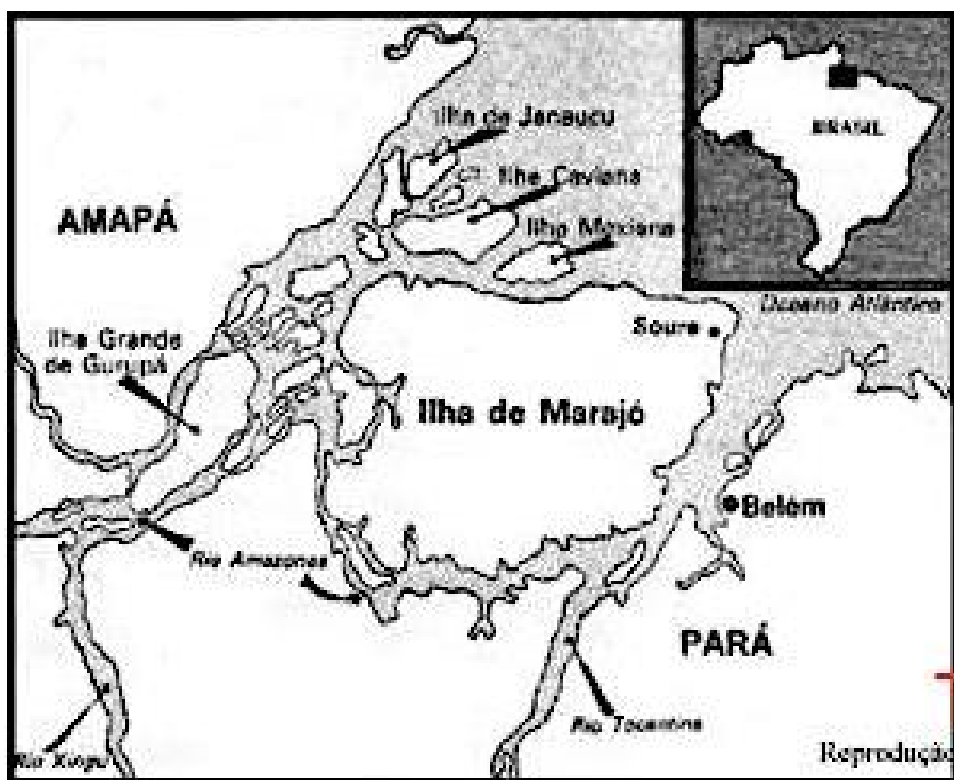
3.2 – As primeiras descobertas: Ilhas de Marajó, Caviana e Mexiana

Sobre a região do Baixo Amazonas:

No Baixo Amazonas, a partir de Santarém até o baixo Jari, as pesquisas envolvem trabalhos detalhados até a foz do Rio Xingu e a ilha grande de Gurupá [...]
Por fim, atinge-se o Golfão Marajoara, onde existe um dédalo de ilhotas e canaletes cobrindo toda a porção ocidental da Ilha de Marajó, tendo ao norte a embocadura principal do Amazonas e a sudoeste o Estreito de Breves e o delta estuarino da Baía das Bocas [...]
No espaço total da Ilha de Marajó (setor norte), pode-se reconhecer o eixo do canal sul da principal embocadura do Rio Amazonas, que transita entre Afuá, Chaves, e as ilhas Caviana e Mexiana. Pelo oposto, o canal norte, que se estende a partir da margem esquerda da Ilha Grande de Gurupá, passando pelos terraços de Macapá, Porto Santana e Mazagão, projeta para o atlântico marajoara a mais ampla e volumosa nébula de argilas conhecida no mundo [...]²⁰¹

²⁰⁰ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 15.

²⁰¹ Ab'Sáber, Aziz Nacib. Zoneamento fisiográfico e ecológico do espaço total da Amazônia Brasileira, Estudos Avançados, vol. 24, n.68, São Paulo, 2010.



Mapa da região do Baixo Amazonas

Diferentes grupos habitaram a região Amazônica e viveram em harmonia com o território até o início da ocupação europeia na região, que desequilibrou o modo de vida desses grupos e expôs suas fragilidades. A pesquisa arqueológica realizada por Betty Meggers e Clifford Evans tinha o objetivo de conhecer hábitos e principalmente as formas de adaptação destes povos à vida na floresta tropical. Com as peças que encontraram, em grande parte cacos de cerâmica, mas também ossos, urnas, vasos e outros objetos, reuniram informações e construíram hipóteses.

Foram do Rio até Belém de avião, no dia 17 de julho de 1948, em companhia de outros 11 passageiros. Quando chegaram ao aeroporto no Pará foram recepcionados por um homem de nome Coleman, funcionário do consulado americano e proveniente de Wisconsin. Foi novamente Cecília Weagley quem havia reservado para eles um quarto no Hotel Central, para onde seguiram. No mesmo dia, Coleman os convidou para um coquetel que aconteceria no salão do hotel e lá os apresentou a muitas pessoas, estrangeiros principalmente, que viviam em Belém, alguns também cientistas. No aeroporto também conheceram Machado Coelho, o então diretor do Museu Emílio Goeldi, que foi dar-lhes as boas-vindas.

No dia seguinte tentaram retirar seus equipamento nas docas, mas precisavam de uma autorização que ainda não tinham. Passaram as primeiras semanas em Belém resolvendo este tipo de problemas, buscando as autorizações necessárias e estabelecendo contatos com pessoas que poderiam ajudá-los na pesquisa.

Para dar início aos trabalhos foram ao Museu Goeldi encontrar Machado Coelho. A primeira impressão que tiveram sobre o Museu é de que havia pouco espaço de exibição e parte do material estava em mal estado de conservação. Entretanto, existia um zoológico de animais e pássaros locais muito bom. Combinaram de encontrar Coelho dali a dois dias para que ele os apresentasse a alguém que poderia auxiliá-los em situações mais específicas. Machado Coelho não teve muito tempo para ajudá-los, mas autorizou que examinassem e fotografassem as coleções conservadas no museu.

Muitos nomes aparecem como colaboradores em sua viagem. Em Belém, contaram com a ajuda de brasileiros e estrangeiros e, quando foram ao Interior do Estado, passaram a ser ajudados pelos habitantes locais que foram de fundamental importância à expedição.

Conheceram um senhor de nome José Cottim que falava inglês e lhes contou que aprendeu a língua trabalhando como civil na marinha dos EUA durante a segunda guerra mundial. Ele ofereceu-se para apresentar-lhes o prefeito da cidade de Belém, Rodolfo Chermont.

Conheceram também o arqueólogo Frederico Barata que os levou a casa dele para compartilhar suas coleções de fotografias dos materiais do Museu Emílio Goeldi. Ele também possuía uma biblioteca sobre livros da Amazônia e de arte que chamou a atenção de Betty Meggers. Barata deu-lhes a primeira referência de um fazendeiro, proprietário de terras em Marajó, que talvez pudesse ajudá-los. Foi dessa forma que, no decorrer da viagem, conseguiram realizar inúmeras escavações em sítios localizados nas propriedades privadas.

Outra pessoa que os ajudou foi José de Miranda Pombo, filho do antigo dono da Ilha Mexiana e que à época trabalhava como ajudante técnico na Comissão Brasileira Demarcadora de Limites. Deu-lhes um ótimo mapa da ilha e ainda indicou locais onde sabia que existiam áreas para escavação. Pombo se ofereceu para intermediar o contato deles com o novo proprietário da ilha, Dr. Edgar de Guamá. Com o apoio dessas pessoas começaram a planejar sua viagem a Ilha Mexiana.

No dia 22 de julho, receberam uma mensagem do Consulado avisando que haviam recebido um telegrama de Dona Heloísa. Ela havia enviado a carta de apresentação que

precisavam. De posse da carta foram ao mercado local e em seguida encontraram o Sr. Eurico Fernandes, funcionário do SPI. Eurico Fernandes os recebeu de braços abertos. Começou informando-lhes que o governador do Amapá os havia convidado para também fazerem pesquisa naquele Estado, na região de Macapá. Ele mostrou-lhes a coleção etnográfica de peças reunida pelos funcionários do SPI, considerada por Betty muito grande e interessante.

O próprio Fernandes tinha descendência indígena. Trabalhou entre os índios do Amapá por 18 anos, falava a língua e havia escrito uma etnografia sobre eles. Betty Meggers o descreveu como uma pessoa encantadora, entusiasmada e energética, que também lhes ofereceu um quarto no próprio SPI, se precisassem, para realizar algum trabalho. Eurico Fernandes foi um homem influente no SPI, à época. Funcionário do órgão, também colecionava artefatos indígenas e doou peças que recolheu entre 1940 e 1950 ao Museu do Índio, no Rio de Janeiro.²⁰² Ele não falava inglês, mas falava francês e um português bem devagar, fácil de entender, segundo ela.

A rede de contatos que foram desenvolvendo, iniciada com a ajuda de Heloísa Alberto Torres, foi o aspecto mais fundamental da realização da expedição. Como os sítios estavam localizados em propriedades particulares, precisavam da autorização e do contato com os fazendeiros para percorrer os territórios. As localizações dos sítios eram desconhecidas e contavam com a ajuda de colaboradores em Belém para conseguir mapas e sugestões de locais de pesquisa.

Precisavam entrar em contato com alguém que possuísse terras em Marajó ou Caviana. Na sede do SESP – Serviço Especial de Saúde Pública, conheceram o Dr. Gastão César de Andrade que se ofereceu para colocá-los em contato com algum proprietário de terras nas ilhas de Marajó e Caviana.

As visitas ao Museu Goeldi foram frequentes enquanto estiveram em Belém, pois tiveram a permissão para usar o local como sede de estudos e coletas, aproveitando também para fotografar as cerâmicas de diversas etnias que compunham o acervo do museu. O prefeito de Belém, Rodolfo Chermont, deu-lhes autorização para que trabalhassem em suas terras na ilha de Mexiana e o funcionário do SESP, Dr. Claudio Diaz, também lhes deu a permissão para trabalharem em suas fazendas nas ilhas de Caviana e Marajó. As pessoas estavam muitas dispostas a ajudá-los e com tantas ofertas de locais eles nem conseguiam decidir por onde

²⁰² Dados em: “Povos indígenas do Brasil 2006/2010” – Instituto Socioambiental, Amapá/Norte do Pará, p. 339, set/2011. Eurico Fernandes foi também citado no livro: Tassinari, Antonella. “No bom da festa – o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá”, pp. 103-104, Edusp, SP, 2003.

começar a pesquisa: *“So many people are willing to let us work on their land that we don’t know where to begin – or how we will get everything before the dry season ends”*.²⁰³

Em companhia de José Miranda Pombo conheceram o interior do Serviço Demarcador de Limites, onde ele trabalhava. Admiraram-se com o arquivo de mapas e dados e a facilidade de encontrar as informações e lá conseguiram copiar um mapa da Ilha Mexiana. Discutiram o problema de como organizar suas visitas às Ilhas de Mexiana, Caviana e Marajó com José Pombo e ele se ofereceu para mediar a comunicação, pois conhecia bem Chermont e Diaz, proprietários das terras para onde iriam.

No dia 27 de julho de 1948, receberam mais uma carta de Heloísa informando que finalmente haviam conseguido a autorização do Conselho de Fiscalização de Expedições (CFE), e que havia falado em nome deles no Conselho. Agora que possuíam a licença poderiam seguir viagem.

Conseguiram copiar um mapa com a localização de seis sítios para escavação na parte Nordeste da Ilha de Marajó pertencente ao Dr. Inocêncio Bentes, outro colaborador, que ainda lhes sugeriu que quando voltassem da primeira excursão deveriam procurá-lo, pois ele poderia conseguir mais indicações sobre a parte Sul da ilha. De Eurico Fernandes (SPI), conseguiram informações sobre locais para pesquisar no Amapá e ele também estabeleceu contato com o governador do Estado que expressou em telegrama entusiasmo em receber os pesquisadores e ofereceu toda a ajuda possível.

Saíram para comprar equipamentos necessários à viagem como pás, cordas, lanternas de querosene, mosquiteiros e malas. Levaram tudo para o Museu Goeldi e começaram a empacotar o equipamento. Compraram também redes que Clifford Evans testou bastante antes de viajarem tentando achar uma posição confortável para dormir. José Pombo lhes apresentou ao filho de Rodolfo Chermont, a quem chamavam de Rodolfinho, que foi quem os acompanhou durante parte da expedição na ilha de Mexiana onde ficava a fazenda da família.

No Museu Goeldi o diretor Machado Coelho e o antropólogo Nunes Pereira, a quem conheceram no local, chamaram-nos a uma conversa para avisar sobre as dificuldades que iriam enfrentar na floresta. Entre inúmeros avisos, lhes disseram que encontrariam a ilha de Mexiana alagada, que teriam que levar tudo que precisassem, que poderiam ter febre, doenças, etc, e o casal apenas assentia, dizendo que já sabiam de tudo aquilo, mas mesmo assim não desistiram.

²⁰³ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 36

Acharam Pereira uma pessoa interessante, além da antropologia ele também era especialista em ictiologia - coletava e estudava peixes para o Ministério da Agricultura - mas era realmente interessado em folclore e etnologia. Ficou de apresentá-los a um homem chamado Jaime Lobato, que disse ser um dos donos de Mexiana e que poderia ajudá-los a entrar na ilha.

José Pombo ajudou Betty Meggers e Clifford Evans o tempo todo. Emprestou-lhes uma cópia de seu mapa da Ilha de Mexiana e, como pudemos perceber pelo relato de Meggers, conseguir os mapas não era algo tão simples assim. Poucas pessoas os possuíam e precisavam conseguir essas informações antes de sair para a expedição. Pombo apresentou-lhes a Dionísio de Carvalho, prefeito de Chaves, cidade por onde passaram muitas vezes. Carvalho se comprometeu a tomar conta do casal na ilha de Caviana, contratar alguém para ajudá-los e assegurar que tivessem comida suficiente no local.

Ainda em Belém foram visitar o Instituto Agrônomo do Norte (IAN) onde conheceram Felisberto de Camargo, o primeiro diretor daquele instituto.²⁰⁴ Ele possuía algumas peças de cerâmica da Ilha de Marajó que mostrou ao casal. Enquanto aguardavam ter tudo arrumado para dar início à expedição continuavam reunindo informações e conhecendo pessoas em Belém, mas a longa espera para começar a viagem os deixava impacientes. No dia 17 de agosto, um mês depois de chegarem a capital do Pará, ainda não tinham definido por onde começariam. O plano inicial era começar em Caviana, mas ainda não tinham conseguido entrar em contato com Edgar Guamá, que segundo as anotações do diário era o proprietário da ilha, e ele só poderia encontrá-los dali um mês, o que os fez mudar o trajeto e começar a pesquisa em Mexiana.

Decidiram marcar a saída a campo para o dia 20 de agosto, indo primeiro para a cidade de Chaves, na Ilha do Marajó, onde permaneceriam por uma semana e teriam ajuda do prefeito, Dionísio de Carvalho. Iriam até de lá de barco e o capitão da embarcação os hospedaria na cidade.

Embarcaram no barco Tenente Portela como previsto, enfrentaram forte ondas e ventos, mas estavam felizes por finalmente iniciarem a expedição. Descreveram as redes de dormir amarradas por todo o deck do barco, característica dos barcos da Amazônia, e notaram a forma de “navegação prática” levada a cabo pela tripulação, que não usava equipamentos ou mapas, justificando que tinham o mapa gravado em suas mentes, uma experiência nova para o casal

²⁰⁴ O IAN mais tarde daria origem à Embrapa Amazônia Oriental. Sobre o assunto ver a biografia sobre Felisberto de Camargo publicada pela Embrapa: “O Homem que tentou domar o Amazonas”, Paulo Roberto Ferreira e Marly Quadros, Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2011.

americano. Gostavam da comida, conheceram açaí e guaraná, e descreveram que o barco também estava transportando madeira para comercializar pelo caminho. Queriam observar os animais da floresta, mas naquele momento se desapontaram por só encontrarem pássaros e borboletas.

Antes de seguirem a Chaves passaram por Caviana e outras ilhas. Chegaram na cidade no dia 25 de agosto, a viagem de barco havia durado cinco dias por causa das paradas para carregar o barco com madeira. Após ancorarem todos entraram em um bote que os levou até uma distância de mais ou menos 30 metros da costa no Rio Amazonas. Dali até a terra firme Betty Meggers e Clifford Evans foram carregados junto com seus equipamentos por homens da ilha e acharam aquilo incrível.

3.2.1 - Em Marajó

Começaram então o trabalho de campo em Marajó, onde conviveram com habitantes locais que costumavam os acompanhar até os locais de escavação. Surpreendiam-se com hábitos locais simples como a grande importância da farinha de mandioca na alimentação e o transporte de cargas no lombo de vacas, que nunca tinham visto.

Diferente da viagem segura e muito mais urbana de Doris Cochran, eles realmente se embrenharam na floresta. Dormiam em qualquer lugar que as pessoas que os recebiam pudessem acomodá-los, bebiam a água que encontravam no caminho e carregavam seus próprios sacos de artefatos coletados, sendo ajudados também pelos mateiros. Logo sofreram com a quantidade exorbitante de formigas e outros insetos e arrependeram-se de não terem levado cobertas, pois sentiam frio a noite, algo que não haviam imaginado. Apesar disso, as histórias não são contadas com pesar, muito pelo contrário.

Betty Meggers encarava todos esses percalços com tranquilidade. Achava as comidas que lhes eram oferecidas sempre deliciosas, fosse um ananás, ovos de tartaruga ou carne de jacaré com farinha. Praticamente todas as refeições que ela descreveu ter feito eram seguidas da palavra “*delicious!*”. Referia-se aos moradores locais como “caboclos” e com eles compartilhou pratos de jacaré, capivara, tartarugas e tudo mais que comiam.

Para organizar a pesquisa, nomearam os locais de escavação com letras e números. Indicavam uma letra diferente para cada cidade ou vilarejo e os números de 1 em diante seguiam a ordem dos sítios visitados em cada um desses locais. Por exemplo, em Chaves usaram a letra ‘J’ e os sítios que escavaram foram chamados então de ‘J-1, J-2, J-3’, etc. Na casa do prefeito

Dionísio de Carvalho conheceram os empregados Magdalena e Waldemar, que tomavam conta da propriedade e iriam ajudá-los enquanto estivessem por lá. Betty Meggers perguntou-lhes sobre a arqueologia local e assim ficaram sabendo que durante a construção do aeroporto da cidade dezoito jarros haviam sido encontrados debaixo da terra. Logo, decidiram ir até lá.

Betty Meggers descreveu Chaves como um lugar muito agradável, calmo e com um clima bom. De acordo com as lembranças de Magdalena, Betty era a primeira americana a visitar a cidade, nunca tinham visto uma antes. Escavaram os primeiros sítios ao longo da praia e na região do aeroporto mencionado anteriormente, respectivamente J-1, J-2 e J-3. Na praia acharam de tudo, cacos de cerâmica indígena e da época colonial. Na região do aeroporto acharam mais pedaços de cerâmica indígena e começaram a coletar os materiais e separá-los em sacos, para depois catalogá-los no Museu.

No dia seguinte, foram a um novo sítio, dessa vez localizado em um conjunto de montes onde a maioria dos cacos só podia ser encontrada a 10 centímetros abaixo do solo. Descreveram o solo no local como um barro preto e difícil de cavar que deixava os cacos moles e tornava difícil separá-los da lama. Conseguiram retirá-los com a ajuda de um machete e do guia que os acompanhava, Pedro. O vice-prefeito de Chaves - Sr. Raimundo Nonato de Oliveira Brito, Magdalena e mais um homem da fazenda também estavam lá. Nesse dia, Betty Meggers anotou em seu diário que as outras pessoas não achavam que ela fosse participar da escavação, porque diziam que era muito duro para as mulheres. Terminou o parágrafo com uma expressão de exclamação característica de quem havia se impressionado bastante com o comentário: *“They didn’t expect me to go, too rough for women I guess. “A senhora não vai” Uow!!”*²⁰⁵

Foram três horas andando até o local na ida e duas horas e meia na volta. Não escavaram muito no início, mas depois de acharem as primeiras peças o guia Pedro se interessou e começou a escavar com entusiasmo pensando em encontrar uma “igaçaba com ouro dentro”. Foi ele quem achou a maioria dos cacos, incluindo pequenos potes quase inteiros. Viram poucos animais pelo caminho, alguns macacos e cobras, e no fim do dia tomaram banho no rio e guaraná: *“A bath in the river felt good and ice cold guaraná was just the thing”*.²⁰⁶

Em um de seus comentários, Clifford Evans escreveu no diário que achava a floresta pobre em vida selvagem e alimentos, pois havia visto apenas alguns pássaros, dois macacos,

²⁰⁵ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 70

²⁰⁶ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 70

cobras e um monte de borboletas. A flora era abundante, mas poucas coisas eram comestíveis, encontravam muitos ananás, mas não havia cocos, nem bananas e mamões, e havia formigas aos milhões. Ele terminou dizendo que era “fácil entender porque os índios praticavam o canibalismo”.²⁰⁷

Essas impressões e diversos conhecimentos adquiridos no campo, mais tarde, influenciariam a obra de Betty Meggers. Em seu livro mais destacado, “Amazônia – A Ilusão de um Paraíso” (1987),²⁰⁸ ela fala sobre a Amazônia caracterizando-a como um sistema complexo e interligado constituído por espécies animais e vegetais onde qualquer desequilíbrio, humano ou não-humano, seria capaz de enfraquecer a configuração e provocar grandes impactos. Sobre os animais, disse haver uma grande diversidade, porém, de distribuição esparsa entre indivíduos da mesma espécie e geralmente de pequeno porte, como observaram em campo. As coletas arqueológicas, observações antropológicas e análises ecológicas a levariam a argumentar que as pessoas que viveram na Amazônia adotaram a dispersão e a transitoriedade porque essa era a “tendência adaptativa primária” que lhes garantiria a sobrevivência, assim como viam em outros animais que habitavam a região (Meggers, 1987: 220).

Foram decidindo o itinerário no decorrer da pesquisa e de acordo com os locais que lhes indicavam ser mais promissores. Betty ressaltou a enorme ajuda que recebiam das pessoas na região. Quando foram mostrar seus achados para o vice-prefeito Raimundo Brito, conheceram também José Pereira de Barros que deu-lhes uma moeda dos tempos imperiais achada na praia, e o promotor da cidade, Eduardo Mende Patriacho, de quem receberam um machado de pedra achado na época da construção do aeroporto, dois anos antes. Também ganharam dois coatis para serem animais de estimação, o que agradou muito Betty: “*These people are wonderful!! They are very interested in our work and eager to know the results*”.²⁰⁹

Aparentemente o local onde se localizava o aeroporto havia sido uma ampla área de ocupação indígena. Para começar a organizar os materiais recolhidos, Betty Meggers utilizou o gramado da igreja local e reuniu uma multidão de crianças espectadoras.

No dia 29 de agosto de 1948, foram visitar Mucajá da Esperança, onde acharam muitos objetos. Foi uma longa viagem até lá, enfrentaram fortes ondas e ventos no barco a remo, depois

²⁰⁷ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 71

²⁰⁸ Meggers, Betty. Amazônia – A Ilusão de um Paraíso. Tradução de Maria Yedda Linhares (Título do original em inglês: *Amazônia - Man and Culture in a Counterfeit Paradise*); apresentação de Darcy Ribeiro – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

²⁰⁹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 71

andaram um grande trecho até o local. Rapidamente encheram um saco de cacos de cerâmica e mal conseguiram carregá-los de volta à casa. Betty escreveu que todos entraram no espírito da coisa. O guia Pedro disse que havia vivido a vida inteira naquele lugar sem nunca notar quão interessante eram aqueles objetos. Enquanto lavava os cacos encontrados ela identificou tipos diferentes dos outros que já havia coletado.

Ainda em Chaves conheceram João de Gonçalves Dias, proprietário de uma pequena ilha a noroeste de Caviana, que relatou a existência de grandes igaçabas em uma fazenda da ilha chamada Retiro Santas Almas. Assim o casal ia reunindo informações e traçando seu percurso.

O vice-prefeito da cidade disse-lhes que seria um sacrifício completar a viagem, quando ficou sabendo que eles pretendiam passar cinco meses coletando cacos de cerâmicas. Naquele dia chovia tanto que Betty começava a concordar com a opinião dele. Ela escreveu que achava que em nenhum outro lugar do mundo chovia tanto quanto lá. As chuvas, o frio da noite, a falta de cobertas, os pés doendo de tanto caminhar eram sofrimentos cotidianos.

No último dia que passou em Chaves, Betty Meggers seguia observando e escrevendo sobre a população da cidade. Comentou sobre a escola que as crianças frequentavam, com uma professora para cinquenta alunos, e sobre a chegada de uma lancha do SESP trazendo um médico e três enfermeiras para quinze dias de residência no local. Esperavam a chegada de Rodolfinho para sair da cidade, rumo a fazenda Santa Catarina. Magdalena lhe disse que o rio estava calmo e que permaneceria assim, porque isso era comum após uma chuva muito forte. Com a demora de Rodolfinho Betty escreveu: “Ah! Paciência!”, sentimento muito compartilhado por Doris Cochran.

Rodolfinho finalmente chegou e seguiram de barco para a fazenda Santa Catarina, sua propriedade, ainda na Ilha de Marajó. A viagem durou três horas. Ele hospedou o casal em sua casa onde se sentiram muito a vontade, era uma casa grande e lá não havia cerimônia. Quando saíram de Chaves se despediram do vice-prefeito com abraços, gostaram muito dele, de sua simpatia e maneiras simples, e ele não os deixou pagar por nada porque havia sido uma grande satisfação recebê-los.

Chegando à fazenda foram cavalgar pela região e o feitor chamado Dondon passou o tempo todo segurando o cavalo em que Betty Meggers estava. Sobre essa atitude, Betty escreveu

que achava que o rapaz não acreditava que ela seria capaz de parar o cavalo,²¹⁰ demonstrando certo incômodo pelo modo diferente com que era tratada em relação a Clifford.

A fazenda Santa Catarina seria o ponto central de onde partiriam para outras localidades. A princípio, pesquisaram em dois lugares, Sipó e Formiga, o último localizado bem em meio a um campo aberto e facilmente distinguível pelas diferentes características do solo. Em Sipó acharam cacos na superfície e mais abaixo da terra cavando com um machete. Andavam até os sítios de pesquisa todos os dias e voltavam para a casa onde ficaram hospedados. Era cansativo e enfrentavam chuvas, lama e muita água acumulada pelo caminho. Na casa de alguns moradores locais, Betty observou comportamentos diferenciados entre homens e mulheres como por exemplo: todas as mulheres fumavam tabaco em cachimbos e os homens enrolavam seu cigarro.

Clifford Evans escreveu em tom de piada que, depois de enfrentar essas dificuldades, Betty havia dito que apenas uma viagem para Amazônia seria o suficiente, não precisavam de outra: *“Recorded and witnessed statement of Betty – I think one trip to Amazon is enough, don’t think we need to make it a life work!”*²¹¹.

Às vezes eles eram confundidos com pessoas de Belém. Os moradores diziam que todo mundo de fora da Ilha tinha um sotaque diferente e por isso nem o português ruim deles os destacava como estrangeiros. Nestes locais citados eles não acharam muitas peças inteiras e nem muito o que fotografar, mas desconfiavam que vinham coletando coisas mais antigas do que as cerâmicas Marajó clássicas que possuíam os Museus. Os mateiros que os ajudavam nesta região, Francisco e Frankelino, trabalhavam muito bem.²¹²

Em Formiga saíram cedo para o campo e conseguiram trabalhar mais rápido. Acharam fragmentos de ossos e cinzas, mas não em uma urna funerária. Os cacos de cerâmica estavam amolecidos e era impossível tirá-los sem quebrar. Francisco e Frankelino disseram que Dona Heloísa havia escavado em alguns daqueles sítios também.²¹³

De volta à fazenda Santa Catarina, lavaram os cacos achados em Formiga na frente da casa com a ajuda dos mateiros. Todos vieram vê-los. Rodolfinho não estava, mas ficaram em companhia do administrador da fazenda a quem chamavam de Dondon, outra figura que os

²¹⁰ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 81

²¹¹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 84

²¹² Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 85

²¹³ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 86

ajudou bastante. Contou-lhes que iria a uma vaquejada na tarde seguinte, o que Betty descreveu como “*Very exciting!*”²¹⁴

Saíram para Tapera em 10 de setembro, outro local de escavação, ainda ouvindo os sons da vaquejada que começara no dia anterior. Foram pelo igarapé de nome homônimo e chegaram no meio da tarde a outra casa onde se hospedariam, essa em ruínas. Era perto da mata e cheia de insetos. Foram novamente a Sipó, dessa vez escavaram em um local bem próximo ao que Dona Heloísa havia pesquisado. Encontraram muitos cacos em melhores condições do que os de Formiga. Por ser na mata, essa localidade era diferente e Betty descreve as sensações de estar lá citando as palavras de Clifford: “*This site is in the woods and we hadn’t been there long when Cliff began to blaspheming the indians for living in such a spot - mosquitos by the thousands, ants, flies, bugs of all kinds. Oh, the life of an archeologist!*”²¹⁵

No dia seguinte foram para Ananatuba. Hospedaram-se em uma casa maior, mas nas mesmas condições que a outra, só que dessa vez ficaram felizes por ganhar um quarto privativo. Foram visitar novos locais de pesquisa.

Não acharam muita coisa na primeira escavação que fizeram em Anantatuba, local que chamaram de J-8, mas viram um tamanduá que lhes chamou a atenção no caminho de volta. Nos outros sítios, J-9 e J-10, acharam mais objetos e melhor preservados, o que Betty justificou como sendo por causa da condição arenosa do solo. Terminaram as escavações e voltaram para Santa Catarina, onde foram recepcionados pelas mulheres da casa, Dona Cora e Dona Juliana. Destacou como principal resultado desta escavação um pequeno pote inteiro que encontraram e que os deixou muito felizes. No dia seguinte lavou os materiais que haviam coletado e todos admiravam o pequeno pote. As pessoas ficaram ainda mais admiradas quando eles disseram que o pote poderia ter até 5 mil anos.

No fim de semana seguinte, enquanto empacotavam suas coisas, escutaram algo sobre um possível sítio perto de Carmo e decidiram visitar. Dona Cora, uma das mulheres da casa, pediu uma calça vermelha que Betty usava emprestada para poder tirar um molde e fazer uma igual para ela. Clifford ficou muito surpreso com a atitude e Betty lhe disse: “*nada como um pouco de influência americana*” (*Nothing like a little american influence!*).²¹⁶

²¹⁴ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 89

²¹⁵ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 90, 91

²¹⁶ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 98

Em Carmo, puderam ver o trabalho dos seringueiros no caminho para o sítio, mas não tiveram muita sorte com as escavações e voltaram para passar seu último dia na fazenda Santa Catarina antes de seguir viagem à Ilha de Mexiana. Abriram os potes de manteiga de amendoim e mostarda que vinham guardando e Betty os provou com ovos de tartaruga fritos, coisa que ninguém nunca havia feito antes.

Antes de seguirem para Mexiana enviaram ao Museu Goeldi oito sacos de cacos de cerâmica da Ilha de Marajó e uma caixa de equipamentos. Seguiram para a outra ilha de barco e, chegando lá, contariam com a ajuda de outro colaborador que haviam conhecido em Belém, o Sr. Guamá.

3.2.2 – Em Mexiana

A recepção em Mexiana foi menos calorosa do que em Marajó. Desembarcando na ilha, tiveram que procurar o Sr. Guamá de casa em casa até encontrá-lo. Hospedaram-se na casa dele, mas saíam a campo e passavam alguns dias dormindo em outras casa da região mais próximas aos sítios arqueológicos.

No dia 27 de setembro, após comerem ovos de tartaruga no café da manhã, saíram às oito e meia para um sítio arqueológico acima do Igarapé Fundo. Andaram por horas tropeçando em raízes e escorregando na lama até chegarem ao local e não encontrarem nada. Eles sabiam que havia um sítio por ali porque tinham visto peças retiradas do local, mas ninguém sabia dizer exatamente aonde era.

Foram até Nazaré, de onde se encaminhariam para outros sítios. Lá viram seringueiros trabalhando e descobriram que naquela ilha esse trabalho era sazonal. Disseram-lhes que um homem poderia trabalhar sozinho por até uma “estrada”, medida que usavam para dividir as áreas de trabalho entre os seringueiros e que com uma esposa para pescar e caçar, um homem poderia dar conta de 140 árvores, o que equivalia a uma estrada. Famílias maiores poderiam tomar conta de 3 ou 4 estradas. Fiscais observavam se os cortes eram feitos corretamente e se as árvores não eram demasiadamente exploradas. É interessante a observação sobre a divisão de trabalho nesses ambientes ainda muito pouco urbanizados com as esposas, enquanto eles cortavam as árvores para conseguir a borracha elas caçavam e pescavam. Não é a mesma divisão que encontramos entre espaço público e privado nos ambientes urbanos, com as mulheres responsáveis pelo

ambiente doméstico, amplamente debatida por estudos feministas (Keller, 1991; Oreskes, 1996; Burke, 2005).

Na ilha de Mexiana havia um fiscal para cada Igarapé. Eles habitavam o local e deveriam impedir a caça, pesca e coleta indevida por parte de pessoas de fora da ilha. O primeiro local em que foram pesquisar, chamado de M-1, seguindo a lógica que usavam para nomear seus locais de pesquisa, era perto do Igarapé Jacareúba, mas não acharam muito material. O segundo sítio, M-2, foi mais promissor. Encontraram cacos de cerâmica no braço do Igarapé Papa Cachorro que ficava seco na maré baixa e Betty ainda relatou terem encontrado peças interessantes com adornos antropomórficos marajoaras - *“Best luck was finding a rim with a typically Marajó anthropomorphic adorno, sticking up above to surface of the path”*.²¹⁷

No dia 2 de outubro de 1948, saíram rumo a uma nova escavação e pela primeira vez usaram vacas como transporte, o que acharam muito interessante. Observaram que a região onde se encontravam era muito mais pobre do que a da Fazenda Santa Catarina, na ilha de Marajó. Hospedaram-se em um local chamado Sta. Florípes no caminho para o sítio arqueológico de Acauan, em uma casa onde disseram não existir nem um copo para beber, exceto por um feito de meia garrafa cortada e comeram peixe com colheres, pois não havia garfos e facas. Dormiram mal durante a noite por causa do barulho das vacas e cachorros. Havia oito crianças de duas famílias diferentes e todas foram até eles pedir a benção. Quando o galo começou a cantar na manhã seguinte desistiram de dormir e se levantaram. Antes de ir embora a mulher da casa deu-lhes um quarto de leite recém fervido, 2 bananas e ainda ofereceu um pouco de peixe para levarem. Nesse dia, Betty escreveu em seu diário: *“The poorer the people the more generous they are”*, e deixou com a família os dois copos de alumínio que possuía.²¹⁸

Decidiram que na próxima noite acampariam na mata, pois queriam ficar mais próximos da escavação. O guia que os ajudava naquela região, Ramiro, os ajudou a montar a tenda. A água que tinham disponível próxima ao acampamento não era boa, era enlameada, mas eles bebiam mesmo assim porque o sol forte lhes provocava muita sede. Descobriram que bebê-la com chá fazia com que o gosto e a cor ficassem melhores, então começaram a fazer isso. Os cacos eram abundantes, acharam também muitas pedações de jarros com adornos simples em meio a quantidades enormes de formigas:

²¹⁷ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 110

²¹⁸ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 113

*Found 2 anthropomorphic rim lugs – cute! Ants by the millions, all sizes up to an inch, red and black [...] We admire our tent every time we lay down and relax. Closed up and sprayed with DDT it is completely free of flies and mosquitoes. Need a blanket toward morning (hammocks work fine!).*²¹⁹

Na manhã seguinte, Ramiro levou leite até o acampamento para que eles tomassem de café da manhã. Andaram meio quilômetro até o local da escavação, testaram muitos locais procurando cacos e não acharam nada. O trabalho de campo na Amazônia era bastante difícil, desde achar os materiais até as dificuldades diárias para permanecerem nos locais.

No dia 7 de outubro desmontaram a tenda com ajuda de Ramiro e saíram de Acauan. Foram para outro local chamado Fundo das Panellas e quando chegaram ao sítio, que era um local com muitas árvores, em volta dos troncos já era possível ver uma quantidade grande de jarros quebrados, muitos com as árvores crescendo e passando por dentro deles. No decorrer da escavação acharam dois jarros muito bem preservados, ossos humanos e vários outros objetos. O mais difícil continuava sendo conseguir água potável, o acampamento ficava distante do igarapé e a caminhada até lá era longa e sinuosa. Clifford precisou carregar a água até o acampamento, mas a quantidade de coisas que acharam no local fazia a viagem para buscar água valer a pena. Quando foram para a tenda à noite, duas mulheres da casa próxima ao sítio chegaram trazendo água e 30 ovos de camaleão já cozidos para que eles jantassem. Acharam ótimo: *“The eggs were wonderful for supper – They came already cooked! Living high again!”*.²²⁰

²¹⁹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 115

²²⁰ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 123



Figura 7 - Betty Meggers e Clifford Evans em expedição na Amazônia

Fonte: National Antropological Archives (NAA), Smithsonian

Betty escreveu que, quando saíram do sítio, o local havia ficado arruinado para outras pesquisas arqueológicas. Além dos jarros retirados por eles, o que restou continuaria sendo coletado por moradores locais e muitos dos pedaços que sobraram acabaram sendo pisoteados e quebrados, o lugar ficou muito diferente do que encontraram quando chegaram lá.

Seguiram para Mulatinho no dia 10 de outubro. Enquanto tomavam café da manhã, Ramiro se adiantou ao sítio com mais dois garotos e voltou trazendo 2 jarros que haviam desenterrado. Logo seguiram todos juntos até o local onde alguns potes apareciam acima do solo. Armaram a tenda no entorno para dormir e foi a noite mais silenciosa que tiveram. No dia seguinte, em meio aos trabalhos de escavação, Clifford caçou um javali que encontraram no

caminho e que se transformou no almoço do dia. Este sítio parecia ser um cemitério destruído e passaram um tempo discutindo quando e como a destruição poderia ter ocorrido, se pelos próprios portugueses ou por habitantes mais recentes da ilha. De Mulatinho seguiram para a Ilha de Ananás, ainda acompanhados por Ramiro.

No dia 14 de outubro voltaram a Nazaré, onde continuaram o trabalho de lavar os cacos coletados e compará-los em busca de similaridades. Em seguida, foram até o local que chamaram de M-7. Para achá-lo, seguiram por um antigo caminho dos seringueiros e quando chegaram ao local observaram que o centro da ocupação encontrava-se submerso pelo igarapé. Aquilo fez com que os cacos estivessem em ótimo estado de preservação. Este foi o último sítio que visitaram em Mexiana.

Na manhã seguinte partiriam para Caviana, mas precisavam antes aguardar o transporte de seus equipamentos que seria feito por Guamá, o dono da fazenda Santa Catarina que nunca aparecia na hora certa. Quando ele apareceu, perguntaram quanto deviam lhe pagar pela ajuda e Guamá respondeu que não deviam nada. Isso apaziguou o descontentamento de Betty Meggers com as horas de espera. Ao se despedirem, o casal prometeu mandar cópias dos relatórios e manuais que escrevessem sobre as pesquisas realizadas em Mexiana.

3.2.3 – Em Caviana

Em 22 de outubro de 1948, seguiram para a ilha de Caviana, rumo à cidade de São João da Caridade. A viagem não foi tranquila já que a agitação das águas do rio provocava ondas grandes que dificultaram a movimentação do barco e Betty e Clifford se abraçaram para não cair na água. Quando aproximaram-se de Caviana as águas se acalmaram e conseguiram chegar em segurança.

Foram recepcionados pelo administrador da fazenda de Dionísio de Carvalho, um homem chamado Tibúrcio da Silva Melo, que logo se mostrou muito disposto a ajudá-los. Foram logo avisados que, embora houvessem sítios arqueológicos na região, ninguém sabia informar a localização deles. Em Caviana, visitariam também a fazenda de Cláudio Diaz, funcionário do SESP, onde sabiam da existência de um grande cemitério indígena já pesquisado anteriormente por Curt Nimuendajú, que escavou o local por um mês e encontrou inúmeras peças como

machados de pedra, jarros, restos de esqueletos, colares de contas de vidros e outras coisas.²²¹ Nimuendajú foi assessorado por um grupo de onze homens que carregaram tudo o que tirou da terra. Betty Meggers e Clifford Evans não achavam que conseguiriam tanta gente assim. Geralmente carregavam suas coisas eles mesmos, com ajuda de um ou dois guias.

A terceira ilha visitada era bem diferente das anteriores. Uma das diferenças apontadas por Betty Meggers foi que lá só andaram a cavalo, não em vacas como fizeram em Mexiana. Logo no dia seguinte à chegada já partiram para o primeiro sítio, nomeado C-1. Foram duas horas andando por quatro fazendas diferentes, com uma parada para almoçar na casa do irmão de Tibúrcio a quem chamavam de Neco. A ilha parecia melhor organizada e Tibúrcio lhes disse que por lá as pessoas eram mais “civilizadas”.²²² Seguiram então para o sítio chamado de Teso das Igaçabas, que não ficava muito distante dali.

Os primeiros cacos foram achados a uma profundidade de 4 cm. Este local era famoso entre os caboclos da ilha que costumavam coletar os jarros inteiros e levar para suas casas, deixando para trás os cacos, ossos e outros vestígios de ocupação. Ouviram dos dois irmãos histórias interessantes sobre Curt Nimuendajú, como o fato dele preferir amarrar sua rede embaixo das árvores para dormir durante a noite, ao invés de dentro das casas, e que ele passou um mês inteiro escavando um determinado local, mas deixou para trás todos os vestígios dos portugueses, levando com ele apenas os artefatos dos índios. Disseram também que se tivessem o mapa de Nimuendajú, poderiam encontrar direto os pontos de escavação da ilha, mas sem isso teriam que procurar os sítios, pois ninguém mais lembrava exatamente suas localizações.

Pegaram com Tibúrcio uma listas de peixes, animais e plantas comestíveis da ilha, também neste aspecto a ilha de Caviana se mostrava mais rica, com uma maior variedade de alimentos em relação a Mexiana e grandes plantações de ananás. Foi também lá que descobriram a existência das piranhas, sobre elas Betty escreveu: *“This fish is the greatest menace in this part of the world – worse than jacaré, cascavel, onça, etc. There are places that can’t be fished because they are so numerous”*. Um dos vaqueiros que os acompanhava na viagem até o sítio olhou para Betty Meggers e disse estar admirado por ver que ela andava a cavalo, em vacas, viajava na montaria sem problemas e comia de tudo. Clifford assentiu com a cabeça confirmando

²²¹ Sobre Curt Nimuendajú, ver: Grupioni, L.. *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*, Editora HUCITEC, ANPOCS, São Paulo, 1998; e também Faulhaber, Priscila. *Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú*. Revista de antropologia, São Paulo: USP, v.56, n. 1, 2013

²²² Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 140

o espanto do vaqueiro e dizendo que sim, ela comia de tudo - “*Cliff said - Come tudo, como as coatis*”. Sobre isso, Betty Meggers escreveu em seu diário - “*Apparently there are women who act differently*”.²²³

O sítio arqueológico que chamaram de C-2 ficava próximo ao Igarapé Pocoató. Neste local, ficaram em dúvida quanto a ocupação ser indígena ou posterior, mas a análise dos cacos ajudaria a esclarecer essa questão. Voltaram para a casa do guia onde estavam hospedados e os homens da casa chegaram carregando três tatus e três cotias que haviam caçado. Betty acompanhou as mulheres no preparo dos animais para o jantar e anotou passo a passo tudo que elas fizeram - “*Best meal we have had for a long time. Ate seated on the floor, by the light of a lamperinha, with our guide and another man*”.²²⁴

No dia seguinte caminharam até o sítio C-3, chegaram em uma hora e meia acompanhando os passos rápidos dos caboclos e acharam o local previamente escavado por um tatu. Apesar disso, os cacos estavam bem preservados. No meio da escavação o guia que os acompanhava, Mercindo, saiu para caçar um jacaré e quando voltou Betty e Clifford já estavam empacotando as coisas para ir embora. Ficaram felizes dele ter voltado pra ajudá-los a carregar os sacos, mas o jacaré que ele havia pegado era tão grande que Clifford acabou carregando os sacos sozinhos, enquanto Betty levava os materiais da escavação.

Seguiram viagem para a fazenda Santa Maria, de Cláudio Diaz, e durante a viagem de barco Neco perguntou para todos que encontrou sobre indicações de sítios arqueológicos, deixando todos de sobreaviso caso soubessem de alguma coisa. Aquele Igarapé era mais habitado do que os outros que tinham visto, com muitas roças de banana, cana e milho. Chegando à fazenda, foram recepcionados por Dr. Pacheco e ficaram contentes por terem um quarto só para eles para dormir.

Em Abacatera encontraram um sítio bem escondido na mata. A princípio acharam que era um cemitério, mas quando começaram a escavar encontraram inúmeros pequenos cacos, o que os fez mudar de ideia. Encontraram semelhanças entre aqueles cacos e outros encontrados em um dos sítios em Mexiana e isso os fez pensar que talvez algum daqueles lugares fosse acampamento de inverno para os índios. Mais tarde, como já mencionamos, Betty Meggers escreveria muito

²²³ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 143

²²⁴ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 146

sobre a prática nômade dos índios daquela região, explicando a permanência daquele costume como uma tendência adaptativa necessária à sobrevivência na Amazônia (Meggers, 1987).

No dia seguinte, encontraram um sítio cheio de grandes jarros logo abaixo da superfície e um grande número de pequenos cacos, o que os fez concluir que aquele era um local de ocupação. Assim iam buscando entender a dinâmica do povoamento naquele território.

O ajudante Neco lhes informou que um censo da região ao longo do rio datado de 1920, apontava 570 pessoas morando lá. À época (1948), existiam mais ou menos 70. Havia ocorrido um êxodo para Belém e outros lugares em busca de melhores condições de sobrevivência. A maior população da Ilha de Caviana estava próxima ao Igarapé Pracerituba e a segunda maior era em Goiabal, onde viviam predominantemente seringueiros.

O plano para os próximos dias era pesquisar em Santo Domingo e na fazenda Carmo. Arrumaram outro guia, Mário, que os ajudou a carregar a bagagem em cavalos para seguir viagem. Toda a família de Neco apareceu para se despedir e eles mal conseguiram contar as crianças, pareciam ser mais de dez. Depois de conversarem com todos seguiram rumo a Carmo contando com a assistência de mais um homem, Benjamin Pinto e Souza, a quem chamavam de Jajá. Precisavam dos dois guias para remarem juntos o barco que os levaria. O rio estava agitado e ao pararem em uma loja no caminho o vendedor perguntou aos rapazes como Betty havia aguentado a viagem. Ela sempre anotava esse tipo de comentário em seu diário, que podemos entender como marcadores das relações de gênero. Quando finalmente chegaram a casa onde seriam recebidos a esposa do administrador da fazenda os recebeu oferecendo flores a Betty Meggers, o que ela achou muito gentil. Nesse dia, Clifford Evans escreveu ao final do relato de Betty: “[...] *I swore never to row over 3 hours again but the Amazon betrayed me – Today 8 hard and constant hours of rowing [...] Muscles not tired, just hungry – must be ‘acostumado’ now like a caboclo. But I still wish we had brought down a motor...*”²²⁵

Uma das coisas que facilitava tamanho esforço, segundo eles, era a generosidade da população local. Depois de escavarem alguns sítios em Carmo sem obter muito sucesso decidiram ir embora. Quando estavam prestes a partir, um rapaz chegou carregando 5 peixes e 2 tartarugas que queria dar como presente a eles: “*As we were about to leave, a rapaz from Carmo*

²²⁵ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 164

*arrived with 5 fish and 2 larger aperemas, sent by Dona Augusta for tomorrows lunch. The woman of São Bento gave us 1/2 dozen eggs and we were overwhelmed with all the gifts”.*²²⁶

Antes de deixarem Caviana, voltaram ao sítio C-1 para procurar mais objetos úteis à pesquisa. Foram acompanhados por Neco e sua filha, outros três garotos, Jajá e mais um guia. Todos cavaram cheios de entusiasmo. Gostaram tanto de Jajá que o convidaram para ir trabalhar com eles em Belém. Ele aceitou e combinaram de começar no início do ano seguinte, 1949. *“He is honest and reliable and seems to have good judgment, besides a good sense of humor, and is not afraid of work. He will bring the sherds from here when he comes”.*²²⁷

Seguiram para São João onde não conheciam a localização exata do sítio que pretendiam ir e, como de costume, buscaram informações entre os moradores locais. Constataram que o conhecimento das pessoas de lá sobre os sítios havia sido estimulado na época da expedição de Curt Nimuendajú, em 1924, quando muitos locais foram encontrados.²²⁸ Depois da partida de Nimuendajú as pessoas foram perdendo o interesse e algumas das que o ajudaram na época já tinham morrido ou não se lembravam mais das coordenadas exatas. Apesar disso, a comunicação era muito rápida na ilha e as notícias se espalhavam ‘feito um raio’. ‘Se tivessem telefones não seriam mais eficazes’.²²⁹

Logo partiriam para Belém e precisavam arrumar transporte para a imensa quantidade de materiais coletados. Nadir, um homem que haviam conhecido a pouco, possuía um barco à vela e se ofereceu para fazer o serviço, mais um exemplo da generosidade dos locais que os deixou cheios de gratidão.

A caminho do 11º sítio em Caviana, tiveram dificuldades com os cavalos e Clifford chegou a cair de cima do seu, “vida perigosa”, Betty escreveu.²³⁰ Passaram o dia no local enquanto Neco e o guia, Candino, saíram em busca de outros sítios, mas a farinha estava acabando e os homens faziam questão de tê-la nas refeições. Betty não entendia porque não podiam comer apenas a carne, mas não havia outro jeito e teriam que voltar para resolver essa

²²⁶ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 167

²²⁷ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 168

²²⁸ Segundo Grupioni (1998: 164), “Não chegando a integrar os quadros de nenhuma instituição de forma que pudesse ser definido como pertencente a esta ou àquela, é certo que Nimuendajú tornou-se a maior autoridade no campo da etnologia indígena durante toda a primeira metade do século [XX], mantendo relações com praticamente todas as instituições e órgãos importantes do seu tempo. Sua vida e obra relacionan-se diretamente com a emergência da etnologia como disciplina no Brasil e a institucionalização do indigenismo nacional, ocorridos no início do século”

²²⁹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 170

²³⁰ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 173

questão. Depois de coletarem objetos, entre eles dois jarros grandes, voltaram para Santa Cruz para passar a noite e dividir com os vaqueiros a festa e a fome. Comeram um resto de carne de jacaré e ela desenterrou de sua bagagem uma lata de doce de cupuaçu que Rodolfinho havia lhe dado muito antes, na fazenda de Santa Catarina.

Conversando com Jajá, Betty Meggers foi informada de que ele nunca havia ido à escola e sua educação se limitava à alfabetização. Os fazendeiros não tinham interesse em educar seus empregados porque achavam que assim que recebessem uma educação mínima não iam querer continuar trabalhando na ilha. Nesse período final em Caviana, Betty Meggers escreveu muito sobre a vida dos vaqueiros e caboclos da região. Com pouco para comer no dia seguinte pegaram quatro pequenas tartarugas e comeram com farinha na hora do almoço, não muito para pessoas famintas como eles estavam. Neco e Jajá saíram em busca de outros sítios e passaram o dia todo só com um cafezinho, “*learning the life of the vaqueiros by living it*”.²³¹

No dia 14 de novembro de 1948, o casal remou o barco de volta a São João. Chegaram ainda de manhã e passaram o dia organizando suas coisas, desde ariar a panela enegrecida pelo fogo nos acampamentos, até arrumar os cartões com os dados da pesquisa. Ao mexerem nos cacos de cerâmica perceberam que muitas das etiquetas estavam ilegíveis por conta de umidade e mofo, um problema sério para o trabalho de arqueologia na Amazônia. Passaram os três dias seguintes na cidade organizando suas coisas, descansando um pouco e esperando um transporte que os levasse de volta a Chaves, na Ilha de Marajó, para retomarem as escavações por lá, mas a esta altura já conheciam bem as três ilhas por onde passaram neste primeiro semestre da expedição. Muito trabalho ainda se seguiu, muitas descobertas e viagens, e como pudemos ver, já estavam adaptados à região e entendiam melhor como organizar o trabalho. Voltaram a Belém, ao Museu Goeldi, onde receberam apoio fundamental, e depois mais vezes às ilhas de Marajó, Caviana e Mexiana. Visitaram também o território do Amapá, assuntos que pretendemos abordar em outros textos sobre o trabalho de Betty Meggers.

²³¹ Journal of Lower Amazon Expedition, op. cit., p. 176

3.3 – Influência e renome

Os estudos que Betty Meggers produziu subsequentes as suas expedições na Amazônia foram muito importantes para o desenvolvimento da arqueologia e antropologia sul-americanas. Muitas pessoas que ela conheceu no Brasil apoiaram seu trabalho e a construção de suas teorias. Suas observações a levaram a concluir que a Amazônia possuía uma natureza exuberante e, em consequência, um solo pobre para a agricultura que influenciava diretamente na transitoriedade de seus habitantes, sendo uma forma de garantir a sobrevivência (Meggers, 1987).

O seu livro mais aclamado – *Amazônia, Man and Culture in a Counterfeit Paradise* (1971), - publicado em português com o título de - *Amazônia a Ilusão de um paraíso* (1987), teve a apresentação das edições brasileira e mexicana escrita por Darcy Ribeiro. Utilizando uma abordagem sistêmica e ecológica, o livro foi um marco fundamental para o debate sobre a história da Amazônia e uma enorme contribuição ao estudo das culturas dos povos que habitaram o território.

Empenhada em produzir discussões capazes de influenciar a prevenção necessária frente ao risco iminente de destruição da maior floresta do planeta, Betty Meggers contribui ao estudar as culturas amazônicas como parte de um complexo sistema de adaptação ecológica. Darcy Ribeiro escreveu na apresentação do livro que aquela era uma das obras mais importante que a antropologia havia produzido naqueles anos e, “sem dúvida, a mais significativa para as zonas tropicais” (Meggers, 1987: 12).

Possibilitada pelos dados coletados e pela experiência de campo, a análise de Betty Meggers incluiu, entre outros aspectos, a função ecológica da variação das técnicas nativas de coleta, caça e pesca; a reavaliação das características do cultivo itinerante realizado mediante a derrubada da mata, queima e plantio; das formas de organização das aldeias e das dimensões das casas, entre outros pontos. Estes temas foram reexaminados como respostas culturais específicas a exigências do meio-ambiente e a partir disso novos questionamentos surgiram.

É importante destacar também a enorme relevância que ela dá às questões sociais. Atendo-se principalmente a sua preocupação fundamental – o modo como cada povo, com base em sua cultura, explora o potencial de subsistência do ambiente em que vive - suas reconstruções são registros apreciáveis do quanto se sabe sobre essas povos. Darcy Ribeiro considerou os

capítulos referentes aos Omagua e aos Tapajós “o melhor que se tem escrito sobre sua vida e sua cultura” (Meggers, 1987: 14).²³²

Além deste livro, Meggers produziu outras obras influentes e importantes para estudos sobre arqueologia sul-americana, como “Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó” (1954) e “*Prehistoric America*” (1972).²³³ Junto com Clifford Evans, publicou o “Guia para prospecção arqueológica no Brasil”, pelo Museu Emílio Goeldi.

Viagens de exploração como a narrada neste capítulo representam momentos onde as mulheres cientistas transcendiam totalmente as expectativas sociais que costumava-se esperar delas, especialmente nas regiões amazônicas. Enfatizamos a presença e os tipos de atividades que elas também realizavam para reafirmar nosso argumento de que mais mulheres do que estamos acostumados a imaginar praticaram ciências, no campo e no laboratório, nos museus e nas universidades. Especialmente estrangeiras, norte-americanas, a essa época já mais amplamente inseridas nos mercados de trabalho de suas respectivas profissões. Condições como serem de classe média e terem apoio de familiares eram facilitadoras das posições que alcançaram, mas não determinantes, como temos tentado exemplificar.

Foi possível identificar no relato de Betty Meggers vários momentos em que ela destaca o quanto os homens locais estranhavam sua presença naquela expedição e se impressionavam com sua capacidade de participar de todas as etapas dos trabalhos e vida do campo. A reação deles nos mostra que, àquela época, ainda existia um estranhamento em encontrar uma mulher cientista pesquisando no interior da floresta. Em contrapartida, as palavras de Betty deixam nítido o tamanho de sua dedicação, seu profissionalismo, habilidades e sua satisfação em ser parte ativa daquela pesquisa. Ao ouvir as vozes dessas mulheres e encontrar suas experiências torna-se possível entender que elas também estiveram presentes em processos importantes para o desenvolvimento das ciências, como foram as expedições científicas, e a forma como isso ocorria, de maneira semelhante a qualquer outro cientista da época.

É importante ressaltar também algo que está evidente em todo o relato de Betty Meggers que é a participação das comunidades locais, a importância e o reconhecimento dessas pessoas

²³² Nesta obra, Meggers (1987) analisou a adaptação dos povos indígenas Jívaro, Kayapó, Kamayurá, Sirionó e Waiwai à terra firme, e a dos Omagua e Tapajós à várzea.

²³³ Meggers, Betty. “Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó”, n. 7, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Belém, Pará, Brasil, 1954; e “América pré-histórica”; tradução de Eliana Teixeira de Carvalho, Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra, 1979. Evans e Meggers, “Guia para prospecção arqueológica no Brasil”, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965.

que os ajudaram e de certa forma fizeram parte do trabalho deles. A construção deste conhecimento sobre o Brasil teve participação fundamental dos moradores da região, dos donos de terras e dos funcionários de instituições brasileiras. As teorias desenvolvidas posteriormente por Betty, a partir de todo o conhecimento adquirido no campo, ainda passariam por muitas transformações dentro das instituições científicas para se adaptar aos discursos previamente existentes sobre conceitos como arqueologia, cultura, adaptação ou evolução, mas o momento da pesquisa de campo é parte fundamental nesse sistema, representando o momento onde aquele conhecimento pôde ser produzido em conjunto com o ambiente e com a sociedade.

No trabalho de campo o conhecimento espacial e local têm relação com as causas. O campo não é passivo, é agente e influencia a produção dos conceitos, de forma muito diferente do ambiente controlado que existe dentro das instituições científicas. A perspectiva ecológica que caracteriza a obra de Betty Meggers é um aspecto que pode ser relacionado com sua trajetória de práticas fronteiriças entre o campo e as instituições, considerando que diferentes ramos da ecologia se estabeleceram misturando práticas de campo e experimentais (Kohler, 2002).

Estar no campo acompanhada por Clifford Evans provavelmente influenciou positivamente o desenvolvimento da pesquisa de Betty Meggers, que talvez não conseguisse transitar por aquele território da mesma forma que o fez se estivesse sozinha, como evidenciam as análises abordadas em Pycior; Slack; Abir-AM (1996) sobre desenvolvimento de pesquisas científicas realizadas por casais, pois é preciso levar em conta as dificuldades e especificidades relacionadas ao gênero que influenciam a participação das mulheres em atividades desse tipo. Mas isso é apenas uma suposição, já que não temos como saber qual seria sua trajetória se estivesse sozinha. No entanto, no capítulo seguinte, abordaremos a trajetória de mais uma mulher, Wanda Hanke, que realizou suas expedições científicas no Brasil e em outros países da América do Sul totalmente sozinha e em condições completamente diferentes tanto das de Betty Meggers quanto das de Doris Cochran. Wanda Hanke não poderia ser questionada nesse sentido e juntas todas essas experiências são capazes de inspirar muitas reflexões acerca dos papéis de gênero e das formas como a história das ciências, especialmente dessas ciências de campo, retratou a participação de mulheres.

Capítulo 4 – As viagens de Wanda Hanke²³⁴



Figura 8 - Wanda Hanke

Fonte: Museu Paranaense, Curitiba-PR

Wanda Hanke foi uma viajante e pesquisadora austríaca que passou os últimos vinte e cinco anos de sua vida se dedicando ao estudo de grupos indígenas da América do Sul. Sua ambiciosa pesquisa incluiu viagens pelo interior do Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai, as

²³⁴ Parte deste capítulo foi publicado no artigo: Sombrio, M. e Lopes, M. *Expedições Científicas na América do Sul: A experiência de Wanda Hanke (1933-1958)*, In: Cadernos de História da Ciência do Instituto Butantan, vol. 7, n. 2, 2012.

quais ela realizava sozinha. Com formação em filosofia, medicina e direito foi somente a partir dos quarenta anos de idade que passou a dedicar-se à etnologia. Nascida em 1893 em Opava, região da Silésia, atual República Checa, à época parte do Império Austro-Húngaro, faleceu na cidade de Benjamin Constant, Amazonas, Brasil, em 1958, durante uma de suas viagens. Apesar de sua trajetória peculiar, ela ainda é pouco conhecida no Brasil.

Uma grande quantidade de fontes documentais comprovam a importância de seu trabalho etnográfico no Brasil e em outros países da América do Sul. São inúmeras as peças e fotografias fornecidas por Wanda Hanke que compõem hoje o acervo etnológico do Museu Paranaense, em Curitiba, e contribuem com o conhecimento sobre os povos indígenas com quem teve contato. Suas fotos, coleções etnológicas e publicações registram hábitos e práticas destes grupos e podem servir de base para estudos indigenistas, linguísticos, historiográficos e antropológicos.²³⁵

Apesar de ter reunido coleções para diferentes museus, publicado diversos artigos sobre os povos que conheceu e proferido inúmeras conferências sobre seus estudos, no Brasil, Wanda Hanke ocupou uma posição marginal no campo antropológico em sua época, pois não possuía um treinamento oficial na disciplina e a maior parte de seus trabalhos não foram desenvolvidos dentro dos espaços institucionais onde se produzia a ciência, como os museus e universidades, e sim apenas no campo, enquanto viajava entre um lugar e outro.

No início das viagens, ela colecionava objetos que achava, depois começou a trocar materiais com os índios e, mais tarde, passou a comprar os objetos que desejava. Teve ajuda financeira de alguns museus, da Embaixada Austríaca, de pessoas privadas, recebeu pelos artigos que publicou, mas a maior parte da sua renda durante as viagens vinha da venda das coleções que reunia (Liener, 2010:109).

Wanda Hanke pesquisava por conta própria e negociava os artefatos que recolhia, assim como os textos que escrevia, estabelecendo, eventualmente, vínculos informais com diferentes instituições. Além disso, sua prática de vender coleções e peças indígenas não era aprovada por muitos estudiosos de etnologia contemporâneos a ela, e menos ainda pelo governo brasileiro, que buscava cercear cada vez mais a presença de estrangeiros entre os povos nativos do país e o comércio ilegal de artefatos indígenas e espécimes biológicos. Esses fatores contribuíram para o

²³⁵ Fontes: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense. Agradecemos a ajuda e contribuição dos funcionários do Museu Paranaense para a consulta desses materiais (documentos, fotografias, cartas, telegramas e artigos publicados por Wanda Hanke).

desconhecimento de seus trabalhos no Brasil nesse momento em que os estudos etnológicos se institucionalizavam.²³⁶

O que chama atenção em sua experiência é o fato de ter realizado todas as suas pesquisas sozinha. Wanda Hanke não viajava acompanhada por nenhum assistente, familiar ou companheiro e nem possuía uma equipe para realizar as expedições, que eram as situações mais comum para as mulheres da época (Corrêa, 2003). Era uma coletora autônoma, sem vínculo fixo com nenhuma instituição específica. Viajava a regiões pouco conhecidas e permaneceu muitos anos vivendo como exploradora, condição bastante singular entre as cientistas da primeira metade do XX.

Pouco se publicou sobre Wanda Hanke e, no começo da pesquisa, foi difícil encontrar e entender o que ela havia feito no Brasil. Algumas referências documentais foram encontradas no Museu Paranaense, em Curitiba, por onde havia passado também a pesquisadora austríaca Stefanie Liener em busca de informações para escrever uma tese sobre o trabalho etnográfico de Wanda Hanke e as coleções que ela ajudou a formar no Museu de Viena. O trabalho de Liener (2010) permitiu conhecer melhor aspectos da vida dela na Áustria e ajudou a preencher algumas lacunas sobre o desenvolvimento de suas práticas científicas e de suas relações com o Brasil.²³⁷

A maior parte da documentação do Museu Paranaense consiste em cartas e telegramas trocados entre Wanda Hanke e profissionais do Museu Paranaense. Essas cartas foram a maior fonte de informações onde buscamos elementos para entender o que era o trabalho dela na América do Sul.

As dificuldades que ela enfrentava com a correspondência dificultaram a recuperação de alguns detalhes de sua trajetória. As vezes, Wanda Hanke enviava duas ou três cartas em dias muito próximos com informações parecidas, uma vez que não tinha como ter certeza de que todas iriam chegar. As cartas enviadas para ela eram ainda mais problemáticas, porque não tinha

²³⁶ Sobre institucionalização da antropologia no Brasil, ver: Corrêa, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*, *testemunhos*, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas-SP); Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987; e também: Keuller, Adriana. *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, ideias e Instrumentos (1876-1939)*, Tese de doutorado, FFLCH - USP, São Paulo, 2008.

²³⁷ Por estar redigida somente em alemão, a tese de Liener (2010) permanece de difícil acesso aos pesquisadores brasileiros. Entre as principais informações reunidas por esta autora incluem-se dados coletados nos documentos pessoais de Wanda Hanke, guardados em acervo na Áustria, e elementos trazidos por entrevistas realizadas com a neta dela ainda viva, Silvia Tragner. A tese, dividida em duas partes principais, aborda inicialmente passagens da vida de Wanda na Áustria e as viagens a América do Sul e, na segunda, analisa as coleções etnológicas que Wanda forneceu ao Museu de Viena.

endereço fixo e mudava-se de cidade frequentemente. Sua correspondência evidencia as dificuldades que enfrentava para manter-se em contato e, levando em conta também o fato de que algumas cartas podem ter sido extraviadas, algumas informações não ficam muito claras, diferente dos diários das demais mulheres consideradas nesse trabalho que explicam o cotidiano das pesquisadoras com mais detalhes e em uma sequência cronológica mais linear.

Entre os documentos que permaneceram na América do Sul tivemos acesso às cartas que ela enviou a Loureiro Fernandes e a Eduardo Ocampo Moscoso, além da documentação do CFE e outras referências.²³⁸

4.1 – Da vida na Áustria às viagens na América do Sul



Figura 9 - Wanda Hanke

Fonte: Museu Paranaense, Curitiba-PR

²³⁸ Loureiro Fernandes era o diretor do Museu Paranaense (Curitiba-PR) com quem Wanda Hanke se correspondia nas décadas de 1930 e 1940. Eduardo Ocampo Moscoso era o diretor do Departamento de Cultura da *Universidad Mayor de San Simón de Cochabamba*, na Bolívia.

Wanda Hanke era filha do comerciante Josef Hanke e de sua esposa, Ida Hanke, e a profissão do pai fez com que a família se mudasse frequentemente. Nascida em uma família relativamente rica, Wanda teve a oportunidade de concluir sua formação universitária. Em 1913, completou o bacharelado alemão (*Abitur*) e também o equivalente austríaco (*Matura*) e nos anos seguintes estudou em várias universidades na Alemanha adquirindo os títulos de Filosofia em 1918, em Munique, de médica em 1920, em Würzburg (*Würzburg*) e de advogada em 1926, em Marburgo (*Marburg an der Lahn*), tornando-se assim a primeira mulher nos países de língua germânica a obter três títulos de doutora. Exerceu a medicina por alguns anos na Alemanha e na Áustria e só mais tarde começou a se interessar pela etnologia (Liener, 2010:106).

Enquanto estudante de direito deu à luz a seu único filho, Ernst Fritz (1923-2001), a quem deixou com a mãe, em Viena, quando viajou pela primeira vez para a Argentina, em 1934. Ernst Fritz, por sua vez, teve dois filhos, Ernst Hanke e Silvia Tragner. Wanda Hanke chegou a tentar levar a mãe e o filho para a América do Sul algumas vezes, mas nunca conseguiu. Enquanto o menino era pequeno, não conseguia organizar tudo que era necessário para viajar com a criança e, depois de mais velho, o filho não quis acompanhá-la porque já estava casado e tinha sua própria família na Áustria (Liener, 2010:13).

Nas teses doutorais que redigiu ela demonstrou habilidades com métodos diversos, qualitativos e quantitativos. Não tinha formação acadêmica na área de Etnologia, mas conhecia profundamente práticas científicas. Silvia Tragner, sua neta, acredita que a avó deixou a Europa porque não via possibilidades de trabalhar como cientista lá. Além disso, Silvia conta que Wanda Hanke estava enferma psiquicamente e esteve internada por várias vezes em diferentes hospitais austríacos e alemães. O temor de ser submetida a uma nova internação caso sua enfermidade se manifestasse novamente pode também tê-la encorajado a deixar o velho continente (Liener, 2010:104).

A Etnologia vinha se institucionalizando e se consolidando cada vez mais naqueles anos. A primeira cátedra da disciplina havia sido criada em Viena em 1928, seis anos antes da primeira viagem que Wanda realizou à Argentina, em 1934. Wanda pediu suporte institucional e econômico ao Museu Etnológico de Viena, enviando-lhes planos de trabalho onde descrevia como objetivos da viagem documentar a sociedade, os idiomas e a cultura de distintas nações indígenas que acreditava estarem em vias de extinção, argumentando que esta era a única forma de conservar informações sobre as tribos amazônicas para o futuro (Liener, 2010).

Segundo Liener (2010), a primeira vez que Wanda Hanke veio a América do Sul foi em uma visita à Argentina no ano de 1934, onde permaneceu por um mês em Buenos Aires para aprender espanhol. Depois foi para o norte do país, onde conheceu os índios Caingá.²³⁹ De lá seguiu para o Paraguai, ganhando dinheiro atuando como médica para financiar as expedições até o povo Guayaki. Em junho de 1936, voltou a Buenos Aires e três meses depois retornou à Europa. Em Viena, tentou conseguir financiamento para suas viagens, a seguinte iniciada um ano mais tarde, em 1937, quando regressou à Argentina. Seu plano era permanecer em expedição por dois anos, mas Wanda não voltou à Europa pelos próximos dezoito anos.

Neste retorno à Argentina, Wanda se dedicou sobretudo à arqueologia, mas também colecionou objetos dos povos Matakó, Toba e outras etnias do Chaco argentino e paraguaio. Passou novamente um período entre os Caingá do Paraguai antes de viajar, em 1939, a Santa Catarina, Brasil, para estudar os Botocudos. Desta viagem existe um diário e, segundo este relato, Wanda Hanke se instalou em um posto do Governo Brasileiro chamado Duque de Caxias onde colecionou artefatos, anotou palavras e dados antropométricos, e se dedicou à transcrição de um mito dos Botocudos (Liener, 2010: 106).

De Duque de Caxias seguiu a Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, onde ficou quase um mês tentando resolver as questões da licença para sua viagem, sem grande êxito (Liener, 2010:108). Os problemas com o CFE foram registrados pelos conselheiros nas atas e em correspondências que mencionavam sua presença no país.

4.2 – As relações com instituições na América do Sul e os problemas com o CFE

O primeiro registro oficial que encontramos da passagem de Wanda Hanke pelo Brasil data de julho de 1933 e é um ofício enviado ao Ministério da Agricultura - órgão ao qual estava filiado o Conselho de Fiscalização de Expedições Científicas e Artísticas do Brasil - pela legação da Áustria. Este ofício comunicava a vinda ao Brasil de uma expedição científica organizada e chefiada pela Sra. Wanda Hanke, doutora em Medicina, Filosofia e Direito, informando que a expedição tinha por objetivo a exploração de regiões desconhecidas dos rios Xingu, Tapajós e seus afluentes, para fazer pesquisas “psycho-ethno-sociológicas”, linguísticas, astronômicas,

²³⁹ Mantivemos as grafias utilizadas por Wanda Hanke para se referir ao nome de todas as nações indígenas que ela mencionou ter estudado ou conhecido.

meteorológicas e cartográficas na mesma zona. Informava que a expedição seria integrada por mais duas pessoas, Senhor Franz Schmuckerschlag, etnólogo e filólogo, e Dr. Sigmund Buchberger, geógrafo.²⁴⁰



Figura 10 - Wanda Hanke acompanhada de dois homens não identificados

Fonte: Museu Paranaense, Curitiba-PR

O ofício ainda comunicava que a missão tinha o apoio das principais instituições científicas da Áustria, estava sendo preparada desde 1932 e contava com uma subvenção financeira da Fundação Rockefeller. O itinerário incluía inúmeras cidades, descritas na seguinte ordem: “Rio de Janeiro, São Paulo, Bauru, Porto Esperança, Corumbá, Cuiabá, Rosário,

²⁴⁰ CFE.T.2.002, MAST, RJ, doc. 1.

Diamantina, Rio Paranatinga, Rio Kuliseu, Rio Kuluene, Xingu abaixo até a embocadura do Manitsana-nissú, volta ao Xingu, Souzel, Porto do Moz, Rio Amazonas e Belém do Pará” (Ipsis litteris). O ofício ainda solicitava ao governo brasileiro, além da autorização necessária, o custeio das despesas e o transporte gratuito dos expedicionários nas estradas de ferro e navios brasileiros e, se possível, uma subvenção pecuniária.

O primeiro parecer do Conselho sobre o pedido de licença, assinado pelo então presidente do órgão Paulo Campos Porto,²⁴¹ dava um voto de confiança ao caráter idôneo da expedição, pois os cientistas alegavam ter apoio das principais instituições científicas da Áustria, mas recomendava que não fossem concedidos os subsídios requeridos já que não existia base para considerar essa missão como de interesse nacional e a mesma empreitada poderia ser realizada por cientistas nacionais, além de que a quantia necessária para realizar essa viagem seria demais vultuosa, dado o número de expedicionários e imenso itinerário. O parecer colocava ainda a necessidade de que os expedicionários adequassem seu pedido oficial às formalidades exigidas pela lei brasileira (de acordo com o estatuto do CFE), preenchendo o requerimento corretamente com todas as informações necessárias e, assim, a licença poderia ser concedida.²⁴²

Antes que isso ocorresse, um documento confidencial assinado por Cavalcanti de Lacerda, diretor do Departamento Nacional de Produção Vegetal (DNPV) na época, foi encaminhado ao presidente do CFE, Paulo Campos Porto. O referido documento era uma carta que alertava o presidente sobre novas informações que haviam sido obtidas no Consulado de Viena, posteriores àquela primeira comunicação estabelecida entre Wanda Hanke e o Conselho, e essas informações colocavam em dúvida a idoneidade da Dra. Hanke. Em certo ponto, a carta diz o seguinte:

[...] A referida senhora já esteve internada, durante cerca de dois anos, em um sanatório especial, afim de perder o vício da morfina. Seu estado atual apresenta, ainda, sintomas de anormalidade mental.

É mister salientar, também, que a senhora Hanke declarou ao Consul do Brasil em Viena, não contar com recursos próprios para o custeio da expedição, e tão somente com subvenções de uma agência editora alemã e da sociedade rádio de Viena, para a qual faria conferência. Esperava também obter algum auxílio da fundação Rockefeller e do nosso governo.

²⁴¹ Sobre os membros que integravam o CFE na época, ver: Sombrio, M. *Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951*, Dissertação de Mestrado, DPCT (IG), Unicamp, Campinas, 2007.

²⁴² CFE.T.2.002, MAST, RJ, doc. 3.

Tais fatos inspiram pouca confiança quanto ao caráter científico da expedição, que, além de não incluir personalidades de valor reconhecido, ainda lutará com falta de meios para realização dos trabalhos técnicos que possam ser de utilidade para nosso país. A vista disso, já enviei uma nota à Legação da Áustria, lamentando que as informações obtidas sobre a senhora Hanke não permitem ao nosso governo conceder-lhe licença para realizar a mencionada expedição.²⁴³

Problemas de ordem psicológica também foram mencionados no estudo de Liener (2010) e, através desta carta, apareceram na documentação do CFE contribuindo decisivamente para que a licença lhe fosse negada. Segundo sua neta, Silvia Tragner, Wanda Hanke sofria de depressão e já havia tentado o suicídio (Liener, 2010:19). As permissões dependiam muito das relações que o expedicionário estabelecia no Brasil e a forma como essa informação foi apresentada aos conselheiros depôs negativamente sobre o caráter de Wanda Hanke. O questionamento de sua sanidade mental virou mais um motivo para a negação do pedido, ainda mais com a observação de que o estado dela apresentava “ainda sintomas de anormalidade mental”. Após ler tal afirmação os conselheiros não hesitaram em negar a autorização para a expedição.

Não encontramos na documentação pesquisada no Brasil nenhum vestígio da presença dos dois homens que ela mencionou que a acompanhariam ao Brasil, um etnólogo e um geógrafo. Todos os artigos que Wanda Hanke publicou foram assinados apenas por ela e os nomes citados não aparecem em nenhuma das cartas que encontramos.²⁴⁴ O fato é que, após essa intervenção do diretor do DNPV e da revelação dessas informações, seu pedido foi negado e a licença do CFE não foi concedida.

Além dessas questões, os problemas com a falta de financiamento para a expedição foram determinantes para a negativa e ficam evidentes em toda sua correspondência. Falta de recursos foi um dos principais empecilhos que Wanda enfrentou nos anos em que viveu como exploradora e suas cartas apontam que, na maior parte do tempo, ela se sustentava só com dinheiro da venda de coleções. O apoio que dizia possuir de instituições científicas da Áustria era de caráter informal, o que também não a ajudava a obter a aprovação do CFE. O pedido por subsídios do governo brasileiro só comprovava mais ainda a falta de apoio institucional em seu próprio país e essa inexistência de vínculos sólidos inspirava “pouca confiança quanto ao caráter científico da expedição”, segundo o redator do parecer.²⁴⁵

²⁴³ CFE.T.2.002, MAST, RJ, doc. 4.

²⁴⁴ CFE.T.2.002, MAST, RJ, doc. 1.

²⁴⁵ CFE.T.2.002, MAST, RJ, doc. 3.

O pedido que fez para que o governo brasileiro custeasse praticamente todas as despesas da expedição também é bastante incomum e ousado. Em nenhum dos outros dossiês de expedições consultados no acervo do Conselho de Fiscalização encontramos pedido similar.

Naquele período as ciências já estavam institucionalizadas e cientistas independentes também atuavam, mas o mais comum era que fossem vinculados a alguma instituição. Seria estranho para os padrões do CEF que o governo federal financiasse uma viajante estrangeira desconhecida e sem nenhum vínculo institucional.

Do mesmo modo que a prática institucionalizada já era uma realidade crescente entre as cientistas que tiveram seus nomes registrados pelo CFE, alguns aspectos de práticas científicas anteriores ainda permaneciam na formulação das políticas governamentais, como a junção de expedições artísticas e científicas no mesmo Conselho, por exemplo. No decorrer do século XX, a especialização de áreas científicas aumentou consideravelmente e, cada vez mais, a separação por áreas de conhecimento passou a existir em grupos responsáveis por administrar órgãos vinculados à formulação e administração de políticas científicas. Quando o CNPq assumiu a responsabilidade pelas expedições essas divisões se tornaram então mais rígidas.²⁴⁶

O pedido também pode ser visto como uma tentativa arriscada de conseguir o dinheiro necessário para realizar a viagem. Quando escreveu no requerimento que possuía o apoio das principais instituições científicas da Áustria houve um parecer inicial favorável do CFE, mas a informação de que talvez ela não tivesse realmente esses vínculos diminuiu mais ainda suas chances de conseguir a autorização.

Antes de vir pela primeira vez para a América do Sul, Wanda Hanke procurou instituições científicas em busca de financiamento alegando que as pesquisas que ela iria realizar eram importantes. Como mencionamos, escreveu um plano de trabalho científico que enviou ao Museu de Viena e ao Ministério da Educação austríaco, em 1933. Entre os documentos enviados ao Museu de Viena está um plano de trabalho de 10 páginas sobre os índios do Mato Grosso que incluía um “plano de trabalho científico”, um “plano especial de trabalho psicológico” e um “plano técnico” para a viagem. Esses planos envolviam atividades de análise de grupos étnicos diversos onde seriam abordados aspectos como o “nível cultural de cada tribo”, os “métodos de trabalho e de subsistência”, “nível de desenvolvimento intelectual”, a “cultura material”, entre

²⁴⁶ CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas. *Retrospecto das atividades do Conselho Nacional de Pesquisas no campo das pesquisas científicas e tecnológicas, no ano de 1951*. Rio de Janeiro: CNPq.1952.

outros itens. Havia uma ênfase em análises psicológicas, de sociabilidade e na “descrição do círculo da vida” dos índios (Liener, 2010: 18-21). Apesar da tentativa, o que Wanda conseguiu com o Museu de Viena foi uma relação parecida com a que tinha com o Museu Paranaense, vender coleções e publicar alguns artigos, mas não um subsídio institucional ou financeiro duradouro.

Os objetos que coletava eram negociados e vendidos em acordos provisórios com instituições como o Museu Paranaense e o de Viena, por exemplo, e algumas vezes eram doados. Vender peças etnológicas ou espécimes para museus não era uma atividade estranha à época e fazer do colecionismo científico uma fonte de renda era uma prática usual, mas nestas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir dos anos 1930, o governo brasileiro passou cada vez mais a combater a coleta indiscriminada e a exigir que os resultados destas incursões ao interior do Brasil contribuíssem também com o desenvolvimento das instituições nacionais.

A relação com o diretor Loureiro Fernandes foi construída a partir de acordos desse tipo, renegociados de tempos em tempos de acordo com as viagens que ela fazia e com as possibilidade que se apresentavam. De diversos lugares que visitou Wanda ofereceu ao diretor artefatos indígenas, fotos e textos que escrevia sobre os índios. Interessou-se por grupos diferentes como os Cadivéns, no Brasil, e Chamococos, no Paraguai, por exemplo, aos quais visitou mais de uma vez para realizar estudos e reunir peças, discutindo em cartas com Fernandes a realização dessas pesquisas. Na carta que escreveu ao diretor em 26 de dezembro de 1941, é possível observar uma das ofertas que fez a ele e alguns acontecimentos que descreveu levantam dúvidas quanto à eficiência da ação fiscalizadora assumida pelo CFE:

Muito estimado Sr. Diretor,

Com a ajuda do Sr. ‘Dufano’ me foi possível empreender viagem até Campo Grande para me apresentar as autoridades. O Sr. Comandante Nicolau Bueno Horta Barbosa que aqui está a serviço do SPI facilita minha estada em um ponto dos Cadivens... e minha estada entre os Terenos na missão norte-americana de Taunay. De sua própria competência não pode fazer mais, mas quando tiver a permissão do Rio de Janeiro, tudo será facilitado também economicamente. A zona militar não depende ‘disso’ (sic) e eu falei com o comandante militar. Se me facilita minha viagem a Porto Murtinho posso visitar os Chamococos na costa do Paraguai e voltar depois a Porto Murtinho. Assim me será possível fazer tudo o que me interessa e terminar meu dicionário e minha gramática do idioma Cadivens. Posso recolher um coleção dos Terenos e enviar a você para seu museu. Também posso conseguir coleções dos Chamococos e vendê-las onde quiser.

Estou encantada com a gentileza das autoridades. O comando militar me mandou ao consulado alemão perguntando se quero prolongar o passaporte [...] esta tarde recebi um papel da autoridade militar e não haverá mais dificuldade comigo nessa região. O que preciso para mais

adiante é uma apresentação do museu como me explicou o Sr. Barbosa. Me parece que você poderá me dar ela quando meu assunto estiver resolvido no Rio [...]²⁴⁷

A venda de coleções, fosse no Brasil ou para o exterior, era combatida pelo Conselho de Fiscalização que buscava, entre outras coisas, diminuir a exploração estrangeira já praticada há séculos sobre o território brasileiro e obrigar a doação de duplicatas dos objetos coletados a institutos nacionais. Por esse motivo, qualquer viajante que comercializasse objetos etnológicos sem a licença tinha suas atividades dificultadas pelo órgão e por seus delegados que estavam presentes em todos os Estados da Federação.

No entanto, outros órgão federais estavam mais presentes nos territórios indígenas, como o SPI, mencionado por Wanda Hanke na carta, e tinham mais influência no controle do acesso a esses locais. Na documentação do CFE há vários casos em que os conselheiros enviavam os pedidos de licença a esse Serviço para darem o parecer,²⁴⁸ sempre que a expedição envolvesse contato direto com os índios, e outras vezes era o SPI quem recorria ao CFE para denunciar alguma incursão ilegal em territórios indígenas.²⁴⁹ Em alguns casos, a documentação deixa explícita a intervenção do SPI nas decisões do CFE e vice-versa, mas com os expedicionários já em campo a situação parecia ser diferente.²⁵⁰

Isso porque, tomando como o exemplo o caso de Wanda Hanke, vemos nas informações descritas em suas cartas que por mais de uma vez ela recebeu apoio de funcionários do SPI, mesmo tendo problemas com o Conselho. Isso nos leva a reafirmar a dificuldade do CFE em executar de fato o controle das expedições, tendo se consolidado como um órgão que agia mais no licenciamento e registro de informações do que na fiscalização em si.

O Conselho enfrentava dificuldades para por em prática todos os seus objetivos, ainda mais considerando o tamanho do território brasileiro, as dificuldades de comunicação da época - que se davam principalmente por telegrama - a falta de integração e desorganização de muitas instituições. Mas também existem os exemplos de situações em que o órgão conseguiu efetuar o

²⁴⁷ Carta Wanda Hanke-Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense.

²⁴⁸ Como nos casos registrados, por exemplo, nos dossiês: CFE.T.2.273 – Ani Patin, CFE.T.2.365 – Mary Brewer Hemons, CFE.T.2.408 – Majken Mattson e Birgita Malmvall – MAST, RJ; todos encaminhados ao SPI para que dessem o parecer sobre a permissão à expedição.

²⁴⁹ Como no caso da expedição não autorizada de Tibor Sekelj e Maria Reznik, dossiê CFE.T.2.216, MAST-RJ.

²⁵⁰ Por exemplo, no dossiê CFE.T.2.054, referente à expedição de Claude e Dinah Levi-Strauss, vários documentos remetem à participação do SPI na decisão sobre a concessão da licença, sendo que o órgão não recomendou a aprovação daquela incursão, mas com apoio de Heloísa Alberto Torres o CFE assumiu a responsabilidade pela permissão e a licença foi concedida.

controle esperado sobre as expedições científicas e apreender materiais coletados ilegalmente, tendo sido grande responsável pela aquisição de muitas coleções para museus brasileiros, principalmente para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, maior receptor dos objetos interceptados pelo Conselho.

A negação da licença do CFE lhe causou dificuldades, mas certamente não a impediu de realizar suas viagens, o que podemos concluir a partir da leitura de sua correspondência e dos diversos artigos que publicou na revista do Museu Paranaense.²⁵¹ Considerando apenas os documentos do Conselho, seria de se supor que Wanda Hanke não teria realizado expedições pelo país, mas as coleções etnográficas, de fotos e correspondências depositadas até hoje no Museu Paranaense, em Curitiba, nos permitiram seguir pistas que contam outra história. Seus artigos relatam dados, informações e histórias acerca de populações indígenas do Brasil que só poderiam ter sido escritas a partir de uma intensa pesquisa de campo.²⁵²

Wanda Hanke enfrentou dificuldades provocadas pela falta de apoio do Conselho que acabou limitando seu acesso a instituições, dificultava o transporte das peças que coletava e abalava sua reputação, já que a licença concedida por esse órgão não era capaz de coibir as atividades ilegais, mas poderia incentivar a colaboração de outros profissionais e instituições para aqueles que a possuíam. Por transitar pelo Brasil sem essa licença Wanda Hanke infringia leis federais e praticava comércio ilegal de bens considerados patrimônio científico e artístico nacional. É bastante impressionante que, sob essas condições, ela tenha conseguido excursionar pelo Brasil por tantos anos. Pela quantidade de peças que vendeu a Museus é possível dizer que o cerceamento do Conselho sobre os materiais que ela recolhia foi mínimo. A pior condição que ela enfrentava era mesmo a falta de recursos.

Em setembro de 1940, Wanda Hanke (1893-1958) enviou um novo pedido de licença ao Conselho de Fiscalização. Dessa vez solicitava autorização a fim de realizar uma expedição para

²⁵¹ Artigos publicados por Wanda Hanke na revista *Arquivos do Museu Paranaense*:

“Cadivéns y Terenos”, Vol. II, 1942, p. 79-87;

“Los índios Sirionó de la Bolivia Oriental”, Vol. II, 1942, p. 87- 96;

“Los índios Botocudos de Santa Catarina Brasil”, Vol. VI, 1947, p. 45- 59;

“Apuntes sobre el idioma caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil”, Vol. VI, 1947, p. 62-97;

“Vocabulario del dialecto caingangue de la Serra do Chagu, Paraná”, Vol. VI, 1947, p. 99-106; “Ensayo de una gramática del idioma caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil”, Vol. VIII, 1950, p. 65-220;

“Estudos complementares sobre a cultura espiritual dos índios cainganges”, Vol. VIII, 1950, p. 137-145;

“La cultura material de los Guarayos Modernos”, Vol. VIII, 1950, p. 215- 220.

²⁵² Fontes: Museu Paranaense, *op cit.*

estudar indígenas na Ilha do Bananal e na região do Rio Araguaia, no interior do país. Na carta que enviou ao Conselho, ela informava que sua expedição seria feita individualmente e deveria durar dois anos. Levaria material para caçar cobras, lacraias e insetos, que lhe seria fornecido pelo Instituto Butantan. Do material colhido a maior parte seria oferecida ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e o restante ao Butantan e ao Museu da Faculdade de Filosofia de São Paulo. Ela também informava desejar oferecer parte dos materiais coletados ao Museu de La Plata, na Argentina.²⁵³

Analisando as informações que Wanda Hanke forneceu desta vez, vemos que ela mencionou relações com institutos paulistas. Sobre suas conexões com o Instituto Butantan não sabemos muito. Não conseguimos encontrar documentos sobre ela nos arquivos desta instituição, mas em uma das cartas escritas a Loureiro Fernandes ela menciona sua amizade com o zoólogo Wolfgang Buecherl, que trabalhava no Butantan na década de 1940, e pediu para que o diretor enviasse a ele dez separatas do artigo que publicou em 1947, no Boletim do Museu Paranaense.²⁵⁴

Em São Paulo, sabemos da existência de peças etnológicas fornecidas por ela ao Museu Paulista e ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, nas décadas de 1940 e 1950 (Paula, 2005).²⁵⁵ Encontramos uma correspondência e menções de Wanda Hanke a Herbert Baldus, antropólogo alemão que mudou-se para São Paulo na década de 1930, trabalhou na Escola Livre de Sociologia e Política e depois tornou-se pesquisador do Museu Paulista. Em carta enviada a Loureiro Fernandes, Baldus fala sobre o contato que teve com Wanda Hanke:

Meu caro Loureiro,

Por minha sugestão, a Dra. Wanda Hanke foi estudar os Opaie, índios do sudeste de Mato Grosso a respeito dos quais sabemos muito pouco e cuja existência ela, como muitos outros, ignorava completamente. Há pouco, ela me mandou os resultados de seus estudos a fim de serem publicados na Revista do Museu Paulista. Sendo eles, porém, principalmente linguísticos, não servem para nossa revista que não cultiva essa matéria. Sugeri a Dra. Wanda Hanke, por isso, a publicação nos Arquivos do Museu Paranaense e acabo de receber carta dela em que me pede de enviar o manuscrito a você.

Aliás, ela me pediu Cr\$ 2000,00 - de honorários pelo presente trabalho. Acho que ela bem merece um auxílio por ser, aparentemente, muito dedicada aos índios e aos estudos etnológicos,

²⁵³ CFE.T.2.170, MAST – RJ.

²⁵⁴ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunción, 09/09/1947, Museu Paranaense. Artigos publicados por Wanda Hanke em 1947, no Boletim do Museu Paranaense: *Los indios Botocudos de Santa Catarina Brasil, Apuntes sobre el idioma caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil, Vocabulario del dialecto caingangue de la Serra do Chagu, Paraná.*

²⁵⁵ O artigo de Paula, 2005; publicado nos Anais do Museu Paulista, conta com uma descrição de peças presentes nos acervos do MAE e Museu Paulista entre as quais incluem-se objetos fornecidos por Wanda Hanke.

além de encontrar-se atualmente, segundo sua última carta, muito doente. O endereço dela é a. c. do Consulado do Paraguai, Ponta Porã.
Como vai você e sua família? Lembranças a todos.
Aceite um forte abraço do velho
Herbert Baldus²⁵⁶

Herbert Baldus era frequentemente procurado por pesquisadores de língua alemã que vinham ao Brasil e foi um colaborador profícuo de publicações etnológicas nos países germânicos, o que fez com que ele mantivesse contato com muitos antropólogos daqueles países criando uma “espécie de conexão germânica no Brasil da segunda metade do século XX”. Ele estabeleceu um importante círculo de relações no cenário internacional do período (Passador, 2002:28). Como a carta citada acima sugere, Wanda Hanke também foi uma de seus correspondentes e ele conhecia o trabalho dela, deu inclusive indicações para que ela pesquisasse um grupo sobre o qual se sabia pouco e recomendou a publicação de seu trabalho na revista do Museu Paranaense.

Voltando à questão da licença do CFE, nessa segunda tentativa de conseguir a autorização para sua pesquisa, o requerimento de Wanda Hanke foi rejeitado por não ter obedecido a norma do Conselho que exigia que todos os pedidos de licença formulados por estrangeiros fossem feitos por intermédio do Ministério das Relações Exteriores. Apesar de mencionar os contatos que tinha com os institutos no Brasil, suas relações eram todas informais e só Loureiro Fernandes entrou em contato com o CFE em nome dela. O parecer negativo, assinado por todos os conselheiros da época, dizia o seguinte:

[...] Sem entrar no merecimento do assunto, proponho a solução de uma preliminar em face do artigo 2º do Decreto nº 22698, de 11 de maio de 1933 e do artigo 9º do Regulamento deste Conselho, aprovado pelo Decreto nº 24337, de 5 de junho de 1934, podemos conceder licenças para expedições estrangeiras – coletivas ou individuais – sem que a solicitação venha encaminhada pelo Ministério das Relações Exteriores?

Bem sei que, no momento atual, há sérias dificuldades, surgidas ou acentuadas depois das datas em que foram aprovados os dispositivos citados, pelas quais resulta que numerosos cidadãos, não raro cientistas, se tornaram apátridas, ou deixaram de merecer a proteção dos governos, a que ficaram pertencendo seus países, em virtude das transformações havidas no quadro internacional de então a esta parte.

No entretanto, por ponderável que seja essa consideração, não nos pode autorizar a infringir um dispositivo legal, de cujo cumprimento somos os fiscais imediatos.

Assim, sou de parecer que, preliminarmente, se negue a licença solicitada, em virtude do pedido não ter sido feito na conformidade com a legislação vigente [...]

Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1940²⁵⁷

²⁵⁶ Carta Herbert Baldus - Loureiro Fernandes, São Paulo, 22/10/1948, Museu Paranaense.

²⁵⁷ CFE.T.2.170, MAST – RJ.

O parecer dá a entender que justificar a negação da licença pelo artigo que exigia que todos os pedidos fossem enviados através do Ministério das Relações Exteriores era uma solução provisória para um problema maior. O que não fica claro é se o problema principal seria a nacionalidade dela, austríaca, em meio a Segunda Guerra Mundial e às sanções aos países inimigos, ou se existiam outros agravantes.²⁵⁸ Sabendo do ocorrido na primeira vez em que Wanda tentou conseguir a licença, é provável que seu histórico negativo no CFE também tenha influenciado em mais essa decisão.

Além disso, existe um documento neste dossiê que é uma resposta dos conselheiros a um ofício encaminhado pelo delegado do CFE no Estado do Paraná, David da Silva Carneiro, em abril de 1941, que menciona um problema envolvendo Wanda Hanke e a circulação de uma coleção não autorizada. Nem o ofício original do delegado, nem o ofício do Diretor do Museu Paranaense citado na resposta do Conselho constam no dossiê. Mas a resposta do conselho afirma que:

[...] Quanto à situação de uma coleção de origem estrangeira transitando em território nacional, legal ou ilegalmente, não cabe, no caso, a intervenção deste Conselho, uma vez que sendo a sua finalidade a proteção do patrimônio artístico e científico nacional, as suas atribuições não poderão incidir em coleções de origem estrangeira que tenham entrado no país. Idêntica será a situação apresentada pela proposta da Dra. Wanda Hanke, caso toda a coleção oferecida seja de proveniência boliviana. Entretanto, não estando suficientemente explícito o ofício do Sr. Diretor do Museu Paranaense, que me enviastes por cópia, quando afirma que ‘o material etnográfico foi coligido em território nacional e, principalmente, entre os índios bolivianos Guarayos, Sirionos, Yurakareses e Chojos’, solicito as vossas providências afim de ser esclarecido ao Conselho si o território nacional aludido é o do Brasil ou o da Bolívia. No primeiro caso, faz-se mister verificar si esse material escapou a fiscalização e, verdadeira essa hipótese, como não será possível a apreensão do material, pois tudo indica que ele está fora do país, só nos restará tomar as medidas cabíveis contra possíveis repetições futuras. Por outro lado, se todo o material for de origem boliviana, teremos uma situação idêntica à da consulta que me fizestes, não cabendo, ainda aqui, a ação fiscalizadora deste conselho.²⁵⁹

Algumas cartas de Loureiro Fernandes enviadas a Wanda Hanke naquele ano mencionam os problemas com o CFE. A primeira correspondência encontrada sobre o assunto data de março de 1941, quando o diretor lhe escreveu que não mais se preocupasse, porque a questão estava resolvida:

²⁵⁸ O contexto da 2ª Guerra prejudicou seu trânsito entre os países sul-americanos e dificultou seu acesso a serviços bancários no Brasil, especialmente em 1941 e 1942 – Menções a isso estão em: Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 04/02/1942, Museu Paranaense, entre outras.

²⁵⁹ CFE.T.2.170, MAST – RJ, doc. 197.

Há dias tivemos a visita do Sr. Dr. Eugênio George portador de uma carta de V.S. na qual era solicitada a cooperação deste Museu no sentido de facilitar o transporte de coleções etnográficas organizadas na Bolívia.

Como não se tratam de coleções nacionais, nenhuma dificuldade há em recebê-las neste Museu, e a este respeito já me entendi com o Serviço das Explorações Científicas e Artísticas no Brasil. Torna-se no entanto necessário um entendimento de V.S. com as autoridades consulares brasileiras, na Bolívia, para a remessa oficial das referidas peças e em seguida terá V.S. a bondade de informar esta diretoria da maneira que julga mais prática de conseguir o citado transporte.

No interesse do Museu, tratando-se da pessoa de V.S. nome de relevo nos estudos etnográficos sul-americanos, terei todo o prazer de conseguir o que estiver ao meu alcance [...] ²⁶⁰

É interessante notar que na carta Loureiro diz que a considerava um “nome de relevo nos estudos etnográficos sul-americanos” e menciona ter se entendido com o CFE, mas independente deste apoio a coleção de origem boliviana mencionada no ofício causou problemas a Wanda Hanke e, aparentemente, os conselheiros não partilhavam a mesma opinião que Loureiro. ²⁶¹

Os problemas já começaram na Bolívia, em 1941, quando estive trabalhando na região de Santa Cruz de La Sierra entre os índios Sirionó. Foi nesta época que as autoridades bolivianas a prenderam e só a liberaram após três semanas (Liener, 2010:106).

Wanda Hanke explicou o motivo de sua prisão em uma carta escrita a Eugênio George, outra pessoa com quem ela se correspondia em Curitiba e que a ajudava nas negociações com o Museu Paranaense. Contou a ele que foi presa na Bolívia sob a alegação de que o prazo de sua licença para permanecer no país já havia acabado, mas defendeu-se dizendo que isso não era verdade. ²⁶² A prisão a pressionou a deixar o país. Seguiu para o Brasil algumas semanas depois e se instalou em Corumbá, no Mato Grosso do Sul, onde passou um tempo aprendendo a língua dos Kadiwéus. Na carta enviada ao Dr. George ela deu mais detalhes sobre o ocorrido:

Prezado Sr. Doutor,

Quero informar-lhe que me acho em liberdade e tenho o direito e a obrigação de deixar a Bolívia. O direito, por que o prefeito se interessou por mim, e o dever, porque se afirma, que havia terminado o prazo da licença. Isso, entretanto, não corresponde à verdade, pois tenho ainda dois meses de tempo, porém, estou contente de poder sair daqui. Informei imediatamente o Consul brasileiro, que por seu secretário me mandou procurar, infelizmente não me tendo encontrado em casa. Tenho a intenção de me dirigir a Corumbá, talvez me será possível acompanhar as coleções até lá, para as remeter de lá com maior segurança e rapidez [...] ²⁶³

²⁶⁰ Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 23/04/1941, Museu Paranaense.

²⁶¹ CFE.T.2.170, MAST – RJ, doc. 197.

²⁶² Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Tradução do alemão em cópia pertencente ao Museu Paranaense..

²⁶³ Idem.

Wanda teria falado com o Cônsul do Brasil na Bolívia sobre o transporte das coleções para o Museu Paranaense, que a mandou à aduana onde teve todas as suas peças apreendidas. O prefeito de Santa Cruz a ajudou a retirar algumas, que despachou para a Argentina com ajuda do Cônsul Geral daquele país. Pelo que disse na carta citada acima, o prefeito deve tê-la ajudado a se livrar da prisão também. Disse que a única forma possível de transportar as coleções era por via diplomática e sem a ajuda do Cônsul brasileiro as coleções destinadas ao Brasil continuariam apreendidas na aduana. Por isso que pedia ajuda a Loureiro Fernandes para que falasse com o Cônsul brasileiro por ela, era uma forma de enviar-lhe as peças.²⁶⁴

Finalmente, Wanda acabou indo para o Brasil com as coleções. Fernandes providenciou junto ao Secretário do Interior e Justiça, Manoel Lacerda Pinto, para que intercedesse junto ao Cônsul Geral do Brasil e liberasse as coleções. Isso era também do interesse dele. Depois, em Corumbá, ele tentaria obter o transporte para o Museu por via aérea, pelo Correio Militar, mas os volumes precisariam ser pequenos, disse a ela.²⁶⁵

A Loureiro Fernandes, ela escreveu sobre a travessia da Bolívia ao Brasil em posse da coleção e contou ter conseguido sair da Bolívia carregando as peças sem maiores problemas porque teve ajuda de brasileiros que trabalhavam na construção de uma ferrovia.

Já no Brasil as dificuldades apareceram na hora de despachar a coleção até Museu Paranaense, quando foram exigidos documentos para fazer o transporte. Para enviar as peças de Corumbá ao Museu Paranaense, Wanda Hanke precisava primeiro de autorização para que a empresa aérea ‘Condor’ as transportasse até o Rio de Janeiro e as descarregasse lá. Escreveu então novamente ao diretor pedindo que ele se comunicasse com a empresa e que tentasse resolver os problemas dela com o CFE comunicando-se com eles em seu nome para que ela tivesse os papéis que lhe garantiriam todas as autorizações. A embaixada alemã, que poderia intermediar o seu pedido de licença, já havia negado ajudá-la. Acreditava que um pedido dele poderia facilitar a concessão da licença que precisava e Fernandes enviou então uma carta ao CFE. A cópia desta carta não consta no arquivo do Conselho e por isso não é possível saber exatamente o que ele escreveu.²⁶⁶ A carta de Wanda dizia o seguinte:

²⁶⁴ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Sta. Cruz, 05/07/1941, Museu Paranaense.

²⁶⁵ Carta Loureiro Fernandes - Wanda Hanke, Curitiba, 11/10/1941, Museu Paranaense.

²⁶⁶ CFE.T.2.170, MAST – RJ

[...] A Condor de Corumbá necessita de uma autorização da Condor do Rio de Janeiro para aceitar as coleções e despachá-las gratuitamente. Pois peço ao senhor para comunicar-se com a Condor do Rio para que autorize a de Corumbá [...]

As coleções chegaram bem, falta ainda providenciar a transferência e juntar as coisas que ultimamente consegui na viagem de Santa Cruz até Tapera. Consegui escapar da aduana boliviana em Porto Suarez com a ajuda das companhias brasileiras que estão construindo a ferrovia. Aqui não tive dificuldades com a aduana e fui bem recebida pelas autoridades do Brasil.

Me alegro de poder publicar no 'Archivo do Museu Paranaense' e em breve lhe mandarei uma colaboração sobre o idioma dos índios Sirionó [...]

Sobre meus estudos e as coleções de materiais científicos no Brasil peço a você entender-se com o Conselho de Fiscalização das Expedições. Eu como pessoa particular não posso fazê-lo sem ajuda da embaixada da Alemanha no Rio e esta embaixada me negou já sua ajuda, há um ano atrás, opinando que não lhes interessam meus estudos em favor de museus e institutos sul-americanos [...]

Interessante notar nessa carta que ela diz que foi bem recebida pelas autoridades brasileiras e ajudada pela companhia que construía a ferrovia, apesar da falta de licença do CFE e, na Bolívia, teve que se esquivar da alfândega para sair do país com as peças. Isto nos leva a refletir sobre as dificuldades de exercer essa função fiscalizadora em um território tão grande como o Brasil. A empresa aérea colocou os empecilhos nesse caso, mas Wanda teve ajuda de pessoas locais e funcionários do SPI em outros momentos. Sabemos que a comunicação dos Estados com o CFE se dava por meio de delegados que representavam o órgão em cada unidade da Federação, mas não sabemos muito sobre como era a comunicação entre esses delegados e os funcionários de outros órgãos do governo, militares, policiais, funcionários da alfândega, etc. Então o que podemos concluir é que a negação da licença do CFE impunha dificuldades, mas era incapaz de coibir o trânsito e as práticas de todos os expedicionários que não recebiam a autorização.

Quanto à coleção que ela carregava, a postura do CFE foi alegar que se a coleção fosse de origem boliviana não teriam responsabilidade sobre aquilo e se fosse de origem brasileira também não poderiam fazer nada com a coleção já em trânsito em outro país, só poderiam tomar “medidas cabíveis contra possíveis repetições futuras”,²⁶⁷ ou seja, não podiam fazer nada. O nome do delegado do CFE que escreveu sobre a coleção - David Carneiro - apareceu em uma das cartas de Wanda Hanke alguns anos depois desse episódio, sugerindo que ela manteve alguma relação com ele. Em 1947, ela contou que tinha recebido uma carta dele na cidade argentina de Clorinda com boas notícias, sem detalhar quais eram.²⁶⁹

²⁶⁷ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense. Tradução própria do espanhol.

²⁶⁸ CFE.T.2.170, MAST – RJ, doc. 197.

²⁶⁹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Laguna Blanca/Formosa, 01/07/1947, Museu Paranaense.

Dessa forma, a coleção de peças indígenas da Bolívia passou ilesa pela vigilância do CFE, mas a permissão para que ela trabalhasse e fizesse suas coletas no Brasil nunca foi concedida. A informação de Loureiro Fernandes de que havia se entendido com o órgão dizia respeito somente àquela coleção e no que cabia a intenção dela de reunir coleções de origem brasileira, ele não pôde ajuda-la.

Em outubro de 1941, Loureiro respondeu a uma oferta de Wanda Hanke para formar novas coleções para o Museu²⁷⁰ dizendo que isso precisaria ser aprovado pelo Conselho Administrativo da instituição e também não seria possível sem o prévio entendimento com o CFE – “Temos a esse propósito uma notificação do delegado do Paraná”. Os artigos traduzidos para o português poderiam ser publicados e ele poderia ajudá-la entrando em contato com conhecidos em São Paulo para publicar em revistas de lá ou oferecer as peças da Bolívia que ainda queria vender. Ficaria no aguardo de informações a fim de poder facilitar o transporte das coleções de interesse etnográfico ao Museu Paranaense.²⁷¹ A oferta dela, feita por intermédio do Sr. Eugênio George, foi a seguinte:

Desejava propor ao Museu Paranaense a seguinte proposta: Pretendo visitar nos próximos meses algumas tribos de índios, enviando daí coleções completas, sem exigir mais que as custas do transporte e as despesas minhas com hospedagem, etc. Peço portanto a amabilidade de entender-se a respeito com o Dr. Loureiro Fernandes, prestimoso diretor do Museu Paranaense, dando-me a resposta via aérea, por volta de correio. Poria também a disposição do Museu todo o meu material científico, se isso fosse desejado, aceitando com prazer as indicações sobre aspirações do museu, que peço remeter-me também a Corumbá.²⁷²

Em dezembro de 1941, Loureiro voltou a falar sobre a questão da licença informando que não havia conseguido facilitar a resolução de seu caso no CFE e somente a intervenção de alguém do Rio de Janeiro poderia auxiliá-la a resolver aquela situação:

Cabe-me informar a V.S. que as démarches do Museu a propósito de facilitar a regularização de sua estadia no Brasil nenhum resultado tiveram. Nesse sentido, terá V.S., que conseguir uma pessoa junto ao Ministério do Rio. Sem estar sua situação regularizada não será possível conseguir autorização no Serviço de Fiscalização das Expedições Científicas e Artísticas para a colheita de material no Brasil.²⁷³

²⁷⁰ Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Museu Paranaense.

²⁷¹ Carta Loureiro Fernandes - Wanda Hanke, Curitiba, 11/10/1941, Museu Paranaense.

²⁷² Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Museu Paranaense.

²⁷³ Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 20/12/1941, Museu Paranaense.

Ele recomendou ainda que ela tentasse entrar em contato com Heloísa Alberto Torres, no Rio, o que não sabemos se aconteceu.²⁷⁴ Em carta escrita em 26 de dezembro de 1941, Wanda Hanke ainda tentava resolver sua situação com as autoridades brasileiras. Estava em Campo Grande, onde tinha ido se apresentar às autoridades. O Coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa, do SPI, facilitou a estadia dela no local, no posto indígena dos Cadivéns. Esteve também entre os Terenos na missão norte-americana de Taunay. Disse que estava encantada com a gentileza das autoridades e o comandante a havia encaminhado ao Consulado Alemão perguntando se queria estender o passaporte. “De minha própria competência não posso fazer mais, mas quando tiver a permissão do Rio de Janeiro tudo irá facilitar para mim, inclusive economicamente”.²⁷⁵

A permissão do CFE nunca veio. Após o segundo pedido de licença e os ofícios referentes à coleção da Bolívia, não encontramos mais registros sobre Wanda Hanke no arquivo do órgão. Ela não reenviou o pedido. Como disse em uma carta, não tinha o apoio da embaixada alemã e não conseguiria fazer isso por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, como exigia o Conselho.²⁷⁶ Sabemos que ela continuou fazendo suas expedições e coletando materiais mesmo sem nunca ter conseguido a autorização do governo brasileiro pela enorme quantidade de documentos que deixou em forma de estudos, artigos, fotos, cartas e coleções. Formou inclusive coleções dos Cadivéns nessa estadia no Mato Grosso em 1941, facilitada pelo SPI, enquanto tentava obter a licença do CFE.

Nos meses finais de 1941 e durante o ano de 1942, depois que foi mandada embora da Bolívia, Wanda se movimentava entre o Brasil e o Paraguai constantemente, de acordo com os locais indicados nos cabeçalhos de suas cartas. O envio das peças que havia carregado de Santa Cruz (Bolívia) a Corumbá demorou, mas acabou acontecendo por volta de abril ou maio de 1942. Há uma carta de Ruth George, esposa de Eugênio George, datada de 5 de maio de 1942, em que fala sobre o recebimento dessa coleção. Ruth informa que ficaram só com algumas peças encaminhadas por Wanda Hanke para a coleção pessoal deles, deixando as outras no Museu em pagamento ao transporte que foi feito por avião e acabou sendo pago pelo Museu.²⁷⁷ Em carta de Loureiro Fernandes a Wanda Hanke, que tratava do mesmo assunto, ele acusava o recebimento e dizia que algumas das peças estavam sem nenhuma identificação, perguntando em seguida se ela

²⁷⁴ Carta Joaquim Peixoto (Secretário do Museu Paranaense) – Wanda Hanke, Curitiba, 17/12/1941, Museu Paranaense.

²⁷⁵ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense

²⁷⁶ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense

²⁷⁷ Carta Ruth George – Loureiro Fernandes, Curitiba, 05/05/1942, Museu Paranaense.

podia enviar as informações sobre a proveniência delas.²⁷⁸ Liener (2010) também escreveu que muitas das peças que Wanda enviou a Viena não têm identificações corretas dos locais de coleta ou etnias a que pertenciam e isso dificulta trabalhar com as coleções que ela formou. Esse é um dos problemas que podem ser identificados no trabalho dela.

Foi nesse ínterim que ela enviou ao Museu um texto sobre o idioma dos índios Sirionó da Bolívia oriental, um dos primeiros artigos dela a aparecer no boletim da instituição, publicado em 1942, junto com outro texto seu sobre os Cadivéns e os Terenos, povos do Sul do Estado do Mato Grosso.²⁷⁹ Enquanto esteve em Campo Grande, escreveu ao diretor que seguia trabalhando em um dicionário Cadivéns – “Já tenho mais que mil palavras, mas queria colocar de 4000 a 5000, a gramática é difícil, todos os verbos parecem irregulares”.²⁸⁰ A língua dos Cadivéns ela aprendeu com ajuda de uma índia “muito inteligente” e disse que era parecida com o idioma dos grupos Toba e Pilaga. Disse também que eles tinham coisas muito interessantes, especialmente suas esculturas de madeira, sua cerâmica e seus tecidos.²⁸¹

Apesar de estar trabalhando no dicionário, o que ela enviou em 1942 foi um artigo sobre cultura e costumes dos Cadivéns e dos Terenos.²⁸² Ofereceu enviar coleções deles ao Museu, mas com os problemas com o CFE o diretor Loureiro não aceitou prontamente, disse que isso precisaria ser previamente aprovado pelo grupo administrador do Museu e esperava que ela resolvesse as pendências com o governo.

Mesmo com a decisão do Conselho Administrativo do Museu de não comprar mais coleções de Wanda Hanke naquele momento, o diretor conseguiu que lhe enviassem uma remessa em adiantamento de 600 mil réis, “levando em conta sua idoneidade e situação financeira”, que como sempre estava muito ruim, e solicitou que ela lhe informasse se havia recebido o valor correspondente ao material e qual parte do dinheiro considerava como o adiantamento que havia pedido, e então seria possível nova remessa quando enviasse mais coleções.²⁸³ Entre os problemas financeiros que enfrentava ela mencionou dívidas com o hotel em Corumbá, também os telegramas que enviou e que não pôde pagar, a aquisição de novas

²⁷⁸ Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d, Museu Paranaense.

²⁷⁹ “*Cadivéns y Terenos*”, Vol. II, 1942, pp. 79-87 (incluindo fotos) e “*Los índios Sirionó de la Bolivia Oriental*”, Vol. II, 1942, pp. 87- 96, em Arquivos do Museu Paranaense.

²⁸⁰ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense.

²⁸¹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, s/l, 11/12/1941, Museu Paranaense.

²⁸² “*Cadivéns y Terenos*”, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. II, 1942, pp. 79-87

²⁸³ Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d, Museu Paranaense.

coleções em troca de suas próprias roupas e necessidade de dinheiro para regularizar seus documentos no Brasil.

A falta de organização e de resposta ao diretor quanto às contas referentes ao pagamento das peças e adiantamentos que ela havia recebido fizeram com que Loureiro perdesse a paciência alguns meses depois. Em agosto de 1942, ele escreveu a ela cobrando essas informações e dizendo que não seria possível transações dessa maneira, pois tinha que prestar contas ao Museu e à Faculdade de Filosofia²⁸⁴ e desse modo não poderia fazer.²⁸⁵ Na sequência, ele enviou a ela um telegrama dizendo que as verbas do Museu não permitiam a compra de novas coleções e que ela não as enviasse mais.²⁸⁶

Em uma carta escrita a Eugênio George, Wanda Hanke falou sobre suas preocupações a respeito da licença que precisava para ficar no Brasil e dos incômodos que estava causando a Loureiro Fernandes. É possível perceber que ela lutou muito para manter seu modo de vida e seu trabalho de cientista-coletora, tanto que insistiu em manter suas relações com o Museu Paranaense, no entanto, não conseguia se enquadrar nos padrões mais convencionais do trabalho. O Museu era uma importante fonte de renda que ela não podia abrir mão, mas muito mais do que isso, foi o local onde ela encontrou reconhecimento e apoio. Em nenhuma outra instituição brasileira ela foi tão aceita, mesmo com os problemas com o CFE e com as confusões que ocorreram. Segue abaixo um trecho desta carta:

[...] Eu conto com o recebimento de algo do Museu, no ano que vem, pelos meus serviços. As coleções em seguida serão oriundas dos índios da fronteira do Brasil e da Bolívia. Eu trabalharei aplicadamente para o Museu e publicar artigos. Eu também peço licença para explorações e coleções no Brasil, primeiramente na região do rio Itenez na fronteira boliviana, depois no Estado do Amazonas, onde eu trabalharei na região do Rio Negro e Rio Branco com seus afluentes. Eu estou habituada ao clima tropical e me sinto melhor com 40 graus de calor, e suporto esplendidamente a umidade. As febres e os insetos também não me incomodam muito. Portanto a região do Amazonas é apropriado para mim. Também quero aprender perfeitamente o português e não mais sair do Brasil. Faça o favor de relatar ao Dr. Loureiro Fernandes os meus planos, ele e o governo do Brasil e as autoridades brasileiras podem e devem saber onde estou e o que faço [...]

Eu me encontro aqui na situação de fugitiva, expulsa do país vizinho, e gostaria de estar e trabalhar aqui no país como cientista, com todos os direitos e deveres, principalmente para o Museu de Curitiba ao qual também enviarei todos os meus trabalhos e publicações.

Eu peço ao Sr. Dr. Loureiro Fernandes de não levar a mal pelos incômodos que ele tem por causa de minha pessoa. Eu lhe peço mais uma vez de me auxiliar e me apoiar; eu sempre serei

²⁸⁴ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade do Paraná.

²⁸⁵ Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 27/08/1942, Museu Paranaense.

²⁸⁶ Cópia Telegrama Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d (arquivado junto com outras cartas de 1941-1942), Museu Paranaense.

grata a ele e ao Museu, o que recompensarei pela ação, isto é, pela remessa de coleções e documentos científicos [...]²⁸⁷

Apesar dos desencontros e problemas, outras informações de 1942 indicam que ela reuniu as peças dos Cadivéns e dos Terenos brasileiros e as enviou ao Museu ainda naquele ano. Da cidade de Miranda, em janeiro, Wanda enviou ao diretor uma lista dos objetos Cadivéns que havia coletado oferecendo vendê-los ao Museu. Eram bolsas, gorros, cestos, faixas de tecido e esculturas em madeira.²⁸⁸ Em outra carta enviada de Aquidauana, consciente dos problemas em coletar coleções brasileiras, se justificou dizendo que os próprios índios vendiam suas peças e por isso não haveria maiores transtornos em enviá-las. Também se surpreendeu com o fato das coleções remetidas de Corumbá ainda não terem chegado (o que só aconteceu alguns meses depois) e disse que já havia despachado a coleção dos Cadivéns e Terenos de Aquidauana:

[...] Em primeiro lugar agradeço o dinheiro mandado a Corumbá que depois achei em Miranda. O aviso do banco jamais chegou – A notícia respeito das coleções me surpreendeu muito. Ontem mandei uma carta [...] pedindo explicações porque não despachou [...] As autoridades me asseguraram que não tem suspeita respeito de mim e não tem censura. Pois ontem fiz a reclamação no correio. A minha situação me obriga a tomar resoluções sem breve entendimento com V.S. Despacho pois hoje um caixote com a coleção dos Cadivéns e uma dos Terenos do posto indígena do Bananal, perto de Taunay. Os índios vendem as suas coisas também em Miranda e Taunay com licença da inspetoria. Não tem então delicadeza com essas coleções [...]²⁸⁹

Essa carta foi enviada antes do pedido do diretor para que ela não enviasse outras coleções. Algumas semanas depois, em fevereiro, Wanda Hanke enviou outra carta dizendo que mandaria uma moringa dos Terenos para substituir a peça que havia se quebrado no outro pacote (o das coleções da Bolívia).²⁹⁰ Em julho de 1942, ela esteve por três semanas entre os Chamacocos, no Paraguai, e depois foi a Porto Murtinho, no Mato Grosso, da onde enviou a coleção que reuniu ao Museu. Pediu ao diretor \$1340 mil réis pelas peças e mais o valor do frete até Curitiba.²⁹¹ Em dezembro, escreveu sobre outra coleção que havia recolhido no Paraguai e enviado ao Museu, mas já de volta a Porto Murtinho pedia para o diretor enviar-lhe os pagamentos em nome de Luiz Codorniz, contato que a ajudava naquela cidade - “[...] Peço

²⁸⁷ Tradução de uma carta de Wanda Hanke – Eugênio George, Corumbá, datada de 18/11/1941, arquivada em 13/12/1941, Museu Paranaense.

²⁸⁸ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Miranda, 14/01/1942, Museu Paranaense.

²⁸⁹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Aquidauana, 22/01/1942, Museu Paranaense.

²⁹⁰ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 14/02/1942, Museu Paranaense.

²⁹¹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Palmas Chicas, 25/07/1942, Museu Paranaense.

notícia se você recebeu a pequena coleção que despachei nos primeiros dias de outubro e se recebeu as minhas cartas, uma onde esclareci as contas e outra de Assunção [...]”²⁹². O artigo que ela publicou na revista do Museu sobre os Cadivéns e Terenos foi ilustrado com fotos das peças que havia enviado ao Museu naquele ano.²⁹³

Com todas essas informações é possível afirmar que apesar das dificuldades que a legislação das expedições criada em 1933 causou a ela, e da legalização de sua situação ter sido sempre um desejo que não foi realizado, isso não impediu seu trabalho e suas coletas. Do mesmo modo, isso influenciou a relação e as decisões de Loureiro Fernandes e do Museu Paranaense, mas não ao ponto de fazê-los desistir daquelas negociações. É certo que ela insistiu muito em seu trabalho com o Museu e, como exemplificou em uma carta,²⁹⁴ chegou a enviar coleções sem falar com o diretor antes, o que tornava difícil que não as aceitassem, apenas pagavam o preço pedido depois, numa espécie de acordo contínuo de fornecimento de peças. Para o museu de Curitiba também era importante ter uma coletora tão expansiva e disposta direcionando todo seu trabalho para aquele local, ainda mais levando em conta que a fiscalização do CFE beneficiava primordialmente o Museu Nacional do Rio de Janeiro e raramente outras instituições, o que fez com que outros museus buscassem caminhos diferentes para diversificar seus acervos, como podemos ver nessa relação entre Wanda Hanke e o Museu Paranaense.

Ela própria, em carta do fim de 1941, mencionou o desejo de entregar as peças que então coletara para Loureiro, se não fosse obrigada por lei a entregá-las ao Museu do Rio. Sem conseguir a licença do CFE passou a atuar fora da lei e isso, ironicamente, deu-lhe a liberdade de entregar as peças para quem queria - o Museu Paranaense:

[...] O que atualmente me interessa é o Rio Itenez e depois o Norte do Rio Negro, afluente do Amazonas. Pelo Rio Negro e seus afluentes entre as numerosas tribos indígenas de lá penso em ficar até o fim da guerra europeia. Não saio mais do Brasil, onde me encontro, não querendo experiências semelhantes como as da Bolívia. Depois tenho a intenção de entregar meus materiais a você ou a São Paulo, se não se tratar de objetos que por lei pertençam ao museu do Rio... Tendo despachado as coleções da Bolívia irei embora de Corumbá não sei ainda para onde. Antes te mandarei um artigo e te comunicarei meus planos mais próximos [...]”²⁹⁵

²⁹² Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Porto Murtinho, 20/12/1942, Museu Paranaense.

²⁹³ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 18/03/1942, Museu Paranaense.

²⁹⁴ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Aquidauana, 22/01/1942, Museu Paranaense.

²⁹⁵ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense.

4.3 – Paraguai e cartas de 1947-48

Em 1942, Wanda Hanke voltou ao Paraguai para tentar obter a cidadania no país buscando diminuir seus problemas com a burocracia e a alfândega. Ela pediu para Loureiro enviar-lhe uma declaração dizendo que a reconhecia como “*persona da ciência*”, que possuía trabalhos científicos em via de publicação e que o Museu costumava receber coleções etnográficas dela. Esperava com esse documento regularizar sua situação no Paraguai.²⁹⁶ Bem sucedida nessa empreitada, ela recebeu o atestado de Loureiro e conseguiu um passaporte paraguaio. Permaneceu no país até o fim de 1943, trabalhando algum tempo como empregada do Ministério da Agricultura em Assunção e também para uma revista de turismo da cidade. Achava mais fácil lidar com as autoridades no Paraguai do que na Bolívia e de lá continuava viajando ao Brasil.²⁹⁷

Entre 1944 e 1946, suas cartas param de aparecer e pouco se sabe sobre ela, provavelmente permaneceu trabalhando na região do Chaco. Em 1947, as correspondências reaparecem no Museu Paranaense e indicam que ela continuava trabalhando no Paraguai, mas foi também neste ano que se mudou definitivamente de lá (Liener, 2010:106). As negociações entre Wanda Hanke e o Museu voltaram a acontecer a partir desse ano e, assim como antes, ela oferecia ao diretor fotos, peças e artigos, e ele comprava as coleções dela, aumentando dessa forma o acervo de peças etnológicas da instituição. Em 1947, a direção do Museu passou de Loureiro Fernandes para Carlos Stellfeld, com quem ela começou a se corresponder.

No Paraguai, ela viveu uma situação profissional relativamente melhor considerando que teve um emprego oficial, mas também enfrentou dificuldades e várias vezes contou a Loureiro Fernandes sobre os problemas que teve por lá. As vezes falava para ele que tinha vontade de morar e trabalhar no Brasil e chegou a pedir ajuda para conseguir um emprego. Quando estava em Corumbá, disse que o funcionário da imigração da cidade estava pronto para legalizar seu passaporte, só faltava receber a liberação das autoridades no Rio de Janeiro, o que nunca aconteceu:

²⁹⁶ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 25/02/1942, Museu Paranaense.

²⁹⁷ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Pto. Murtinho, 01/08/1942, Museu Paranaense.

[...] Gostaria de estar e trabalhar aqui no país como cientista, com todos os direitos e deveres, principalmente para o Museu de Curitiba, ao qual enviarei todos os meus trabalhos e publicações e, a pedido, coleções oriundas os índios das fronteiras do Brasil, do Paraguai e da Bolívia [...]²⁹⁸

Alguns anos depois, em 1947, quando conseguiu que publicassem seus artigos na revista do Museu Paranaense,²⁹⁹ solicitou ao diretor que lhe enviasse as separatas no “Parque Nacional de Assunção – Trinidad”, direcionadas a “Dr. Wanda Hanke, Chefe de Investigação Científica”, cargo que ocupava no local.³⁰⁰ Pouco antes disso, ela escreveu ao diretor contando que a situação no Paraguai não estava boa e em julho daquele mesmo ano havia passado um tempo na Argentina para poder escrever “a verdade sem a censura do Paraguai”. Disse que precisava organizar um museu no Jardim Botânico onde trabalhava, mas outros funcionários queriam por no lugar do museu um bar para ganhar mais dinheiro alegando que “a ciência não é interessante e não se ganha com ela”. Wanda Hanke não queria ter seu nome envolvido nessa situação e decidiu renunciar a seu posto.³⁰¹ Em suas próprias palavras:

Tenho o desejo de renunciar a um posto que não satisfaz as minhas pretensões científicas, também não gosto do Paraguai colorado. Apesar de tudo devo proceder com prudência. Aqui estão os índios Toba e junto objetos deles. Tenho já coisas muito boas dos índios Macá, das quais mandarei várias fotografias. Quando já tiver muito queria viajar ao Brasil e ficar lá. O senhor tem relações com o Dr. Baldus? Acha possível que eu possa trabalhar com um instituto de Curitiba ou São Paulo? A vida no Paraguai é insuportável, estou muito amargada e ofendida... Recebi uma carta do Sr. Mansur Guérios e espero muito a publicação de meu trabalho [...]³⁰²

Sobre a menção a Mansur Guérios, é preciso ressaltar que ele foi um personagem importante na relação de Wanda Hanke com o Museu Paranaense. Linguista influente e estudioso de línguas indígenas também, ele ajudou nas revisões e deu pareceres positivos sobre os trabalhos que ela enviou ao Museu. Um documento redigido por Guérios em 1948, analisa quatro textos de Wanda no intuito de julgá-los e atestar ao diretor do Museu, Carlos Stellfeld na época, se eram de “real valor para a ciência”. Ele iniciou o parecer falando sobre a própria autora e caracterizou-a

²⁹⁸ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 02/12/1941, Museu Paranaense.

²⁹⁹ “*Los indios Botocudos de Santa Catarina Brasil*”, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 45- 59 (incluindo fotos); “*Apuntes sobre el idioma caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil*”, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 62-97; “*Vocabulario del dialecto caingangue de la Serra do Chagu, Paraná*”, in Arquivos do Museu Paranaense, Vol. VI, 1947, pp. 99-106.

³⁰⁰ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 09/09/1947, Museu Paranaense.

³⁰¹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Laguna Blanca/Formosa, 01/07/1947, Museu Paranaense, tradução própria do espanhol.

³⁰² Idem.

como “sobejamente conhecida nos meios científicos do Brasil e do estrangeiro”, que tanto publicava quanto era citada por outros estudiosos dos assuntos indígenas. Já havia publicado na revista do Museu Paranaense anteriormente e, tecnicamente, todos os seus trabalhos eram “elaborados segundo a praxe científica – uso de grafia fonética universal; seleção do vocabulário; clareza da exposição e, intelectualmente, são inspirados na sinceridade de prestar verdadeiro concurso à Ciência”.³⁰³

Foram quatro os trabalhos enviados por Wanda Hanke ao Museu naquele período sobre os quais Mansur Guérios deu pareceres. Sobre o primeiro – *Ensayo de Una Gramática del idioma de los Caingangues de la Serra do Apucarana* – ele disse que o principal mérito era sua originalidade, sendo a primeira vez que material linguístico daqueles Caingangues de Apucarana havia sido coletado e isso já era mérito suficiente para endossar a publicação do estudo. O segundo fora intitulado – *Los Índios Opaié del Rio Samambaya* – considerado por Guérios “estudo e material linguístico de máxima importância” por tratar-se dos últimos “selvagens” dessa nação. O terceiro era um dicionário e notas gramaticais do - Idioma Cadiveus – onde a autora havia se revelado “perfeita colhedora e registradora fiel dos difíceis idiomas indígenas”. O quarto e último – *Ensayo de Una Comparación del Idioma Toba con el Cadiveus* – era uma comparação das duas línguas. Guérios concluiu dizendo que as quatro obras da Dra. Wanda Hanke mereciam a “atenção e acolhida do Museu Paranaense pela sua originalidade e valor científico”.³⁰⁴ Antes disso, em 1942, ela havia autorizado por carta que Mansur Guérios fizesse modificações em seus trabalhos linguísticos para publicá-los na revista do Museu, por recomendação de Loureiro Fernandes.³⁰⁵

Quanto à situação no Paraguai, em outubro de 1947, chegou a Loureiro a informação de que ela havia mesmo renunciado a seu posto e que preparava-se para sair de Assunção. O motivo que finalmente a levou a abandonar o Paraguai foi que fora maltratada por pessoas com quem trabalhava e isso chegou a tal ponto que outro empregado do Museu havia batido nela:

³⁰³ Parecer de Rosário Mansur Guérios enviado a Carlos Stellfeld, Curitiba, 5 de novembro de 1948, 2 páginas, Museu Paranaense.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Carta Wanda Hanke – Rosário Mansur Guérios, Campo Grande, 16/03/1942, Museu Paranaense.

Exmo. Senhor Diretor,
Hoje envio outras fotografias. Me atrasei muito porque tinha uma mudança e estou preparando a minha saída de Assunção e logo do Paraguai. Renunciei ao meu posto porque fui maltratada e isso chegou a tal ponto que o outro empregado do Museu me esbofeteou. Nessa mesma hora renunciei e não quero saber mais de um posto no Paraguai [...] ³⁰⁶

Wanda Hanke vendeu algumas peças que tinha ao agregado cultural da Embaixada Americana e com esse dinheiro iria buscar as coisas que havia deixado no campo em vários lugares.³⁰⁷ Apesar das reclamações sobre a situação no Paraguai, lá ela pôde realizar muitas coletas e as viagens de campo no país foram a base para vários de seus estudos.

Uma das peças que Wanda encontrou na cidade de *Colonia Nueva Italia* foi motivo de muita conversa com Loureiro Fernandes. Era uma urna funerária antiga, encontrada com outros objetos dentro, que provocou o interesse do diretor, no entanto, a retirada da peça do local onde estava enterrada não foi tão simples e por isso Wanda escreveu tanto sobre ela.

Era um artefato grande e em estado um pouco frágil, o que o tornava difícil de carregar. Estava com as paredes completas, em bom estado, mas com o fundo faltando. Os objetos de dentro, entretanto, estavam em perfeitas condições e tinham maior “valor científico”, segundo Wanda Hanke. Eram um prato de barro “com uma borda muito rara”, flechas, colheres e instrumentos de pedra, e estavam cobertos do pó dos ossos que foram guardados dentro da urna também. Tentou transportá-la de várias formas, mas sem dinheiro para pagar por ajuda foi difícil arrumar uma maneira.

A urna fora achada no campo e precisava ser retirada, mas Wanda Hanke não costumava fazer esse tipo de trabalho sozinha e precisava de auxílio para escavá-la. Conseguiu com alguma dificuldade contratar homens para ajuda-la e então eles “exumaram” o objeto. Ela contou que eles estavam com medo do espírito do morto e não queriam fazer aquilo, só o dinheiro os convenceu a retirarem a urna do solo. Transportaram-na do campo até a casa onde ela estava hospedada com um carro de bois e foi o dono da casa quem emprestou-lhe o dinheiro para pagar os “peões”. Este homem guardaria a urna até que ela pudesse retornar para buscá-la e devolver o dinheiro a ele, só então ela conseguiria levá-la embora, mas ainda precisava arrumar um jeito de fazer esse transporte.³⁰⁸

³⁰⁶ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 20/10/1947, Museu Paranaense.

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Colonia Nueva Italia, 11/03/1947, Museu Paranaense.

Perguntou ao diretor se ele tinha interesse em comprar a urna com todo o conteúdo de dentro, disse que o preço incluindo o que faltava, “embalagem, fretes e propinas”, seria entre mil e mil e trezentos cruzeiros, e que ela poderia aproveitar o espaço na caixa em volta da urna para mandar também outras coisas. Tinha um prato dos índios Cariós que poderia vender por sessenta Cruzeiros, uma moringa na forma de tatu de Tobatí, outra cidade no Paraguai, que também poderia entregar-lhe por outros sessenta cruzeiros e, se tivesse interesse, poderia com facilidade obter peças dos índios Macá - “urnas pequenas antigas e trabalhos dos camponeses mestiços”.³⁰⁹ Nas cartas de Wanda Hanke encontramos esse tipo de negociação o tempo todo, descreve os objetos que tinha, informava da onde eles eram e sugeria um preço.

A estratégia de coletar peças e deixá-las com conhecidos pelo caminho era um método usado por ela. Quando conseguia dinheiro para transportar ou compradores para as peças, ela voltava aos locais para resgatar os objetos que tinha deixado com amigos ou conhecidos, assim como fez com a urna.

Com o Museu Paranaense representado na figura de Loureiro Fernandes, e posteriormente de Carlos Stellfeld, Wanda Hanke manteve uma longa relação profissional, mas nunca deixou de ser uma coletora autônoma, não chegando a fazer parte do quadro de funcionários oficiais do Museu. Essa relação informal foi sendo registrada nos anos em que se correspondeu com o Museu através dos acordos de negociação de peças registrados em cartas, dos recibos de pagamentos e listas de objetos enviados, por exemplo:

Prezada Senhora,
De ordem do Sr. Diretor, comunico ter enviado em 11 de dezembro de 1947 a importância de Cr\$.120,00 em pagamento de fotografias enviadas por V.S. ao Museu, tendo sido esta quantia remetida por telegrama, para a filial do Banco do Brasil em Campo Grande, conforme seu pedido [...]³¹⁰

Deste museu ela sempre recebia os pagamentos pelas coleções que fornecia e confiava no diretor para guardar seu dinheiro enquanto estivesse viajando. As vezes, pedia para Loureiro esperar para mandar-lhe o dinheiro quando estivesse em alguma cidade com acesso ao correio ou no Brasil. Em 1947, quando negociavam a urna funerária e outros artefatos, ela pediu que o dinheiro referente aos pagamentos ficasse guardado com ele e que lhe fosse entregue somente quando chegasse em São Paulo, o que ainda levaria alguns meses para acontecer. Sua

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Carta Maria de Lourdes Tavares (Secretária do Museu) - Wanda Hanke, Curitiba, 23/03/1948, Museu Paranaense.

impopularidade com instituições como o CFE, a embaixada alemã e outros museus brasileiros não ocorreu no caso do Museu Paranaense. Apesar de terem ocorrido desentendimentos em algumas negociações e dos problemas com o CFE terem inibido em parte as negociações com Loureiro, ela manteve com esta instituição uma longa relação, foi uma importante fornecedora de peças e obteve reconhecimento em seus trabalhos.³¹¹

Quando Wanda Hanke passou a se corresponder com Carlos Stellfeld nos anos em que ele assumiu a direção do Museu Paranaense,³¹² as negociações continuaram e aparentemente ocorreram de maneira mais fácil. Por exemplo, em novembro de 1948, Stellfeld escreveu ao Secretário de Educação e Cultura do Paraná - posto que havia sido ocupado por Loureiro Fernandes - pedindo verbas para comprar uma coleção dos índios Caiuás do Mato Grosso que seria fornecida por Wanda Hanke.

Sr. Secretário,

Não podendo este Museu dispor de sua verba de material permanente, para a aquisição de uma coleção de peças etnográficas dos índios Caiuás colhida no Mato Grosso, solicito seus bons ofícios junto ao Governador do Estado no sentido de ser autorizada sua aquisição pelo Departamento Estadual de Compras diretamente da proprietária Dra. Wanda Hanke, no valor de Cr\$ 2500,00.³¹³

Aparentemente, as questões da licença foram deixadas de lado e ficou mais tranquilo para ela coletar no Brasil e vender as coleções para o Museu Paranaense. No período entre 1941 e 1943, as negociações de peças brasileiras não ficam explicitadas nas cartas e aparecem de modo mais subjetivo em correspondências pessoais entre Loureiro e ela. Nessa negociação de 1948, uma verba específica foi pedida ao Governo do Estado para comprar as coleções dela, em ofício enviado e protocolado pelo Palácio do Governo do Estado do Paraná, o que torna o acordo muito mais oficial.

Wanda esteve em Curitiba em 1947, e novamente no final de 1948. Em 1947, foi antes de mudar-se de vez do Paraguai. Sobre essa visita, escreveu a Loureiro logo depois de partir, comentando sobre os problemas que enfrentava naquele país:

³¹¹ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 09/09/1947, Museu Paranaense. p. 32

³¹² Segundo estudo de Maranhão (2006), Loureiro Fernandes foi diretor do Museu nos períodos de 1936-1943 e 1945-1946. Carlos Stellfeld era diretor em 1948 e 1949, de acordo com as cartas de Wanda Hanke, não temos certeza quanto ao ano de 1947, quando ela ainda se correspondia com Loureiro e tratava-o como diretor.

³¹³ Carta Carlos Stellfeld (Diretor do Museu) - Loureiro Fernandes (Sec. De Educação e Cultura), Curitiba, 03/11/1948, Museu Paranaense.

Ontem viajei um pouco triste por deixar Curitiba onde passei tão bem e cheguei aqui em Foz. Agora não gosto mais dos lugares do Alto Paraná. Viajarei a 10 de fevereiro com Pan-Air a Assunção onde esperarei a visita do Sr. e em seguida me encarregarei das fotografias e dos manuscritos prometidos. De Assunção não me mandaram nem dinheiro e nem passagem e todos os ministros mudaram. Agora não sei o que vai passar comigo, os meus amigos antes ministros e gente de influência agora ficam presos ou exilados. Isso é Paraguai...
...o Consul argentino ficou bravo porque os argentinos ainda não me pagaram as coleções que eu vendi faz dois meses... a minha situação fosse a mais triste sem o Museu Paranaense e a Faculdade de Filosofia. Agora vou afrontar as dificuldades em Assunção e vou trabalhar nos arredores para achar coisas boas que podem interessar ao Senhor e a Faculdade [...] ³¹⁴

Em 1948, encontrou-se com o diretor Carlos Stellfeld para conversar sobre seu trabalho e fechar novos acordos. Disse em carta enviada previamente ao encontro que precisava conversar com ele, com Mansur Guérios e com Loureiro Fernandes, mas encontrava-se doente e sem poder caminhar. Pedia para que ele lhe telefonasse ou fosse visitá-la no hotel em que estava hospedada. ³¹⁵ Não sabemos como procedeu o encontro, mas com certeza combinaram de negociar mais peças, porque dois meses depois ela escreveu novamente a Stellfeld do Posto Indígena de Faxinal, no Paraná, dizendo que faria o primeiro envio de coleções para o Museu.

Logo devo comunicar-lhe que ontem despachei ao Sr. Hertel o primeiro envio para o Museu, hoje voltei ao mato e estou agora com os índios para completar os meus estudos. Escrevi detalhadamente sobre eles ao Dr. Loureiro. A semana próxima mandarei a coleção com a lista ao Sr. Hertel, que se encarregará de entregar-lhe tudo [...] ³¹⁶

Em 1949, o envio de coleções continuava. Em janeiro daquele ano, Wanda Hanke escreveu sobre peças dos índios Caingangues do Posto Indígena de Ivaí, município do Estado do Paraná:

As grandes demoras na viagem por terra e falta de condução me atrasam muito e são muito caras para mim. Até Pitanga tudo foi uma beleza. Despachei de lá uma pequena coleção (22 objetos em miniatura) dos índios Caingangues do P. I. Ivaí. Logo um estudo sobre a cultura espiritual dos Caingangues. Creio que V. S. Já fora informado sobre isso e já tem a coleção. Eu chegarei ao Mato Grosso sem dinheiro e peço-lhe muito já pagar ao Sr. os 3200 Cr, isso é: os 1800 Cr que restam dos 8000 Cr que me foram concedidos para os trabalhos anteriores e logo os 2000 Cr para esta viagem. Eu trabalhei 6 semanas entre os índios e creio que nenhum explorador vai fazê-lo por 2000 Cr. Achei entre os postos muitas atenções. Mas acercando-me ao Mato Grosso diminuem as atenções e no Mato Grosso não posso estar sem dinheiro entre a horda bruta dos caipiras. O Sr. Sabe que para mim já é muito difícil viajar, mas preciso para ganhar a minha passagem para a Europa. Anteriormente sem dinheiro dormi na intempérie, aguentando frio, chuvas e unidade, disso vem o meu reumatismo. Agora não posso ficar de qualquer jeito e preciso pagar hotéis. Com os 3200 Cr posso fazer muito e retirar-me ao

³¹⁴ Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Foz do Iguaçu, 30/01/1947, Museu Paranaense.

³¹⁵ Carta Wanda Hanke - Carlos Stellfeld, Curitiba, 28/10/1948, Museu Paranaense.

³¹⁶ Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, P.I. Faxinal, 19/12/1948, Museu Paranaense.

Guaporé seguindo as indicações do Sr. Rosário Mansur Guérios. Será uma viagem útil para a ciência em geral e para o seu Museu como para mim. Porque já me dará a possibilidade de voltar para a Europa e descansar. Peço-lhe pois ajudar-me na realização da minha última viagem e salvar-me da crueldade dos Mato-grossenses [...]³¹⁷

Fica claro nas cartas que escreveu nesta época sua preferência pela cidade de Curitiba, tanto pela relação com o Museu, quanto pelas facilidades que encontrava para viver lá. É provável que fosse mais fácil para uma mulher sozinha a vida em uma cidade maior como Curitiba do que nos pequenos povoados do interior do Mato Grosso, mas lá ela também tinha amigos, pessoas influentes que a ajudaram, como os funcionários do SPI em Campo Grande e Corumbá, e Luiz Codorniz em Porto Murtinho.

Essas peças de Ivaí eram de grande interesse para o Museu Paranaense que tinha como principal campo de estudos as pesquisas voltadas aos aspectos culturais do próprio Estado.³¹⁸ A coleção era brasileira e foi destinada a um museu nacional, mas sem passar pelo julgamento do CFE, regra ainda vigente em 1948. Como não existem mais registros no arquivo do CFE sobre a presença de Wanda Hanke no Brasil após 1942, a conclusão mais provável é que essas negociações passaram a acontecer sem que chegassem ao conhecimento do órgão.

Wanda contou a Loureiro sobre pesquisas que fez no município de Dourados em 1948 e que foram promissoras. Passou quatro meses viajando pelo Estado naquele ano e em Dourados conseguiu contato e coleções dos índios Caiuás e Bororós. Teve que comprar os objetos, pois eles não queriam entregá-los sem ganhar nada em troca. Saiu do Mato Grosso doente, sofria de artrite, e foi para Curitiba para se tratar. Foi quando se encontrou com o diretor Stellfeld e depois seguiu pesquisando em postos do Paraná.³¹⁹

O nome citado por ela - Sr. Hertel - refere-se ao professor de botânica Ralph João George Hertel (1923-1985), colaborador do Museu Paranaense, e começa a aparecer em cartas de Wanda Hanke a partir de 1947, como mais um intermediador de seus acordos de trabalho com a instituição.³²⁰ Quando ela deixou Curitiba, no final de 1948, rumo ao posto indígena de Faxinal

³¹⁷ Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, Laranjeira, 18/01/1949, Museu Paranaense.

³¹⁸ Sobre a história do Museu Paranaense ver monografia de Maria Fernanda Maranhão, *Contextualizando Imagens Paranistas (1940-1950): O Filme Etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná*, Curitiba, 2006.

³¹⁹ Carta Wanda Hanke - Loureiro Lermendes, Dourados, 04/10/1948, Museu Paranaense.

³²⁰ Hertel foi professor efetivo de Botânica da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Paraná, professor da Universidade Federal do Paraná, chefe da Divisão de Botânica do Instituto de Defesa do Patrimônio Natural do Estado do Paraná e presidente da Sociedade Paranaense de Ciências Naturais além de fundador do departamento de Botânica da Universidade Federal do Paraná.

para internar-se novamente junto aos índios, foi o Sr. Hertel que ficou com uma procuração em seu nome para efetuar as transações financeiras com o Museu - “[...] Deixei procuração ao Sr. Ralph Hertel para as importâncias que devo cobrar do Museu. O Museu me deve para os manuscritos 3000 Cruzeiros dos quais 300 Cruzeiros pertencem à Secretaria de Educação por haver me adiantado [...]”³²¹. Nessa mesma carta, ela mencionou ter recebido uma carta de São Paulo comunicando que o Museu Paulista não a pagaria até abril do ano seguinte, provavelmente pela venda de coleções, e disse que se sentia explorada com essa situação, que a única instituição com que podia contar era o Museu Paranaense:

É a maneira como me tratam os meus colegas em São Paulo e Argentina, explorando-me, rebaixando-me nos preços, demorando eternamente os pagamentos sem alguma consideração humana e expondo-me à miséria e doenças. Só em Curitiba acho ajuda e compreensão sem ciúme e verdadeiro interesse científico [...]

Um diário de campo citado por Liener (2010:107) informa que, no final de 1949, ela viajou pela região do Rio Madeira e do Solimões em busca de outras etnias nos arredores de Porto Velho e Manicore. Em novembro daquele ano, entrou pela primeira vez no Rio Amazonas realizando assim um sonho longamente cultivado e existem ainda alguns indícios de que trabalhou entre os Tucunas na região.

Nos anos entre 1950 e 1952 há pouca informação. Em 1950, mais três artigos dela foram publicados na revista do Museu Paranaense, mas suas cartas para essa instituição param de aparecer novamente.³²³ A partir de 1953, existe um conjunto de correspondências trocada entre ela e o historiador boliviano Eduardo Ocampo Moscoso que duram até o ano de 1958, quando ela veio a falecer. Pela leitura dessa documentação sabemos que ela passou o ano de 1953 pesquisando em diversas cidades bolivianas, entre 1955 e 1956 esteve na Europa, e que nesses últimos anos de pesquisa as condições dela de saúde e financeira pioraram bastante. Suas viagens foram ficando cada vez mais difíceis e seus pedidos por recursos financeiros mais aflitos, mas mesmo assim ela continuou e descreveu nestas cartas um pouco do cotidiano que viveu, dos problemas que enfrentou e suas impressões sobre os grupos indígenas que encontrou.³²⁴

³²¹ Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, Curitiba, 29/11/1948, Museu Paranaense.

³²² Idem.

³²³ In Arquivos do Museu Paranaense: “*Ensayo de una gramática del idioma caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil*”, Vol. VIII, 1950, p. 65-220; “*Estudios complementares sobre a cultura espiritual dos índios cainganges*”, Vol. VIII, 1950, p. 137-145; “*La cultura material de los Guarayos Modernos*”, Vol. VIII, 1950, p. 215- 220.

³²⁴ Eduardo Ocampo Moscoso reuniu e publicou em um livro as cartas que recebeu de Wanda Hanke. Nessas cartas,

Durante este período, ela contou com o apoio de pesquisadores do Departamento de Cultura da *Universidad Mayor de San Simón de Cochabamba*, na Bolívia, especialmente Moscoso que era o diretor da divisão. Em 1952, este departamento formalizou com ela um convênio para adquirir flechas, arcos, redes, canoas e objetos fabricados pelos selvícolas das regiões que ela visitava. As peças se tornaram patrimônio do Museu Arqueológico dessa Casa Superior de Estudos, organizado pelo eminente antropólogo, Dr. Dick Edgar Ibarra Grasso.

Nas curtas temporadas que passou na cidade de Cochabamba, Wanda Hanke realizou várias conferências. Seu esforço em estudar e registrar experiências etnográficas dos povos das zonas fronteiriças entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Perú ansiavam influenciar um trato mais humano em favor daqueles índios que permaneciam longe do contato com outras pessoas. Isso ocorreu, por exemplo, em suas tentativas de pesquisar os índios Jorá, que viviam no entorno de um “lago perdido no mapa boliviano”, e com os Sirionós, que foram aprisionados em uma colônia de escravos na cidade de Beni, por obra de um depreciável negociante alemão (Moscoso, 1982:13).

Os desentendimentos que ocorreram anteriormente, quando foi mandada embora do país, foram deixados de lado por ela que voltou a pesquisar naquela região. A partir deste conjunto de cartas fica ainda mais explícito o caráter de militância indigenista em seu trabalho, que sempre esteve implícito em suas ações, mas passam a ser mais enfatizados por ela nos diálogos com Moscoso, demonstrando seu desejo de registrar e revelar violências sofridas pelos índios e a dramaticidade dessas situações.

Em carta datada de 27 de março de 1953, ela contou sobre a situação que encontrou em viagens à região oriental da Bolívia, onde grupos indígenas sofriam perseguições e assassinatos. Uma das coisas que chama a atenção nessa carta é a descrição de suas próprias condições de pesquisa que estavam totalmente debilitadas. Não possuía mais dinheiro para comprar nada e nem pertences para vender, pois já havia negociado todo o material que podia. Prometeu ao Sr. Moscoso um artigo no qual denunciaria todas as atrocidades cometidas contra os povos indígenas, mas justifica não ter enviado o texto ainda pela falta de papel, pois não tinha mais dinheiro para comprar nem mesmo isso:

ela fazia relatos sobre suas expedições e negociava o fornecimento de artefatos indígenas para o Museu Arqueológico da Universidade de Cochabamba em troca de ajudas de custo para suas viagens. Além das cartas, ele publicou nesse livro a transcrição de conferências que ela proferiu nessa universidade (Moscoso, 1982).

Por la misma razón no puedo por el momento mandar la copia de un informe que dirigí al Director General de Educación Indígenal en La Paz, pidiendo medidas urgentes para prevenir nuevas matanzas de los últimos 10 índios del lago Jorá... Tengo el borrador del informe y lo copio en el momento que consiga papel y remito a Ud... También denuncie a un alemán que mantiene una colonia de esclavos en péssimas condiciones. Con sumo placer comunicaré todo lo que sé de la parte oriental y que no saben en La Paz, pues aquí pasan cosas horribles, contra todas las leyes divinas y humanas [...] (Hanke apud Moscoso, 1980: 34)

Enquanto esteve nesta região, no município de Baures, escreveu várias vezes pedindo que a Universidade lhe enviasse as remessas de dinheiro que já havia pedido anteriormente como pagamento pelas coleções e artigos que forneceria, mas as dificuldades do correio e da locomoção naquela região atrapalhavam o envio de qualquer coisa, especialmente dinheiro, que podia ser interceptado por outras pessoas. Lá ela enfrentou momentos ruins, alguns dos piores descritos em suas cartas. As dificuldades muitas vezes a deixaram desanimada e mostravam o lado mais difícil da vida levada por expedicionários que se embrenhavam no interior das florestas tropicais e dos territórios indígenas. Depois de várias tentativas frustradas de se comunicar com Moscoso, seu principal contato na Universidade de Cochabamba, ela escreveu-lhe um desabafo desalentado:

Le ruego noticias urgentes a Baures, por vía de la Subprefectura de Magdalena. Yo no puedo hacer nada sin dinero y trato con enormes sacrificios llegar a Baures e internarme con los indios. Pero no puedo salir de los montes antes de tener dinero, porque no aguanto más estas eternas humillaciones. Se promete todo, pero ahora me veo en esta vivienda miserable sin recursos y sin saber como seguir. Tampoco se encuentra comida. Algunos evangelistas me salvam la vida, si no fuesen ellos, tuviera que perecer como un animal... Ya no tengo equipo y mercaderías para vender y vivo peor que indio. No me explico la absoluta falta de noticias y del giro, que Ud. me avisó por carta del día 3 de enero. Es que también siempre me apuran para salir, así no puedo esperar los aviones, que ahora no viajan regularmente. Triste vida del cientista! Pero es el último viaje que hago. Disculpe tan malas noticias! Sin más le saludo con mi más sincera consideración. Atentamente. Wanda Hanke. (Hanke apud Moscoso, 1980: 27-28)

Na carta que enviou logo após essa, contou que havia sido brutalmente agredida por um homem bêbado e ameaçada por outros dez que viram a agressão sem sequer ajudá-la, no povoado de Magdalena. Conheceu nesse local o alemão que mantinha um grupo de índios Sirionó como escravos e que se esforçou para mandá-la embora de lá com falsos informes e mentiras. Contou que comprou objetos etnográficos dessa comunidade, principalmente para ajudá-los, e doou-lhes algumas de suas roupas, o que os deixou contentes, pois andavam com roupas muito velhas, rasgadas e sujas, sem ter nem retalhos para remendá-las.

Ao falar dessa região, refere-se ao lago chamado “Jorá” onde vivam dez índios homônimos que constituíam o último grupo de sobreviventes da etnia nunca antes estudada. Jorá é também o nome da língua Tupi-Guarani deste grupo que habitava a Bolívia e que atualmente encontra-se extinto. Segundo Wanda Hanke, os habitantes da região tinham o costume de matar homens Jorá e raptar suas mulheres e filhos para vendê-los como escravos. Ela tinha o objetivo de estudar os remanescentes desse grupo, como contou em sua carta:

Yo voy a ver si puedo encontrar el resto de la tribu que se esconde en las selvas profundas por el lago Yorá. Lo que falta es ayuda por parte de las autoridades y garantías para mí. Pues los asesinos de los indios hacían correr a un etnólogo belga, que quería estudiarlos bien. En el momento que me llegue dinero prepararé el viaje y haré lo posible para ver a los índios [...]
(Hanke apud Moscoso, 1980:29)

Na carta de 27 de março de 1953 (citada anteriormente), ela se justifica pelas palavras desesperadas devido aos momentos de angústia que passou e diz que agora estava mais calma e continuaria viajando e realizando seus estudos:

Ud. en Cochabamba no se puede imaginar estas regiones salvajes por acá y lo que se sufre. Mis nervios arruinados ya no aguantan y así se explican mis cartas desesperadas y la resolución de abandonar todo. Ahora me voy a calmar y seguir trabajando, ayudando al mismo tiempo a las pobres víctimas indígenas. (Baures, 27/03/1953 - Hanke apud Moscoso, 1980: 34)

Sabemos também que ela visitou o território de Guajará-Mirim, o mesmo que a Dra. Etta Becker-Donner estudou, pois várias das cartas que enviou à Moscoso vieram de lá. Contemporâneas e de mesma nacionalidade, essas duas mulheres dedicaram grande parte de suas vidas aos estudos americanistas e realizaram expedições científicas pelo território sul-americano em meados do século XX.

Em 1954, Wanda Hanke quebrou uma perna e passou um longo período sem poder caminhar o que a impediu de continuar transitando entre os índios e de ir à Europa, plano que intentava já há algum tempo. Só conseguiu seguir viagem em 1955, aterrissando primeiro na Espanha, passando ainda pela Itália e chegando à Áustria em novembro daquele ano. Permaneceu visitando museus e parentes na Áustria e Alemanha até dezembro de 1956, e retornou à Amazônia em 1957 para nunca mais voltar. Por algum tempo, permaneceu em Itacoatiara – AM, depois esteve em Manaus e no Rio Jatapú (Liener, 2010:107).

No decorrer destes anos as condições de suas viagens mudaram muito. No início, no Paraguai, tinha colaboradores e um emprego oficial, no final, viajava sozinha por falta de dinheiro, condição constante e a que mais dificultou todo seu percurso. Para cada região que ia procurava um local que pudesse ser sua base de estudos, geralmente eram hotéis, casas de conhecidos, missões ou postos governamentais e, de lá, saía alguns poucos dias para ficar entre os indígenas; os transportes incluíam cavalos e barcos, a princípio, e mais para frente aviões e carros. Com os indígenas ela se sentia bem, diferente das cidades onde não gostava de ficar. Sentia-se melhor nas pequenas comunidades da América do Sul do que na Europa e em seu próprio país (Liener, 2010:108).

[...] Los próximos años 57 y 58 me quedaré por la Amazonia y la parte oriental de Bolivia. Hay mucho que hacer en estos lugares y para mí son un descanso y una alegría despues de Europa. Si Ud. Tiene alguna relación con Río, le agradeceré si me manda una recomendación [...]"
(São Paulo, 15/12/1956 - Hanke apud Moscoso, 1982: 72)

Nas cartas que escreveu a Moscoso em seus últimos anos de vida, Wanda Hanke reclamou bastante de situações que enfrentou com autoridades e outros pesquisadores do Brasil. Os desejos de permanecer aqui que costumava compartilhar em suas cartas com Loureiro não aparecem mais, ou com Moscoso ela encontrou maior liberdade para reclamar das dificuldades que enfrentava no país. Ela queria ficar no Brasil entre os índios, mas nesse últimos anos parece que teve ainda mais problemas em relações institucionais e com o governo brasileiro. Em outras localidades que não Curitiba e no Mato Grosso - onde conseguia ajuda de delegados e funcionários do SPI - ela sofreu mais hostilidades por parte de funcionários públicos. Seus constantes pedidos por financiamento, a falta de vínculos institucionais e as viagens e coletas que fazia sem autorização dificultavam que conseguisse apoio nos grupos do Rio de Janeiro.

Em março de 1955, enquanto estava em Viena, ela começou a planejar as novas viagens que queria fazer no Brasil. Escreveu a Moscoso dizendo que estava tentando levantar fundos para isso e pediu que ele lhe desse um documento atestando que ela havia reunido coleções etnológicas e proferido conferências na Bolívia - algo que desse a impressão de que ela havia se dedicado seriamente a assuntos científicos e que lhe garantisse credibilidade (Hanke apud Moscoso, 1982:68).

Nesses anos que passou na Europa, publicou trabalhos na Alemanha, conseguiu a colaboração do Museu Etnográfico de Munique e se tornou correspondente de um Instituto

espanhol - Instituto Gonzalo Fernandez de Ovideo, Madrid (Hanke apud Moscoso, 1982:70). Quando voltou a América do Sul desceu primeiro em São Paulo, queria visitar Curitiba e depois seguiu para o Rio, onde encontrou dificuldades. Queria apoio para suas pesquisas, mas não conseguiu. Em fevereiro de 1957, escreveu para Moscoso dizendo que havia passado por humilhações e que “recomendações para o Rio não tinham resultado”, porque lá “tudo era política e corrupção – algo espantoso”. Mesmo com essas dificuldades, disse que o SPI ainda a ajudava porque suas atividades práticas entre os índios eram interessantes para eles – “[...] a ciência não interessa a nada em todo o Brasil. Peço para que ponha nas recomendações que meu trabalho também tem um valor social para chamar a atenção desses ignorantes [...]” (Rio, 22/02/1957 – Hanke apud Moscoso, 1982:74).

Mesmo assim, ela seguiu viagem para Belém do Pará viajando por avião militar e não conseguiu levar toda sua bagagem, pois só podia carregar 15 quilos. Teria que esperar a chegada do avião cargueiro que traria o restante. Esse foi mais um motivo para ela escrever uma carta a Moscoso pedindo ajuda e dizendo que vinha sofrendo hostilidades no Brasil. Agora queria sair do país e trabalhar oficialmente para a Universidade de Cochabamba, na Bolívia.

Otra copia de la invitación le ruego mandarme aquí para poder mostrarla a las instituciones en Belem, especialmente el Museo Goeldi, donde no están en contra mía, pero saben del boicot de otras partes. Contra mí están: el Museo Nacional, el Museo del Indio, probablemente todas las instituciones relacionadas con ellos; en Sao Paulo: la Universidad, el Museo Ipiranga y varios centros culturales. Se ha hecho todo para impedir mi viaje a Europa, a mi vuel ta ahora creo que se meten detrás de las autoridades para impedir mis futuros trabajos en el campo (sic) [...] (Belém, 19/03/1957 – Hanke apud Moscoso, 1982:76-77).

Ela aprendeu a falar português e espanhol, mas suas cartas misturam bastante as duas línguas, o que torna suas narrativas, algumas vezes, bastante confusas. Com a falta crônica de recursos econômicos e pedidos constantes de dinheiro, Wanda Hanke se tornou impopular em diversas instituições, como a embaixada e alguns museus. Além disso, alguns de seus contemporâneos a descrevem como desagradável e arrogante (Liener, 2010). Também é importante notar que a primeira instituição que ela menciona estar contra ela era o Museu Nacional, que tinha ligação muito íntima com o trabalho do CFE. Agindo contra as decisões do Conselho, ela nunca teria o apoio deste Museu e essas cartas revelam que até o fim de sua vida ela enfrentou dificuldades por não ter tido este apoio no Brasil.

Em outra carta, de dezembro de 1957, Wanda Hanke escreveu a Moscoso que desde que havia publicado em revistas científicas da Europa, “Rio e São Paulo estavam contra ela”, mas o maior problema provavelmente estava no fato dela ter realizado aqueles trabalhos sem autorização desde o início, publicando resultados de pesquisas realizadas entre os índios brasileiros que, segundo a opinião do governo federal, nem deveriam ter acontecido (Itacoatiara, 15/12/1957 – Hanke apud Moscoso, 1982:82). No entanto, o SPI continuou a ajudando no Brasil e também autoridades militares. Eram as pessoas que ela mais encontrava no campo.

A última carta enviada a Moscoso data do dia 10 de março de 1958. Um pouco antes, em janeiro, estava em Itacoatiara e contou-lhe que tinha terminado um trabalho sobre os índios dos rios Nhamundá e Yatapú, incluindo 50 fotos, que havia despachado para Alemanha para publicação (Itacoatiara, 21/01/1958 – Hanke apud Moscoso, 1982:83). Na última carta que enviou ao amigo alemão Hermann Trimborn, em 7 de julho de 1958, descreveu “sua situação humilde e sua última viagem a Leticia, na Colômbia”. Ela morreu supostamente no dia 30 de agosto de 1958, vítima de malária e várias outras enfermidades, em Benjamin Constant, Brasil (Liener, 2010:107).

A maioria das coleções que reuniu foram vendidas a museus da América do Sul e Europa. Entregava pessoalmente ou mandava as peças pelo correio, mas nem sempre a descrição dos objetos estavam completas, o que dificulta o trabalho atual com esses artefatos nos Museus. Mesmo assim, as coleções que Wanda Hanke formou são muito interessantes e continuam tendo potencial para a pesquisa etnológica até os dias de hoje.

Algumas vezes narra situações difíceis, trágicas, como as de violência sofrida. Apesar disso, Liener (2010:110) afirmou que, em geral, Wanda Hanke se dizia “contente com sua situação de mulher na Argentina e no Brasil”. Outra pessoa com quem se correspondia era Dra. Etta Becker-Donner, citada no capítulo 1, na época diretora do Museu Etnológico de Viena, com quem manteve contato por vários anos, tratando principalmente de questões organizativas, resultando no envio de peças àquele museu. Além dela e dos nomes que mencionamos, Wanda Hanke manteve contatos na Alemanha, com Georg Eckert, Hermann Trimborn e Otto Zerries, e com os argentinos Walther Schiller e Edgar Ibarra Grasso (Liener, 2010: 110).

4.4 – Coletora de Campo - Contribuição para os estudos etnológicos

Já há alguns anos, novas perspectivas em história das ciências incorporaram um número de novos atores, culturas, localidades, assim como abordagens que cobrem diversos âmbitos, desde os estudos de colecionismo às abordagens teóricas de gênero. A circulação de objetos, coleções, pessoas, informações, teorias fez e faz parte de processos, em que cada vez mais as práticas científicas têm sido entendidas também como formas de comunicação e comércio, muitas vezes indissociáveis. Nessas abordagens a centralidade dos processos de interação entre indivíduos em movimento, circulando por diferentes países e nas mais variadas condições, tem possibilitado a divulgação de novas instigantes trajetórias não só dos considerados personagens ícones da historiografia, mas daqueles e daquelas ilustres desconhecidos(as), aventureiros(as), amadores(as) que têm desafiado a rigidez dessas mesmas categorias em que costumam ser enquadrados (Lopes e Heizer, 2011).

Wanda Hanke é mais uma dessas personagens que transgride as fronteiras de tais classificações, e ainda é pouco conhecida no Brasil. Ela foi mais uma, das já não tão poucas, mulheres que na primeira metade do século XX, se aventuraram por regiões da América do Sul. Sem filiação institucional, articulando atividades científicas e comerciais, reunindo e vendendo coleções, escrevendo artigos científicos, fotografando e registrando suas viagens, Wanda Hanke circulou por territórios de diferentes nações indígenas no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Buscando perspectivas diferentes daquelas que ressaltam somente grandes personalidades, interessa a esse estudo perceber em trajetórias singulares e suas redes, as diferentes ênfases, as mudanças de rumos imprevisíveis para as pesquisas e os detalhes que se realizam no dia a dia das práticas científicas.

No início da pesquisa sobre a trajetória de Wanda Hanke sabíamos muito pouco sobre ela e, até encontrar os documentos do Museu Paranaense, parecia ser impossível resgatar alguma coisa, pois o que se ouvia dizer é que Wanda Hanke não era ligada a nenhuma instituição e era meio “maluca”. Surpreendentemente, começamos a encontrar documentos que relatavam diversos aspectos da trajetória dela e partes de sua história foram se revelando. Sem entrar no mérito das discussões sobre o conceito de loucura, suas cartas e narrativas deixam transparecer uma personalidade forte, determinada e cheia de si, e os esforços que empregou para realizar sua pesquisa etnológica, assim como os resultados que obteve, são bastante impressionantes, ainda

mais levando em conta as condições em que a realizou - sozinha, fora da lei, sem financiamento e sem vínculos institucionais, defendendo causas e sofrendo violências. E, afinal, todas as mulheres que trabalhassem como cientistas viajando sozinhas e pesquisando pelo interior do Brasil naquela época corriam o risco de serem consideradas meio “malucas”. Esse diferencial foi responsável por consolidar uma trajetória particular e marcante, capaz de inspirar muitas reflexões acerca da suposta natureza e dos locais determinados pelos papéis de gênero.

Naqueles anos, uma pesquisadora fazendo trabalho de campo sozinha no interior do Brasil não era a situação mais comum, ainda mais sem nenhum vínculo institucional sólido que pudesse garantir mais segurança, certificar seu nome e seu trabalho, mas pelos dados que encontramos é possível dizer que isso acontecia mais do que costumamos imaginar.

A historiografia recente tem chamado a atenção para a importância das coleções na construção do conhecimento científico e revertido o quadro de descaso dos historiadores das ciências em relação à iconografia e a esses conjuntos de objetos como possíveis geradores de investigação (Lopes, 2008). Nesse sentido, as coleções formadas por Wanda Hanke ainda podem contribuir para que novas pesquisas sejam desenvolvidas.

Ao analisar a história da formação do Museu de La Plata, na Argentina, Máximo Farro (2009) pontua que a partir do final do século XIX as práticas colecionistas seguiram uma forma de divisão de trabalho bastante usual entre coletores de campo e pesquisadores de museus e gabinetes. A experiência de Wanda Hanke caracteriza bem essa divisão, enquanto ela poderia ser enquadrada na categoria dos coletores de campo, que forneciam peças para museus e acervos, as pessoas com quem se correspondia, como Loureiro Fernandes (Museu Paranaense) e Eduardo Moscoso (Universidade de Cochabamba), representavam os pesquisadores de museus, responsáveis por organizar e estudar esses objetos. As coleções criavam vínculos entre pesquisadores de mundos sociais diversos através dos laços criados entre esses diferentes atores (Farro, 2009), e a análise da trajetória dessa personagem nos permitiu conhecer um pouco sobre como esses vínculos eram estabelecidos na primeira metade do século XX.

As viagens que Wanda Hanke realizou resultaram em estudos linguísticos, coleções e compilação de dados sobre a situação de diferentes grupos indígenas, sob seu ponto de vista, mas esses esforços não foram suficientes para lhe garantir grande reconhecimento na arena dos debates antropológicos da época. A sua posição de ‘coletora de campo’ explica parte desse renome com que se inseriu na comunidade científica, assim como sua visão eurocêntrica (Liener,

2010), seus conflitos institucionais e a falta de um treinamento oficial em antropologia, também responsáveis por isso.

Consideradas por alguns como superficiais e até ingênuas (Rodrigues, 1967), suas compilações de dados provindas da extensa pesquisa de campo não dialogavam frente a frente com as análises e proposições dos grandes representantes da pesquisa antropológica daquele período no Brasil.³²⁵ Em resenha do livro dela publicado em Alemão - “*Völkerkundliche Forschungen in Südamerika*”³²⁶, escrita por Aryon D. Rodrigues - linguista brasileiro especialista em línguas indígenas - na revista *American Anthropologist*, em 1967, ele fala sobre ela, a quem conhecia pessoalmente, e sobre seus trabalhos. Assinalou-a como uma mulher extraordinária, que possuía um entusiasmo incrível para estudar e falar sobre os povos com quem teve contato, mas que a falta de treinamento específico em antropologia e linguística prejudicou as análises que fez do imenso material que coletou. Caracterizou suas compilações linguísticas como assistemáticas e superficiais, como podemos ver nesse trecho de sua resenha citado a seguir:

Wanda Hanke was an extraordinary woman who spent the last 25 years of her life visiting Indian groups in South America, from the Paraguayan Chaco to the upper Amazon. Although she was already over 60 years old and walking with the help of a cane (because of severe arthritis) when this reviewer saw her for the last time, it was amazing to see how enthusiastically she spoke about the peoples she had just visited and how vividly she planned new explorations into the most remote spots of tropical America. She went again and again, and died in 1958 at the age of 65 in the country of the Tukuna Indians on the Solimões, where Brazil borders with Peru and Colombia. Although she had an uncommon education, with doctorates in philosophy, medicine, and law, it appears that Wanda Hanke had no opportunity of studying either anthropology or linguistics. It is indeed a pity that a person so well gifted with both the physical and moral energy to endure more than 20 years of field work and who was acquainted with so many (about 40) tribal peoples was not equipped with anthropological and linguistic concepts and methods for organizing her observations and the invaluable data within her reach. Hanke's ethnographic as well as linguistic notes are in general asystematic, superficial, and often quite naive [...] (Rodrigues, 1967: 529)

Outros pesquisadores deixaram registradas opiniões diferentes sobre os trabalhos de Wanda Hanke, como os que trabalhavam no Museu Paranaense, que citamos no decorrer do capítulo. Também o historiador boliviano Eduardo Ocampo Moscoso relatou na introdução de

³²⁵ Sobre a história da antropologia no Brasil, ver, por exemplo: Corrêa, Mariza. “*História da Antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos*”, São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; (Campinas-SP); Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1987; e Corrêa, Mariza. “*Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*”, Ed. Unicamp, Campinas-SP, 2013.

³²⁶ “A pesquisa etnográfica na América do Sul”, livro publicado em 1964, na Alemanha, após a sua morte, reúne cinco artigos que ela havia enviado aos editores Georg Eckert e Herrmann Trimborn, responsáveis pela publicação, entre 1955 e 1958.

seu livro que “teve a oportunidade de consolidar uma firme amizade com a Dra. Wanda Hanke” e que ele e seus colegas formalizaram com ela um convênio para adquirir flechas, arcos, canoas e outros objetos fabricados pelos índios das regiões que visitava. Essas peças são hoje patrimônio do Museu Arqueológico da *Universidad Mayor de San Simón de Cochabamba*, na Bolívia (Moscoso, 1982: 13). Ao falar sobre a contribuição de Wanda Hanke, Moscoso enalteceu principalmente sua vida de aventuras em terras indígenas do Brasil e da Bolívia, destacando as várias tentativas dela de denunciar abusos cometidos contra as populações selvícolas, mas sem fazer análises mais profundas sobre o trabalho antropológico dela:

La vida de esta esforzada y talentosa mujer, cuya memoria está llamada a ocupar sitio de honor en la Ciencia, estuvo varias veces amenazada de muerte... A fines de febrero de 1953, a raíz de una denuncia suya en defensa de los indios chacobo fue agredida bárbaramente, entre las localidades de Magdalena y Huacaraje. No se considero ni su sexo ni su edad, por un borracho contratado por los esclavistas de la región (Moscoso, 1982: 14)

Apesar das opiniões diversas sobre seu trabalho etnológico, as longas viagens de campo que realizou resultaram em coleções de artefatos, dados, narrativas, línguas e alfabetos que compõem um rico acervo de conhecimento sobre diversos povos. Seus estudos sobre linguística indígena são citados e utilizados até hoje. Por exemplo, em estudo de D’Angelis (2003), linguista brasileiro, sobre o idioma Caingangue, ele faz referência a ela e diz que:

Wanda Hanke teve contato com diversas áreas indígenas no Sul do Brasil, publicando vários trabalhos sobre Kaingang e Xokleng. O “*Vocabulario del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná*”, publicado pelo Museu Paranaense em 1947, é resultado da visita da pesquisadora, em 1940, à aldeia do Chagu, no antigo Campo das Laranjeiras, na área atualmente conhecida por Rio das Cobras (Sudoeste do Paraná) [...] Trata-se de uma transcrição cuidadosa e, no geral, de boa qualidade [...] (D’Angelis, 2003: 33)

Na década de 1950, a linguística era muito próxima da antropologia e, apesar do distanciamento que ocorreu no decorrer dos anos seguintes, até hoje essas disciplinas mantêm algum contato em termos de pesquisa (Corrêa, 1987: 17). Atualmente, no Brasil, encontramos mais referências sobre os estudos de linguística indígena de Wanda Hanke do que estudos antropológicos, indigenistas ou que analisem as coleções de peças etnológicas que ajudou a formar.³²⁷

³²⁷ Wanda Hanke também foi citada por Ludoviko dos Santos (UEL) e Leriana de Almeida (UEL), no artigo “Classes de palavras Kaingang: Nome”, publicado nos Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, s/d, acessível em: www.celsul.org.br/Encontros/06/Coordenadas/20.pdf, e no texto de Sarah

Uma forte militância pela salvaguarda dos povos indígenas está sempre presente em seus textos, assim como denúncias de situações de escravidão e maus-tratos e transcrições de mitologias, mas sua extensa produção e as coleções que reuniu ainda encontram-se bastante esquecidas em museus espalhados pelo mundo.³²⁸

Liener (2010) afirma que mais do que qualquer outra coisa, ela produziu listas de palavras de línguas indígenas com suas traduções equivalentes em português, espanhol e alemão. Algumas foram publicadas em revistas relacionadas a museus e etnologia, mas a maioria não foi publicada até hoje em dia. Uma razão é que nem todas as listas são de grande qualidade já que Wanda Hanke tinha dificuldades com o português e o espanhol e a falta de uma língua comum com os indígenas complicou seu trabalho. Muitas editoras também não publicavam listas de palavras sem que estivessem acompanhadas de estudos linguísticos e, como ela não era linguista, deixou esse trabalho para seus colegas. Um deles era o bem conhecido linguista norte americano Morris Swadesh com o qual ela mantinha contato por escrito. Esta relação mostra que seu trabalho tinha algum valor científico, mesmo que não fosse perfeito. Wanda Hanke publicou em alemão, inglês, espanhol, português e checo, em vários países. São artigos variados, alguns jornalísticos, relatos de viagens, histórias sobre indígenas, breves notas científicas e um livro intitulado “Dois anos entre os Caingá”. A maioria dos manuscritos dela foram publicados e somente dois permanecem inéditos, um sobre imigrantes na Argentina e outro sobre os Macá (Liener, 2010:109).

Os objetos que ela coletava eram variados - cerâmicas, vestimentas, esculturas, redes e tecidos, objetos ritualísticos, arqueológicos, adornos corporais feitos de ossos e penas, etc. Tirou muitas fotos que se encontram guardadas principalmente no Museu de Viena e no de Curitiba, retratando os povos indígenas, suas festas e atividades, e também paisagens e cidades por onde passou. Interessou-se também por dados antropométricos, mitologias, arte e expressão artística indígena em geral, e com tudo isso queria completar sua documentação das “culturas originárias dos índios em vias de extinção” (Liener, 2010:105, 109, 110). Seu principal objetivo profissional era registrar a existência de povos ainda desconhecidos. Queria documentar as sociedades, os idiomas e a cultura material de diversas tribos indígenas que ela acreditava estarem correndo risco de desaparecer. Esse material seria uma valiosa fonte de informações sobre esses povos no futuro.

C. Gudschinsky sobre a língua Ofaié, “Fragmentos de Ofaié - A descrição de uma língua extinta”, s/d, acessível em: www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/OFFrag.pdf.

³²⁸ Várias de suas denúncias estão transcritas em Moscoso, 1982, pp. 139-146.

Mesmo que sua produção científica não tenha sido tão impactante nos debates antropológicos da época, as compilações de dados, registros de línguas, as coleções que formou, o acervo iconográfico e as peças que entregou a museus diversos constituem hoje uma importante fonte para a história dos povos indígenas da América do Sul.

A situação de Wanda Hanke difere muito da de Betty Meggers ou Doris Cochran, por vários motivos. O principal é que ela deixou para trás sua vida na Áustria e escolheu um novo lugar para viver, não veio até América do Sul para fazer sua pesquisa e voltar, permanecendo aqui até a sua morte. Partindo das cartas de Wanda Hanke é mais difícil saber em detalhes tudo o que acontecia em seus percursos e a história se torna mais confusa do que aquela contada a partir dos diários de campo de Betty Meggers e Doris Cochran que possuem uma cronologia clara e informações detalhadas.

Tendo se mudado para a América do Sul, Wanda Hanke passou a viver como exploradora, contando na maior parte do tempo com o dinheiro que conseguia com a venda de coleções. Aqui, ela almejava trabalhar como cientista - etnóloga, mas suas práticas eram controversas, até duvidosas, não tinha formação na área e nem o perfil de alguém que permaneceria trabalhando somente em um lugar. Até sua lucidez chegou a ser contestada e, por tudo isso, as instituições científicas tinham dificuldades em aceitá-la. Escolheu ser uma coletora de campo, mas reclamava pela falta de apoio institucional e financeiro. Buscou se aproximar, conhecer e viver entre os índios e todas as dificuldades não a impediram de coletar uma incontável quantidade de objetos etnográficos. Devido a imensa quantidade de documentos e coleções que deixou, há muito ainda a ser pesquisado.

Quanto à intervenção do CFE em suas viagens, que não deixaram de ocorrer apesar da iniciativa do órgão de negar-lhe a autorização, precisamos levar em consideração que mesmo que algumas tentativas de impedir incursões não aprovadas tenham fracassado, os integrantes do órgão cumpriram um papel importante em registrar a presença dos expedicionários e guardar essas informações. Hoje podemos rastrear a presença dessas pessoas e problematizar as dificuldades, ineficiências e benefícios nessa tentativa de centralizar em um único Conselho Federal o poder de decisão sobre a presença de cientistas estrangeiros em todo o território do Brasil.

Considerações Finais

As profundas mudanças ocorridas nos estudos de ciências sociais e humanas a partir da década de 1970, deram origem a um novo tipo de história sobre o mundo que enfatizava o conhecimento do micro, das diferenças, dos âmbitos e pessoas relegadas ao esquecimento. Nesse quadro as especificidades das mulheres que seguiram trajetórias diferentes da maioria e a valorização das atividades femininas, comumente menosprezadas, começaram a receber atenção. Reconstruíram-se assim aspectos importantes nas narrativas historiográficas buscando a construção de um conhecimento mais inclusivo e mais justo em relação à experiência humana. Essa nova fase passou a ser conhecida entre os historiadores como ‘nova história cultural’ e os desenvolvimentos sobrevividos dessas novas perspectivas abriram caminhos para novos trabalhos sobre a história das mulheres e de outros grupos tradicionalmente excluídos da grande narrativa da história ocidental, fosse por classe, raça, gênero ou qualquer outra marca de distinção (Perrot, 2005; Burke, 2005; Thébaud, 2004; Sohiet, 1997; Pestre, 1996; Perrot, 1988).

As viagens de exploração narradas nesta tese são representativas de experiências onde as mulheres transcendiam as expectativas sociais que costumava-se esperar delas no período abordado, especialmente nas regiões amazônicas. Enfatizamos a presença e os tipos de atividades que realizavam para reafirmar nosso argumento de que mais mulheres do que estamos acostumados a imaginar praticaram ciências, no campo e no laboratório, nos museus e nas universidades. Diversos temas emergem dessa pesquisa e também dos inúmeros documentos levantados. Escolhemos enfatizar na tese apenas alguns deles, mas as possibilidades de análise ainda são muitas.

Os inúmeros registros do CFE guardam informações muito interessantes sobre práticas científicas e relações institucionais no Brasil. Os dados registrados nem sempre são exatos, mas configuram um acervo rico e importante para a História das Ciências no Brasil. A autorização do CFE podia não evitar completamente o ingresso de expedições estrangeiras indesejadas, mas produzia informações sobre elas que nos permitem hoje rastrear aquelas experiências. Demonstram também aspectos da formação de redes de influência entre os cientistas brasileiros e disputas de poder entre aqueles grupos. Em alguns casos ficam evidenciadas as relações estabelecidas no Brasil, como Doris Cochran, que trabalhou no Instituto Manguinhos, e Betty Meggers, que trabalhava sob os auspícios do Museu Nacional. Já em outros pouco foi informado

sobre a colaboração com institutos nacionais. No dossiê da Dra. Etta Becker Donner, por exemplo, não existem praticamente informações sobre relações institucionais estabelecidas no Brasil. Consta apenas um telegrama informando o envio de algumas peças de cerâmica indígena ao Museu Nacional e muitas menções sobre as coleções despachadas para a Áustria.³²⁹ Além dos expedicionários que burlavam as regras, encontramos casos também onde as próprias instituições brasileiras negligenciavam a legislação do CFE, como o Museu Paranaense, que comprava as peças coletadas ilegalmente por Wanda Hanke.

Podemos identificar alguns padrões no grupo de mulheres encontrado. As exploradoras do século XX que abordamos, podem ser caracterizadas como principalmente mulheres de classe média, brancas, em busca de profissionalização. Condições como serem de classe média e terem apoio de familiares eram facilitadores das posições que alcançaram, mas não determinantes, como temos tentado exemplificar. Há também uma categoria relacionada ao casamento que parece ser uma característica exclusiva das mulheres, já que para os homens, em geral, o casamento não significa a interrupção da vida profissional e é menos comum que assumam a função de assistentes. No entanto, em alguns casos citados como os de Betty Meggers e Maria Alice Moura Pessoa, essa posição era claramente diferente das outras, já que elas nunca adotaram o papel de assistentes e foram os homens que se transformaram em personagens secundários dessas expedições científicas, demonstrando como o gênero pode ser relacional.

Em uma situação claramente diferente das outras esposas, Betty Meggers viajou acompanhada do marido e, como Doris Cochran, com financiamento dos institutos onde trabalhavam,³³⁰ para trabalhos de campo já plenamente institucionalizados em meados do século XX. A expedição das astrônomas também reflete a característica da institucionalização científica já consolidada no período. Condições muito divergentes da experiência de Wanda Hanke que organizou suas viagens sozinha e assumiu um papel principalmente de coletora de campo sem nunca ter trabalhado dentro de uma instituição de pesquisa etnológica.

No levantamento realizado, ao lado de desconhecidas como Alice Sumner Greene encontramos mulheres que se destacaram muito, como a Dra. Etta Becker-Donner, Curadora do Museu Etnológico de Viena, por exemplo. Para recuperar as trajetórias de pesquisa de algumas

³²⁹ CFE.T.2.303, MAST-RJ - doc. 1023: Certificado de exportação de materiais indígenas; doc. 1026: Telegrama remetendo material da Dra. ao Museu Nacional.

³³⁰ Betty Meggers e Clifford Evans realizaram a expedição com financiamento de órgãos de amparo à pesquisa vinculadas à Universidade de Columbia e Doris Cochran veio financiada pelo Smithsonian.

delas utilizamos somente a documentação do CFE e no caso de outras, como Doris Cochran, Betty Meggers e Wanda Hanke, tivemos a oportunidade de consultar também diários, cartas, manuscritos e produções bibliográficas. Os diários de campo, mesmo que editados para publicação como o de Doris Cochran, registravam muitos detalhes pessoais em meio à trajetória de pesquisa científica e esse caráter particular dos diários é muito interessante. Os inúmeros detalhes mostram o cotidiano da pesquisa e a forma como se inseriram em diferentes grupos e instituições no Brasil.

Além dos problemas de gênero, a pesquisa abriu perspectivas para pensar também as desigualdades de classe e raça, como na relação estabelecida entre Doris Cochran e Joaquim Venâncio, permeada pelo racismo da cientista americana. Havia desigualdades também na divisão de trabalho entre o Betty Meggers e Clifford Evans e os brasileiros, caboclos e mulheres, dentro daquelas redes. Obviamente existe uma hierarquização de funções. Naquele local os arqueólogos representavam a “vanguarda de museus distantes”, para onde levariam aqueles objetos retirados da terra (Latour, 2001).

Sobre algumas, não foi possível encontrar quase nenhuma informação ou referência e por essa razão seus nomes permaneceram desconhecidos para nós. No entanto, esperamos que o levantamento feito nessa tese, mesmo que ainda incompleto, seja capaz de abrir caminhos para que saibamos mais sobre as experiências das mulheres cientistas do passado e sobre os modos com se inseriam nas diferentes disciplinas científicas.

De fato, a participação de mulheres na história das ciências foi comprometida por implicações relativas ao gênero, isso não podemos mudar. As dificuldades em encontrar os desdobramentos ocorridos após as expedições de Alice Sumner Greene/Penha e de Maria Alice Moura Pessoa estiveram relacionadas à alteração de seus sobrenomes, costume capaz de influenciar e ocultar o renome das cientistas - “As discriminações de fato enraízam-se nos costumes, produtos de representações de longa duração, remodelados ao sabor das necessidades do tempo” (Perrot, 2005: 251). O fato de muitas das viajantes do século XX só estarem engajadas em pesquisas científicas porque acompanhavam seus maridos expedicionários também representa um pouco da subordinação e da forma como a instituição científica incorporou as divisões sociais associadas aos gêneros. Algumas situações de violência vividas por Wanda Hanke podem também ser associadas a violências de gênero.

As reações descritas no diário de Betty Meggers de pessoas, homens em sua maioria, que a viam excursionando na Amazônia e se surpreendiam com tal fato mostram que aquilo era algo que causava estranhamento na época. A preocupação em registrar essas reações manifesta também o incômodo que aquilo lhe causava. A imagem de que as mulheres não pertenciam a esses espaços está muito mais vinculada a ideia de que existem certas profissões femininas e outras masculinas, do que ao fato de existirem ou não mulheres fazendo este tipo de atividade, como tentamos exemplificar.³³¹ Nesse mesmo período, além de Betty Meggers, sabemos que Wanda Hanke e Etta Becker Donner se engajaram em expedições pelo interior da Amazônia. Mesmo que não fossem a maioria, estavam presentes. A dissociação entre mulheres e práticas científicas que persiste no imaginário popular continua contribuindo com a escassez de casos e registros.

Através da pesquisa histórica e da utilização de fontes e metodologias diversas podemos contribuir para a reversão desse quadro de escassez trazendo a tona as experiências dessas personagens, narrando a forma como se envolveram nas práticas científicas, ou até a forma como foram excluídas delas, porque acreditamos ser possível, dessa forma, entender cada vez mais aspectos sobre a construção das ciências e sobre a atuação dos diversos atores envolvidos ou propositalmente afastados desse processo.

Mulheres e homens, em geral, são criados de maneiras diferentes e isso resulta em experiências distintas. O estudo da história das mulheres marca uma divisão frequente nos mais diversos contextos: o espaço público como local privilegiado do masculino e o espaço privado como primordialmente feminino. Mas essas divisões nem sempre ocorreram da forma determinista que se imagina. As mulheres estavam envolvidas em processos sociais maiores e frequentavam os espaços públicos de formas diferentes dos homens, provavelmente circulando nas margens das instituições que centralizavam o poder, mas estavam presentes, encontravam formas de inserção, formavam grupos e realizavam atividades que consideravam importantes para a sociedade ou para suas próprias vidas. Mesmo com as barreiras sociais do início do século XX, muitas delas se aventuraram nos sertões e florestas brasileiras em busca de fontes para realizar seus trabalhos científicos.

³³¹ Sobre a ideia do que seria um “trabalho de mulher”, Perrot (2005:251) diz que as profissões pensadas como pertencentes ao âmbito feminino costumam obedecer “a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco monopolizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial)”.

Referências bibliográficas

- Alberti, S.J.M.M. *Objects and the Museum*. *ISIS*, 96: 559-571, 2005.
- Azevedo, N.; Cortes, B.; Ferreira, L.; Sá, M. *Gênero e Ciência: a carreira científica de Aída Hassón-Voloch*, em *Cadernos Pagu* (23), pp. 355-387, Pagu/Unicamp, Campinas, SP, 2004.
- Azevedo, Nara; Ferreira, Luiz Otávio. *Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940*, em *Cadernos Pagu* (27), pp. 213-254, Pagu/Unicamp, Campinas, SP, julho-dezembro de 2006.
- Bastos, Francisco Inácio; Sá, Magali Romero. The scientist as historian: Paulo Vanzolini and the origins of zoology in Brazil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, vol.18, no.4, p.1021-1038, Dez 2011.
- Beer, Gillian. *Travelling the other way*. In: *Cultures of Natural History*, pp. 322-337. Cambridge University Press, 1996.
- Bourguet, Marie N. *O Explorador*. In: *O Homem do Iluminismo*, Vovelle, M. (dir.), Lisboa. Ed. Presença, Cap.VII, pp. 209-249, 1997.
- Brefe, A.C.F. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo. Editora UNESP: Museu Paulista, 2005.
- Burke, Peter. *O Que é História Cultural?*, Tradução de Sérgio Goes de Paula, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2005.
- CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas. *Retrospecto das atividades do Conselho Nacional de Pesquisas no campo das pesquisas científicas e tecnológicas, no ano de 1951*. Rio de Janeiro: CNPq, 1952.
- Castro Faria, L. *Virchow e os sambaquis brasileiros: um evolucionismo anti-darwinista*. Im: Domingues, H.M.B. (org). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. RJ: Fiocruz, 2003.
- Corrêa, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*, Ed. Unicamp, Campinas-SP, 2013.
- Corrêa, Mariza. *Antropólogas e Antropologia*, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- Corrêa, Mariza. *Dona Heloisa e a pesquisa de campo*, *Rev. Antropologia*. Vol. 40, n. 1, São Paulo, 1997.
- Corrêa, Mariza. *A Natureza Imaginária do Gênero na História da Antropologia*, em: *Cadernos Pagu* (5), pp. 109-130, Campinas, 1995.

Corrêa, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos*, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas-SP); Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

D'Angelis, Wilmar. *O Primeiro Século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica*. Portal Kaingang, <http://www.portalkaingang.org>, 2003.

Davis, Natalie Zemon. *Nas Margens: Três mulheres do século XVII. Tradução de Hildegard Feist*. Cia das Letras, São Paulo, 1997.

Daston, Lorraine. *The Sciences of the Archive*. In: Osiris, 27: 156-187, New York, 2012.

Dias, Adriana Schmidt. *Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA*. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, 19 (22): 25-39, mar. 1995.

Dias, João Carlos Pinto; Prata, Aluizio; Coura, José Rodrigues. *Emmanuel Dias: o principal artífice do combate à doença de Chagas nas Américas*, Rev. Soc. Bras. Med. Trop., vol.41, n.5, Uberaba, Set/Oct. 2008.

Dickenson, John. *Marianne North: uma naturalista do século dezenove o Brasil?*, em Cadernos Pagu (15), pp. 145-164, Pagu/Unicamp, Campinas, SP, 2000.

Drouin, Jean-Marc. *De Linneo a Darwin: los viajeros naturalistas*. In: Historia de las Ciencias, org. Michel Serres, pp. 364-379, Ediciones Catedra, Madrid, 1991.

Franco, José L. A.; Drummond, José A. *Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2009.

Farro, Máximo. *La formación del Museo de La Plata – Coleccionistas, comerciantes, estudiosos y naturalistas viajeros a fines del siglo XIX*. Prohistoria ediciones, Rosario, 2009.

Faulhaber, Priscila. *Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú*. Revista de antropologia, São Paulo: USP, v.56, n. 1, 2013.

Ferreira, L.; Azevedo, N.; Guedes, M.; Cortes, B. *Institucionalização das ciências, sistemas de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969)*, em História, Ciências, Saúde – Manguinhos – Gênero e Ciências, vol. 15, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

Figueirôa, Silvia. *A Propósito dos Estudos Biográficos na História das Ciências e das Tecnologias*. In: Fênix - Rev. De Hist. e Estudos Culturais, Vol. 4, Ano IV, n.3, 2007.

Foster, Mulford B. and Foster, Racine Sarasy, *Brazil*, The Jaques Cattell Press: Lancaster, Pensilvânia, 1945.

Gama, William Nazaré Guimarães. *O Papel do Estado na regulação do acesso de pesquisadores estrangeiros na Amazônia brasileira na década de 1990: O Caso do INPA*, Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas, 2004

Ginzburg, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*; tradução Maria Betania Amoroso; tradução de poemas: Jose Paulo Paes. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

Grupioni, L. D. B. *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*, Editora HUCITEC, ANPOCS, São Paulo, 1998.

Haraway, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, em *Cadernos Pagu* (5), Pagu/Unicamp, Campinas, pp. 07-41, 1995.

Heizer, Alda. *Notícias sobre uma expedição: Jean Massart e a missão biológica belga ao Brasil, 1922-1923*, em *Hist., Cien., Saúde –Manguinhos*, vol.15, no.3, Rio de Janeiro, jul/set 2008.

Heizer, Alda e Videira, Antonio (org.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*, Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

Henson, Pamela. *A Invasão da Arcádia: As Cientistas no Campo na América Latina, 1900-1950*, In: *Cadernos Pagu* (15), PAGU/UNICAMP, Campinas, pp. 165-197, 2000.

Instituto Socioambiental, *Povos indígenas do Brasil 2006/2010*, Amapá/Norte do Pará, p. 339, set/2011.

Jardine, N. and Spary, E. *Cultures of Natural History*. Introdução, pp. 3-15, Cambridge University Press, 1996.

Keller, Evelyn Fox. *Reflexiones sobre Género y Ciencia*, Tradução de Ana Sánchez, IVEI, Edicions Alfons el Magnànim, Valencia, 1989.

Keuller, Adriana. *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, ideias e Instrumentos (1876-1939)*, Tese de doutorado, FFLCH - USP, São Paulo, 2008.

Kohler, Robert. *Landscapes and Labscapes – Exploring the Lab-Field Border in Biology*, The University of Chicago Press, Chicago, 2002.

Key, Charles E. *Grandes expedições científicas do século XX*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1940.

- Kofes, Suely. *Uma Trajetória, Em Narrativas*. Campinas – SP, Mercado das Letras, 2001.
- Kohlstedt, Sally Gregory. In *From the Periphery: Women in Early American Anthropology*. In: Helm, Judy (ed.) *Pioneers of American Anthropology: The uses of Biography*. Seattle, University of Washington Press, pp. 29-81, 1996.
- Kuhn, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*, The University of Chicago Press, 2º edição, 1978.
- Kuklick, H. e Kohler, E. *Introduction - Osiris*, 2nd series, vol. 11, *Science in the Field*, pp. 1-14, The University Chicago Press, 1996.
- Kury, Lorelai. *As artes da imitação nas viagens científicas do século XIX*, em *Ciência, história e historiografia* / Marta de Almeida e Moema de Rezende Vergara, organizadoras, p. 321. - São Paulo : Via Lettera ; Rio de Janeiro : MAST, 2008.
- Latour, Bruno; Woolgar, Steve. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. (Trad. Angela R. Vianna) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1988.
- Latour, Bruno. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*, tradução: Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Bauru : EDUSC, 2001.
- Leitão, C. De Melo. *História das Expedições Científicas no Brasil*, São Paulo, SP: Comp. Ed. Nacional, 1941.
- Leite, Miriam Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*, em *Cadernos Pagu* (15), pp. 129-143, Campinas, 2000.
- Lent, Herman. *O Massacre de Manguinhos*, Avenir: Rio de Janeiro, 1978.
- Liener, Stefanie Maria. *Wanda Hanke (1893 – 1958) - Eine österreichische Ethnologin in Südamerika*. Diplomarbeit - Universität Wien, Áustria, 2010.
- Lima, Nísia Trindade. *Missões Civilizatórias da República e interpretação do Brasil*, In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 5, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, jul. 1998.
- Lima, Nísia Trindade (Org.); Sá, Dominichi Miranda de (Org.). *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG e Ed. Fiocruz, v. 1, 2008.
- Lisboa, Araci Gomes. *O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil: Ciência, Patrimônio e Controle*, Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2004.
- Livingstone, David N. *Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

Lopes, M.M. **Aventureiras* nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil*. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 10, p. 82-93, 1997.

Lopes, M.M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX*. 1a. ed. São Paulo: HUCITEC, UnB, 1998.

Lopes, Maria Margaret. *Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica*, em História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. III (suplemento), pp. 881-897, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

Lopes, Maria Margaret. *Invertendo o sentido das viagens*, em História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 10 (2):768-73, maio-ago. 2002.

Lopes, Maria Margaret; Souza, Lia; Sombrio, Mariana; *A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*, Revista Gênero, Volume 5, número 1, Niterói, 2^o semestre, pp. 97-109, 2004.

Lopes, M. M.; Costa, M. C. da . *Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências*. In: Moraes, M. L. Q. de. (Org.). Gênero nas fronteiras do Sul. Campinas:, p. 75-83, 2005.

Lopes, Maria Margaret. *Vencer Barreiras, Até Quando? Aspectos da Trajetória Científico-Política de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*, em Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento, org. Santos, L. W. *et al.*; IAPAR, Londrina, pp. 203-233, 2006.

Lopes, Maria Margaret . *Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade*. In: Cadernos Pagu, UNICAMP, p. 35-61, 2006.

Lopes, Maria Margaret. *Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos*; em Ciência, história e historiografia - Marta de Almeida e Moema de Rezende Vergara (org.) – São Paulo : Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2008.

Lopes, Maria Margaret. *Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Em: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol.15, suppl.0, Rio de Janeiro, 2008b.

Lopes, M.M. *Consideraciones sobre género y ciencias en la trayectoria feminista de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976)*. In: Miqueo, C; Barral, M; Magallón, C. (Org.). Estudios Iberoamericanos de género en ciencia, tecnología y salud. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 509-514, 2008c.

Lopes, M.M. *Construções de culturas científicas no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1920-1930)*. In: Hoffmann, W.; Furnival, A. C. (Org.). *Ciência, Tecnologia e Sociedade*. 1ed. São Paulo: Pedro e João Editores/CECH-UFSCAR, p. 33-42, 2008d.

Lopes, M.M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX*. 2a. ed. São Paulo: HUCITEC, UnB, 2009.

Lopes, M.M. *Os catálogos de Hermann von Ihering: o arquivo dos resultados obtidos na exploração científica do Brasil*. In: Heizer, Alda; Videira, Antonio A. Passos. (Org.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2010.

Lopes, Maria Margaret e Heizer, Alda L. *Colecionismo, práticas de campo e representações*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

Lopes, M.M.; Pina, M.E.; Nunes, M. de F. *O XV Congresso Internacional de Medicina de 1906, Lisboa, Portugal: uma abordagem de gênero*. In: Carvalho, Marília Gomes de. (Org.). *Ciência, Tecnologia e Gênero: abordagens iberoamericanas*. 1aed. Curitiba: UTFPR, p. 99-114, 2011b.

Lopes, Maria Margaret ; Barbuy, Heloisa. *Introdução*. Anais do Museu Paulista (Impresso), v. 21, p. 11-13, 2013.

Massarani, L. e Moreira, I. C. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*, em *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 7, nº 3, pp. 627-651, 2001.

Mast – Museu de Astronomia e Ciências Afins, *Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil: inventário sumário*, Rio de Janeiro: MAST, 2000.

Maranhão, Maria Fernanda. *Contextualizando Imagens Paranistas (1940-1950): O Filme Etnográfico de Vladimir Kozák e as Ciências Sociais no Paraná*, Monografia – Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba, 2006.

Meggers, Betty. *Amazônia – A Ilusão de um Paraíso*. Tradução de Maria Yedda Linhares (Título do original em inglês: *Amazônia - Man and Culture in a Counterfeit Paradise*); apresentação de Darcy Ribeiro – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

Monk, Janice. *Women, Gender and the Histories of American Geography*. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 94, n. 1, pp. 1-22, Mar 2004.

Moscoso, Eduardo Ocampo. *Wanda Hanke en La Etnografia Boliviana*; Libreria Editorial Juventud, La Paz, Bolívia, 1982.

Nogueira, Eliana. *Emergência, Institucionalização e Estado Atual da Botânica Brasileira: As Relações Nacionais e Internacionais*. Tese de Doutorado, DPCT-IG- Unicamp, Campinas, 1999.

Oreskes, Naomi. *Objectivity and Women in Science*. In Osiris, Vol. 11 – Science in the Field, New York, pp. 87-113, 1996.

Osada, Neide M. *Fazendo Gênero nas Ciências – uma análise das relações de gênero nas ciências na produção do conhecimento do projeto genoma da FAPESP*, Dissertação de Mestrado, DPCT – IG – Unicamp, Campinas, 2006.

Outram, Dorinda. *New spaces in natural history*. In: Cultures of Natural History, pp. 249-265. Cambridge University Press, 1996.

Pang, Alex Soojung-Kim. *Gender, Culture and Astrophysical Fieldwork: Elizabeth Campbell and the Lick Observatory – Crocker Eclipse Expeditions*. Osiris, 2nd series, Vol. 11, Science in the Field, pp. 17-43, 1996.

Passador, Luiz Henrique. *Herbert Baldus e a antropologia no Brasil*. Dissertação de Mestrado, IFCH - Unicamp, Campinas, 2002.

Paula, Teresa Cristina Toledo de. *O tecido como assunto: os têxteis e a conservação nas revistas e catálogos dos museus da USP (1895 - 2000)*. Anais do Museu Paulista, Vol. 13, nº 1, São Paulo, jun. 2005.

Perrot, Michelle. *Os Excluídos da História – Operários, Mulheres e Prisoneiros*, Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Perrot, Michelle. *Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência*, em Cadernos Pagu (4) – Fazendo História das Mulheres, Organização: Leila Mezan Algranti, Pagu/Unicamp, Campinas, 1995.

Perrot, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, tradução: Viviane Ribeiro, Bauru, SP, EDUSC, 2005.

Pestre, Dominique. *Por uma Nova História Social e Cultural das Ciências: Novas Definições, Novos Objetos, Novas Abordagens*. Cadernos IG/Unicamp, Volume 6, Número 1, Campinas, 1996.

Pina Cabral, João de. *O limiar dos afetos: algumas considerações sobre nomeação e a constituição social de pessoas*. Texto apresentado como Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP (Universidade de Campinas), Abril de 2005 (draft).

Podgorny, Irina. *El sendero del tiempo y de las causas accidentales. Los espacios de la prehistoria en la Argentina, 1850-1910*. Rosario: Pro-historia ediciones, 2009.

Pratt, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; Bauru: SP: EDUSC, 1999.

Pycior, Helena; Slack, Nancy; Abir-AM, Pnina (editors). *Creative Couples in the Sciences. Lives of women in Science*. New Brunswick, N.J: Rutgers University Press, 1996.

Rago, Elisabeth. *Médicas brasileiras no século XIX*, em *Cadernos Pagu* (15), Pagu/Unicamp, Campinas, SP, pp. 199-225, 2000.

Ribeiro, Adélia Maria Miglievich. *Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcelos: Entrelaçamento de círculos e formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro*, Tese de Doutorado, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

Rodrigues, Aryon D. Resenha do Livro de Wanda Hanke: *Völkerkundliche Forschungen in Südamerika*, publicada na revista *American Anthropologist*, Vol. 69, pp. 529-530, 1967.

Rohden, Fabíola. *A arte de Enganar a Natureza – contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003.

Rossiter, Margaret. *Women Scientists in America – Struggles and Strategies to 1940*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1984.

Sá, Magali R. e Domingues, Heloísa M.B. *Entrevista de Esmeraldino de Souza: Bertha Lutz na visão de um técnico aprendiz*. Hist., Ciên. Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 10, n.1, pp. 413-419, 2003.

Sá, Dominichi M. de; Lima, Nísia T. *Telégrafos e Inventário do Território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)*. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 15, p. 779-810, 2008.

Sá, Magali Romero. *A Ciência, as viagens de coleta e as coleções: medicina tropical e o inventário da história natural na primeira república*, In: Ciência, Civilização e República nos Trópicos, (Org) Heizer, Alda e Videira, A. Mauad X: Faperj, Rio de Janeiro, 2010.

Schiebinger, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?*, Tradução de Raul Ficker, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Schiebinger, Londa. *Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World*, Harvard University Press, Cambridge, Massachussets, 2004.

Schiebinger, Londa. *Gendered Innovations in Science and Engineering*. Stanford University Press, 2008.

Shapin, Steven. *The invisible technician*, In: *American Scientist*, 77: 554-63, 1989.

Shapin, Steven. *Science Incarnate: Historical Embodiments of Natural Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, (with Christopher Lawrence), 1998.

Shteir, Ann. B. *Cultivating women, cultivating science: Flora's daughter and botany in England, 1760-1860*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1996.

Scott, Joan W. *Gender and Politics of History*, Columbia University Press, New York, Oxford, 1988.

Sohiet, Rachel. *História das Mulheres*, em Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia, (org.) Cardoso, Ciro F.; Vainfas, Ronaldo. Editora CAMPUS, Rio de Janeiro, 1997.

Sombrio, Mariana Moraes de Oliveira. *Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951*, Dissertação de Mestrado, DPCT (IG), Unicamp, Campinas, 2007.

Sombrio, M.M.O. ; Lopes, M.M. ; Velho, Léa. *Práticas e disputas em torno do patrimônio científico-cultural Bertha Lutz no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 24, p. 311-327, 2008.

Sombrio, M. e Lopes, M. *Expedições Científicas na América do Sul: A experiência de Wanda Hanke (1933-1958)*, In: *Cadernos de História da Ciência do Instituto Butantan*, vol. 7, n. 2, 2012.

Star, Susan L. and Griesemer, James R. *Institutional Ecology, 'translations' and boundary objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39*. *Social Studies of Science*, vol. 19, Nº 3,), pp. 387-420, Aug., 1989.

Tassinari, Antonella. *No bom da festa – o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*, pp. 103-104, Edusp, SP, 2003.

Thébaud, Françoise. *História das Mulheres, História do Gênero e Feminismo: O Exemplo da França*, em Poéticas e Políticas Feministas, pp. 67-80, Organização: Cláudia de Lima Costa; Simone Pereira Schimdt. Editora Mulheres, 2004.

Velho, Léa; León, Elena. *A Construção Social da Produção Científica por Mulheres*, em *Cadernos Pagu (10)*, Pagu/Unicamp, Campinas, pp. 309-344, 1998.

Velho, Léa; Prochazka, Maria V. *No que o mundo da ciência difere dos outros mundos?*, Revista eletrônica ComCiência, Mulheres na Ciência, n. 50, <http://www.comciencia.br>, SBPC/Labjor, Dez/Jan, 2003.

Velho, Léa. *Prefácio - Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*, (org.) Santos, L. W. et al; IAPAR, Londrina, 2006.

Fontes documentais

Arquivo do CFE, MAST - Rio de Janeiro-RJ:

Dossiês de expedições	Nomes das expedicionárias
CFE.T.2.002	Wanda Hanke
CFE.T.2.170	Wanda Hanke
CFE.T.2.037	Doris Cochran
CFE.T.2.393	Doris Cochran
CFE.T.2.040	Hanna Rydh
CFE.T.2. 054	Dina Lévi-Strauss
CFE.T.2.061	Carmem Armino
CFE.T.2.073	Annemarie Scharlank
CFE.T.2.077	Steen
CFE.T.2.107	Doralice Avelar
CFE.T.2.116	Ruth Landes
CFE.T.2.130	Mary E. Anderson
CFE.T.2.167	Sra. Charles Hugh Smiley
CFE.T.2.167	Alice Hall Farnsworth
CFE.T.2.182	Marian Cornel Cutler
CFE.T.2.186	Alice Sumner Penha
CFE.T.2.196	Maria Alice Fonseca de Moura
CFE.T.2.197	Elizabeth Ebergenyi
CFE.T.2.207	Bertha Lutz
CFE.T.2.208	Wanda de Roycewicz
CFE.T.2.216	Maria Reznik
CFE.T.2.230	Sra. Fawcett
CFE.T.2.251	Betty Evans
CFE.T.2.273	Ani Patin
CFE.T.2.266	Kathe Schmidt
CFE.T.2.275	Editha Holes
CFE.T.2.289	Hebe Rangel P. Campos Sales

CFE.T.2.303	Etta Becker Donner
CFE.T.2.365	Mary Brewer Hemons
CFE.T.2.405	Alice Greysmuehl
CFE.T.2.408	Majken Mattson
CFE.T.2.408	Birgita Malmvall
CFE.T.2.447	Amanda Flora Hilda Bleher
CFE.T.2.145	Racine Foster
CFE.T.2.181	Sra. Herskovits
CFE.T.2.093	Sra. Ecner
CFE.T.2.167, pasta 2	Senhorita Mary Quirk
CFE.T.2.167, pasta 2	Senhorita Wilhemina Null
CFE.T.2.167, pasta 2	Senhorita Maribelle Cormack
CFE.T.2.167, pasta 2	Senhorita Jolley
CFE.T.1.11	Livros de atas das reuniões do Conselho

Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional:

Correio da Manhã, Rio de Janeiro de 29 de julho de 1960, p.2.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1934, p. 3 e 8; e 6 de abril de 1934, p.6.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1938, p. 9.

Documentos pessoais de Alice Sumner Grenne, cedidos por sua prima Virgínia Hayles:

"Unpublished manuscript, copyrighted May, 2014, Virginia Hayles, Carmel, CA, USA".

Arquivo virtual "Greene and Greene Virtual Archives":

(<http://www.usc.edu/dept/architecture/greeneandgreene/>).

Lewis, Betsy Bates. *Sowing Seed – A Bates and Belknap Blend... with a sprinkling of Munroe and Morse*, Copyright by Betsy Bakes Lewis, 2005.

Family letters, July 13, 1937, from Henry Greene (HMG) to Charles Greene (CSG) and Alice Greene, Carmel.

Family letters, June 17, 1940, from Charles Greene (CSG) to Henry Greene (HMG).

Letter 9/9/1941 from HMG to CSG, Carmel.

Letter March 4, 1943, from HMG to CSG and Alice Greene.

Letter November 26, 1944, from HMG to CSG and Alice Greene.

Letter, January 4, 1946, from HMG to CSG, Carmel.

Letter Alice Sumner to Charles Sumner Grenne and Alice Greene, August 24, 1946.

Smithsonian Institution Archives, Washington-DC, EUA:

Doris Mable Cochran Papers (1919-1968) - RU 7151, *Smithsonian Institution Archives*.

Inventário e Apresentação, 1975.

Box 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12

Documentos destacados na tese:

Box 2

- *Just a Minute, Miss*, by Doris Cochran, s/d, RU 7151, Box 2, Folder 5

- *Frog Collections in Brazil*, by Doris M. Cochran - (texto datilografado, com anotação sobre a publicação: "published in *The Brazilian-American*", Rio de Janeiro, April 1, 1935)

- *An expedition to Brazil* - Doris M. Cochran (texto datilografado) - RU 7151, Box 2, Folder 1

Box 4

- *A Boy Scout in Brazil*, Doris M. Cochran, RU 7151, Box 4, Folder 18, s/d

Cartas entre Doris Cochran e Bertha Lutz:

Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 02/05/1956. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 25/02/1959. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz - Doris Cochran, 29/08/1956. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 18/12/1956. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 17/02/1957. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 31/05/1957. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 20/06/1957. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran-Bertha Lutz, 20/04/1962. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 12/11/1962. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, 28/05/1962. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, s/d, *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran- Bertha Lutz, 25/04/1963, *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Bertha Lutz-Doris Cochran, s/d. *Smithsonian Institution Archives*.
Carta Doris Cochran- Bertha Lutz, 18/07/1963, *Smithsonian Institution Archives*.

National Museum of Natural History, Washington-DC, EUA:

Betty Meggers. Journal of Lower Amazon Expedition, 1948-1949, vol. I, II, III, IV. *National Museum of Natural History, Smithsonian*.

National Anthropological Archives, Washington-DC, EUA:

Anthropological Society of Washington
4821 - Correspondence 1946-1954 – Box 10

Acervo do Museu Paranaense – Curitiba, PR:

Fontes: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense.
Agradecemos a ajuda e contribuição dos funcionários do Museu Paranaense para a consulta desses materiais (fotografias, peças indígenas, cartas e artigos publicados por Wanda Hanke).

Artigos publicados por Wanda Hanke no periódico Arquivos do Museu Paranaense:

Cadivéns y Terenos, Vol. II, 1942, p. 79-87;

Los índios Sirionó de la Bolivia Oriental, Vol. II, 1942, p. 87- 96;

Los índios Botocudos de Santa Catarina Brasil, Vol. VI, 1947, p. 45- 59;

Apuntes sobre el idioma caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil, Vol. VI, 1947, p. 62-97;

Vocabulario del dialecto caingangue de la Serra do Chagu, Paraná, Vol. VI, 1947, p. 99-106;

Ensayo de una gramática del idioma caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil, Vol. VIII, 1950, p. 65-220;

Estudos complementares sobre a cultura espiritual dos índios cainganges, Vol. VIII, 1950, p. 137-145;

La cultura material de los Guarayos Modernos, Vol. VIII, 1950, p. 215- 220.

Cartas do acervo do Museu Paranaense:

Carta Wanda Hanke-Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunción, 09/09/1947, Museu Paranaense.

Carta Herbert Baldus - Loureiro Fernandes, São Paulo, 22/10/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 04/02/1942, Museu Paranaense, entre outras.

Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 23/04/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Tradução do alemão em cópia pertencente ao Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Sta. Cruz, 05/07/1941, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes - Wanda Hanke, Curitiba, 11/10/1941, Museu Paranaense. Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense. Tradução própria do espanhol.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Laguna Blanca/Formosa, 01/07/1947, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes - Wanda Hanke, Curitiba, 11/10/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Eugênio George, Sta. Cruz, 27/09/1941, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 20/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Joaquim Peixoto (Secretário do Museu Paranaense) – Wanda Hanke, Curitiba, 17/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense

Carta Ruth George – Loureiro Fernandes, Curitiba, 05/05/1942, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 26/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, s/l, 11/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d, Museu Paranaense.

Carta Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, 27/08/1942, Museu Paranaense.

Cópia Telegrama Loureiro Fernandes – Wanda Hanke, Curitiba, s/d (arquivado junto com outras cartas de 1941-1942), Museu Paranaense.

Tradução de uma carta de Wanda Hanke – Eugênio George, Corumbá, datada de 18/11/1941, arquivada em 13/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Miranda, 14/01/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Aquidauana, 22/01/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 14/02/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Palmas Chicas, 25/07/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Porto Murtinho, 20/12/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 18/03/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Aquidauana, 22/01/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 18/11/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Campo Grande, 25/02/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Pto. Murtinho, 01/08/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Corumbá, 02/12/1941, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 09/09/1947, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Laguna Blanca/Formosa, 01/07/1947, Museu Paranaense, tradução própria do espanhol.

Parecer de Rosário Mansur Guérios enviado a Carlos Stellfeld, Curitiba, 5 de novembro de 1948, 2 páginas, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Rosário Mansur Guérios, Campo Grande, 16/03/1942, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 20/10/1947, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Colonia Nueva Italia, 11/03/1947, Museu Paranaense.

Carta Maria de Lourdes Tavares (Secretária do Museu) - Wanda Hanke, Curitiba, 23/03/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Assunção, 09/09/1947, Museu Paranaense.

Carta Carlos Stellfeld (Diretor do Museu) - Loureiro Fernandes (Sec. De Educação e Cultura), Curitiba, 03/11/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Loureiro Fernandes, Foz do Iguaçu, 30/01/1947, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke - Carlos Stellfeld, Curitiba, 28/10/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, P.I. Faxinal, 19/12/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, Laranjeira, 18/01/1949, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke - Loureiro Fernandes, Dourados, 04/10/1948, Museu Paranaense.

Carta Wanda Hanke – Carlos Stellfeld, Curitiba, 29/11/1948, Museu Paranaense.

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo-SP:

Betty Meggers e Clifford Evans, “Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó” (com um mapa e dez estampas), n. 7, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Belém, Pará, Brasil - 1954